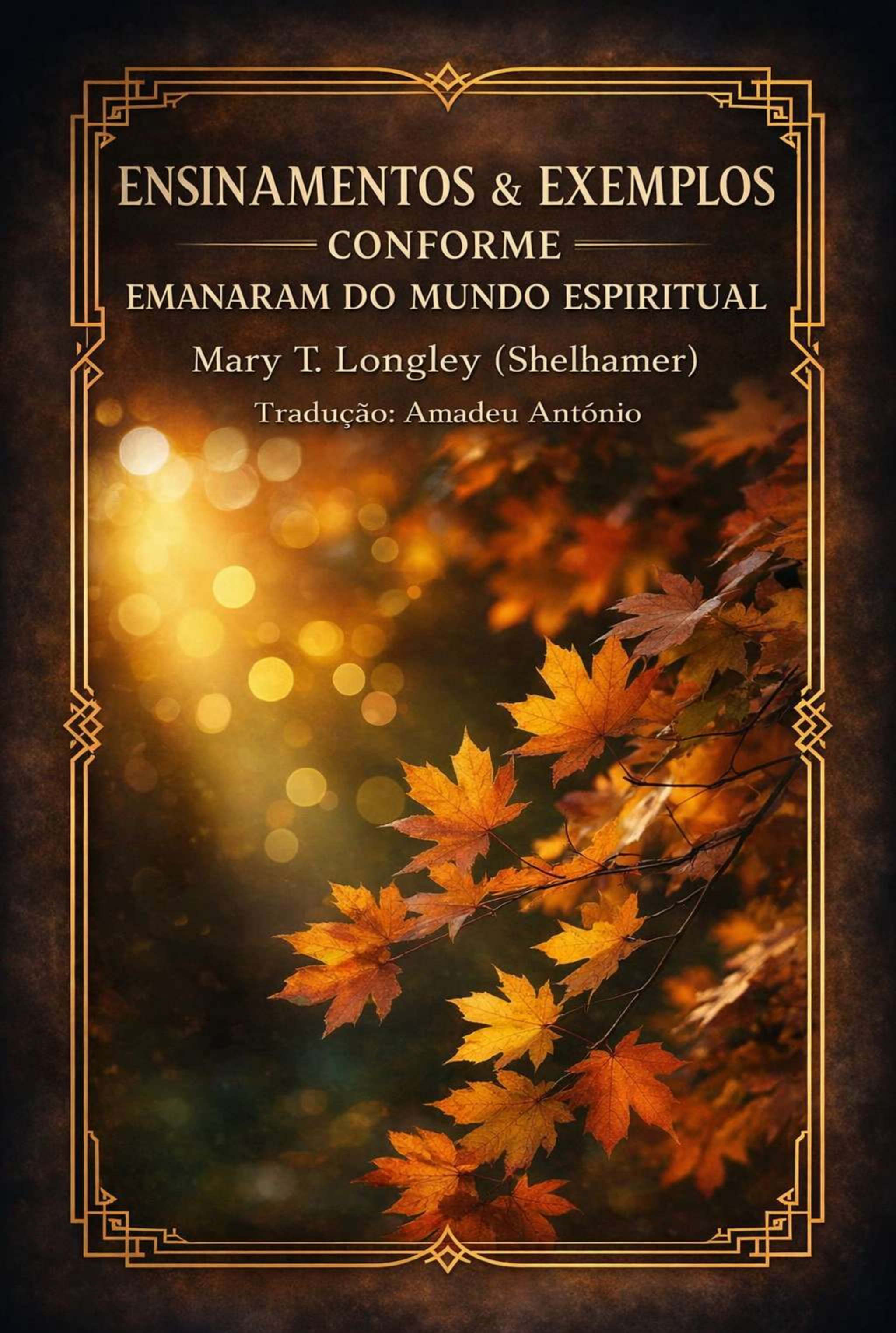
ENSINAMENTOS & EXEMPLOS

CONFORME

EMANARAM DO MUNDO ESPIRITUAL

Mary T. Longley (Shelhamer)

Tradução: Amadeu António



MÉTODOS DE CONCENTRAÇÃO

APLICAÇÃO E DEMONSTRAÇÃO DOS TRABALHADORES ESPIRITUAIS

COMO ELES CONSTROEM CASAS, TEMPLOS.

CURAM OS ALMAS DOENTES QUE CHEGAM AOS SEUS MUNDOS VINDOS DA TERRA

COMO OS MUNDOS SÃO CRIADOS

POR SR.ª. MARY T. LONGLEY. CHICAGO: THE PROGRESSIVE THINKER PUBLISHING HOUSE, 1908.

INTRODUÇÃO. O conteúdo deste livro resulta de emanações mentais do mundo espiritual. A escritora limitou-se a servir como amanuense para as inteligências inspiradoras que forneceram os resultados das suas observações e experiências psíquicas nas suas revelações ou declarações.

O Espírito John Pierpont foi o principal inspirador e, por conselho seu, os capítulos que tratam diretamente do «Planeta Espiritual», «A Vida da Alma» e «Obsessão» são principalmente reproduções das suas palestras sobre esses temas, proferidas em Washington, D.C., através da minha mediunidade, publicadas no The Progressive Thinker e mais tarde emitidas em forma de folheto pela N.S.A. para distribuição gratuita na sua literatura Sr.ªionária.

Estando estas palestras em linha com o tema deste livro e prendendo-se com a sua elucidação adicional das forças e leis espirituais, o Sr. Pierpont considerou melhor introduzi-las aqui como parte do trabalho instrutivo deste volume. O objetivo desta obra é dar às massas, às chamadas «pessoas comuns», um conhecimento simples das leis, condições e assuntos dos mundos espirituais.

Não houve tentativa de fazer exibição retórica nem de usar termos que só apelassem a certas mentes com formação científica específica e que apenas confundiriam a maioria dos leitores. O esforço foi o de manter uma fraseologia e comparações simples, e fazer o melhor pelo objetivo em vista.

Tão pouco é sabido da vida espiritual, da sua localização e realidades, dos seus povos, das suas leis, costumes e condições, que os mortais,

mesmo entre os espiritualistas, tendem a tremer e a ofegar ao ante a ideia da Morte, quer de si próprios quer dos seus entes queridos, e é com a esperança de apresentar este tema de forma natural ou racional, para que aqueles que leem e pensam possam vir a saber que a Vida no além é simplesmente o escoamento natural da nossa existência aqui, e que a Morte é apenas uma mudança da base e do suprimento da nossa força vibratória e expressão, que esta obra é dada ao mundo.

A porção do livro que lida com a nossa experiência pessoal com os espíritos Lotela, Nannie e outros, e da narrativa da vida e estudos nos estados espirituais, é dada de modo a ilustrar os métodos e estudos de entidades espirituais individuais, e para partilhar com os nossos leitores algo do interesse que tivemos pelas experiências, crescimento e labores de seres progressistas como esses. No seu todo, o livro destina-se a responder a algumas das questões relativas aos mundos espirituais, e transmitimo-lo com o amor pela humanidade nos nossos corações, e o desejo de abençoar pelo menos algumas mentes inquiridoras e ansiosas.

MARY T. LONGLEY. Washington, D.C.

ESBOÇO BIOGRÁFICO

De Sr.ª. Mary Theresa Longley, a Autora, Oradora, Médium e Mulher de Nota.

O sujeito deste esboço, A Srª. M. T. Longley, nasceu em South Boston, Massachusetts, em maio de 1853. O pai, John B. Shelhamer, Alemão de nascimento, veio para a América com apenas vinte anos de idade e estabeleceu-se neste país como cidadão americano. Quando ocorreu a guerra civil, alistou-se como voluntário e, durante quatro anos, serviu no exército. Foi gravemente ferido em Gettysburg, mas continuou soldado até ser dispensado do exército em 1865, após o fim da guerra.

A mãe da Sr.ª Longley, Mary O. Pratt, nasceu de linhagem puritana, em Boston. Em tenra idade, casou-se com o jovem alemão e tornou-se mãe de uma grande família. Vários dos filhos que teve passaram para a vida espiritual. Dos que restaram, o Dr. A. J. Shelhamer, durante muitos anos conhecido como um curandeiro magnético bem-sucedido na Nova Inglaterra, a Sr.ª Carrie L. Hatch, a mais nova das crianças sobreviventes, bem conhecida nas fileiras do Espiritualismo pelas suas múltiplas obras públicas, especialmente no seu cargo de secretária da Associação Estadual de Massachusetts durante doze anos, também em

união com o seu marido, J. B. Hatch, de Boston, cujo nome é conhecido onde quer que o Espiritualismo seja escutado, e a Sr.ª Mary T. Longley, têm sido trabalhadores fiéis nos campos do Progresso desde a sua infância.

Quando a Sr.ª Longley era criança de dez anos, a mãe, uma habitante firme da New England, tornou-se uma espiritualista ardente. Ao se retirar de imediato da adesão à igreja batista calvinista e levar os filhos dessa Escola Dominical, foi exercida uma forte pressão sobre ela pelo pastor, diáconos e leigos para que permanecesse com eles, com promessas de muita ajuda financeira, mas embora a nobre mulher estivesse a debater-se para sustentar os seus cinco filhos pequenos enquanto o marido estava «Na Guerra», recusou firmemente comprometer-se com a igreja por causa das suas convicções espirituais.

A partir daí, durante uma série de anos, foi perseguida e ostracizada por antigos amigos, mas manteve a sua posição e viveu para alcançar muitas vitórias. Nessa altura, um rapaz de seis anos na família tornou-se clarividente e um médium maravilhoso de inclinação de mesas, batidas e assim por diante, através da cuja mediunidade a mãe recebeu muitas manifestações satisfatórias e convincentes do poder espiritual.

Quando o sujeito deste esboço, a menina Longley, estava com catorze anos, tornou-se médium em transe, personificando as características daquelas inteligências — e muitas eram— que a controlavam, e davam mensagens orais e escritas do outro mundo. Durante três anos, a mãe abriu a sua casa livremente ao público para círculos espirituais aos domingos, terças e quintas-feiras à noite de cada semana, nos quais a jovem serviu como médium de mensagens para milhares de espíritos que vinham ao encontro dos seus amigos. A casa estava sempre cheia de buscadores da verdade espiritual nesses círculos, que eram realizados sem dinheiro e sem custo até que a saúde debilitada da médium veio a necessitar da sua suspensão.

Durante uma série de anos, Sr.ª Shelhamer dedicou então parte do seu tempo a sessões privadas, até que, no outono de 1878, começou a realizar círculos de mensagens para o Voice of Angels, um excelente jornal espiritual quinzenal impresso em Boston, do qual continuou a ser médium e editora assistente durante um período de três anos.

Entretanto, a senhora fora chamada ao serviço do Banner of Light como médium residente e, em outubro de 1879, realizou a sua sessão inicial na sala de círculo público gratuito dessa instituição. Durante catorze anos,

esta médium manteve a sua ligação com esse departamento, durante os quais milhares de mensagens espirituais foram dadas através do seu organismo, narradas por via estenográfica no círculo gratuito e impressas no Banner of Light, a grande maioria das quais foi publicamente verificada como correta.

Em novembro de 1888, a Sr.ª Shelhamer tornou-se esposa do Prof. C. P. Longley, o conhecido compositor de canções, compositor musical e cantor, cujas melodias espirituais foram cantadas não só por todos os Estados Unidos, mas foram traduzidas para línguas estrangeiras e usadas além-mar.

Entre as muitas composições que viverão para sempre, estão «Over the River», «We'll All Meet Again in the Morning Land», «In Heaven We'll Know Our Own», «Love's Golden Chain», «Beautiful Home of the Soul» e aquela melodia sempre deliciosa, «Only a Thin Veil Between Us». Esta união de dois trabalhadores espirituais provou ser das mais harmoniosas e, juntos, prosseguiram o seu curso ascendente com inspiradores espirituais para o bem da humanidade.

No verão de 1903, a Sr.ª Longley renunciou ao cargo no Banner of Light e, com o marido, viajou para a costa do Pacífico, regressando um ano depois à sua casa em Boston. Entretanto, associara-se ao Light of Truth, então de Cincinnati, como editora assistente e médium para responder a perguntas, e em 1895 tornou-se a sua médium de mensagens, posição que manteve até que essa empresa foi reorganizada e o seu jornal transferido para Columbus, Ohio.

Em outubro de 1895, o Sr. e a Srª. Longley mudaram-se para o sul da Califórnia para construírem o seu lar, mas em outubro de 1898, ela sentiu a urgência de um chamado a Washington, D.C. — foi lá para a convenção anual da National Spiritualists' Association, de que foi eleita secretária da organização e unanimemente reeleita para esse cargo até outubro de 1907, quando anunciou publicamente que não poderia de modo algum ser candidata à reeleição, e na última convenção declinou a renomeação, mas foi eleita para o conselho da N.S.A. como uma das suas administradoras.

Durante os muitos anos do seu trabalho no Espiritualismo, a Sr.ª Longley proferiu palestras do Maine à Califórnia, por vezes para audiências de apenas uma ou duas dezenas de pessoas, outras vezes para milhares; em cidades, vilas, aldeias e em acampamentos, foi ouvida e bem acolhida. Publicou inúmeros artigos, poemas, histórias, séries em jornais

espiritualistas. É autora, sob orientação espiritual, de vários livros, entre eles «Life and Labor in the Spirit World», «Outside the Gates», «When the Morning Comes» e «Tutelary Gods».

CAPÍTULO PRIMEIRO

O QUE O ESPÍRITO NANNIE ENSINOU

Entre os espíritos úteis e humanitários que, de tempos a tempos, se juntaram ao grupo de trabalhadores da vida superior, que se formara para a utilização prática da mediunidade de Sr.ª M. T. Longley, veio uma criança pequenina no início do inverno de 1896, enquanto a médium e o marido, com um bom amigo médium, o Dr. Max A. Becher, estavam a construir casa na bela Pasadena, no sul da Califórnia.

Esta pequenina veio exatamente ao crepúsculo de uma tarde de domingo, enquanto as pessoas da casa e uma amiga íntima, a Sr.ª M. Carter, viúva do conhecido espiritualista Judge A. G. W. Carter, de Cincinnati, Ohio, conversavam calmamente sobre vários tópicos, sem qualquer ideia de receber visitantes do espírito.

A criança veio a personificar a doença vítima da qual passara para o outro mundo, mostrando uma tosse angustiante e outros sintomas de doença extrema. Dirigindo a sua atenção para a Sr.ª Carter, por quem parecia particularmente atraída, balbuciou — entre os paroxismos de tosse — “Senhora simpática”.

Em breve soubemos que uma criança viera, que estava há não muito tempo na vida espiritual, com escassos três anos de idade, e que passara de um hospital para pequenos órfãos numa grande cidade dos estados do Leste. Deu o seu nome como “Nannie Gibson” e disse que Tela a trouxera, referindo-se a Lotela, um belo mensageiro índio da médium, cuja vocação será referida noutra parte desta narrativa de feitos espirituais.

Mais tarde soube-se que o Dr. Warren, do Grupo de Espíritos, atendera a criança no hospital, recebera o seu espírito na passagem do corpinho emaciado e o entregara aos cuidados de Lotela para instrução e crescimento.

A criança foi recebida com agrado e levada a sentir-se como que em casa, e muito em breve tornou-se visita diária nas reuniões familiares. Quando veio pela primeira vez, era dada a comer coisas boas à mesa ou

com amigos; particularmente dada a pastelaria e bolos (disse que nunca tivera nenhum na terra), assim como a frutas e frango; mas à medida que os anos passavam, a Nannie tornou-se cada vez menos dada à comida material, até que agora nunca dela partilha nas visitas que faz à terra.

Esta criança espiritual cresceu rapidamente sob a instrução dos seus tutores no alto e com as visitas que fez à família Longley. Muito em breve desenvolveu um talento notável para formular poemas de elevada ordem, muito além da idade que tinha, e prontamente, o tema — qualquer tema — selecionado por alguém presente. Tornou-se também proficiente em descrever espíritos e transmitir mensagens e símbolos a estranhos, bem como a amigos da família, e deu uma mostra marcada do crescimento intelectual que tinha conseguido e dos poderes de inspiração de inteligências superiores.

Mas permaneceu uma criança, crescendo gradualmente de infante balbuciante de três, depois quatro e cinco anos, e tornou-se uma criança de seis, sete e assim por diante até aos catorze, como é mostrado nesta escrita. Gradualmente perdeu o balbuciar e as maneiras astutas de bebé, tanto que a médium e as pessoas da casa viram relutantemente a sua bebé crescer e atingir a adolescência precoce, apesar do seu intelecto amadurecido, até se tornar uma “senhorinha”, como costumava dizer na sua maneira infantil sobre jovens de catorze e quinze anos. Agora nenhum traço deixava antever de uma criança pequena no seu discurso ou maneiras, tal como não teria deixado se tivesse crescido até se tornar uma menina de catorze num corpo terreno.

Durante a sua estadia de quase um ano em Pasadena, a casa dos Longley teve frequentemente círculos e reuniões caseiras de amigos, nas quais Nannie trouxe luz e esclarecimento sobre coisas espirituais, assim como provas de ajuda e presença espiritual, poemas, símbolos proféticos e outros assuntos de interesse. Em agosto de 1906, foi feita a mudança para Los Angeles, e estabeleceu-se ali uma espécie de quartel-general espiritual.

Além das suas outras inúmeras obras como médium de mensagens, de medicina, magnética, por exame e prescrição, local e por correio, palestras, o que incluía escrita para a imprensa, a Sr.ª Longley abriu uma reunião semanal gratuita ao público na sua casa. Nessas reuniões, o Espírito Pierpont costumava dar uma curta palestra e depois responder às perguntas daqueles presentes que quisessem propô-las, após o que a pequena donzela, «Nannie Gibthon», como se anunciava

invariavelmente nessa altura, mas há muito descartara o apelido, dizendo que não sabia se alguma vez teve mãe ou pai, vinha com os seus poemas, as suas provas de presença espiritual e as suas descrições de trabalho e lazer e outras condições do mundo em que vivia.

Os salões e corredores da casa estavam cheios de buscadores ansiosos pela verdade espiritual nessas reuniões, até que finalmente a médium teve de emitir bilhetes de admissão e dar permissão apenas àqueles que os apresentassem e os seus amigos, devido ao limite de acomodações de espaço. Diariamente também a pequena miss vinha das escolas dos mundos superiores para a mesa familiar e aí narrava histórias, poemas, mensagens e relatos de feitos espirituais, frequentemente, a pedido de improviso do Sr. Longley, produzindo um poema delicado no local para ele musicar, os quais eram registados estenograficamente na altura pelo Dr. Becher, e muitos deles aparecem nas obras musicais do veterano vocalista e músico.

Vamos agora relatar alguns dos ensinamentos e declarações de Nannie, contados na sua simplicidade ingénua, que lhes arrecadaram credibilidade nas mentes de todos os que escutavam as suas histórias. Relatando instâncias da sua vida escolar maravilhosa, falou da maneira de trabalho e ensinamentos recebidos aí. As lições são tanto subjetivas como objetivas. O aluno deve primeiro ser ensinado a perceber a ideia claramente na mente, imaginá-la mentalmente para si próprio e depois produzi-la na atmosfera exterior.

Disse a pequena tagarela: «Podemos criar um lírio ou uma rosa, mas primeiro temos de pensar nisso para que possamos ver mentalmente a flor; depois temos de aprender a concentrar a mente nisso e em nada mais. Temos de aprender sobre vibração e como harmonizar com a vibração da rosa ou do lírio, depois como colher as forças da flor da atmosfera. A professora mostra-nos pelo seu próprio trabalho.

Ela reúne uma nuvem de névoa e trabalha-a com as mãos até que fique mais espessa e mais como substância. Ao princípio é fina e mais fina que vapor, mas ela trabalha-a até que fique firme como neve, e depois até que cresça mais substancial, e exatamente como quer para a moldar na forma, enquanto sopra o tempo todo nela e pensa na cor que quer — rosa ou vermelha ou alguma outra cor. Mantém a mente o tempo todo na aparência, textura e matiz da flor, e molda-a na forma.

O sopro dela ajuda a definir a cor e o perfume da flor, e faz o trabalho em um ou dois minutos muito rapidamente. Ninguém é capaz de a distinguir

de uma flor real, madura. Nós crianças temos de aprender tudo isto, mas gostamos; é brincadeira a sério, e por vezes é engraçado também, pois nem sempre nos lembramos de pensar Rosa ou Lírio, ou o que quer que queiramos, e a coisa sai deformada ou fora da forma e desvanece-se logo e então a professora diz que não nos concentramos corretamente».

Não estamos a dispensar estas narrativas nas frases balbuciantes da criança, mas queremos que se entenda que todo o tempo o espírito deu evidência interna dos seus anos de infância e da verdade das suas declarações.

Mais uma vez: «Nem sempre criamos as flores dessa maneira. Por vezes vamos apenas onde crescem as flores espirituais, e da rosa ou de algum outro tipo, puxamos os 'fios' da sua vida magnética. Podemos vê-los.

Parecem exatamente fios finos, e puxamo-los até colhermos o suficiente. São como uma névoa, e tecemo-los até obtermos o material exatamente certo, e fazemo-los em rosas ou lírios, mas não temos de nos concentrar muito nisso, pois temos a vida da flor que cresceu para trabalhar, em vez de as tirar todas da atmosfera. Ainda assim, claro, temos de manter as mentes no nosso trabalho para que fique realmente bom, mas não temos de soprar nele, e pensar, e usar as mãos tudo ao mesmo tempo, pois o perfume e a cor estão todos no magnetismo que tiramos da flor viva, e saem quando o trabalho está concluído».

Quando mais velha, ela contou outros métodos de concentração e trabalho. A professora disse que as crianças deviam aprender a produzir algo na atmosfera — como uma imagem ou um artigo — sem extrair de forma percetível das forças vitais exteriores a elas próprias. Por exemplo, para simplificar as coisas, Márcia, a amada professora, fazia aparecer diante da turma uma espécie de folha de substância semelhante a porcelana, algo para onde concentrassem as suas mentes; depois, cada um, por sua vez, deveria imaginar um objeto sobre a folha. Um escolhia produzir uma rosa vermelha, outro um pássaro, outro uma estrela, e assim por diante. Nannie disse que, durante algum tempo, teve dificuldades.

Tentou uma estrela, e esta "tremia"; uma flor, e estava partida; um pássaro, e estava de pernas para o ar — embora as cores de cada um fossem boas. A professora disse que Nannie deixava a mente divagar, não fixava o pensamento suficientemente no seu tema; talvez não mantivesse suficientemente clara a ideia da estrela ou da flor, a sua forma e uso, para a projetar fielmente na folha. As cores eram boas, pois

ela tinha um verdadeiro sentido de cor e harmonia, mas como não era artista — isto é, pintora — tinha dificuldade em obter a forma correta.

Rufus, um pequeno companheiro espiritual que era artista nato, acertava sempre nas suas lições de concentração; mas, ao fim de algum tempo, Nannie anunciou que estava a melhorar, e a professora escolhera-a para ajudar a ensinar outros o verdadeiro método de aplicação e concentração. Nas turmas mais jovens, as lições eram dedicadas a treinar as crianças em trabalhos infantis. Recorriam à atmosfera para extrair elementos de vários tipos, a fim de formar bolas, argolas, estrelas, flores e todo o tipo de formas geométricas para estudo e brincadeira, ou brinquedos, para os mais pequenos.

Nannie contou que, como a atmosfera contém a essência etérea de todas as substâncias, não era difícil recolhê-las para uso, e que muitas vezes recolhiam cores e perfumes das flores e da atmosfera para formar bolas de açúcar e outras formas para deleite das crianças. Disse que, por vezes, pediam em tom de brincadeira a “Tela, ou a outra pessoa qualquer, que nos faça um belo gelado ou pudim ou bolo, todo branco e brilhante”, e o artista culinário punha-se a fazê-lo — não com panelas, tachos, farinha, ovos e coisas do género, mas simplesmente sabendo manipular a atmosfera, extrair dela os elementos necessários e trazê-los à consistência e perfeição desejadas; o bolo, gelado, pudim ou doce era então feito, apreciado e satisfazia os convidados ou as crianças.

Depois, foi-nos dito que muitas vezes pessoas que vão para a vida espiritual, e que aqui tinham passado fome, levam consigo algo das sensações de fome ou de inanição nos elementos dos seus corpos espirituais, que são, em parte, compostos de emanações dos seus corpos terrenos e dos ambientes.

Ela disse — e outros espíritos também nos contaram o mesmo — que, embora muitos desses espíritos consigam e cheguem a gravitar de novo para a Terra, acabando por satisfazer e ultrapassar esse estado psicológico e sensação de fome ao comer enquanto hipnotizam algum médium, ou na atmosfera de sensitivos mortais em cozinhas e restaurantes terrestres, muitos são atendidos e curados dessa fome por acompanhantes e cuidadores espirituais, por métodos perfeitamente naturais.

Ou seja, uma pessoa que deseje um naco de bife ou outro alimento de origem animal pode ser satisfeita por alguém que saiba fazê-lo, extraindo da atmosfera os elementos essenciais, manipulando-os, acrescentando-

lhes magnetismo pessoal e produzindo um pedaço de carne que nunca vibrou no corpo de nenhum animal, mas que parece como se tivesse, sabe ao mesmo e faz melhor efeito ao comensal — que não consegue perceber, e talvez nem saiba, que não está a comer um pedaço de um animal bem alimentado. E assim sucessivamente, ad infinitum, neste tipo de trabalho que os químicos e eletricistas espirituais podem realizar, e no qual todos os espíritos evoluídos e bem treinados das escolas “de lá” são mais ou menos instruídos em química e na natureza e adaptação da força elétrica.

Nos seus estudos iniciais, Nannie contou que recolhia elementos e os tecia em rendas e outros tecidos belos; ao princípio, contentava-se com um pedaço de tecido que parecesse rede, depois fazia pequenos pedaços de renda decorada e, mais tarde, desenhos mais ambiciosos.

Contou que as suas rendas perdiam os desenhos, ficavam com buracos, desfaziam-se ou ficavam a meio, mas pouco a pouco fomos sabendo das suas melhorias, tal como uma criança na Terra melhora com estudo, aplicação e prática. Com o passar dos anos, falou de atividades e interesses mais elevados e alargados, sempre com alegria e com o ar de quem narra a verdade e sente que transmite informações aos amigos.

Pouco antes de deixar a casa de Pasadena, Nannie apareceu e, através da sua médium, descreveu o seguinte: “Vejo um homem muito alto; é grande e tem um aspeto estranho. Acho que não é um espírito verdadeiro, mas um símbolo.

Tem uma espécie de casaco de metal, um boné esquisito como dizem que os homens usavam nos tempos das Cruzadas. Tela diz que ele está ali no canto… como uma imagem; tem uma tocha ou um tipo de luz estranha na mão. Agora algo desce e tapa a luz. Desapareceu — agora ele também desapareceu. Acho que tem algo a ver com o trabalho da Lady Mother.”

Quando Nannie veio até nós pela primeira vez, aprendeu ou adotou o título de “Lady” para a Sra. Longley, e chamava ao Sr. Longley “Mr. Ongley”, mas aos poucos disseram-lhe que a tinham adotado e que devia chamá-los de papá e mamã; aparentemente, a criança achava estes termos demasiado familiares. Durante muito tempo insistiu em tratar o Sr. L. por “Mr. Ongley Papá”, mas acabou por chegar à simples palavra “Papá”; contudo, até hoje continua a chamar à sua médium “Lady Mother”, pois nos primeiros tempos acrescentou o título “Mother” ao de “Lady”, que tinha sido o primeiro escolhido.

Na altura em que o símbolo do homem com a tocha e a armadura tinha sido transmitido, a Sra. Longley mantinha um círculo público semanal na sua casa, onde mensagens espirituais eram dadas através do seu organismo e registadas pelo Dr. Becher para o *Light of Truth*. Menos de dois meses depois de receber o símbolo, a Sra. Longley foi notificada de que o *Light of Truth* se mudara para Columbus, reorganizara a sua equipa de direção e estava prestes a encerrar o seu departamento de mensagens espirituais, sendo necessário reduzir as despesas correntes; assim, praticamente, no que dizia respeito ao trabalho da "Lady Mother", a luz desse jornal tinha sido apagada, tal como revelara a descrição simbólica significativa da criança espiritual.

Nannie perguntou um dia às pessoas na sua sessão se alguma vez tinham visto a "Alma de uma flor". Ao responderem "Não", ela continuou: "Eu já vi. É linda", e depois explicou que a professora tinha dito à turma que deviam aprender a reconhecer a alma das flores, e que lhes pedira que concentrassem a atenção numa bela rosa que crescia no jardim onde a escola realizava os seus exercícios. A linguagem ingénua da criança aumentava o interesse do relato à medida que descrevia em pormenor o que tinha visto.

Ao princípio, só via uma rosa bonita, mas, continuando a olhar, apareceu-lhe no centro uma minúscula substância esférica, tão fina como neblina e de tom dourado. Esta esfera de luz parecia viva com energia vibrante e, pouco depois, a pequena observadora percebeu que dela saíam veios delicados que iam até todas as partes e fibras da flor, dando-lhes vida e energia.

A professora explicou então que estavam a contemplar a alma da flor, sem a qual não haveria beleza, perfume ou sequer vida na flor ou na planta; que essa alma vivia na flor, ou originalmente no gérmen da semente de uma planta ou árvore, e que, quando fosse retirada, a árvore murchava ou a flor apodrecia. "Na vida espiritual", disse Nannie, "as árvores e flores não morrem, porque a alma não as deixa. São constantemente infundidas com nova vida pelas forças magnéticas dos seres humanos que cuidam delas, jardineiros, floricultores.

Há sempre químicos e eletricistas; são pessoas que estudam e têm grande capacidade de penetração e discernimento. Sabem manter flores e plantas vivas para sempre, se quiserem. A pequena força que a planta liberta é renovada pela atmosfera e pela força magnética de quem cuida

dela, e nunca morre. É o que os professores dizem, e eu acho que eles sabem."

A criança continuou a explicar que, depois de a turma encontrar a alma de uma flor no mundo espiritual, foram levados a estufas e jardins da Terra e mostraram-lhes as almas das flores de lá, ensinando-lhes que, quando estas almas eram absorvidas pela atmosfera, gravitavam para os reinos espirituais, eram reabsorvidas por plantas e flores espirituais e tornavam-se imortais.

Descreveu a transição da alma de um lírio ou rosa que tinha sido cortada do caule, dizendo que, a partir do momento em que era cortada, começava a dissolução da flor, porque a sua alma se retirava gradualmente da forma. "Parece", disse ela, "uma pequena bola de luz enevoada no coração da flor, que começa a subir em neblina e, quando está toda fora — talvez levando alguns dias, se tiverem a flor em água — , a neblina volta a parecer uma pequena bola e afasta-se, e então a flor terrestre está morta, toda seca e murcha."

Nessa sessão, antes de partir, Nannie pediu um tema para um poema e uma senhora deu-lhe "A Alma de uma Flor". A criança, aparentemente sob elevada inspiração, produziu o que foi considerado, por quase quarenta pessoas que a ouviram, uma jóia de rara beleza poética. Uma jovem presente registou-o em taquigrafia, mas depois perdeu ou esqueceu-se de passar a limpo a cópia, e o poema perdeu-se para o mundo.

Esta criança espiritual dizia muitas vezes que os seus próprios poemazinhos eram apenas versos, mas que, quando surgia uma grande produção, ela era apenas uma pequena "Médium, a apanhar os fios do ar que outro espírito atirava". Por vezes conseguia ver e nomear os seus inspiradores; outras vezes não sabia de onde vinha o poder.

Noutra parte desta obra apresentaremos algumas das suas produções em verso, para que o leitor crítico possa examinar e determinar por si o seu valor para a literatura espiritualista. Talvez seja melhor concluir este capítulo com algumas afirmações desta criança sobre a criação de objetos materiais no seu mundo espiritual.

Que o leitor fique bem impressionado com o facto de que não só este espírito, mas todas as outras inteligências que, durante anos, assistiram a Sra. Longley no seu trabalho mediúnico, insistiram na afirmação de que os mundos espirituais são tão naturais e tangíveis para os seus habitantes como a Terra é para o seu povo; apenas diferem no grau de

densidade ou corporeidade e na taxa de vibrações, e a isso os seus habitantes espirituais estão adaptados em todos os aspetos.

A simplicidade dos ensinamentos desta criança tornava-os interessantes, porque eram facilmente compreendidos, embora ela se queixasse muitas vezes de que os seus professores — Tela, Márcia e o Sr. Pierpont — diziam que eram limitados, ao exprimirem estas ideias para os mortais, pela pobreza da linguagem e dos conceitos terrenos.

Ao descrever a formação de substância para a construção de casas e seus adereços, a criança traçou a imagem de um homem a fazer movimentos com as mãos, para trás e para a frente, para cima e para baixo, aparentemente atraindo para si algo da atmosfera, que logo surgia como fios de luz e massas de nuvem; isto, sob a sua manipulação, tornava-se rapidamente semelhante a espuma, e, à medida que ele trabalhava com rapidez, assumia qualquer consistência que desejasse — suave e macia como manteiga, ou mais espessa como barro, ou podia ficar tão firme e dura como mármore ou bronze, e desenvolver qualquer cor, ou todas as cores, que o trabalhador desejasse.

Podia ser transformada em qualquer substância, forma ou objeto que o Poder da Vontade escolhesse — rendas, sedas, veludos, mantos, sandálias ou qualquer outra coisa; tudo estava ali, e “a habilidade e o saber dos trabalhadores davam-lhe forma e utilidade”, disse a criança.

Ela contou que Tela e outros tinham construído um belo refúgio, onde a doce donzela índia acolhera vários órfãos vindos da vida terrena — Nannie a mais recente de todos, e o bebé —, e que, à entrada desse refúgio florido e belo, se erguia a estátua de um nobre índio, símbolo de Poder e Proteção, moldada por um escultor espiritual a partir de material que recolhera da atmosfera e endurecida pelo seu sopro, até atingir a aparência e durabilidade perfeitas do bronze.

Contou a construção de templos e outras estruturas grandiosas do mesmo modo, de forma rápida, sem trabalho árduo, mas apenas com perícia e prazer por parte dos construtores, todos eles não só artífices, mas também artistas, cientistas e pessoas sábias, que desfrutavam das suas belas obras arquitetónicas e utilitárias.

A produção de quadros por artistas famosos — e por muitos outros igualmente hábeis no Alto, desconhecidos da fama terrena — foi mencionada como sendo executada segundo o mesmo método de produzir outros objetos a partir da atmosfera, e mais tarde, nos seus estudos, ela explicou a precipitação de tais obras artísticas em material

preparado, ou na própria atmosfera, apenas pelo poder do pensamento e da concentração.

Nos seus anos infantis, Nannie falava frequentemente dos seus vestidos bonitos, feitos por Tela ou Harebell — chapéus, chinelos e afins. Dizia que eram feitos com material recolhido do ar e que eram lindos. “Mas não precisamos de arranjar um chapéu ou vestido novo. Tudo o que a Tela faz para o tornar bonito e fresco, e em qualquer novo estilo, é passar-lhe as mãos por cima e sacudi-lo, e fica todo novo outra vez.”

Quando lhe perguntaram se dormia, respondeu: “Só um bocadinho com as flores”, e afirmou também que muitos dos mais velhos pareciam não dormir de todo, mas apenas, de vez em quando, retirar-se para algum bosque ou jardim, sentar-se entre as flores e renovar as suas forças magnéticas com uma mudança de pensamento.

Disse que ela e outros comiam frutos e doces, mas muitos espíritos simplesmente absorviam o alimento da atmosfera, e que aqueles que de facto ingeriam substâncias obtidas do ar não tinham qualquer resíduo para eliminar, pois tudo era tão subtil que era absorvido pelo sistema espiritual, e exalações impercetíveis dispunham de qualquer excesso não necessário ao corpo espiritual.

Contou bosques, parques, ilhas, lagos, ribeiros e rios belíssimos, e os seus professores disseram-lhe que tudo aquilo era natural e pertencia ao planeta espiritual em que vivia, o qual é uma réplica do planeta Terra. Disse que a água não podia afogar um corpo espiritual, porque este é sustentado pela força magnética e pelo impulso elétrico do espírito, e que qualquer pessoa no seu mundo podia brincar nas ondas das suas águas e sair revigorada, sacudir as vestes e ficar logo livre de qualquer humidade.

O espírito descrevia frequentemente diferentes localidades e condições que tinha visto ou experimentado; uma dessas localidades era um bosque de árvores magníficas, mas diferentes das que conhecemos. Insistia que os troncos eram brancos como mármore e lindamente veados, mas eram árvores e ramos vivos, respirantes, e que tais bosques não eram incomuns na outra vida.

Insistia também que o chão “de lá” não era como o solo deste planeta, mas brilhante e branco, e não deixava vestígio do que conhecemos como sujidade; que todas as coisas ali viviam pela atmosfera magnética, e eram luminosas em si, e que o “pó” desse mundo parecia muito diferente do pó daqui. Naturalmente, ela sabia da existência de esferas inferiores,

onde abundavam a escuridão e as névoas, mas as suas descrições referiam-se ao mundo onde ela e os seus companheiros tinham o seu lar.

A pequena espírito veio a saber que alguns filósofos terrenos, que tinham estudado algo de Espiritualismo e mediunidade, tinham afirmado que nenhum espírito desencarnado podia, estando afastado de um médium ou da atmosfera terrena, lembrar-se de nada das suas condições e experiências nos reinos espirituais de forma a poder contá-las aos mortais. Isto entristeceu-a muito, e notámos que também mostrava sinais de ressentimento, embora de modo suave, pois para ela parecia que as teorias desses pensadores punham em causa a sua honestidade, e dizia: “Eu lembro-me das coisas na minha casa e escola espirituais, e o que vos digo sobre elas é verdade; são tal como eu digo.”

Outras vezes exclamava: “A Rosie e a Bessie” — duas pequenas amigas das esferas superiores — “querem que eu lhes conte tudo sobre este mundo e sobre vocês, e o que fazemos aqui quando venho; acham que é como histórias de fadas.” Acabou por anunciar que tinha trazido essas meninas para verem com os próprios olhos, e muitas vezes depois falou do encanto e da recordação que elas tinham da visita. Mas cerca de um ano depois, Nannie contou-nos que Rosie e Bessie pareciam já não se lembrar de nada dessa visita; quando lhes falava sobre ela, diziam que tinham sonhado, e que não conseguiam recordar nada de forma nítida, nem tinham desejo ou aparente capacidade de regressar.

Isto levou-nos a pensar que talvez a frequência das visitas da nossa pequena a nossa casa fosse a razão das suas memórias rápidas das coisas daqui e da sua capacidade de contar esses assuntos às suas amigas espirituais no lar mais elevado, e também a razão de poder trazer-nos as suas histórias de vida e atividades no mundo espiritual à nossa compreensão.

Desde o início, esta pequena mostrou uma sensibilidade especial às coisas, agradáveis ou não, mas sempre com um carácter muito alegre e feliz, doce e semelhante a um pássaro. Um dia, na primavera de 1896, disse a brincar: “Acho que vou embora e fico dez dias fora”, e pediram-lhe para não o fazer, pois não a podíamos dispensar. Nessa altura, o músico da família perguntou-lhe se ela não achava que tinha uma “Lady Mother” muito esperta.

A isto respondeu, hesitante: “Não sei bem.” A pergunta foi repetida, e ela respondeu com firmeza: “Não muito esperta.” Isto deixou os ouvintes espantados, e começaram a provocá-la, mas ela manteve-se na sua

opinião, acrescentando: “Acho que ela não é a mulher mais esperta, porque teve de mandar uma coisa para Boston para a tia Carrie arranjar, porque não sabia fazê-lo sozinha.” A criança, na verdade, tinha a melhor parte no argumento, mas um dos membros da família comentou, a brincar: “Acho que é melhor ires por dez dias e não voltares.”

Pelos olhos da “Lady Mother” a pequena olhou, primeiro surpreendida, depois suplicante, depois triste, para os homens da família, e de repente pareceu desfazer-se num pranto. A médium caiu para trás, numa espécie de paralisia, e durante alguns momentos a cena foi dramática.

Finalmente, a médium endireitou-se e falou num tom masculino, admoestando os mortais que a pequena tinha ficado muito magoada e que, para evitar consequências desagradáveis, o guia mais velho a tinha colocado num estado de inconsciência e retirado da atmosfera terrena. Disseram ainda que, quando Nannie voltasse, os amigos mortais não deviam mencionar-lhe nada sobre esta cena nem sobre a sua causa.

Durante vários dias não tivemos notícias de Nannie; a pequena fez muita falta em casa, e todos estavam tristes com a sua ausência. Finalmente, Lotela disse-nos que a criança se tinha aproximado várias vezes, mas tinha de ser afastada rapidamente, pois sempre que chegava à atmosfera da casa, a cena anterior voltava-lhe à memória, e ela retraía-se, tremia e mostrava sinais de sofrimento; por isso, a guia índia magnetizaria o pequeno espírito e trá-lo-ia até à esfera da médium, deixando-a tomar controlo sempre à mesma hora e no mesmo lugar — ao meio-dia, na mesa do almoço —, e quando se fizesse reconhecer devíamos recebê-la como se não tivesse estado ausente. Assim foi feito.

À hora indicada, a médium pareceu adormecer, e logo despertou, olhando à volta com o conhecido olhar infantil e sorridente de Nannie, e falou no seu tom habitual. Foi recebida calorosamente, e o episódio foi ignorado pelos anfitriões. Basta dizer que o incidente nos ensinou uma lição: mesmo em brincadeira, aprendemos a não dizer nada que possa ferir um espírito sensível. Nos anos seguintes, a pequena passou a saber receber e devolver uma piada, sendo rápida de raciocínio e sempre pronta a defender-se numa troca de palavras com um amigo ou com um estranho cético.

CAPÍTULO SEGUNDO

ESTUDOS, TRABALHO; EXPERIÊNCIAS NA ESFERA ESPIRITUAL

Com o tempo, Nannie contou muitas histórias estranhas sobre assuntos do Mundo Espiritual; algumas capazes de pôr à prova a nossa credulidade, embora todas fossem interessantes. De uma coisa estávamos todos certos: a pequena narradora acreditava, pessoalmente, em cada afirmação que fazia. Entre as coisas curiosas que contou estavam as visitas ocasionais à sua escola de uma mulher muito majestosa e gloriosa, descrita como um “Ser Planetário”, que apenas visitava os planos espirituais ligados à Terra para fins de instrução.

A nossa informante disse-nos que essa professora exaltada dava lições maravilhosas aos alunos mais velhos sobre astronomia e conversas ou informações simples aos mais novos. “Uma vez” — exclamou ela aos membros do nosso círculo — “Oh! oh! sabem que há um planeta careca?”

Naturalmente, não sabíamos o que queria dizer, até que explicou que tinha sabido da existência de um planeta no espaço, habitado por seres inteligentes que eram todos carecas; não tinham, nem nunca tinham tido, um único cabelo na cabeça. Não havia necessidade de cabelo lá, disse-lhe a professora, porque as condições de vida eram muito diferentes das da Terra. Noutra ocasião, deixou-nos espantados ao insistir que a lição tinha sido sobre um planeta onde as pessoas tinham cabeça e ombros um pouco semelhantes aos habitantes da Terra, mas cujos membros inferiores eram afilados e formavam um só membro, algo como um peixe sem cauda.

Disse que esses seres podiam fender a sua atmosfera como uma faca, virando-se em qualquer direção desejada e movendo-se rapidamente. Declarou que não eram espíritos, mas sim habitantes planetários, e que um planeta espiritual estava ligado ao seu mundo mais material.

Muitas outras histórias semelhantes foram contadas e, quando questionada, a criança entrava seriamente em pormenores sobre as informações recebidas. Quem poderá dizer que estas coisas não são verdadeiras? Os inspiradores do imortal Shakespeare sabiam a verdade quando afirmaram que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia.

A vida escolar dos espíritos parece ser de constante experimentação. A “demonstração” parece ser o resultado prático e utilitário, e o objetivo,

tanto do aluno como do professor. Pelo que entendemos, casas podem ser construídas por espíritos, templos ou qualquer outra estrutura desejada, sendo que cada trabalhador põe no seu trabalho o melhor de si próprio, bem como atrai as forças e elementos subtis e delicados do universo para o que faz.

O poder da vontade ou a concentração pessoal tem muito a ver com a completude e a utilidade da obra. Existem outros métodos além da manipulação da atmosfera e da extração desta, e dos humanos, de material para formar “pedra” ou outra substância, a fim de colocá-la no lugar na construção de uma estrutura ou na modelagem de qualquer objeto desejado.

Os mortais criam uma atmosfera magnética através dos seus pensamentos, dos seus atos e das suas emanações físicas e mentais, que pode ser trabalhada em material para as suas próprias vestes espirituais ou casas no além. Outro processo de erguer templos, ou produzir o que se deseja criar, é ensinado e demonstrado nas escolas avançadas.

Desde que chegou a uma classe mais elevada, Nannie falou-nos de Ramah, o seu sábio e nobre professor, que está no reino da alma há séculos. Este sábio demonstrou muitas coisas maravilhosas aos seus alunos. A criança disse que a sua escola podia realizar-se num bosque ou em qualquer outro lugar, mas que, para fins de demonstração, ele tinha criado uma estrutura esférica que parecia e brilhava como alabastro.

Dentro dela, belas cores eram projetadas nas paredes pelo movimento das suas mãos mágicas, ondas de cor que se transformavam em imagens maravilhosas de povos e épocas antigas, ou de figuras históricas com trajes típicos, ou de coisas relacionadas com o desenvolvimento de planetas e o crescimento de raças; tudo, aparentemente vibrante de vida e consciência, era refletido pela habilidade do professor para estudo da sua classe. Forças elétricas eram ali postas em ação para demonstrar o poder do invisível, de forma ainda não sonhada pelos mortais, mas que, quando chegar a altura certa, crescerá na conceção das mentes avançadas da Terra.

Nessa escola, a nossa informante viu belas pinturas precipitadas nas paredes a partir da mente dos artistas, sem extração de cor ou outro material da atmosfera, apenas fixando o olhar, por um momento, no ponto a ornamentar. Do mesmo modo, pelo processo de projeção do

pensamento, produzem-se substâncias em qualquer forma desejada; assim, o escultor pensa o seu modelo até lhe dar forma criada e produz a sua estátua sem outro trabalho além do mental, sendo ela duradoura e substancial, se assim o quiser, embora, num pensamento, possa também desintegrá-la.

Os espíritos ensinam que, como todas as criações humanas nascem da conceção mental ou da imagem dessas criações, é fácil para os alunos avançados do seu mundo, pelo poder da vontade, exteriorizar de imediato o ideal ou a conceção da mente.

Na escola de Ramah, as imagens projetadas nas paredes parecem reais: árvores ondulam, flores acenam e baloiçam, águas pintadas mostram o vaivém das ondas, e figuras animadas movem-se como se estivessem vivas; animais ou seres humanos, e até procissões inteiras, podem ser criadas pelo pensamento do professor para passarem em revista diante dos olhos dos alunos.

Os estudos de astronomia são seguidos de observação de imagens ou representações de planetas, dos seus movimentos e localização, enquanto a perceção clarividente dos alunos é estimulada até tal vibração que lhes permite contemplar os céus, na sua maravilha estrelada, muito melhor do que o homem na Terra o consegue com a lente mais perfeita do observatório. Música, seja de muitas vozes, seja de um cantor de tom puro, e de instrumentos gloriosos, é produzida no ar por músicos espirituais, e toda a atmosfera vibra em harmonia com o movimento rítmico da vida em todos os sectores daquela terra maravilhosa.

Ensina-se e pratica-se a transferência de pensamento, e o professor, recebendo por telegrafia mental informações sobre acontecimentos e assuntos da Terra ou de outros mundos, projeta boletins dessas notícias no ar, visíveis a longas distâncias e imediatamente captados pelo leitor interessado. A arte da impressão, lá, assume esta forma, realizada por força magneto-elétrica mental, precipitando instantaneamente a forma-pensamento no ar ou em folhas, tal como aqui uma folha escrita ou impressa pode ser imediatamente fotografada por uma lente sensível.

À medida que Nannie progredia nos seus estudos, durante alguns anos ainda nos conseguia relatar os ensinamentos maravilhosos que aprendia, mas, gradualmente, deixou de os detalhar, porque não encontrava nada no nosso campo de conhecimento e experiência com que pudesse

comparar ou tornar compreensíveis, para nós, os métodos e investigações da turma avançada.

Era fácil comparar certos estudos com os de cientistas deste plano — mencionar a descoberta e utilização do telégrafo, telefone, fonógrafo e até do raio X, conquistas modernas da Terra; com estes, muito do trabalho espiritual podia ser comparado, mas, mais tarde, faltavam-lhe símiles e metáforas, comparações e descrições, por inexistir no nosso horizonte algo com que as forças do Mundo da Alma pudessem ser equiparadas.

A criança raramente tenta agora falar-nos dos seus estudos e, quando o faz, fica insatisfeita com as suas descrições. Contudo, dizem-nos que, antes de este século terminar, muitos mortais ter-se-ão tornado tão sensíveis, tão afinados com as vibrações superiores, que poderão receber e compreender muito conhecimento do além, que atualmente não é possível compreender.

Muitas vezes, ainda pequena, Nannie falava do trabalho magnético dos que, no mundo espiritual, viviam com ela. Desde cedo foi-lhe ensinado o valor de transmitir magnetismo curativo aos doentes e aflitos nos hospitais e noutros locais da Terra, e contava-nos frequentemente essas visitas com Lotela ou com os médicos, e de como podia ajudar crianças e mulheres enfermas fazendo-as pensar coisas boas ou embalando-as para dormir. Declarou também que os sábios espíritos visitantes faziam muito para aliviar a mente dos incuravelmente doentes e, por fim, para retirar suavemente o espírito lutador do corpo doente e inútil.

Falou-nos frequentemente de levar belas flores dos jardins espirituais ao leito dos enfermos; observava que essas flores eram totalmente absorvidas pelo organismo do paciente e conferiam-lhe poder curativo ou benéfico, e que muitas vezes, quando os doentes recuperavam a saúde, para grande surpresa de médicos e assistentes, o poder curativo vinha dessas flores magnéticas ou de outras bênçãos dadas aos sofredores pelos espíritos assistentes.

As flores eram especialmente mencionadas como de grande utilidade; tinham sido cuidadosamente tratadas e respiradas por almas humanas, cheias do magnetismo do amor, e assim podiam assimilar-se com a aura do doente e ser absorvidas por ele. Dizia-se que as almas dessas flores regressavam à planta de onde tinham vindo e voltavam a florescer em beleza e fragrância para novo trabalho.

Por vezes, contava de mantos ou rendas tecidas a partir do ar, e de como eram impregnados do sopro magnético de amor pelas tecedeiras, e que essas peças eram envolvidas em torno dos doentes, cansados ou tristes, por amigos espirituais carinhosos, e como essas bênçãos magnéticas eram absorvidas pelos destinatários até lhes devolverem forças, coragem ou conforto. Tais atenções eram dadas a mortais necessitados ou a espíritos desencarnados, pois muitos seres partem da Terra em estados infelizes e podem necessitar do serviço do missionário, que é sempre um espírito cuidador e amoroso, um curador e professor natural.

Para ilustrar: na altura da "explosão" do *Maine* e da subsequente eclosão da guerra Hispano-Americana, vivíamos em Los Angeles. Cerca de dois meses após o desastre do *Maine*, Nannie tomou posse da médium à hora habitual do jantar, ocupada a dar poemas, quando, de repente, exclamou: "Oh! oh! que coisa estranha? Ali no canto está uma rede branca com mantas macias. Oh! agora vejo o Sr. Peirrepont." (Nessa época, ela pronunciava sempre este último nome dessa forma.) "Está a pôr um homem na rede, e o homem está a dormir. Pergunto-me para que será?"

Nenhum de nós sabia, mas na noite seguinte a pequena mensageira anunciou que a rede ainda lá estava, e o homem também, mas a sua cama parecia estar mais inclinada, como se estivesse a tentar pôr-se de pé no ar, embora ainda parecesse adormecido. Na noite seguinte, foi-nos dito que o homem estava a meio caminho de se erguer na rede, que agora estava quase na vertical, e que a manta parecia apenas uma névoa. "Ele está a comê-la", exclamou a criança, excitada. "Não… quero dizer que está a absorvê-la; está a recebê-la em todas as partes do corpo, e parece vapor a sair dele. Oh, já sei, era uma manta magnética, e ele está a alimentar-se dela."

Na noite seguinte, anunciou que o homem estava lá, de olhos abertos, consciente — não de nós, mas do seu ambiente espiritual. Podia vê-la, mas não à médium. A rede tinha desaparecido, absorvida, e ele parecia estar firmemente de pé no ar. Um dos nossos familiares pediu-lhe que lhe fizesse perguntas.

Ela já tinha explicado que os guias o tinham trazido num sono magnético, para o libertar de condições psicológicas, pois ele era um fuzileiro que tinha estado no *Maine* e perdido a vida, e que, ao recobrar a consciência,

se mantinha preso à proximidade dos destroços e num estado muito infeliz; agora ficaria livre desses enredos e em muito melhor condição.

A pedido, a menina perguntou a este homem quem tinha feito explodir o *Maine*, pois havia então muita dúvida sobre o assunto. Ela disse:
"Querem que vos diga exatamente o que ele disse?"
"Sim."
"Perguntei-lhe quem tinha feito explodir o *Maine*, e ele disse: 'Os malditos espanhóis.' Sim, disse mesmo, mas acho que não queria praguejar. Ele está a ir-se embora agora, diz que se sente bem, mas que vai lutar contra esses tipos, e que eles vão apanhar uma tareia."

Como já foi dito antes, os espíritos ministrantes estão sempre prontos para fazer o bem aos que sofrem, em qualquer condição ou lugar. Para eles, os sofrimentos dos seres humanos desencarnados são tão intensos e tão carentes de auxílio como os dos mortais.

Os membros do nosso grupo inteligente têm estado sempre ativos em ensinar, curar e, de diversas formas, ajudar a elevar as almas aflitas das esferas inferiores, assim como a trabalhar pelo progresso mortal. Muitas vezes tivemos provas marcantes do seu poder para o bem entre os seres infelizes do mundo espiritual. Nannie falava frequentemente do seu cão na vida espiritual, que dizia ter-lhe sido dado por "Red Wing", um grande mestre das esferas superiores.

Declarava que o animal era muito grande. Ela ainda fala dele ocasionalmente, e foi-nos também descrito por médiuns clarividentes que nada sabiam do que tínhamos aprendido sobre a sua existência. Disse que tinha chamado ao cão "Staff" porque ele tinha a essência e a força vital de sete cães, e que são precisas sete notas para fazer uma pauta na música. "Além disso," disse ela, "ele é um bom apoio, e é isso que uma 'staff' deve ser."

A questão aqui é que o mestre indígena tinha percebido que uma criança pequena poderia, por vezes, obter bons resultados com seres ignorantes ou carregados de crime, quando os trabalhadores adultos pouco conseguiam fazer, e Nannie conseguia, por vezes, persuadir os espíritos infelizes ou traquinas a tentarem melhorar quando não davam atenção aos preceptores mais velhos.

Observou-se também que um cão espiritual era notado e amado quando um ser humano seria rejeitado, e que este animal, "Staff", cheio do magnetismo insuflado nele pelos missionários, acompanhava as crianças a lugares onde criaturas miseráveis se aglomeravam e levava ajuda e

alegria, pois até os viciosos amam um nobre cão. Foi-nos dito que, tal como os viajantes nos Alpes, por vezes exaustos, eram salvos pelo São Bernardo, assim estes espíritos cansados e abatidos, ou selvagens e indisciplinados, podiam ser auxiliados acariciando o Staff, absorvendo assim as forças magnéticas que dele emanavam, o que os ajudaria a ganhar nova esperança e empenho para elevar o pensamento.

Verificou-se que, devido às emanações escuras e turvas da natureza moral voluntariamente pervertida de indivíduos “presos à Terra”, a sua aura se tornara densa e escura, e, em alguns casos, esses espíritos não conseguiam ver os espíritos missionários adultos que os assistiam para o seu bem; apenas um raio de luz ou lampejos de brilho podiam discernir na presença de tais professores, devido à lentidão da sua vibração espiritual.

Para ajudar a estimular a sua natureza moral para uma vibração mais alta, despertando assim a consciência para uma melhor compreensão do que é certo e um desejo mais firme de alcançar a verdade e a felicidade da alma, foi introduzida a ajuda de animais eterealizados, assim como a de crianças adotadas.

Todos podemos perceber que mesmo a pessoa mais endurecida e sem escrúpulos na Terra admirará e acariciará uma criança inocente, e também se afeiçoará muito a um animal mudo que a ele se apegue. Como a vibração da criança, assim como a do cão, não é tão rápida e estimulante como a força vibratória da mente analítica e aguçada do professor e curador adulto, as forças destes agentes simples podiam ser aproveitadas e reconhecidas na elevação da humanidade das esferas obscurecidas da consciência espiritual.

A terna simpatia da criança, e também a de Staff, o cão, eram fatores potentes para alcançar a melhor natureza de muitos seres caídos, que podiam ver e ouvir estes ajudantes, e de quem não se afastavam com vergonha ou indiferença carrancuda, como às vezes faziam com conselheiros e curadores mais velhos e potentes.

Nannie e Staff não eram os únicos trabalhadores vindos dos campos da infância ou da vida animal que, desde tempos imemoriais, visitaram almas infelizes e necessitadas, ajudando-as a dar os primeiros passos para pensamentos mais elevados e condições de ser mais grandiosas, pois existem hostes de tais ministros nas esferas do eterno.

Ao descrever este enorme cão, a nossa pequena disse, a princípio, que ele era maioritariamente preto, mas bonito e peludo, com algumas

manchas brancas no pelo, mas que gradualmente essas manchas brancas foram aumentando, até que, por fim, anunciou que ele estava branco, com apenas manchas pretas aqui e ali.

Perguntámos a razão da mudança e foi-nos dito que se devia ao facto de o animal estar constantemente a receber magnetismo dos professores e, por fazer um bom trabalho pela humanidade, ir perdendo os elementos terrenos e absorvendo cada vez mais o espiritual, tornando-se espiritualizado pelo seu trabalho bom e altruísta. Finalmente, ao fim de um ano ou mais, fomos informados que “o querido Staff está todo branco agora, e o seu pelo brilha como geada sobre a neve. As manchas pretas foram ficando cada vez mais ténues até desaparecerem, e ele está branco e lindo.”

Perguntámos se ele poderia alguma vez purificar-se tanto da natureza animal e encher-se tanto de magnetismo humano a ponto de se tornar um ser humano, quer como tal na Terra quer transformado assim no universo espiritual, e ela respondeu: “Não sei. Tenho de perguntar aos meus professores.” Após uma pausa, disse: “Talvez sim; tal mudança é possível, diz o professor. Ela diz que um cão bom, inteligente e amoroso parece ser tão digno dessa distinção como alguns homens brutais.”

Nas suas narrações de experiências espirituais, a criança contava por vezes sobre pessoas que conseguia ver, embora dissesse que não passava por nenhum lugar ou plano de escuridão ao vir da sua casa à Terra de que tivesse consciência, mas que, com Staff e os professores, podia ir a tais lugares ou condições sombrias quando tinha trabalho de ministração.

Uma história impressionou bastante os ouvintes. Era sobre um pobre velho que ela vira, que gemia e se lamentava, e parecia estar completamente envolto numa fumaça turva e malcheirosa. Disse que se aproximou dele o mais possível e viu que as suas vestes eram rotas e sujas. Ele estava junto a uma cabana cheia de buracos, por onde o vento uivava com um som lúgubre. Sentiu pena e tristeza pela sua condição e ambiente e tentou ajudá-lo.

Embora ele percebesse de alguma forma a sua presença, prestou pouca atenção às suas ofertas de ajuda. Pediu então ao professor que ajudasse o homem, mas foi-lhe dito que ele não estava pronto para se ajudar a si próprio, e que apenas quando, em pensamento, desejasse receber auxílio, e quando o sol da ministração magnética conseguisse derreter o seu interior gelado de egoísmo acumulado até este se tornar um rio de

amor e simpatia pelos outros, é que ele seria capaz de eliminar a escuridão da sua vida e elevar-se a um estado mais belo. “Mas porque é que ele tem uma cabana tão velha?”, perguntou a criança. “Porque ele foi um homem rico e poderoso no mundo.

Era proprietário de muitas casas velhas, degradadas e feias; enchia-as de inquilinos pobres, de quem exigia o último centavo de renda. Não as reparava, nem considerava as necessidades e conforto dos pobres, nem de forma alguma procurava tornar a vida mais feliz para os seus semelhantes. A sua vida foi dedicada à ganância, e, por isso, apenas gerou uma aura magnética de egoísmo; e esta não é espiritual; é composta de elementos e átomos grosseiros.

Ele não forneceu material refinado para uma casa espiritual, nem para o seu corpo e vestes espirituais, e é por isso que está assim; um homem pobre, miserável e azedo. É bom para ele ter apenas uma estrutura carcomida e bolorenta, e ouvir o vento entrar pelas suas fendas; é bom para ele usar roupas gastas durante algum tempo, e aprender o que os pobres mortais sofreram com a sua ganância e egoísmo. Quando se tornar plenamente consciente da razão do seu estado deplorável, e se arrepender do mal que fez, desejará desfazê-lo tanto quanto puder, e então poderá ser ajudado, mas não antes disso.”

Descreveu também uma mulher que fora bela, mas que no espírito tinha traços desagradáveis no rosto; essa mulher estava sempre vestida com um único vestido coberto de lantejoulas, mas estas eram baças, de mau gosto e pouco atraentes. A criança soube que esta tinha sido uma mulher altiva e arrogante, cruel para com os seus criados e altiva com todos, exceto com as pessoas do seu próprio meio; ali parecia uma errante, nunca tranquila, movendo-se inquietamente na tentativa de recuperar o seu antigo lugar na sociedade elegante da Terra, mas incapaz de conseguir fosse o que fosse.

Também ela teria de sofrer derrotas e incómodos até que se afastasse mentalmente “das panelas de carne” para desejar condições mais duradouras e espirituais.

Com muitos espíritos infelizes, um bom trabalho magnético e psicológico pode ser realizado, e uma multidão destes é rapidamente elevada a uma posição e conhecimento superiores nas esferas. Como já foi dito, os professores trabalham de diferentes maneiras para abençoar os necessitados, de acordo com as necessidades e natureza de cada caso. Foi-nos relatado um incidente interessante: Uma certa mulher na vida

espiritual, cuja natureza moral na Terra tinha sido atrofiada por condições em grande parte fora do seu controlo, foi acolhida e ajudada a elevar-se a um estado mais satisfatório e agradável.

Desenvolveu nela o desejo de ter uma pequena casa com jardim e algumas galinhas. “Bem,” disseram os guias, “temos de satisfazer esse desejo, pois é natural. Ela quis esta vida rural na Terra, e tornou-se parte da sua natureza ansiá-la.” Foi-lhe dada uma casa no meio de um jardim de flores, onde “Alice” foi colocada com algumas “galinhas”, que ela cuidava com desvelo maternal. A sua felicidade e contentamento tornaram-se notórios, e gradualmente um elemento espiritualizante foi tomando conta do seu ser.

“Sim, ela tem ovos,” disse Nannie, “mas são ovos magnéticos. Ela ainda não sabe disso. Nós levamo-los a espíritos doentes ou de mau humor, e eles absorvem-nos, obtendo assim bom e útil magnetismo. Acho que isso é tão bom para eles como os vossos ovos frescos aqui são para vocês.”

Com o tempo, fomos informados de que “Alice” estava a cansar-se das galinhas e a afeiçoar-se mais às crianças e às suas necessidades. Logo os pintos começaram a desaparecer, e ela não se importou, disse o nosso professor. Estão a retirar-lhes o magnetismo e, sendo as galinhas apenas compostas disso e de força elétrica, estão a desaparecer.

Então Alice soube a verdade e estava pronta para a lição. Pediu para ser promovida a cuidadora de algumas das crianças abandonadas que chegavam à vida espiritual, e agora é uma alma maternal amorosa, cuidando de crianças pequenas, sem precisar ou querer aquelas coisas que tinham ocupado a sua mente nos primeiros dias.

Já mencionámos a aptidão que Nannie cedo demonstrou para a versificação; também o facto de muitas vezes afirmar estar sob a inspiração de um poder superior ao criar poemas a partir de temas dados por estranhos e céticos. Talvez seja uma boa altura para apresentar as primeiras rimas que nos deu, quando ainda era uma criança de fala infantil, com três anos de idade:

Havia um avezinha,
Lá longe, num ramo a cantar,
E não dizia nadinha,
Até a mim se encantar.

Tinha um ninho guardado,
Num galho alto, ao luar,

Onde estava aconchegado —
Suponho que lá está a descansar.

Imortalidade

A vida num círculo dourado corre,
Sem princípio nem fim a se encontrar;
De sol em sol sua luz percorre,
E com todas as marés do ser vem misturar.

A vida é fruto da alma pura;
Sem ela nada respira ou se move;
Domina o espaço com sua ternura,
E prova que o ser é imortal e nobre.

Não há fim para a vida consciente;
Pulsa por todo o tempo e lugar;
Com ela o universo é florescente,
E por ela os mundos se podem sustentar.

Estendendo-se sempre, sem cessar,
Das esferas mortais às zonas do céu,
Canta o grande canto imortal no ar,
E a Divindade ao trono seu ergueu.

Doce Imortalidade, que arde e inflama
Como sóis eternos em fogo vibrante!
Bendita Imortalidade que clama
Com desejo puro e constante,

Por se elevar para sempre, grandiosa e livre;
E, por ti, os espíritos humanos vão
A alturas que a eternidade vive,
De reino em reino, no Paraíso em expansão.

A esperança intensa, o grande anseio
Que no peito humano vem habitar,
De subir mais alto, num devaneio,
A mansões santas onde a bênção há de reinar;

A fé preciosa, a ânsia verdadeira
De viver e viver, sem jamais morrer;
O anseio novo, a alma inteira
De cortar céus e neles permanecer;

E habitar na ventura suprema,
Para além da sombra e da dor mundana,
Alcançar mundo mais belo, que acalenta o lema
De vida perfeita, pura e soberana;

O fogo eterno de viver além
Dos anos de lida e prova na Terra,
O clamor dos afetos que não se contém,
Tudo à vida imortal se aferra.

A inteligência sublime do homem,
O poder consciente e a memória,
O agir, o criar, o dar-lhe nome —
São atributos da eterna glória;

E a Divindade nunca perecerá,
Pois Vida Eterna é o seu nome sagrado,
E em luz de Sabedoria brilhará
Com atributos nobres, de alto estado.

O homem é a doce epítome
De tudo o que a vida pode encerrar;
Herdeiro é da eternidade, que some
Numa cadeia imortal, a Deus a ligar.

Sua é a força que arde e inflama
Na alma viva que nele nasceu;
Avança e cresce, e não se acalma,
Mesmo que a eternidade correu.

Pois Deus é Vida, e Vida é Deus,
E o homem filho é da Divindade;
Sob o cetro imortal, sob céus
Viaja até à Infinidade.

De idade em idade, subindo altaneiro,
Alcança cimos mais elevados,
Guiado por sempre sábio conselho verdadeiro,
E pela Verdade em lumes dourados.

De terra em terra, de zona em zona,
Sua alma na escola divina aprende;
Faz suas as leis que a Luz entoa,
E pela Regra de Ouro se defende.

Não há Morte; as flores florescem
De primavera em primavera, em primor;
Com doce perfume os ares enobrecem,
E fazem a vida brilhar com ardor.

E embora o murchar as possa levar,
Sua doçura à vida não se perde;
No céu divino voltam a brotar,
Além da tormenta e do inverno que fere.

Não há Morte; a alma renova
Seu poder de hora a hora;
Jamais seu fulgor se reprova,
Pois de nobre força se coroa.

E pode subir com asas invisíveis,
Rumo à fonte de luz eterna a arder,
E enquanto sobe, canta aprazível,
Triunfante no voo que sabe manter:

“Doce Imortalidade é livre e dada
A toda a alma que já nasceu;
Sua herança é a eternidade sagrada,
Saúda a manhã imortal de Deus.”

Tanto ao poeta como ao sábio convém,
Tanto ao camponês como ao rei;
Vem a todos, e sempre vem,
E nas asas da glória a todos guiei.

Cada alma é erguida, cada vez mais alta,
Ao trono do Amor perfeito que a chama;
Por fogo divino a vida se exalta,
E o espírito às alturas se inflama.

Acima da fraqueza e do peso terreno,
Das provas e dores que aqui se têm,
Ganha domínio, num voo sereno,
Sobre o que é mortal e tudo o que vem.

Segue e avança, sempre a crescer,
Na mais sublime exultação se lança,
E outros mundos junto a si fazer
Encontrar Destino em toda a andança.

Pois Deus Eterno habita em nós,
Deus na alma liberta do mal,
Prova que Vida e Poder são a voz
Da dádiva eterna e imortal.

CAPÍTULO TERCEIRO

PROSA E POESIA, MÚSICA E CANÇÃO,

VINDAS DOS REINOS DO ESPÍRITO

A primeira parte deste volume poderá, para algumas das mentes mais pedantes entre os nossos leitores, parecer ligeira e pueril, pois trata em grande parte do crescimento e das expressões de uma pequena criança, embora defendamos que é concebida para mostrar os métodos de treino infantil na margem deste lado e para enfatizar o facto de que as crianças crescem e progridem em estatura e intelecto na vida espiritual, mesmo que tenham deixado a forma terrena ainda na mais tenra infância.

Esta parte inicial do nosso volume, porém, é apenas um prelúdio aos capítulos sobre temas espirituais e sobre a Vida nas Esferas Exteriores da Consciência que se seguem. Tal como a doce e simples introdução do tema de um grande hino, as respirações harmoniosas de uma criança-anjo podem ser as linhas de avanço de uma epopeia espiritual ou de alguma melodia divina, e provar o cumprimento da afirmação do belo Espírito do Cristo: “Da boca das crianças e dos que mamam…”, etc.

Nannie foi-nos descrita, na sua primeira visita, como uma pequenina de três anos, com longos caracóis dourados e ensolarados, grandes olhos azuis e tez clara. Desde então, muitos médiuns que nada sabiam da sua vida e aparência pessoal viram-na e descreveram-na como a bela criança loura que sempre a conhecemos ser.

No Natal de 1897, o seu primeiro verdadeiro Natal, as senhoras de Los Angeles, que lhe tinham grande afeição, ofereceram a Nannie uma grande boneca japonesa que se assemelhava a uma pequena mulher do Japão, ricamente vestida com um robe de seda laranja, adornado com rendas finas e veludo púrpura, e com um *obi* de seda roxa. Foi um tesouro para a criança, que muitas vezes a segurava e admirava enquanto encantava a “Senhora-Mãe”.

Pouco depois de se instalar em Washington, D.C., a médium retirou a boneca dos seus embrulhos e colocou-a sobre um banco na sua sala de estar. Ninguém na cidade sabia dela. O Sr. J. Homer Altemus, o saudoso médium de prova da capital, visitou pela primeira vez a casa dos Longley para um encontro social e foi convidado a subir à sala de estar superior. Ele nada sabia de Nannie, pois até então ela não era conhecida em Washington. Durante a noite, o Sr. Altemus disse: “Sra. Longley, sinto-me atraído por aquela boneca no canto, porque vejo uma linda menina a brincar com ela.”

“Pode descrevê-la?”, perguntámos.

“Sim, tem cerca de cinco anos, longos caracóis loiros e olhos azuis. Ela diz que a boneca é dela.”

Nannie cedo revelou traços de cantora e amante da música, assim como de poetisa. Embora o Professor Longley seja compositor, a sua esposa não tem qualquer talento nessa área e nunca escreve música. Um dia, enquanto a médium e a família passeavam pela praia de Redondo, na Califórnia, à procura de pedras-da-lua, a Sra. L. tomou consciência da influência envolvente de Nannie e de que ela estava a cantar baixinho para si mesma palavras e melodia desconhecidas da médium. Aproximando-se do Professor, a pequena deu-se a conhecer e cantou-lhe o seguinte, dizendo que era uma cançãozinha que aprendera na sua escola:

Queridas criancinhas, rindo de alegria,
Felizes como passarinhos, nós somos assim todo o dia.
Oh! seguimos contentes o nosso caminho,
Doces como as flores, claros como o dia vizinho.

Quando cantamos, tudo é luz e claridade,
Anjos trazem grinaldas de luminosidade,
Pois sempre nos esforçamos por ser
Crianças de beleza e harmonia a viver.

Duas Rosas

Duas rosas num só caule floriam,
Tão doces como nunca houve antes;
Cada qual, uma joia que reluzia,
Que Flora, rainha, trazia entre encantos.

Cada uma, um delicado trono real,
Por todas as horas de verão,
Cada qual, um cálice de perfume sem igual,
Rainha suprema de toda a floração.

Duas rosas, alegres, acenavam contentes,
Num só caule pálido e esguio,
Tão belas e vivas que toda a gente
As invejava com grande brio.

Os suaves raios do sol beijavam-lhes o rosto,
E mãos de fadas vinham tocar,
Com dedos leves, o carinho exposto,
E ambas festivas a se enfeitar.

Duas rosas juntas floresceram,
Perfume enchendo todo o ar,
Cada qual tão graciosa como noiva,
Ambas doces e belas sem par.

Flores, Doces Flores

Flores, doces flores, hoje a despontar,
Belas flores que sorriem no nosso andar;
Rosas e lírios, e também ranúnculos dourados,
Dálias ao sol, violetas azuladas ao lado.

Doces passarinhos cantando felizes,
Afinam vozes no voo, tão gentis e graciosos,
Bebendo dos lírios o doce orvalho,
Vêm pela manhã saudar-nos com agrado.

Raios de sol, como joias a luzir,
Afastam as sombras da noite a fugir;
Crianças dançando, alegres e livres,
Enchem o ar de risos e viveza infindes.

Flores, doces flores, e passarinhos também;
Doces crianças, tão amadas e de bem,
Fazem do mundo um céu só para nós,
Belo e feliz, sem grilhões nem nós.

A Fada

Uma pequena fada dormia, serena,
Dentro de uma concha pequenina;

Uma borboleta velava-lhe a cena,
Guardando-a com atenção divina.

Abanava-a com asas de seda fina,
Até que sonhou com o Céu radiante,
Onde anjos cantam em paz cristalina,
E o Amor é dádiva constante.

Era delicada, doce e bela,
Com brilhos nas asas de neve,
E luz do sol a dourar-lhe a estrela,
Nos cabelos onde o encanto se escreve.

Sonhou com rosas de perfume doce,
Com especiarias e lírios a sorrir,
Até que a manhã, suave e precoce,
Veio com orvalho a despertá-la a sorrir.

Quando acordou, a borboleta se curvou,
Num gesto de nobre adeus,
“Deixo-te agora, oh Rainha Fada,” falou,
“Levo no coração suspiros meus.”

Doces Sinos a Tocar

Os sinos de Natal estão a soar, querida,
Ressoam agora para ti e para mim;
Alto e suave, ecoam pela vida,
Sobre toda a terra, sobre todo o jardim.

Falam de paz e alegria sem medida,
De luz celeste e amor divino,
De bênçãos que nada aniquila,
Vindas do céu mais cristalino.

Os sinos de Natal anunciam,
Por terra e mar, sua melodia,
De norte a sul, de leste a oeste, proclamam,
O hino de Deus e a liberdade que irradia.

CORO:
Doces sinos a tocar, doces sinos a soar,
Doces sinos de Natal, tão claros no ar;
Em todo o coração seu canto vai ecoar,
Doces sinos a tocar, doces sinos a soar.

Hino da Páscoa

Através da sombra do Desespero,
Temível com seu luto sem pranto,
Morte e Terror, espreitando severo,
Que estrela alguma ilumina no entanto,

Chega a mensagem, doce e clara,
Com poder místico a vibrar,
A Vida a vitória declara,
O Homem desperta ao novo despertar!

A Verdade triunfa sobre o jazigo,
O Amor, vencendo a sombra e a morte,
À Terra acena com seu abrigo,
Sorrindo com fôlego eterno e forte.

A Vida é sempre suprema e viva,
"Ele ressuscitou" no seu poder,
Lírios da Páscoa, de alvura altiva,
Em suas vestes de luz a florescer.

A Vida, majestosa, reina sem fim,
O Amor eterno molda cada hora,
A Morte cai num só clarim,
A Verdade eternamente vitoriosa aflora!

Sinos da manhã pascal, tocai,
Ao mundo cantai vossa canção,
"Tidings of great joy" levai,
Ao Universo em renovação.

CORO:
A Vida é sempre Senhor e Rei,
A Verdade, no trono, segura está;
Sinos da Páscoa, cantai a lei,
"O Amor, para sempre, reinará!"

Eternidade

Para além de todo o dizer mortal,
Maior que qualquer voz terrena,
Mais alta que a música triunfal,
Mais rica que a lição serena,

Está a Eternidade, o tema dado
Que hoje me pedem para cantar,
Mais belo que o sonho mais sagrado,
Mais grandioso que a luz a brilhar.

Pois a Eternidade nós sabemos
Estende-se de costa a costa,
Do Universo, cujos acenos
De luz e glória são resposta;

E entoa um cântico mais doce ainda
Que a alma humana possa ouvir,
Mostrando, em cada dor que finda,
O Amor que afasta todo o sentir.

Para cada alma curvada de mágoa,
Para cada peito em aflição,
Haverá um amanhã sem fragas,
Com alívio e doce consolação;

E quando as sombras da noite vierem,
A tua alma ainda poderá escutar
O cântico dos anjos que te querem
Preparar para a vontade de Deus abraçar.

E assim passará do mundo mortal,
Para mundos divinos e livres,
Atravessando o dourado portal
Da Eternidade que tudo vive.

Ali crescerá em esplendor profundo,
Mais belo que qualquer visão sonhada,
Na Vida divina, em amor fecundo,
Onde a glória suprema é revelada.

Por isso, amigo, digo-te hoje,
Que a Eternidade é segura e certa,
Todos podem alcançar a luz que foge
Se a alma for pura e desperta.

Sempre avante, sempre a subir,
Para a terra da ventura divina,
Onde almas de amor vêm instruir
E entrelaçar outras que o mal domina;

Sim, com missão sagrada e santa,
Dão-lhes paz para prosseguir,
Mostram, em visão que encanta,
Como ao erro se pode resistir.

E sobre tudo, o Céu sorrindo,
Com a Eternidade à vista clara,
Cada alma sobe, sem engano ou findo,
Ao éter azul que tudo ampara.

Assim dizemos: cada um há de encontrar
A doce Eternidade, enfim,
Deixando para trás o pesar,
A alma ganhará mais força, assim;

Pois a Eternidade vai brilhando,
Dia a dia, e mais além,
Para a alma que vai semeando
O fruto justo, puro e de bem.

Aspiração

Para sempre, sempre, na luz do Bem,
Da Verdade e da Simplicidade pura,
Assim encontraremos o mais alto além,
Que a Deus nos leva, na altura segura.

Pois, ao subir pelo caminho nobre
Do sacrifício e do dever fiel,
Vemos que a vida sentido descobre,
Mostrando o que há de mais belo no céu.

Sigamos, então, com passo seguro,
Um dia de cada vez, com seu labor;
Se os nossos motivos pesarmos de futuro,
Acharemos o caminho do Amor.

Se a Aspiração nos levar avante,
Buscando o justo e o verdadeiro,
O alvo da Sabedoria é deslumbrante,
E o Céu virá ao nosso roteiro.

Meditação

A alma canta divinamente
Apesar da dor e do cuidado;

Subindo nas asas do éter fluente,
Respira o ar alto, purificado.

Na doce e santa meditação
Sente todo o bem que existe;
E vozes de anjos, na suavidade então,
Repetem a alegria que persiste.

Quando o tumulto e a luta do mundo
Se afastam, deixando a alma em paz,
E o contentamento, no íntimo profundo,
Àcalma o coração que se refaz;

Assim, no silêncio da meditação,
Bendita, sem derrota alguma,
A alma encontra perfeita consolação
E repousa na luz que a perfuma.

A Vida Interior *(Agnes O. Wink)*

Há uma vida interior, oculta ao mundo,
Em cada alma que aqui vive e sente,
Vivida em silêncio, num ser profundo,
Que nem aos mais amados se consente.

Ao verdadeiro eu é sempre leal,
Pois ali não há fingimento;
E a vida exterior é o que afinal
Se mostra, seja clara ou de desalento.

Ali, pensamentos ao peito afluem,
Sem gesto ou palavra a se revelar;
Ali, dores e mágoas perduram, e fluem,
Sem que um gemido se possa escutar.

Há esperanças e anseios que enchem o peito,
Que revelam a ambição de subir,
Para atingir o cimo do saber perfeito,
Enquanto o fogo da vontade a ardir.

Há desilusões, cortantes e fundas,
Como setas de veneno cruel;
Há preces a um Poder que nos inunda,
Do coração ferido a romper o véu.

E lágrimas, que sem convite descem,
E denunciam a luta interior,
Mas que, no rosto, jamais se tecem,
Sob a máscara de um viver exterior.

Pois um sorriso pode o olhar acender,
Enquanto o coração é dilacerado;
E uma mão que fere pode sofrer,
Mesmo no ato de ter golpeado.

Um vil sem alma, em traje real,
Pode no mundo a realeza ostentar;
E um anjo, sem lar e bem material,
Nos olhos de um proscrito pode olhar.

Por isso é sábio não condenar ninguém,
Pois a vida que vemos é só uma parte
Do Todo que existe, imenso e além,
Que pela eternidade cumpre sua arte;

Mas há olhos que o véu podem rasgar,
E ver o ser real, no seu fundo;
E forças que não deixam de amparar
Enquanto o poder interno é fecundo.

Quando a vida exterior com a interior se une
Em doce e sublime harmonia,
A paz mais profunda sempre impune
Será da alma a divina heresia;

E a luz romperá em fulgor dourado
Da vida celeste a nascer,
Onde o Eu interior é coroado
Pelas lições que na Terra veio aprender.

CAPÍTULO QUARTO
A CONSTRUÇÃO DE UM TEMPLO E A SUA DEDICAÇÃO

No verão de 1899, Nannie disse-nos que, na parte do Mundo Espiritual onde ela e os seus companheiros viviam, ia ser erguido um imenso Templo, e que cada pessoa naquela região deveria contribuir com algo para essa estrutura. O objetivo do edifício era “acolher” crianças pequenas que tinham sido órfãs e abandonadas na Terra, e que seriam levadas para o mundo imortal por cuidadores e professores dedicados, para serem amadas e ensinadas com ternura.

O Templo, na vida espiritual, seria conhecido como a “Grande Mãe”, cujos braços protetores abrigariam e protegeriam os pequeninos, mas para nós e outros deveria chamar-se “O Templo de Vesta”. Com o passar do verão, a pequena mensageira manteve-nos informados sobre o progresso da obra. Cada professor, cada criança do país, todos os trabalhadores — muitos deles nativos índios inteligentes e evoluídos — levaram algo de si, da sua força magnética e elementos pessoais, para ser incorporado nessa maravilhosa estrutura “não feita por mãos, eterna nos céus”.

Segundo o método daquela terra maravilhosa, combinando elementos e magnetismo humano, o material para o Templo foi formado, e garantiram-nos que a sua conceção seria mais perfeita e bela, em todas as partes e ornamentos, do que qualquer edifício terrestre — tão perfeita que nem pena nem língua poderiam descrever a sua utilidade e grandiosidade. Até as mais pequeninas crianças do jardim de infância levaram algo do seu próprio trabalho para servir o Templo. Cientistas, artesãos, artistas de todas as áreas (incluindo escultores e designers), músicos — todos membros dessa grande Fraternidade de Almas — ofereceram algo de si, do seu saber, da sua arte e do seu amor para a construção do Templo.

Disseram-nos que um Templo assim poderia ser erguido num único dia pelos grandes arquitetos e cientistas do Mundo Superior, se assim quisessem; mas esse não era o objetivo. O propósito era que o crescimento fosse mais lento, permitindo que cada inteligência tivesse tempo e oportunidade para soprar na sua formação um hálito pessoal de amor e interesse, que o tornasse um memorial duradouro do Divino na Humanidade, e de onde os alunos e internos do Mundo Inferior pudessem absorver influências de amor doce e bênção.

Por fim — e, no entanto, tinham passado apenas algumas semanas desde que nos falaram do início — veio a notícia de que o Templo estava concluído, e que iria ter lugar a sua Dedicação, cuja glória ultrapassaria qualquer coisa que a Terra pudesse conhecer. Recebemos algumas pistas e tentativas de descrição, mas confessaram-nos que a nossa linguagem e formas de comparação não continham nada que pudesse transmitir-nos uma ideia adequada daquilo.

Nannie disse, porém, que podia contar algo sobre o festival das crianças que faria parte das cerimónias. Anunciou que a celebração teria lugar em outubro e convidou os sensitivos do grupo a assistirem, pois o festival infantil aconteceria enquanto os nossos corpos dormissem.

Disse que o poeta no Espírito, John Critchley Prince, iria criar uma opereta intitulada *Um Devaneio Silvestre*, na qual cada participante teria de compor a sua própria parte segundo o papel que lhe fosse atribuído; todos seriam vestidos de acordo com a personagem e deviam representá-la plenamente. Não haveria ensaios, e o compositor, Sr. Prince, esperava que as crianças fizessem o seu melhor e que as suas partes se encaixassem no conjunto da peça musical.

Nannie disse que seria “A Princesa da Aurora” e que teria de cantar as palavras da sua parte “diretamente da minha própria cabeça”. “Acho” que consigo, disse ela, “mas vou ter de esperar para ver.” Acrescentou que teria também um breve papel como “Uma Criança do Destino” e que precisava de um poema para isso.

Na manhã seguinte ao evento, reunimo-nos à mesa do pequeno-almoço e perguntámos uns aos outros pelas nossas experiências noturnas. O Professor não se lembrava de nada — tinha dormido profundamente, sem memória dos sonhos. A “Senhora-Mãe” tinha uma vaga recordação de algo agradável, mas como passara a noite meio insone, o seu testemunho não contou.

Miss Wink lembrava-se com mais clareza: sentira-se num grande parque com belas árvores iluminadas por cores encantadoras e cobertas de flores delicadas; ali vira muitas crianças vestidas com roupas diáfanas, cada uma representando uma flor. Uma menina de olhos escuros recitara-lhe uma linda canção, enquanto as crianças, no sonho, passavam entre as árvores com grinaldas de margaridas, cantando. Miss Wink repetiu-nos parte do poema que ouvira:

Com correntes de margaridas brancas,
De campos de flores vivas e francas,
Onde zumbe o inseto feliz,
Das florestas cobertas de musgo viemos,
Em obras de amor nos detemos —
Aqui estamos, diz o que quis.

Nosso trabalho é fazer
O melhor que possamos dar
A todos, sem escolher;
Do nosso lar silvestre vimos chegar
Com corações alegres, ao dever responder.

Ao jantar, Nannie disse que a menina era a sua amiga Stella, de quem Miss Wink tinha aprendido a canção das margaridas. Depois deu-nos um relato vívido da Dedicação e das festividades, dizendo que vários amigos sensíveis, em espírito, tinham estado presentes enquanto os seus corpos terrestres dormiam. Cantou-nos então, como criação sua — letra e música — o seguinte:

A Princesa da Aurora

Sou a Princesa da Aurora,
Meus pés calçados de luz dourada,
Corro à frente da manhã que aflora
Com passo vivo e alma alada.

Abro de par em par os portões do Dia,
Acordo as flores com beijos de amor,
Encho-lhes taças com a magia
Do orvalho das grutas de fada em flor.

Venho banir o medo e a dúvida,
Colorir o céu do oriente,
Com tons rosados de promessa fluida,
Pois à minha ordem a sombra é ausente.

Procuro o passarinho no seu ninho,
Conto-lhe as glórias raras da serra,
Do vale doce e do cume vizinho,
Da Natureza, formosa e eterna na Terra.

Sou Aurora, Donzela da Manhã;
Adoro adormecer as estrelas com beijo gentil,
Bebo um gole do corno da Lua,
E salto da onda do mar sutil.

Desço da montanha, atravesso o vale,
Pelos bosques frescos vou a passar,
Sobre cidades e o que nelas vale,
Com pés silenciosos a tudo tocar.

Nunca a sombra ousa ficar,
Nem dor, nem medo, nem tristeza;
Tudo isso vem a se dissipar,
Pois sou Princesa da Luminosa Beleza.

Meus lábios cantam em tom rosado,
Meus cabelos são de ouro em fulgor,
Meus dedos, como coral tingido e delicado,
Pois sou a Princesa do Amanhecer de cor.

Coro:
Sou a Princesa da Aurora,
Meu trabalho é enfeitar
A orla da Noite com luz dourada,
E o caminho para o Dia traçar.

A Criança do Destino

Sou uma Criança do Destino,
Nenhum poder me rouba o lugar;
Livre ou presa, baixo ou divino,
No espaço tenho o meu ar.

Pertence-me só a minha missão,
Nenhum outro átomo a pode cumprir;
Do trono da Criação
Recebi-a pela Vontade a sorrir.

Criança do Destino, eu vagueio
Por terra e mar, onde eu quiser,
Em todo o canto o lar recreio,
Pois harmonia é o meu viver.

Olho o futuro sem receio,
Pois sei que não me poderá trazer

Um golpe que roube o que é meu
Nem ordem que me impeça de ser.

Criança do Destino é o Homem,
Um rei num trono real,
Parte do plano nobre que o envolve,
Nada lhe tira o direito imortal.

Tem o poder de criar e ser,
A alma que sobe em asas sem véu,
A mente forte, livre a vencer
Tudo o que impeça a chegada ao céu.

Sou uma Criança do Destino,
De raça humana sem temor;
Meu fado é subir, caminho divino,
E ver cada espaço entre as estrelas em flor.

Ó Destino, soberbo e grandioso,
Nenhuma língua te há de diminuir;
Tua mão sempre firme e glorioso
Guiar-me-á pelo porvir.

Depois da dedicação do Templo de Vesta, muitas vezes fomos presenteados com descrições da bela obra ali realizada. Disseram-nos que o edifício contém departamentos de arte, música e outros métodos de ensino, além das Secções Maternas ou de Berçário, onde os pequeninos são cuidados tal como os bebés afortunados da Terra.

Nannie explicou que, naturalmente, na vida espiritual não há necessidade de edifícios para abrigo contra o calor, o frio ou a tempestade, e que as crianças vivem, em grande parte, ao ar livre; mas que a construção de tais estruturas reúne, num só núcleo, uma concentração de força magnética e de amor que serve para o abençoado treino útil dos jovens e para a cura daqueles que chegam ao mundo espiritual espiritualmente encolhidos e atrofiados pelas privações ou terríveis condições da vida terrena.

Assim como há mais coisas no céu e na terra do que sonha a filosofia terrestre, tudo pode ser verdade no que os queridos mestres espirituais nos têm dito — não apenas sobre a vida e as suas condições no mundo espiritual, mas também sobre a ajuda que os mortais, naturalmente magnéticos, simpáticos e harmoniosos, podem dar aos professores, curadores e missionários espirituais no seu trabalho junto das almas

presas à Terra, que ainda não alcançaram os reinos mais elevados de paz e felicidade.

Foi-nos falado de outro Templo, mais pequeno e com fins diferentes dos do Templo de Vesta, mas igualmente belo e importante. Diz-se que se encontra no que se pode comparar a uma bela ilha no meio de águas claras e cintilantes, onde há casas de alguns trabalhadores missionários que amam e trabalham pela humanidade. Este templo chama-se “O Templo do Lar da Ilha” — dito ter sido erguido por um antigo atlante e outro membro do seu grupo, em cooperação com dois sensitivos ou médiuns ainda na Terra; durante o sono físico, estes médiuns eram transportados para o local e ali davam dos seus elementos e magnetismo para a construção desta joia entre os templos do céu.

Este templo é aberto de todos os lados e brilha como uma pérola à bela luz da atmosfera; no centro há um disco ou instrumento solar que, por vezes, gira, gerando e distribuindo, a longas distâncias, raios e faíscas de luz elétrica e força magnética. Este poder pode ser enviado e concentrado sobre espíritos infelizes e aflitos nos mundos inferiores, para os estimular a uma vibração mais ativa que lhes permita ascender a condições mais elevadas e melhores; ou pode, conforme a vontade, ser dirigido para doentes e sofredores de mente ou corpo na Terra, para seu alívio, e muitas vezes para a manifestação de dons psíquicos.

Noutra parte deste volume falaremos sobre “germes da alma”; mas aqui mencionamos que nos foi dito que, neste delicado Templo do Lar da Ilha, germes da alma foram colocados nos raios do Disco Eletromagnético e receberam dele forças especiais, podendo permanecer ali meses ou até anos, sendo sempre destinados a um desenvolvimento específico para trabalhos e fins como seres humanos na Terra, quando chegar o tempo para a sua gestação, nascimento e crescimento neste mundo físico.

O disco solar é carregado apenas com magnetismo humano e mantido ativo pelo poder de vontade das inteligências responsáveis por ele. O seu poder é utilizado unicamente para o bem humano, e inteligências antigas, colaborando com outros humanitários de tempos modernos, têm não só este trabalho em mãos, mas incontáveis outras obras de bênção para a humanidade.

Existem multidões desses seres empenhados em fazer o bem, e pelos seus esforços, combinados com os das almas avançadas na Terra, a humanidade será conduzida para fora da escuridão da ignorância de si mesma e da corrupção, rumo à glória do conhecimento e da sabedoria,

em que cada homem conhecerá a si próprio e todos se unirão como uma só unidade em vidas divinas ou de bondade.

A única dificuldade — somos informados — em trazer para a Terra a conceção e o conhecimento da vida nas esferas exteriores, onde as almas avançadas cumprem as suas tarefas e missões, é a falta de símiles e de linguagem que possam ser adaptados à nossa compreensão; mas afirmam que, antes que muitas décadas passem, o homem terá adotado novas linhas de pensamento e perceção que lhe permitirão entrar em contacto mais próximo com os sábios desencarnados e compreender suficientemente as suas obras para aprender com elas. Muito desse conhecimento virá a mentes despertas na Terra através das experiências e condições durante o sono físico; a memória será então capaz de reativar as vibrações latentes que registaram a experiência no eu interior, permitindo transmiti-la através do cérebro mortal.

O princípio fundamental e o poder do Espiritualismo é a mediunidade. Médiuns são sensitivos que conseguem captar e refletir a luz, o magnetismo ou as cenas e condições das esferas espirituais; alguns são videntes ou clarividentes, com a visão interior aguçada pela influência de espíritos, a ponto de poderem ver e interpretar as cenas e pessoas de outros mundos e descrevê-las aos habitantes da Terra; alguns são clariaudientes, com o poder de ouvir vozes e sons espirituais impercetíveis ao ouvido comum. Há médiuns que se deixam facilmente entrar em transe pela influência psicológica de espíritos e, nesse estado superior, o seu organismo é tocado como uma harpa de muitas cordas, emitindo o conhecimento ou expressão que a inteligência comunicante inscreve no cérebro sensitivo.

As manifestações físicas requerem um excedente de magnetismo, e de um tipo refinado de emanação física do médium, para constituir o material de expressão; estas substâncias, embora invisíveis ao olho mortal, servem de matéria-prima para o trabalho espiritual neste campo da química. Os trabalhadores são cientistas ou estão sob a direção de mentes científicas das esferas espirituais.

Toda a mediunidade é exata e só pode ser utilizada e exercida sob a operação da lei natural. Existem muitos espíritos ignorantes que não compreendem a lei e a operação da química ou de outras ciências, mas que, mesmo assim, tentam interferir com os médiuns e a mediunidade, podendo, nas suas experiências, causar grande dano ao instrumento

sensitivo. Assim pode ocorrer obsessão, ou o médium pode ver a sua saúde prejudicada e as forças nervosas exauridas, sem benefício próprio ou para a humanidade; pode surgir enfraquecimento das faculdades psíquicas por se brincar com as forças subtis do cérebro e da aura, resultando numa mediunidade sem vigor mental ou mesmo sem fibra moral.

Médiuns nestas condições não estão aptos para qualquer trabalho público, mas com frequência aparecem em palcos ou noutros espaços, para serem ridicularizados pelo público e enganados por crédulos incautos. Até que a mediunidade seja estudada e compreendida por mentes científicas na Terra, treinadas na investigação, experimentação e análise rigorosas, o mundo não conseguirá extrair o melhor que o Espiritualismo pode receber da vida superior. Não esperamos que um rio turvo reflita fielmente qualquer imagem nele projetada, nem devemos esperar que médiuns com visão distorcida retratem com exatidão as cenas luminosas do mundo espiritual.

Sensitivos que vivem em meio a turbulência e inquietação, cheios de ansiedade pelas necessidades do corpo, sofrendo dores físicas e mentais, não podem refletir com clareza e beleza o pensamento de seres de vibração mais alta e vidas cheias da santidade de uma serenidade inspirada. Todos os médiuns deveriam estar afastados da multidão egoísta, longe da curiosidade, da busca de proveito e da avareza, colocados em cenários belos e paisagens inspiradoras, cercados de obras de arte, abençoados pelo ministério de almas sábias e amorosas de ambos os lados da vida, e livres de preocupações quanto ao sustento. Essas são as condições que, no mundo espiritual, se asseguram aos médiuns.

“Mas existem médiuns no mundo espiritual?”, perguntam-nos amigos terrenos. Sim, certamente; médiuns humanos para a transmissão de conhecimento, sabedoria e bênção não só para mortais, mas também para espíritos de mundos menos refinados e avançados do que aqueles de que fazem parte.

No Templo de Vesta, há — dizem-nos — o que se pode chamar de câmara de sessão, um verdadeiro “Santo dos Santos”, onde sensitivos recebem inspiração e informações diretas de habitantes de mundos tão avançados em relação ao planeta espiritual onde se ergue o Templo, que estes mestres possuem vasto saber, parte do qual podem transmitir às esferas abaixo para orientação e instrução de almas humanas.

Não gostamos dos termos “alto” e “baixo” quando aplicados a mundos espirituais — talvez “exterior” e “interior” fossem mais exatos — mas usamos aqui as palavras mais familiares aos nossos leitores. Há muitos locais de sessão nos mundos espirituais, assim como no Templo de Vesta; neste último, os médiuns são-nos mais conhecidos que os de outras regiões. As condições dadas aos sensitivos são das mais puras e inspiradoras — ambientes belos, companhias harmoniosas, silêncio e serenidade. O lugar respira elevação e crescimento espiritual, e os ensinamentos recebidos ali — sobre a Vida e as suas utilidades, sobre planetas e as suas condições, sobre aspetos diversos da ciência e suas demonstrações — destinam-se à educação dos alunos, ajudando-os a tornarem-se também professores para as muitas almas necessitadas que podem alcançar.

Podem também ser dadas manifestações de esplendor radiante por parte de seres elevados e invisíveis dos mundos avançados. A manifestação conhecida entre os mortais como “materialização” é extremamente rudimentar quando comparada com a maravilhosa irradiação de poder e concentração de força que os antigos filósofos expressam ao manifestar-se na presença de médiuns no mundo espiritual; e, por meio dessas expressões, estudantes científicos dos planos superiores conduzem experiências com médiuns terrenos para benefício ou instrução dos mortais.

Os espíritos utilizam a mediunidade unicamente para trabalho educativo; mas, na maioria das vezes, os mortais não se aproximam do sensitivo ou da sala de sessões para aprender ou ser instruídos, mas apenas para serem consolados, se estão em luto; entretidos, se estão entediados; ou satisfeitos, se movidos pela simples curiosidade.

Assim, dizemos que apenas a mente científica pode definir e interpretar corretamente a mediunidade, e procurar as melhores regras de orientação e de proteção deste trabalho psíquico, pois só ela busca a educação por vias exatas de investigação e experimentação; não que queiramos privar o povo comum das consolações, da influência e das bênçãos gerais da comunicação espiritual através do psiquismo; pelo contrário, desejamos que tenham pleno benefício do Espiritualismo no seu sentido e qualidade puros e não adulterados, mas queremos que os médiuns, os sensitivos, sejam colocados ao cuidado de quem saiba protegê-los e resguardá-los, proporcionando-lhes as melhores condições e companhias, ambientes e recursos que os impeçam de sofrer qualquer aflição mental ou física; em suma, tratá-los como se tratavam os oráculos

de antigamente ou como são tratados os sensitivos das Esferas Espirituais, no Templo de Vesta e noutros santuários da vida superior.

Foi-nos dito que, por vezes, alguns dos médiuns que ainda vivem em corpos mortais são transportados, em espírito, para as salas de sessão de Vesta e de outros templos e, sob essa influência, as suas vibrações pessoais são suficientemente aceleradas para colocá-los em contacto com seres de esferas ainda mais divinas, que então utilizam esses sensitivos para transmitir a outras almas luz e compreensão sobre vários assuntos do pensamento e estudo humanos. Embora todos os habitantes do planeta espiritual sejam, em maior ou menor grau, sensíveis às vibrações mais elevadas dos mundos mais grandiosos, nem todos servem como médiuns de comunicação entre o seu mundo e outros; por isso, certos sensitivos especiais são úteis nas escolas de Além.

O estudo da mediunidade é vastíssimo — desde compreender como se produz o pequeno “toque” ou batida, capaz de desafiar o mundo à investigação de uma lei desconhecida ou oculta, até reconhecer que este contém em si o potencial e a força de comunicação inteligente com mundos invisíveis de pensamento e ação. É um tema para pesquisa profunda. Que os espíritos produzam a batida com a mão ou o dedo pode ser questionado. Foi-nos dito que o som ténue, embora denotando inteligência, é produzido pela explosão de uma certa força reunida pelo operador no mundo invisível; que esta força é potente na sua ação responsiva à vontade do manipulador, e que, ao ser libertada, produz a detonação que os mortais ouvem e chamam de “batida espiritual”.

A produção de escrita em ardósias fechadas, sem contacto da mão humana no plano físico, pode vir da mão de uma inteligência espiritual, mas é mais frequentemente feita por essa inteligência através de processos elétricos, exercendo o seu poder de vontade para “fotografar” mentalmente a mensagem na ardósia ou folha de papel; o mesmo sucede com pinturas produzidas independentemente pelos espíritos — não com pinceladas de escova ou dedo, mas por impressão instantânea da figura sobre a tela, sendo o operador habilidoso a “estampar” toda a imagem de uma vez, embora o observador possa apenas perceber a tela formar-se lentamente em cor, contorno e forma, à medida que a sua perceção se ajusta gradualmente às vibrações do trabalho.

Uma materialização é construída a partir das emanações do médium e de espíritos de ambos os lados da vida, mas não é o corpo espiritual da entidade que se manifesta; é apenas uma “carcaça” fabricada com

elementos aéreos para uso do espírito manifestante. Esse operador pode, ou não, ser aquele cuja aparência o corpo imita; pode ser uma personificação para benefício e agrado da inteligência que deseja que os seus amigos vejam algo semelhante à sua aparência terrena, para que pensem, estudem e cresçam; ou esse ser ansioso pode estar de facto a manipular o autómato para se mostrar aos seus amigos na Terra. Seja como for, é uma manifestação maravilhosa, digna de exame e estudo atentos.

CAPÍTULO QUINTO
MAIS ESTUDOS E REVELAÇÕES

Por agora, não entraremos em nenhuma explicação especial das revelações de Nannie sobre o trabalho na classe de “Rhama”; talvez tais coisas venham a ser relatadas na segunda parte desta obra, não contadas pela criança, nem como experiências desse professor, mas dentro da linha do ensinamento que os nossos guias espirituais nos querem transmitir sobre a vida que os seres progressivos levam para além do período mortal.

Pode, contudo, ser interessante aqui relatar algo que a criança nos disse sobre as suas visitas a um local espiritual onde, segundo ela, vivem os espíritos da raça negra ou “de cor”. De acordo com a sua descrição, trata-se de uma espécie de colónia desse povo, fundada numa belíssima região do planeta espiritual pertencente à Terra, com as mesmas atrações e comodidades naturais que uma latitude meridional, amena e fértil, da Terra poderia oferecer.

Ficámos surpreendidos com as suas declarações e perguntámos se as pessoas de cor não viviam na mesma parte do mundo espiritual que ela, e se não se tornavam logo brancas em aparência após a morte do corpo, uma vez que a cor é apenas do corpo físico exterior. Ela afirmou com firmeza que, embora haja muitos que foram negros na Terra e que vivem e se misturam livremente com os habitantes da sua esfera e clima, existem secções que apenas o seu povo habita; que essas secções recebem as almas progressivas da sua raça e lhes providenciam escolas, sanatórios e outros benefícios necessários; que homens e mulheres cultos e evoluídos dessa raça, que amam o seu povo, ali estão como professores, missionários, curadores e guias; e que existe ali um verdadeiro paraíso de conforto e beleza, sendo que muitos professores brancos e os seus alunos também gostam de os visitar.

Perguntámos então porque é que eles, os negros, tinham o que se poderia chamar praticamente de um céu separado, e ela respondeu que isso se deve à sua própria atração e gravitação interiores; que, embora haja negros que cantam e sonham com o céu e os privilégios do homem branco e ansiem pelo dia em que os alcancem, a tendência é permanecerem juntos, e a lei da vibração determina o seu destino; que só podem ascender em harmonia com as forças vibratórias da sua natureza; e que, embora aqueles que são progressivos e cultos possam deslocar-se para os lugares e lares dos irmãos brancos, se assim desejarem, a sua escolha espiritual parece ser continuar com o seu próprio povo, trabalhando para e com eles para um progresso e crescimento maiores, até que uma verdadeira fusão espiritual ocorra naturalmente.

Assim, ficámos a saber que a afirmação de que a morte nivela todas as castas não é uma verdade absoluta; que não se baseia numa veracidade eterna, e que é preciso mais do que o simples processo de passar do corpo mortal ao corpo espiritual para colocar todos os homens no mesmo plano — não que não haja um grande número de homens e mulheres brancos que não estejam mais desenvolvidos espiritualmente do que negros ignorantes; mas este não era o ponto da discussão. A pessoa branca ignorante ou viciosa só ascende ao seu próprio plano de vibração e de ser ao despir-se do corpo físico, e nem ela nem o negro vicioso estarão num estado ou lugar como o desta bela localidade e condição aqui mencionadas como a colónia negra.

O ponto é que foi feita — e mantida, apesar das nossas críticas e provocações — a afirmação de que estas raças preferem, ou são conduzidas pela lei da vibração, neste caso de gravitação, a agrupar-se entre si — não para sempre, mas durante muitos anos depois de deixarem as formas terrenas. A criança afirmou que o negro e outros povos de pele escura não se tornam brancos imediatamente ao passarem da Terra. Nós troçámos desta afirmação, e ela respondeu que os factos contrariavam todas as teorias. Os professores disseram-lhe que esses factos podiam ser explicados cientificamente, e que tudo, tendo a sua causa e origem, pode ser explicado e demonstrado cientificamente.

A explicação para o negro ou outra pessoa de cor conservar o tom escuro depois de deixar a Terra foi a seguinte: as vibrações do corpo e da mente emitem ambas uma emanação de matéria, embora esta não seja percebida pelo olho mortal, e essa matéria entra na composição do corpo espiritual. Quanto mais elevada e refinada for a força vibratória e a

emanação, mais etéreo e límpido será o corpo espiritual; e, embora as forças e atividades mentais tenham muito a ver com a formação do corpo espiritual, uma certa percentagem do magnetismo físico também entra na sua composição. No caso do negro, por exemplo, a substância pigmentária também tem as suas emanações ou ação vibratória, desempenhando um papel na constituição do corpo espiritual. Assim como a Natureza repõe, pouco a pouco, a matéria que forma uma cicatriz resultante de uma ferida sofrida na vida física, cada vez que os elementos se renovam, também a Natureza — ou a Vibração — repõe no corpo espiritual a cor e as características do corpo terrestre, o contorno dos traços e até a expressão, até que uma taxa mais elevada de forças vibratórias ative o indivíduo, moldando-o cada vez mais para o etéreo, momento em que os elementos inferiores são eliminados e os mais elevados, ou estritamente espirituais, absorvidos.

Assim, disse a pequena professora, passado algum tempo, o negro ou o índio acabam por se tornar brancos — e alguns já o fazem, os mais avançados em crescimento espiritual e desenvolvimento intelectual, antes mesmo de deixarem a Terra; os seus corpos espirituais são sempre compostos de elementos etéreos e de forças vibratórias rápidas, apenas levemente ligados às condições físicas pela linha magnética; estes são brancos, ou quase, de imediato, e podem gravitar para qualquer esfera avançada à qual estejam adaptados.

Mas a maioria é regida por forças vibratórias de níveis mais baixos, constituídas em grande parte por matéria, e deve assumir a cor que tinham na Terra, talvez num tom mais claro — nem sempre —, mas, se receberem e assimilarem facilmente o alimento mental e espiritual que os professores e missionários espirituais lhes oferecem, logo se tornarão mais claros na cor e mais brilhantes na aparência. A lição é que mudar de corpo não significa necessariamente mudar de cor ou de traços, tal como não mudaria se uma pessoa saísse da América para viver num porto estrangeiro.

Nannie descreveu algumas das suas visitas à arcádia da raça negra que conhecia, e como o seu povo parecia feliz; também a receção calorosa que ela e os seus companheiros receberam, bem como o trabalho que puderam realizar com algumas pessoas dali. Contou-nos ainda sobre a terra dos índios, onde miríades dessa raça vivem, organizados em classes conforme o seu grau de vibração mental ao chegarem a esse território, e, consequentemente, o seu nível de intuição e condição espiritual. Descreveu as escolas e instituições de formação ali existentes

e mencionou os nomes de muitos professores e missionários espirituais inteligentes e avançados que conduzem planos e métodos educativos — objetivos e subjetivos — para a iluminação e elevação espiritual desses povos.

Alguns desses trabalhadores entre os índios são pessoas evoluídas e intelectuais da própria raça, membros de diferentes tribos e conselhos; outros pertencem à raça anglo-saxónica, filantropos e humanitários que encontram aí o seu melhor trabalho. A criança disse-nos que, com o índio, tal como com o negro e outros, a cor e as características dos corpos que tiveram na Terra mantêm-se por algum tempo, determinando o seu estado no espírito, a menos que tenham sido suficientemente despertos, moral e espiritualmente, para alcançar um grau de vibração cuja força intrínseca, pela sua velocidade, elimine os elementos mais grosseiros do corpo espiritual, permitindo-lhe absorver os elementos mais finos e etéreos que pertencem a esferas superiores.

Nesses casos, o indivíduo — negro, índio ou branco —, no momento da dissolução do corpo físico, gravita para outros planos e corresponderá, em cor e textura de corpo, assim como em fibra moral e espiritual, aos restantes habitantes desses planos. Mas, nos estados ou colónias das raças de cor, permanecem aqueles que ainda não alcançaram, salvo professores e formadores, a ação vibratória que provoca a mudança de cor e de textura.

Aprendemos que o exterior — ou aquilo que, no mortal, corresponderia ao físico — tem menos poder de alterar estas vibrações do que a ação mental e espiritual; por isso, à medida que os impulsos e aspirações espirituais aumentam, que a inteligência se desenvolve e, com ela, o desejo de melhorar em tudo o que conduz ao bem, tanto mais o corpo é refinado e glorificado. As colónias são vastos centros educativos e de reforma, onde os tutores e guardiões se esforçam por oferecer apenas as melhores condições e as formas mais sábias de formação para o bem eterno daqueles que têm a seu cargo.

Quando a transformação positiva se completa nestes pupilos, e as vibrações aceleradas cumprem o seu papel de eliminar qualquer vestígio de cor escura e de aspereza nos traços, os seres progressivos podem ir onde desejarem, até onde a sua força vibratória os transportar — e nem mesmo um Arcanjo pode ir mais longe ou mais alto do que a sua taxa de vibração permite, embora essa taxa possa aumentar imensamente à medida que o conhecimento, a sabedoria e a aspiração avançam. O ser

reformado pode conviver com outras inteligências do seu plano avançado ou ajustar as suas forças de forma a não ter dificuldade em visitar planos de vibração inferior para ajudar os que lá vivem; mas os habitantes das esferas inferiores não podem visitar mundos ou planos de vibração mais rápida do que a sua, a menos que a sua natureza psíquica, sob a influência magnética temporária dos seus guias, seja levada a um estado anormal, no qual, por um instante, se tornem conscientes de uma condição superior e, na perceção ou sensação da alma, se misturem com as forças e contemplem os seres dessa condição mais elevada — tal como o clarividente na Terra pode ser elevado em consciência e visitar mentalmente um local distante enquanto o seu corpo permanece no leito habitual.

Nannie relatou-nos estas coisas como parte dos seus estudos sobre a Lei da Vibração, e disse que ela e outros eram conduzidos às colónias das raças mencionadas para que pudessem ter lições objetivas sobre taxas e graus de vibração. Neste mesmo campo, veio também informação sobre os corpos espirituais daqueles que tinham sido coxos ou deformados, ou de alguma forma mutilados no físico. Aqui, mais uma vez, a Lei da Vibração atua, e a mente, combinada com a natureza moral, tem a supremacia.

Não significa que, por o corpo mortal ser mutilado, o corpo espiritual também o seja, pois, embora as emanações e forças físicas forneçam algum material para a formação do corpo espiritual, se os atributos e a ação mentais e morais forem puros, límpidos e mais ativos do que os sentidos carnais e os seus desejos, a força aceleradora será no sentido do espiritual e atuará como um sopro purificador que afasta ou dispersa as emanações mais grosseiras, atraindo os elementos e átomos mais etéreos que formam um corpo verdadeiramente espiritual.

Assim, uma pessoa com forma mutilada ou distorcida na Terra pode assumir um corpo de luz, beleza e simetria ao passar para a vida espiritual, se tiver mais ativas em si as qualidades elevadas do espírito, como amor, simpatia, caridade, harmonia e bondade, do que as qualidades grosseiras de ódio, inveja e pensamento maligno; mas, se estas últimas predominarem, continuará com um corpo deformado e retorcido, podendo levar anos de treino e disciplina educativos e reformadores até chegar a um estado em que as suas próprias forças eliminem os elementos grosseiros “terrenos” e os substituam pelos elementos mais finos das almas avançadas e glorificadas que apenas acreditam em fazer o bem.

Mas há também outras aplicações desta mesma lei infalível da Natureza. Nenhum tribunal pessoal arbitrário decreta que uma alma suba a um céu glorioso e outra desça a um inferno atormentador. São as forças internas da vida, inerentes a cada uma das suas criações, desde o monádico ao humano, que determinam o estado e a condição de cada uma.

Esta força inerente atua como a Lei da Vibração, mas não é um poder estático; é evolutivo, pois tem as suas taxas e graus, e a natureza espiritual do homem, que é superior à física, acabará por triunfar na sua luta para alcançar a luz e entrar nas vibrações rápidas de uma consciência transcendentalmente bela e inteligente.

Existe sempre o impulso da alma humana para se elevar ao seu próprio domínio de luz, mas as condições e influências físicas podem mantê-la presa; daí a luta das eras e a lenta evolução da humanidade. Mas o trabalho prossegue, e, eventualmente, a humanidade alcançará a alta condição a que a força da alma pertence. No entanto, a lei é infalível e, como tal, deve cumprir plenamente o seu papel de disciplina e experiência nas vidas humanas.

Não é preciso ter uma forma mortal deformada para se encontrar com tal forma ao entrar na vida espiritual; pelo contrário, aquele que foi coxo aqui, mas que amou o próximo, foi bondoso e viveu retamente, assumirá um corpo belo “do Outro Lado”, enquanto o seu vizinho na Terra, que teve um corpo formoso mas viveu uma vida de engano e egoísmo, terá no lado espiritual um corpo retorcido e disforme, pois viveu uma vida unilateral, emitindo apenas as emanações próprias do estado animal; assim, a simetria e a delicadeza não terão parte no corpo que ele assumirá ao deixar o físico.

Os estudos das crianças do mundo espiritual parecem ser práticos e, tanto quanto podemos perceber, seguem um pouco o método das lições objetivas à juventude das nossas escolas mortais de graus avançados, tal como são conduzidas através da experimentação e pela observação direta e contacto com os ramos específicos de instrução prosseguidos; mas os processos são infinitamente superiores aos métodos da Terra, uma vez que não existe o sistema de encher o aluno de informação à força, nem a rotina extenuante que sobrecarrega a natureza mental na tentativa de competir com outros ou de ganhar posição no trabalho de classe.

Segue-se a inclinação natural da mente infantil, aplicando-se um treino que suprime as tendências falsas e desenvolve o talento e as faculdades

mentais ao seu melhor potencial. Pelo que soubemos, percebemos que a vida das crianças nas esferas espirituais é bela, elevadora e, em si mesma, extremamente instrutiva, e estamos convencidos de que, se os pais enlutados da Terra, cujos pequeninos foram levados para aquele país radioso, pudessem ver os seus queridos em plena felicidade, em estado de crescimento e progresso, cessariam de chorar e de questionar as verdades da vida eterna.

É claro que é desejável que as crianças permaneçam na Terra e adquiram a experiência deste estado de existência, pois esta é uma escola de preparação para outras cenas e outros graus de progresso mais além; mas, como multidões de pequenos já partiram da Terra, não é reconfortante saber que são amparados no reino espiritual e que a Natureza não lhes retirou as vantagens do crescimento em tudo o que é essencial ao desenvolvimento mental, moral e até corporal?

Quanto aos planos mais baixos da vida espiritual — aqueles para onde gravitam os seres verdadeiramente depravados ao se desfazerem da veste mortal, aqueles em que funcionam os espíritos efetivamente "presos à Terra" — teremos muito a dizer num capítulo posterior desta obra; mas, neste ponto, é apropriado assinalar que, nesses reinos inferiores ou puramente terrenos, não existem crianças. Nestes graus de vibração, e nas condições grosseiras que criam, apenas habitam pessoas adultas que se enraizaram nos elementos dos apetites carnais e no seu gozo; que viveram anos de rude egoísmo; ou que, de forma viciosa e gratuita, abusaram, torturaram ou perseguiram os seus semelhantes.

Não importa em que meios de estados físicos, condições animais ou impulsos herdados os bebés possam ter nascido: as suas primeiras tendências e pulsações vibram para o psíquico, para o espiritual; embora seja verdade que as suas primeiras expressões revelem falta de mentalidade, que as faculdades de raciocínio estejam por desenvolver no muito jovem, e que as faculdades morais não deem qualquer prova de existência, sendo toda a expressão física e exigindo apenas a satisfação dos apetites e funções relacionadas com o corpo — o que é uma disposição útil e muito necessária feita pela Natureza para que os pequenos não sejam negligenciados, e para que todas as forças e energias que contribuem para o crescimento e reprodução físicos tenham plena oportunidade de desenvolvimento —, também é verdade que o bebé vibra no domínio da força psíquica; todos os bebés são clarividentes; veem coisas não discerníveis pelos olhos mais

amadurecidos. Alguns perdem essa visão clarividente antes de atingirem os dois anos; outros conservam-na por mais tempo, mas poucos a mantêm ao longo de uma vida mortal prolongada, devido aos elementos mais densos em que se vão envolvendo pelo contacto com a matéria e com as perplexidades, trabalhos e assuntos materiais.

Não há crianças pequenas nas condições e reinos mais baixos da vida espiritual. Os elementos e as emanações dessas zonas são mais turvos do que os elementos e emanações deste plano, que são geralmente considerados “da Terra”; são grosseiros e densos e, em certos pontos e condições, podem ser comparados às emanações nocivas e sufocantes de um fosso de enxofre ardente deste mundo material.

Espíritos jovens e frágeis não poderiam permanecer em tais condições atmosféricas, nem teriam qualquer atração por elas; não poderiam gravitar para tais locais, pois a sua natureza vibratória conserva ainda força suficiente dos elementos e relações psíquicas de onde vieram à Terra para os impedir de ficarem presos e enredados na matéria, talvez da mais grosseira, permitindo-lhes, na morte, elevar-se naturalmente da argila para reinos de relativa pureza e paz, onde lhes são oferecidas vantagens de educação e cuidados amorosos para o desenvolvimento da mente e do espírito.

Lamentamos ter de nos conformar com a terminologia dos mortais ao representar as condições e planos da vida espiritual, pois tal não faz justiça ao nosso tema; por exemplo, tendes por hábito chamar “natureza animal” àquilo que é grosseiro e indecoroso nos atos dos homens, àquilo que é carnal e depravado. Isto não é correto, pois nenhum animal desce à devassidão de que o homem é capaz, e nenhum animal vibra em planos tão macabros como aqueles em que alguns seres humanos funcionam.

As bestas e aves que rasgam carne crua ou se alimentam de carniça, ou mesmo atacam e despedaçam corpos vivos, são o resultado da evolução no plano da força física e agem de acordo com o seu meio e com o impulso ou instinto interior; as suas vibrações acendem-se nos impulsos e desejos físicos, independentes de qualquer consciência ou inteligência mental; pertencem aos estados “terra, terrenos”; são fruto do desenvolvimento de eras, e neles a Natureza armazenou a sua energia e políticas agressivas.

NÃO PERTENCEM A ESTADOS ESPIRITUAIS, E NÃO TÊM LUGAR NESSAS ESFERAS, pelo que erramos até ao compararmos traços e

feitos mentais e físicos de humanos — que pertencem a estados espirituais — com as forças e expressões mais baixas da vida animal na Terra.

Há animais no mundo espiritual; mas, assim como não há crianças pequenas nos reinos mais baixos, também não há criaturas animais nessas condições grosseiras. Os animais que, através do desenvolvimento na expressão terrena, tenham alcançado estímulo e atividade mental suficientes para obter ligação com a vibração espiritual, têm lugar, consciência e atividade inteligente nos estados espirituais após a morte do corpo físico, e é perfeitamente verdade que um ser humano pode reencontrar o seu cão de estimação, cavalo ou outro animal inteligente e afetuoso que tenha amado e perdido, num plano de consciência espiritual muito mais avançado do que aquele que o animal ou o seu dono conheceram na Terra.

Não há animais nos planos mais baixos, porque as bestas que correspondem às emanações dessas esferas mais grosseiras não têm imortalidade consciente; foram fruto apenas das forças e elementos físicos do planeta Terra, no seu desenvolvimento, e pertencem apenas à matéria; é certo que possuem uma certa centelha de luz espiritual, que, em certa medida, é a origem da astúcia, inteligência e instinto que demonstram; mas essa centelha não é suficiente para estimular estas criaturas a pulsações morais e espirituais capazes de lhes dar um lugar numa existência consciente e duradoura.

São produtos brutos das experiências criativas da Natureza, produtos nos quais se utilizaram elementos e átomos à sua disposição e que eram demasiado bons para serem desperdiçados, mas não suficientemente refinados para entrar na composição de formas de vida superiores; foram dotados de impulso elétrico e força espiritual apenas bastante para os manter vivos até que a morte os reclamasse.

A força vital que os anima, sendo espiritual, não pode ser destruída, e permanece na atmosfera física até ser reabsorvida por outras formas animais um pouco mais adiantadas no desenvolvimento racial rumo à imortalidade — simplesmente o desdobramento da Lei da Evolução, ou, se preferirdes, a primeira atividade da lei da Reencarnação.

A Natureza, como a dona de casa humana económica, aproveita o seu material excedente, quer esteja a construir um mundo ou a desenvolver uma raça, e, na sua economia, não só transforma os vapores nocivos dos pântanos e charcos, os átomos e elementos crus de pó e argila, em

criaturas rastejantes, voadoras ou velozes, de vida e ferocidade, como também aproveita a ocasião para as colocar a caminho do desenvolvimento de formas mais elevadas, sem a necessidade de as preservar em estados de imortalidade.

Apenas quando os processos evolutivos desenvolvem formas com cérebros e potência motora suficientemente avançados para vibrar em linhas de atividade espiritual, capazes de registar consciência e inteligência nas funções mentais da memória, afeto e raciocínio — distintos do instinto, sendo este o simples impulso da lei da energia elétrica para suprir as necessidades corporais, e o raciocínio a operação do espírito individual para preservação imortal —, é que o estado e condição de imortalidade podem ser atingidos pela expressão animal.

Tudo o que pertence a essas formas brutas de vida animal deve ser trabalhado repetidamente em formas futuras e tipos mais elevados, até que o processo de refinamento e regeneração esteja completo.

Mas, e quanto ao homem? Já afirmámos que existem planos de consciência e função espirituais para seres humanos tão baixos e grosseiros nas suas emanações e matéria, que nenhuma criança pode aí habitar, e que são povoados apenas por aqueles que foram rudes e brutos na sua expressão terrena; há outros que, apesar de terem tido condições e vantagens mais favoráveis na Terra, alguns aparentemente refinados e instruídos, cultivaram e alimentaram tanto o seu supremo egoísmo ou interesse próprio que acabaram firmemente estabelecidos na esfera de trevas criada por tal indulgência, e, ao falecerem, simplesmente gravitaram para o lugar a que pertenciam, pois nenhuma alma pode alcançar um plano mais elevado do que aquele das vibrações com que se sintonizou, e só por processos interiores de crescimento mental e aspiração e desenvolvimento espirituais pode atingir um estado superior.

Mesmo as formas mais baixas de humanidade que alcançaram o estágio da imortalidade consciente têm dentro de si o poder e a potência da vibração e impulso espirituais e, pelo despertar dessas forças, através do desejo e esforço mental, o ser começa a eliminar os elementos mais grosseiros que o prendem a condições brutas, e a força desperta dentro dele para gradualmente se elevar a condições mais sublimes e a esferas mais etéreas, pela aceleração das suas atividades espirituais e mentais.

Noutro capítulo falaremos de raças que, nas suas formas mais primitivas, ainda não se vitalizaram suficientemente com o impulso e consciência

espirituais para atingir o estado de imortalidade; mas agora tratamos daqueles que já chegaram a esse estágio, mas cujas tendências mentais e egoístas — herdadas de traços semelhantes, embora difusos, nos antepassados e exageradas e cultivadas neles próprios, por um lado, e adquiridas e fomentadas egoisticamente para ganho pessoal, por outro — os trouxeram até à taxa de vibração que apenas pertence a estados grosseiros e carnais, e que só pode gerar aparências sombrias e atmosferas turvas.

A Lei da Evolução decreta que, quando o homem, como entidade e consciência humana, atinge o estado de experiência imortal, é capaz de trabalhar para a sua própria salvação das consequências das suas más ações e que, se tiver descido a profundezas de degradação suficientes para trazer as suas vibrações ao nível do bruto e grosseiro, deve permanecer nesse estado até aspirar, alcançar e crescer para níveis e condições mais elevados.

As crianças da vida espiritual, na substância, textura e qualidade, em todos os aspetos essenciais de crescimento e atividade, quaisquer que tenham sido as suas condições e ambiente na Terra, estão equipadas para estados mais avançados em comparação com aquele plano inferior e grosseiro; não que os muito pequenos possam entrar nos planos altamente avançados onde habitam os patriarcas das eras, pois as taxas de vibração e as condições de desenvolvimento aí só se alcançam após séculos de crescimento e realização mental, mas os planos e estágios intermédios, entre o grosseiro e os reinos etéreos mais afastados, podem ser escolas de educação e lares de amor para jovens, assim como para os mais maduros.

As condições e elementos que pertencem aos deserdados dos bairros miseráveis ou aos filhos do crime são eliminados das pequenas criaturas que deixam o corpo terreno pela vibração rápida que se estabelece nas suas naturezas espirituais sob a influência e força elétrica de inteligências elevadas que as tomam a seu cuidado.

Esta é uma obra benevolente por parte dos missionários, que trabalham movidos pela sua sensibilidade humanitária e pela sua simpatia pelos jovens; este trabalho impede que as crianças de progenitores grosseiros afundem nas condições e redes da grosseria estabelecida da esfera carnal. Nas suas curtas vidas mortais, não se tornaram tão submersas nessas condições nem tão enredadas nessas vibrações inferiores a

ponto de terem de permanecer nelas após a morte, mesmo que tenham contraído hábitos e expressões que recordam o chamado plano animal.

Para estas pequenas criaturas da humanidade, há uma mudança tremenda de vibração ao entrarem na vida espiritual; mas esta mudança não é produzida gradualmente, como acontece nos seres mais maduros, cujo progresso se dá por lenta e gradual melhoria da fibra moral e dos hábitos conscientes, através do despertar da consciência espiritual, motivado pela saturação na indulgência e expressão carnais. Pelo contrário, deve-se ao facto de os hábitos formados estarem mais à superfície física e as suas vibrações serem insuficientes perante a força das emanações psíquicas, e também porque os trabalhadores humanitários altamente desenvolvidos, exercendo força de vontade e influência magnética sobre as crianças, as atraem para uma esfera de felicidade, beleza e amor.

Até que uma criança terrena atinja os três anos de idade, não devemos esperar que mostre muitos sinais de consciência moral ou de expressão espiritual. Antes dessa idade, o pequeno é governado por considerações de interesse próprio, e as suas únicas manifestações de altruísmo são as que são motivadas pelo desejo de agradar aos pais ou a outros de quem espera cuidado e favor, e pela resposta que, quase invariavelmente, dá à influência das regras morais que os seus cuidadores exercem sobre ela no seu treino.

Quaisquer traços de carnalidade que a criança de tenra idade manifeste pertencem à carne; não são empenhados ou expressos de forma deliberada ou intencional, e não afetam negativamente o espírito quando este é liberto das influências materiais. Nem os mais crescidos, até aos catorze anos de idade, estão tão profundamente mergulhados no lodo a ponto de permanecerem aí no espírito; assim, nenhum que tenha vivido na Terra apenas duas vezes sete anos é encontrado sequer no estado imediatamente acima do mais baixo dos estados vibratórios humanos.

Crianças mais velhas estão nesse segundo estado — jovens cujas naturezas se fixaram positivamente nas forças vibratórias e ambientes do vício e do crime, suficientemente para ficarem fortemente impregnadas deles na fibra moral e na consciência. Mas este segundo estado oferece treino e oportunidades para o desenvolvimento mental ao longo de linhas corretas, para o crescimento de aspirações mais elevadas e para o despertar de impulsos espirituais em direção ao que é certo e bom. Assim, o estágio de ser que corresponde a um segundo grau de

desenvolvimento é povoado por almas que são mais ou menos felizes, conforme a sua consciência mental, mas que também são capazes de crescimento e progresso mais rápidos, podendo envolver-se em ocupações afins, através das quais desenvolvem os seus talentos e capacidades e se tornam úteis.

Nesta esfera, os jovens frequentam a escola, são treinados em várias direções de atividade mental e aprendem como ascender a planos mais elevados de poder e conhecimento; e este plano e os seus sistemas de utilidade podem ser comparados a institutos de reeducação e formação moral da Terra para a regeneração dos moralmente embotados — exceto que a esfera espiritual está muito mais avançada do que as instituições terrenas nos benefícios que oferece à humanidade.

Crianças muito pequenas não vivem neste segundo plano; por vezes são levadas até ele como mensageiras para o seu povo, mas não poderiam ali funcionar sem que os tutores e guias avançados as colocassem em condições para o trabalho, através de certa influência eletromagnética; e isto é feito em linha com a obra educativa e benéfica, pois o contacto de uma criança inocente e bela pode, por vezes, fazer mais por um espírito errante ou infeliz do que a mais elevada persuasão moral e influência espiritual de um ser maduro. A menos que os mensageiros espirituais provenientes do planeta-espírito, que pertencem à vida infantil, sejam colocados em condição vibratória para trabalho útil na esfera inferior, seriam invisíveis e insensíveis para os habitantes desse reino, e as suas visitas não teriam qualquer utilidade.

Por vezes, os seres missionários de reinos avançados são vistos apenas como um raio de luz penetrante pelos seres a quem ministram — uma luz que desperta os não desenvolvidos para novas conceções de correção e dever e que os torna inquietos e perturbados, mas que não lhes revela a sua fonte e poder, pois as suas vibrações são demasiado rápidas e elevadas para a compreensão dessas mentes inferiores.

O desconforto mental e a inquietação física produzidos por essa luz magnética penetrante dos espíritos ministrantes provocam uma mudança gradual na força vibratória dos necessitados, à medida que a consciência interior da lei moral e do desejo espiritual desperta, o que, por sua vez, traz a bênção benéfica do progresso e do crescimento das faculdades mais finas, através dos processos de eliminação, por um lado, e de absorção, por outro. Assim, o bom trabalho prossegue; ninguém está isento dele.

Uma vez que o ser humano, seja qual for a sua cor ou raça, nasce no plano mortal num estágio de evolução que o dota do impulso e da energia — ainda que mínima — suficientemente espirituais para lhe permitir gerar uma aura magnética, por mais fraca que seja, que forneça algo da força anímica necessária à formação de um corpo espiritual, ele está a caminho do progresso, e, assim que se desfaz do corpo físico, encontra-se no estado de Imortalidade como entidade sensível, por mais submerso que esteja nas vibrações e operações até dos estados humanos mais carnais.

CAPÍTULO SEXTO
O VALOR, A UTILIDADE E AS FUNÇÕES DOS MENSAGEIROS E GUIAS ÍNDIOS

Na história do Espiritualismo e da sua Mediunidade, os espíritos índios têm desempenhado um papel importante. Milhares de médiuns, em todas as fases de manifestação, tiveram os seus mensageiros e guias índios. Alguns destes espíritos mostraram todas as características da sua raça e das tribos a que diziam pertencer.

Muitos apareceram como filhos incultos das matas, tal como talvez fossem durante o seu período mortal, mas ainda assim amáveis, úteis e servindo como mensageiros muito fiéis e verídicos entre os dois mundos, ou como apoiantes magnéticos dos seus médiuns, ou como curadores de grande poder magnético para os doentes e sofredores que vinham às suas sessões em busca de saúde e força.

Tem sido frequentemente perguntado, por parte dos investigadores e estudantes de Espiritualismo, porque é que o índio seria necessário ao médium. Porque não poderiam espíritos de outras raças e climas, diferentes do índio norte-americano, assumir o encargo da mediunidade e do seu trabalho neste país?

Não que não tenham existido sensitivos que trabalharam, em público e em privado, para a difusão das verdades da nossa Causa, que ministraram aos coxos, mancos e cegos com a cura magnética dos seus poderes, ou que deram mensagens de consolação, de ânimo e de identidade espiritual a corações enlutados, e demonstraram o facto da imortalidade, sem terem qualquer inteligência índia a auxiliá-los nas suas nobres obras — mas estes são exceções à regra, e representam cerca de apenas um décimo do grande número de psíquicos que tiveram, e

têm, a sua mediunidade assistida e guardada pelas forças e inteligências índias.

Na nossa própria mediunidade, decorreram seis anos de experiência inicial e de trabalho para o mundo espiritual, como médium de transe para a transmissão de mensagens pessoais, antes que se desse qualquer sinal de presença índia vinda do outro lado. Um grupo de espíritos afáveis e cordiais, da nossa própria raça, tinha-se formado para conduzir o nosso trabalho a partir do lado espiritual; eram de, pelo menos, inteligência média, e, em capacidade intelectual, muito acima de qualquer demonstração de poder mental que tivéssemos visto de um controlo índio através de outros médiuns.

Durante esses seis anos, foram dadas milhares de mensagens espirituais individuais, diretamente a mortais inquiridores, através do nosso organismo, e foram recebidas muitas provas convincentes de identidade espiritual.

Ao princípio, achávamos estranho que nenhum espírito índio tivesse sido atraído para o nosso trabalho; depois tornámo-nos céticos em relação aos supostos espíritos índios, e chegámos a duvidar de que realmente trabalhassem com algum médium. Mas, durante esses seis anos de labor, a saúde e a vitalidade diminuíram, até que pareceu provável que a vida mortal estaria em breve a chegar ao fim. O exercício da mediunidade, para estranhos ou amigos, cessou, mantendo-se apenas os círculos caseiros para a família.

Acreditando que nunca mais voltaríamos a trabalhar publicamente com a nossa mediunidade, foi com grande surpresa que soubemos, numa das nossas sessões domésticas, que o nosso trabalho para o mundo em geral ainda não tinha começado; que iríamos ter um novo grupo de trabalhadores espirituais que nos tomariam a seu cargo para o desenvolvimento das nossas faculdades psíquicas, de modo a que estas fossem fonte de força e conforto para o nosso ser, e de utilidade através de muitos anos de labor público para a humanidade, em ambos os lados da vida.

O espírito que nos deu esta informação, escrevendo com a nossa mão, foi a Sra. Fannie Conant, a primeira médium do *Banner of Light*, e que, alguns anos mais tarde, foi a inteligência espiritual que mais nos ajudou a preparar-nos para o trabalho de portadora de mensagens na sala de círculo livre daquele estabelecimento, onde estivemos durante um período de catorze anos.

Naquela que, tanto quanto sabíamos, foi a sua primeira visita à nossa casa, a Sra. Conant afirmou que a nossa vitalidade e saúde tinham sido prejudicadas quase até ao ponto de uma invalidez crónica, pelos espíritos bem-intencionados mas não científicos que tinham usado o nosso organismo de forma tão constante, drenando-nos da vida magnética sem compreenderem a tensão sobre nervos e cérebro, e sem nos reabastecerem com vitalidade restauradora vinda do outro lado.

Declarou que era necessário fazer-se imediatamente uma mudança, e formar-se um novo grupo de guias e trabalhadores; que, embora este incluísse algumas almas humanitárias e inteligentes da nossa própria raça, cada uma com um trabalho especial a realizar connosco, durante algum tempo o poder maior se manifestaria por espíritos índios, cujas forças magnéticas eram necessárias não só para reconstruir no médium um novo suprimento de vitalidade e de saúde geral, mas que, em parte, seriam sempre precisas para o êxito dos seus trabalhos na Causa espiritual.

A partir dessa noite, e durante o inverno, começaram a manifestar-se outros espíritos, e formou-se um grupo no qual apareceram o Dr. John Warren, John Pierpont e outros dedicados trabalhadores pela humanidade, incluindo doze índios de diferentes nações e tribos, dez dos quais eram homens, e todos apresentados pela Sra. Conant, vinda da outra margem.

Imediatamente, o Dr. Warren e os índios começaram o seu trabalho magnético e curativo com o médium, elevando-o gradualmente a um estado de saúde e vitalidade com o qual poderia iniciar o seu trabalho público em várias direções para a Causa do Espiritualismo, trabalho esse que, desde então — quando este novo grupo foi formado — tem durado mais de trinta anos.

Algumas destas inteligências índias permaneceram connosco todos estes anos: Half Moon, o guia de confiança, cuja função é dar novas forças ao corpo físico fatigado e proteger o seu médium em tempos de perigo; Red Wing, o orador e conferencista, cuja grandeza intelectual não é ultrapassada por nenhum dos professores brancos que nos visitam do alto; e Swift Foot, o arauto e mensageiro, que pode proteger de formas peculiares a si próprio, e outros que são não só guardiões úteis como amigos valiosos. Assim que superámos a nossa surpresa pela chegada destes índios e aprendemos sobre o seu valor e capacidade, o nosso respeito por eles e pela sua missão amadureceu em amor pessoal por

eles. Para nós, cada um era uma identidade real, diferente em características e personalidade dos outros, e cada um tornou-se tão real para nós e para a nossa vida doméstica como qualquer dos membros mortais da mesma.

Com o tempo, Harebell, ela própria uma profetisa e vidente, trouxe-nos Lotela, a pequena criança viva e indomada das planícies, recém-chegada da sua vida mortal e com apenas alguns meses no mundo espiritual.

Lotela não era capaz de falar uma palavra da nossa língua, mas revelou-se rápida a aprender e, graças às oportunidades escolares que teve aqui com a irmã da médium, e às proporcionadas por Luther Colby, então veterano editor do *Banner of Light*, bem como ao treino recebido do outro lado pelo "Chefe Pierpont" e pela Sra. Conant, desenvolveu uma familiaridade extraordinária com várias áreas de instrução, bem como uma prontidão e adaptabilidade notáveis para transmitir mensagens de espíritos aos seus amigos terrenos — mensagens que levaram consolação, força e conselho a milhares de mortais.

A história do seu povo na Terra e da sua curta vida entre eles — pois tinha apenas sete anos quando partiu, tendo-se perdido e morrido de frio nas Black Hills, no Oeste — foi-nos revelada por Harebell, e um relato da mesma, com muitos pormenores interessantes, foi publicado noutros lugares.

Foi-nos mostrado que Lotela, sendo alguém que podia ser treinada como nossa mensageira, tinha sido trazida para fins especiais, cuja plena força se manifestava quando, nas nossas sessões públicas no *Banner*, ela transmitia mensagens para diversos espíritos que não conseguiam controlar pessoalmente a médium. Desde então, esta jovem índia também desempenhou um grande e duradouro trabalho de ministração espiritual a inúmeros mortais que amam a sua personalidade e admiram o seu labor, e temos prazer em registar brevemente a sua fiel dedicação à verdade e às necessidades da humanidade.

Dissemos que esta criança era rápida a aprender e a reter tudo o que fosse bom; a sua simplicidade inicial e o seu engenho natural despertavam grande interesse nos seus amigos mortais, que gostavam sempre de conversar com ela, e as suas muitas expressões e observações originais eram frequentemente repetidas e, por vezes, publicadas para interesse e entretenimento de outros. Mas Lotela não permaneceu criança; nem mesmo ao entrar na nossa atmosfera e taxas de vibração manteve as características e personalidade infantis. Pouco a

pouco passou do estado de meninice ao de jovem rapariga, e depois ao de mulher.

Nós, que lhe éramos próximos, não podíamos deixar de notar o seu crescimento ao longo dos anos e, embora tenhamos sentido nostalgia da transformação daquela criança viva e engraçada na mulher que agora conhecemos, não a trocaríamos de volta pelos seus dias e modos de bebé, por mais doces e interessantes que estes fossem.

Neste único exemplo do valor do guia e trabalhador índio, encontrámos resposta suficiente para a pergunta: “Porque controlam os índios os médiuns, em detrimento do nosso próprio povo?” A nossa gente, regra geral, não está apta, pelo temperamento, qualidade magnética e poder individual — por mais inteligente que possa ser — a proteger psiquicamente o médium das investidas de forças adversas, seja de que lado da vida for. Nem mesmo os espíritos da nossa raça, por mais que trabalhem com os mortais, conseguem impedir que os seus médiuns sejam esgotados de força nervosa e energia magnética enquanto estão sob o seu controlo, nem parecem capazes de reabastecê-los com a vitalidade de que necessitam para o seu bem-estar.

Os espíritos índios são filhos da Natureza, e sempre o foram. Vivem perto do coração da Natureza, respiram as suas forças e bebem das suas fontes de vitalidade. Estão cheios de magnetismo natural e podem transmitir essa força regeneradora aos médiuns sensíveis a quem são atraídos. O índio ama a liberdade; despreza as amarras e servidões da chamada civilização.

Ama as florestas e os rios, o ar livre, as belezas da onda do oceano ou da crista da montanha. É vitalizado pelo sopro da vida extraído dos reservatórios da força universal. Na vida espiritual, ele mantém-se o mesmo. Este país foi o seu lar durante incontáveis anos; o seu povo vitalizou cada recanto — hoje percorrido pelo homem branco — com o seu magnetismo pessoal. Deixaram a sua marca na própria atmosfera das nossas regiões e estados. Essa influência, subtil e invisível, veio para ficar; não podemos deixar de absorver algo do seu poder e uso.

Os médiuns são sensíveis a esta vida magnética; eles absorvem-na e atraem o índio. Naturalmente, ele ama a humanidade; não é inimigo da raça branca — na verdade, foi ele que primeiro recebeu o homem branco nestas terras. A sua benevolência natural reafirma-se quando se torna no que o mundo chama “um índio morto”. Muitas vezes, se gosta mais dos

locais deste plano do que do lado espiritual da vida, permanece aqui, nas fronteiras do reino psíquico, e é atraído para algum médium.

Descobre que pode fazer um bom trabalho para esse sensitivo: protegê-lo de influências más, guardá-lo de perigos físicos ou da escravatura mental, dar-lhe força curativa a ele ou a outros a partir da sua própria superabundância de vigor, e, em suma, ajudar e abençoar a humanidade de inúmeras formas através da mediunidade, ao mesmo tempo que ele próprio eleva gradualmente as suas vibrações até que estas correspondam às condições dos “Campos de Caça Felizes”, em reinos e estados de consciência muito mais grandiosos.

O espírito índio que vem até si através dos médiuns não é um tolo. Pode parecer rude e inculto, mas raramente o enganará. Pode não lhe dar a informação que exige, mas aconselhará e mostrará sabedoria nos seus conselhos. Pode não responder aos seus caprichos, mas, na hora da tristeza, dar-lhe-á consolação e paz com as mensagens e demonstrações que traz dos seus mortos queridos; e, quando estiver doente e a sofrer, reabastecerá o seu corpo exausto com força vital e saúde.

Alguns índios parecem nunca progredir do estado inculto, mesmo após anos de contacto com pessoas cultivadas através dos seus médiuns; talvez estejam tão presos à influência psicológica e às condições vibratórias de associações passadas, que nunca avancem de forma apreciável até cumprirem a sua missão e se desligarem do plano mortal.

Há também médiuns que parecem gostar que os seus controlos permaneçam rudes e com o mesmo nível mental que tinham desde o início — e estamos convencidos de que é culpa dessas pessoas que os seus acompanhantes espirituais não progridam para estados mais elevados e expressões mais refinadas com o passar dos anos. No entanto, em geral, o espírito índio é tão capaz de crescimento mental e tão ávido por aprender como qualquer outro ser inteligente, desde que lhe seja dado tempo, lugar e oportunidade para desenvolver a sua natureza mental e moral.

Naturalmente, entre os índios que são atraídos para os nossos médiuns, há de tudo: alguns mostram a troça e o ar palhaço de uma natureza brincalhona, enquanto outros são dignos e refinados no trabalho e na fala. Normalmente, procuram agradar aos seus assistentes e audiências, e, se o psíquico realiza sessões abertas onde se juntam todos os tipos de curiosos e mentes frívolas, é de esperar que haja demonstrações de

leviandade e até de falta de sinceridade da parte de qualquer espírito que esteja encarregado do trabalho, seja ele vermelho, negro ou branco.

Lotela, nas suas primeiras visitas, depois de ter dominado as complexidades da nossa língua, contou-nos frequentemente sobre a sua casa no “País Espírito dos Índios”, um lar de beleza e utilidade, rodeado por rios límpidos, florestas ondulantes e terras altas de atrativos cenários.

Assegurava que lá existiam escolas e colégios para a educação de todos os que necessitassem de esclarecimento e formação, bem como sanatórios e retiros de saúde, onde forças magnéticas eram aplicadas aos que vinham da raça branca, cujas naturezas tinham sido esgotadas da força vital por problemas e exaustão mentais.

Esse país índio parece ser o refúgio de muitos dos nossos, que são professores e missionários, assim como de outros oriundos de várias escolas da Terra. É ali que se ergue o Templo de Vesta, de que já falámos, onde se realizam escolas para o treino dos jovens em métodos de concentração e estudo da vibração — embora tais escolas também existam em muitas outras esferas e localidades.

Os habitantes de pele escura que ali vivem estão quase brancos, pois, através do progresso, atingiram uma taxa de vibração que eliminou os elementos pigmentares dos corpos espirituais. Estão no mesmo plano de inteligência e pensamento progressista que os trabalhadores de raça branca que colaboram com eles, e todos convivem em simpatia e harmonia, dedicados a boas obras em prol da humanidade.

Deste planeta espiritual vêm muitos dos bons e fiéis guardas e guias índios dos médiuns nas fileiras do Espiritualismo, que têm feito e continuam a fazer grandes obras de esclarecimento, consolação e cura de seres humanos sofredores. Estes seres altruístas e benevolentes estão constantemente envolvidos em movimentos de progresso humano, que, simultaneamente, os elevam a estados mais altos e grandiosos de inteligência e poder.

Nos primeiros anos das suas visitas diárias à nossa casa, Lotela contou-nos muito acerca da sua vida no Mundo Espiritual, chegando por vezes com um ar de espanto nos olhos perante os feitos e cenários maravilhosos da esfera espiritual. Todos quantos conheceram esta pequena e simples, mas eloquente donzela — e eram muitos, devido à nossa ligação ao *Banner of Light* e ao vasto trabalho que este desenvolvia — passaram a reconhecê-la como uma entidade original e individualizada, distinta da personalidade da sua médium, e a escutar os

seus relatos de acontecimentos tanto da sua breve mas intensa vida terrena nas planícies do Oeste como do mundo espiritual.

Desta criança, e de um ou dois dos espíritos índios adultos, aprendemos muitas lições sobre o valor de tais controlos para os médiuns e sobre a sua grande e livre vida nos reinos superiores.

Nestes últimos anos, Nannie — que vive entre eles e é feliz com eles, apesar de ser de origem anglo-saxónica e nunca ter visto um índio até chegar à vida espiritual — deu-nos muito mais informações acerca das obras destas pessoas. Parece que alguns deles têm um poder notável no domínio das forças elétricas, na combinação de elementos para demonstrações químicas e na execução de maravilhas no campo psíquico.

Por exemplo, quando criança, Nannie tinha um companheiro de brincadeiras, Rufus, que estudava e jogava com ela e que, muitas vezes, se comunicava connosco através da mediunidade do Dr. Becher, bem como através do nosso próprio organismo. Um dia, Nannie anunciou que Rufus tinha um belo pónei no mundo espiritual, a que dera o nome de Selim, e que podia ir a qualquer lugar que o rapaz desejasse, sem rédeas nem guia, e correndo “tão veloz como o vento”.

Meses depois, a menina disse que Red Wing, quem dera o animal a Rufus, o tinha criado a partir dos elementos e eletrificado até à potência ativa pela sua força de vontade e com a ajuda da energia elétrica. A criança assegurava que não se tratava de um brinquedo mecânico como os que as crianças conhecem na Terra, mas de um verdadeiro animal, capaz de compreender e responder aos desejos e à vontade do dono e que, tanto quanto se podia perceber, estava tão vivo como qualquer animal terreno.

Explicaram-nos que os elementos e átomos que compunham o corpo deste animal tinham sido coordenados a partir das forças vitais do próprio Red Wing e que a energia elétrica aplicada, em conjunto com a vida magnética que este bom espírito frequentemente insuflava na aparição, constituía a “parte viva” do pónei.

Com o tempo, porém, Nannie contou-nos que Selim estava a perder força: já não corria tão rápido como antes nem respondia aos desejos do pequeno mestre como outrora; mais tarde disse que o pónei tinha desaparecido por completo, porque Red Wing deixara de lhe aplicar nova energia.

Passado algum tempo, contudo, a menina informou-nos que este mestre e amigo índio dera um novo pónei a Rufus e aos seus companheiros; este era um verdadeiro animal, de raça árabe, que tinha vivido na Terra e fora transportado para o Mundo Espiritual por ter desenvolvido energia e elementos espirituais suficientes para se tornar imortal.

Este pónei recebeu o nome de “Katish” e, tanto quanto sabemos, os jovens ainda o possuem no outro lado. Relataram-se histórias maravilhosas sobre Katish e os seus poderes, que não nos alongaremos a narrar, mas diremos, de passagem, que se afirmava que, antes de alcançar a força e qualidade da imortalidade, ele, nos princípios e forças vitais, tinha surgido sucessivamente na Terra, em forma animal, várias vezes, e que, no espírito, reunia os poderes e qualidades de vários cavalos de menor categoria.

Red Wing é uma inteligência grandiosa — orador, intelectual, humanitário, sempre a trabalhar pelo avanço da humanidade. É mestre e guia de muitas almas da sua própria raça que chegam à vida espiritual necessitadas de esclarecimento e treino espiritual. Tem várias escolas ou turmas — se assim lhes podemos chamar — situadas em diferentes partes dos estados espirituais de vibração e de consciência individual. Alguns dos seus pupilos são de facto rudes e de condição terrena; outros são mais avançados. Mas ele ama o seu trabalho e ninguém é tão grosseiro ou pouco atraente que seja privado do seu ministério e auxílio.

Há milhares como ele, sábios e humildes, grandiosos e gentis, que realizam o bom trabalho do progresso e crescimento humanos: recuperar os lugares desertos ou esferas inferiores da consciência espiritual e transformá-los em moradas atrativas. Contudo, isto só será plenamente conseguido quando o homem na Terra se iluminar; não antes de a sociedade cuidar dos abandonados, educar o criminoso e tratar devidamente dos bairros degradados, transformando-os em lugares belos e confortáveis pelo processo refinador da cultura, do trabalho e do afeto, poderão os reinos inferiores do mundo espiritual ser refeitos e redimidos.

Os nossos visitantes e instrutores do Além dizem-nos que, enquanto a humanidade terrena permitir que grupos dos seus nasçam na degradação, imersos no vício e criados na ignorância da lei natural, física e espiritual, pouco se poderá reduzir das terríveis condições psíquicas das camadas inferiores, fora do corpo físico. Enquanto a sociedade permitir que se mantenham condições que, pela imundície e obliquidade

moral, apanham e aprisionam entidades humanas nas vibrações dos mais baixos instintos e impulsos infernais, estes estados sombrios existirão do outro lado. Mas, quando a inteligência humana aqui adoptar métodos para suprimir os instintos criminosos e a perversão moral, formando desde cedo os jovens em hábitos e costumes de utilidade benéfica, os professores “Do Outro Lado” cuidarão e ajudarão a redimir todos os que os antecederam no mundo espiritual, e a recuperação moral, mental e espiritual será perfeita e completa.

Existem colónias de índios, bem como de negros e outros, onde a ação vibratória determina o estatuto e a qualidade de crescimento que a entidade alcançou. Toda a vida é espírito. O universo inteiro está povoado de espíritos. Há lugar para todos os graus e condições e, nas eras eternas, o tempo e a oportunidade são concedidos para o crescimento e consequente bênção de cada raça e categoria.

Muitos índios são incultos, ignorantes, sujos nos hábitos e apetites; estes vão para o seu próprio lugar e necessitam do serviço de mestre e instrutor, podendo demorar muito até serem estimulados a um desejo e aspiração mais elevados do que a satisfação do apetite e instinto carnal. Outros são mais refinados, inteligentes e aspiracionais; e outros ainda mais elevados. Cada casta ou classe encontra o seu próprio habitat e ambiente, e a “morte” não “igualiza tudo”. A evolução e a progressão na eternidade elevam todos a estados superiores de consciência, realização e conquista, mas o avanço faz-se por gradação e é lento na sua atividade.

Não depreciemos a presença e a força do bom espírito índio nas sessões e reuniões mediúnicas; este guardião é o ajudante e protetor da sua médium, a fonte do seu suprimento de “nova força e magnetismo” depois de ter despendido as suas energias ao serviço dos vossos amigos espirituais e de vós próprios; o fornecedor de magnetismo aos doentes e aflitos que vêm à fonte de cura para se rejuvenescer; o porta-voz da comunicação entre os habitantes da Terra e os dos mundos espirituais. Ele é amigo, ajudante e guia, e a sua função é banir a tristeza e tornar o mundo mais feliz e melhor na sua marcha para a frente.

Lotela, a donzela índia, modesta, fiel, atenta, sempre a trabalhar pelo conforto humano, é apenas uma entre milhares de mensageiros que abençoaram a mediunidade e que levaram consolação, esperança e verdade a incontáveis corações humanos. Vivazes, espirituosos, mas gentis e afetuosos, são nascentes de força e conforto para as suas

médiuns sensíveis, que, graças à influência assim recebida, conservam algo da qualidade e da vivacidade da juventude, mesmo que o tempo prateie os cabelos e lance as suas sombras suaves sobre os seus corpos mortais.

Lotela pertencia à nação Sioux. Era uma criança muito pequena na época do massacre de Custer. O seu povo refugiou-se nas Black Hills, e foi durante uma das suas marchas para o interior, tentando ficar o mais longe possível dos brancos, que ela se perdeu e foi sepultada pela neve em turbilhão. Isto aconteceu cerca de dois anos após as tragédias de Custer. Poucos meses depois, foi trazida para a nossa casa e desde então permanece connosco, um membro amado e de confiança da nossa família, tão querida para todos nós como poderia ser qualquer criança do nosso lar.

Neste trabalho sobre inteligências e forças espirituais, é para nós um prazer prestar homenagem aos índios, ao seu papel no desenvolvimento da mediunidade e do Espiritualismo; à sua nobre e altruísta obra pela humanidade; ao papel que, também enquanto raça, desempenharam no desenvolvimento e progresso deste grande continente americano — não no sentido externo, mas na sua elevação de espírito livre, no amor à liberdade, nas suas relações magnéticas com a Natureza, no seu preenchimento da vasta atmosfera deste mundo ocidental com o espírito de liberdade e de força vital, preparando assim este continente para ser o lar e o local de trabalho do seu povo atual, amante da liberdade e de pensamento liberal; preparando-o também para ser o lar do Espiritualismo, a plataforma da mediunidade, o terreno de revelação mais grandiosa da vida e da filosofia que alguma vez abençoou o mundo.

Devemos muito aos aborígenes desta terra. A sua influência foi o prenúncio de uma tolerância mais ampla e de uma liberdade mais nobre do que o mundo alguma vez conheceu. Os seus costumes primitivos e a sua linha natural de pensamento levaram-nos a adorar um “Grande Espírito”, um *Manitou*, vigilante, poderoso, mas todo Espírito.

Sempre tiveram conceções de vida espiritual, de “Campos de Caça Felizes” para além do pôr do sol, onde poderiam vaguear livres e sem ser molestados depois de cumprida a corrida mortal, e as suas conceções do Além permitiram a muitos deles regressar dessa terra de luz e saber intuitivamente como tratar, cuidar e trabalhar com médiuns espirituais, para benefício de todos os envolvidos.

Prestemos, pois, tributo a quem é devido, e “demos a César o que é de César”, esteja ele na figura de um humilde “índio” ou nas vestes do mais elevado sábio.

CAPÍTULO SÉTIMO
TAXAS DE VIBRAÇÃO E CONDIÇÕES DAS ENTIDADES ESPIRITUAIS — “ESPÍRITOS PRESOS À TERRA”

As taxas de vibração e as condições das entidades espirituais variam amplamente. Existem seres que, há muito, deixaram as formas que usaram na Terra e que não têm consciência alguma da sua mudança de estado mortal; outros estão bem cientes de que o corpo físico foi posto de lado, mas não têm vontade ou desejo de se libertar do estado terreno; outros ainda podem ir e vir à vontade, mas passam muito tempo na companhia dos mortais, de quem recolhem força suficiente para se manterem em contacto claro com as coisas, os acontecimentos e os prazeres que os cativaram e absorveram antes de deixarem o corpo de carne.

Estes últimos não são, estritamente falando, “espíritos presos à Terra”, pois, graças ao exercício das suas forças mentais positivas, podem deixar os ambientes terrenos até certo ponto e tomar conhecimento de outras taxas de vibração e inteligências diferentes das puramente físicas; mas o seu campo de ação é muito mais limitado do que o das forças mais elevadas, que podem vir à Terra quando querem, mas que o fazem apenas por amor à humanidade e pelo desejo de trabalhar para algum objetivo benéfico, visando o bem da humanidade.

É perfeitamente possível que um espírito seja retido e impedido de desenvolver e de pôr em atividade a sua própria consciência superior, e que adquira pouco conhecimento dos estados e locais mais elevados dos mundos espirituais, simplesmente pela sua falta de vontade em deixar as cenas e os companheiros mortais, ou pela dor e apego egoísta dos seus entes queridos que, na Terra, ficaram privados da sua presença física.

Se as atrações e inclinações do seu ser se voltam inteiramente para o mundo terreno, não será capaz de ascender às esferas espirituais que oferecem os aspetos mais doces da vida para o crescimento e a verdadeira felicidade do ser humano progressivo.

Por força do impulso e da potência inata do Ego, o homem, por mais submerso que esteja no cativeiro da paixão, do desejo ou dos assuntos

mundanos, deve e há de, inevitavelmente, lançar-se num nível mais elevado de ação mental, tornando-se a criança progressiva da Natureza e do Bem Eterno. Não existe apenas esperança para cada ser sensível — existe crescimento absoluto em espírito — e ninguém pode permanecer para sempre num estado de consciência espiritual estagnada, tal como o sol não pode permanecer para sempre oculto pelas nuvens e tempestades de um dia de inverno.

A educação é a nota-chave da grande melodia das harmonias humanas. A evolução é o trabalho das forças naturais ao longo de linhas de crescimento sucessivo e de combinações: o complexo a partir do simples, a grandeza das sinfonias do céu forjada a partir das melodias menores das experiências humanas nas esferas inferiores.

A ignorância é apenas o germe simples e não amadurecido da atividade humana; mas, quando esta se desenvolve plenamente em força e poder espiritual, o estágio de ignorância é ultrapassado, dando lugar ao período do conhecimento, acompanhado pela Sabedoria e pelo Amor.

Conhecendo estas verdades, os espíritos humanitários, muito avançados em sabedoria e bondade amadurecidas, não desprezam as almas de menor crescimento e de condições cruas; pelo contrário, trazem o sol do seu amor espiritual, a força da sua energia mental, para agir sobre os seres inferiores, com o objetivo de os estimular para um novo vigor de compreensão e uma qualidade mais elevada de sensibilidade. Assim, aquele que foi um criminoso, desprezado pelos homens e odiado pela sociedade, não é lançado fora do círculo da consideração humana no

Além, mesmo que, pela força da sua própria ação vibratória e pela qualidade do magnetismo que gerou na sua atitude mental e nos atos positivos de escuridão, seja naturalmente compelido a permanecer, por um tempo, no reino da sombra e dos miasmas para onde gravitou; mas, embora não o saiba, é alvo especial das ministrações das almas benevolentes, que não descansam no seu labor enquanto houver, como ele, quem necessite de influências corretivas e de assistência redentora.

Essas pobres criaturas que viveram vidas de vergonha, que se aproveitaram dos direitos de outros, que vieram dos esgotos da ignorância, da miséria e do vício, são alvo da compaixão dos sábios e constituem sujeitos de ministração. São, espiritualmente, vítimas dos seus próprios erros e estão presas nas malhas da teia que, psicologicamente, teceram à sua volta; contudo, não foram totalmente culpadas. A sociedade — ou essa coordenação de elementos humanos

que cria leis, estabelece padrões de conduta e até de intenção para orientar indivíduos, comunidades e nações, reconhecida como autoridade sobre a ação humana, conhecida como Autoridade Humana e Sentimento Público — não foi inocente na criação destas condições que transformaram esses criminosos em criaturas ignorantes e viciosas.

Nos métodos, demasiado frequentes, adotados e estabelecidos na Terra pelas autoridades legais para suprimir o crime e eliminar criminosos, o mal tem sido aumentado e a ignorância dos bairros degradados tem sido fomentada. É infelizmente verdade que muitas almas foram enviadas prematuramente ao mundo espiritual por tais autoridades, quando poderiam ter sido instruídas para conceber novos conceitos de direito humano e para expressões mais elevadas de atividade mental e espiritual.

As taxas de vibração desenvolvem estados de consciência; quanto mais baixa for a ação vibratória, mais fraca será a consciência do indivíduo. A ausência de impulso e consciência moral num ser humano cria uma condição mórbida e anormal, que é terrena, pertencendo a um estado quase inanimado de ser. As forças positivas de ódio, vingança, ciúme ou egoísmo, sob qualquer forma, que levam alguém a cometer crimes, são ativas e cheias de energia, mas pertencem a taxas vibratórias baixas que se inclinam para a Terra, e não às mais elevadas que são do espiritual e pertencem às esferas ascendentes.

Essas taxas e forças criam o seu próprio estado e esfera, e as entidades que nelas ficam presas devem permanecer assim até que o poder ministrante alcance as suas naturezas interiores e as estimule a um novo impulso e desejo; isso só pode ser feito revelando às almas decaídas a sua verdadeira condição e alcançando a sua sensibilidade à luz do autoexame — uma luz que não poupa, mas que traz à vista cada motivo, ato e pensamento.

Este trabalho de educação e regeneração está constantemente em curso. A atmosfera é um cenário de luta e de atividade humana invisível ao olho mortal: espíritos escondem-se da luz magnética dos médicos e professores de escolas mais elevadas; seres humanos procuram deliberadamente outros para lhes fazer mal, enquanto as Forças de Inteligência e Ministração trabalham para frustrar os propósitos do mal. O conflito entre o bem e o mal, a verdade e o erro, o conhecimento e a ignorância está sempre em andamento.

É uma lei da Natureza que os seres humanos criem o seu próprio ambiente e que a qualidade das suas emanações pessoais determine a aparência e expressão do seu entorno. Assim, o homem vicioso e desorientado, que se compraz em prejudicar os seus semelhantes, gerará uma atmosfera e um material subtil que entrarão na composição do seu corpo espiritual e das suas vestes, fornecendo também a substância para a sua esfera e morada no mundo exterior.

Tudo isto será escuro e pouco atraente. A sua atmosfera será densa, turva e de odor acre; uma efusão psíquica surgirá dele, assumindo características de pântano ou de charco enevoado para o sentido psíquico; as suas roupas serão grosseiras e mal formadas; a sua habitação situar-se-á em lugares sombrios e terrenos áridos. Todas as suas projeções o tornaram “da Terra, terreno” e ele não pode escapar de imediato dessa situação.

Muitos espíritos dotados de energias positivas, que desenvolveram nas suas vidas ativas na Terra e que pertencem a esses estados inferiores e locais pouco atraentes, descobrem que podem aliviar, de algum modo, a sua miséria ou inquietação, entrando em contacto psicológico com mortais e, de certa forma, ligando-se a esses mediadores inconscientes. Muitos deles chegam, durante algum tempo, a viver em contacto com homens nos centros de comércio, no turbilhão da moda ou nos antros de iniquidade que os mantiveram presos durante a sua existência física.

Dizemos nos centros de comércio e no turbilhão da moda, bem como nos antros de iniquidade, porque há criaturas humanas no mundo espiritual enredadas nas vibrações e emanações magnéticas da geração do mal — pessoas que, de forma consciente e sem pudor, prejudicaram as suas próprias naturezas espirituais e exploraram os direitos, privilégios e até as vidas de outros seres humanos para benefício próprio, e que não se afundaram nos esgotos da ignorância nem viveram entre os proscritos da sociedade, mas que ocuparam altos cargos de poder e prestígio mundano, ignorando e desprezando as oportunidades de abençoar o mundo que lhes estavam ao alcance.

Estas últimas pessoas não são totalmente abandonadas pelos mensageiros e curadores espirituais que trabalham para erguer os caídos e aliviar os oprimidos; mas ousamos dizer que, se o mestre e o médico das esferas espirituais tivessem de ministrar justiça e benefício a apenas um, prefeririam dedicar-se ao descendente dos esgotos do crime brutal do que ao hipócrita sorridente de outro patamar da expressão

humana — ainda que este tivesse sido astuto nos negócios, certamente educado em colégios, aristocrático no gosto e nas pretensões.

A lei da ação vibratória aplica-se também aqui: o criminoso dos antros de infâmia pode estar preso a uma servidão escura e repugnante, tipificada por um ambiente de penumbra, aridez, frio e conflito; já o vilão egoísta de antiga condição aristocrática, opressor de homens e perseguidor de mulheres, pode ter, de igual modo, um cenário psíquico de pobreza, melancolia, desolação e esterilidade — e estar próximo do outro transgressor da lei natural e humana, sem contudo ter consciência da existência e ambiente do seu vizinho espiritual.

Pois mesmo o conhecimento adquirido ao longo da sua experiência intensa no mundo dos negócios e através do contacto com diversas fases e atividades humanas terá modificado a sua taxa vibratória, colocando-o num plano de pensamento e inclinação completamente diferente do criminoso ignorante. Assim, este homem de visão penetrante e saber adquirido estará preso na sua própria rede e teia de circunstâncias — não mais bela ou confortável do que a do miserável do mais baixo abismo — e, ainda assim, inconsciente do nível a que chegou.

A lição a transmitir é que cada ser constrói a sua própria condição psíquica. Aquela que é criada pela ignorância e pela injustiça da lei feita pelo homem, ou pela indiferença humana perante as necessidades do mundo, pode ser mais facilmente alcançada e aliviada do que a que resulta de trapaça consciente e opressão por parte de mentes esclarecidas, que têm diante de si o padrão do certo e do errado, os meios de prosseguir a própria vida sem prejudicar ninguém, e os benefícios do reconhecimento social à disposição.

Os espíritos presos à Terra são de vários níveis de pensamento, propósito e instrução. Podem vir da choupana ou do trono, das escolas da erudição e formação clássica ou dos antros da ignorância humana. O seu estado de cativeiro não se deve ao grau de aprendizagem ou até de suposta sofisticação, mas ao nível de desenvolvimento e atividade moral — ou antes, à falta dessa cultura e expressão moral e ética.

Seja qual for a causa da sua escravidão, é uma condição indesejável, e todos os que desejam a liberdade espiritual para se elevar acima das limitações terrenas quando o corpo físico deixar de os conter, procurarão conhecer melhor estes estados e níveis de consciência, e como atingir o mais elevado e o melhor.

A lição é simples: não é necessário estudar temas obscuros nem debater problemas intrincados. A regra de conduta determina a esfera de sensação e experiência na qual respiraremos e nos moveremos; determina o plano de consciência e atividade no qual funcionaremos quando nos libertarmos do invólucro de barro.

Pensamentos puros, desejos nobres para o desenvolvimento das qualidades espirituais em si mesmo, a aplicação prática da ética moral que nos ordena a sermos limpos de corpo e mente, a viver de forma altruísta, dispostos e ansiosos para que os nossos semelhantes alcancem a felicidade e o conforto que desejamos para nós e para os que nos são queridos.

A expressão, tanto na prática como na teoria, de simpatia, sentimento de bondade, afeto ou boa vontade para com todos os da nossa espécie — estes são os simples códigos e regras de vida que aceleram a ação vibratória do nosso ser e nos conduzem a um estado de consciência e poder espirituais que nos permitirá gerar uma força magnética de luz e substância, a qual entrará na composição dos nossos corpos, vestes e moradas espirituais, e, pela sua natureza etérea e qualidade potencial, nos possibilitará libertar-nos do estado terreno imediatamente após a morte e ascender aos reinos luminosos de beleza e inteligência onde habitam as almas elevadas.

As moradas dos bons e verdadeiros, nas alturas, são belas e de maravilhosa utilidade; são lares reais, e lugares de hospitalidade, harmonia e paz. Os seus habitantes são felizes e plenos de poder, ainda que em vida tenham sido pessoas sem instrução e limitadas pelas condições mesquinhas do mundo material. Não estariam nesses lares se não tivessem desenvolvido uma cultura e refinamento espirituais que provêm do coração amoroso e da mente aspirante, e, ao atingirem esses reinos de luz e beleza, entraram em esferas de consciência que lhes permitem obter conhecimento e receber instrução de mentes mestres, por um lado, e da observação e experiência, por outro, sem necessidade de livros.

Já se disse do Espiritualismo que ele ensina não existir céu nem inferno para a raça humana. Um verdadeiro mestre do mundo espiritual não afirmará tal coisa, pois o Espiritualismo ensina que “o que semeardes, também colhereis”. Se semeamos as sementes da discórdia, injustiça, ódio, malícia, inveja, fraude e contenda de qualquer espécie, encontraremos apenas tais condições — e toda a miséria que as

acompanha — na nossa própria esfera de sentido e experiência quando deixarmos a forma mortal. Ensina que, se agirmos corretamente, amarmos o próximo, ajudarmos os necessitados, não invadirmos os direitos de ninguém, formos justos nos nossos atos, amorosos no pensamento e na natureza para com a humanidade, estaremos a semear as sementes de beleza e doce fertilidade que florescerão numa colheita dourada de bênçãos para colhermos no outro lado.

A miséria e a inquietação que podem assaltar e prender um espírito humano devido à condição em que se encontra podem trazer-lhe sofrimento muito maior do que qualquer coisa resultante da antiga conceção de inferno. As alegrias e belezas da exaltação espiritual que experimenta outro espírito que alcança os reinos de luz e paz ultrapassam em muito qualquer condição de bem-aventurança que pudesse atingir caso as alegorias de uma “Nova Jerusalém” fossem literais.

Mas existe uma verdade iminente a ser esclarecida: é um facto real que o Céu Espiritual, ou o seu oposto, o Inferno Espiritual, não são apenas produtos de vibração e da atividade humana, estados de consciência e sensação, mas são também, absolutamente, localidades e realidades tangíveis, pois as taxas de vibração e de consciência são as forças propulsoras que conduzem a entidade espiritual ao seu local correspondente.

Assim, um espírito elevado gravitará para um lugar de beleza, de grandeza objetiva e também de poder subjetivo, enquanto o espírito inferior será atraído para um lugar árido, onde não florescem plantas, não há bosques ou florestas, nem se conhece a grandeza da paisagem.

Só quando as forças interiores do poder ou da sensação da alma despertam no espírito preso à Terra e ele, como entidade consciente, inicia o caminho de progresso interior, é que poderá determinar, de forma inteligente e efetiva, o rumo do seu crescimento; nem terá qualquer desejo de o fazer até que aquela qualidade chamada aspiração espiritual seja despertada no seu ser.

A mente, sendo a força projetora, moldará largamente os seus arredores em qualquer estado segundo as imagens que concebe; assim, o homem que só se interessa por coisas materiais não apenas encontrará a sua morada entre os objetos e associações desta esfera que o retiveram, mas viverá também subjetivamente entre as imagens mentais que se tornarão tangíveis para si — sombras de cenas de luxúria, de banquetes

de glutões, ou de ambientes de bolsas de valores, mercados e interesses comerciais; estas serão parte do cenário e do temperamento em que estará constantemente imerso, segundo a sua inclinação e desejo ou apetite insaciado. Mas, com isso, virá uma constante inquietação espiritual e um persistente sentido de perturbação que nunca lhe dará paz nem conforto.

Tal como o bêbado na Terra que recorre continuamente ao copo para afogar as memórias e reflexões de um momento de sobriedade, o espírito submerso volta-se constantemente para os planos terrenos de influência e associação externa, procurando contacto com mortais de gostos e atividades semelhantes, e na aura psíquica destes tenta afogar os elementos que despertam a autoavaliação e a autocrítica, adiando o que considera a hora funesta da sua autoacusação e remorso. Contudo, inevitavelmente chegará esta hora de introspeção — a hora que põe o espírito no caminho da autopurificação e da expiação.

Todo o ser deve prestar contas a si próprio de tudo o que cometeu contra a natureza espiritual do seu próprio Eu e contra o bem-estar de qualquer outro ser. Quando chega esta hora de saciedade, cansaço e repulsa de si mesmo, o indivíduo (homem ou mulher) afasta-se das cenas exteriores a que se apegava, abandona os lugares terrenos e habita nos ambientes e imagens subjetivos que está a criar com a sua força vibratória crescente — e estes não são, de forma alguma, agradáveis. Ele vê-se tal como realmente é, não como se imaginava ser.

A contemplação é algo de que se encolhe, mas não pode evitar. Ouve mil vozes de condenação — não de qualquer espírito, mas daquelas captadas na aura do seu ser a partir dos lamentos de sofrimento, ou dos pensamentos silenciosos daqueles que prejudicou, bem como das ondas discordantes da sua própria força anímica que, em dias anteriores, protestaram contra as suas práticas secretas ou abertas de mal, pois a satisfação do puro egoísmo, sob qualquer forma, dá-se sempre à custa dos direitos e necessidades de outros e é espiritualmente classificada entre os atos maus ou indesejáveis.

Quando alguém chega a enfrentar-se a si mesmo, quer seja na entrada no mundo espiritual, pouco depois, ou anos mais tarde, significa que o seu ser interior respondeu finalmente às influências magnéticas das almas ministrantes superiores, bem como às condições enfadonhas da sua própria natureza; então começam os processos de sofrimento e exame do remorso. Esta é uma condição de tormento da qual nenhum

indivíduo assim pode escapar, e quanto mais agudas se tornam as sensibilidades na natureza moral desperta, mais profundo é o sofrimento, que, no fim, refina, purifica e eleva. Se alguém pensa que pode escapar a estes infernos de tormento depois de ter ignorado deliberadamente os direitos e necessidades dos seus semelhantes, de ter servido de forma consciente os sentidos físicos à custa da natureza espiritual, e de ter forjado deliberadamente as correntes que o prenderam a estados carnais durante muitos anos, não conhece as leis da vida.

Não precisa de um Deus irado que julgue e declare o seu estado e merecimento; o Tribunal de Justiça está erguido na sua própria alma, que é a chama da Divindade interior, e que será satisfeita nos seus direitos, ainda que leve séculos de purgação e contrição para operar a mudança.

Os moinhos de Deus moem devagar, embora moam extremamente fino, e estes moinhos divinos estão nos elementos integrais do ser individualizado — não são uma instituição ou sistema de governo arbitrário separado da vida anímica do homem — e a sua moagem é exata e minuciosa até que toda a palha e substância estranha ao espiritual seja removida.

A vida, para a entidade em contemplação do remorso, é mostrada como um lugar desolado. Acumulou-se entulho. Para alguns, algumas flores podem ter surgido, mas parecem, no momento, sem importância. O espírito, quando tem oportunidade de se manifestar, é pura sensibilidade, pura sensação.

Passou o tempo em que o homem podia imaginar que os espíritos fora do corpo terrestre não possuíam vias subtis de sensação, nem forças de sentimento intenso, nem atividades sensíveis semelhantes ao poderoso funcionamento do sistema nervoso físico. O espírito é toda sensibilidade, e, por isso, capaz tanto de sofrer intensamente como de gozar intensamente.

Em contraste com os estados de sofrimento que o espírito contrito deve atravessar antes de atingir a condição de paz, com a sua tranquilidade subjetiva e beleza objetiva de cenário e de posses pessoais, está o estado de gozo mental, de poder pessoal, de serenidade e harmonia subjetivas, e de posse e herança cênica ou objetiva que possui o verdadeiro homem espiritual que cumpriu o seu dever na Terra, que se esforçou por viver segundo a sua luz e ideias de justiça, atendendo às necessidades e direitos dos outros e, em suma, vivendo próximo da lei da obrigação moral e da beneficência. A sua esfera terrena pode ter sido

limitada em oportunidades educacionais, em poder pessoal ou em privilégios financeiros, ou pode ter sido ampla em todas estas áreas; pouco importa, pois, se agiu honestamente e deu o seu melhor, as suas vibrações estão orientadas para o Céu, para o reino de harmonia, beleza e paz. Gravita naturalmente para lá, descobre que formou um corpo espiritual simétrico e que conquistou um lar de conforto entre doces associações na margem mais próxima.

Ele também passará por um período de autoexame. Notará as suas falhas e deficiências passadas e empenhar-se-á em melhorar; mas o aguilhão do remorso que atinge o transgressor deliberado não pode ser seu — não pertence a essa categoria, nem ao mesmo grau de sensação e vibração espirituais, e não necessita do mesmo tipo de força disciplinadora. A perfeição não é alcançada por nenhum ser mortal, nem sequer pelo mais benevolente e avançado dos estados espirituais.

O progresso significa expansão e crescimento infinitos das faculdades da mente e da alma; o homem contém as potencialidades de propósitos e atividades divinas; estas devem desenvolver-se em expressões concretas de poder e de inteligência superior, mas têm a eternidade inteira para evoluir até ao ser perfeito.

Luz e sombra, tempestade e calmaria, paixão e atividade são elementos tanto da evolução planetária como do desenvolvimento humano. O homem participa da natureza do planeta onde habita; se, por qualquer causa, os elementos de tempestade, furor e paixão se manifestam mais plenamente na sua natureza do que os de sol, calma e paz, então vibrará em direção às condições que conduzem à tempestade e à luta nos campos de ação mental ou moral.

Embora seja triste, de um ponto de vista superficial, que ele tenha de se ver mergulhado nessa condição de conflito, na qual espiritualmente terá de lutar mais tarde na sua experiência, esta mesma lei da Natureza revela uma grandeza de poder e unidade de desígnio em harmonia com os produtos evolutivos do planeta físico e com os desenvolvimentos da raça.

Sem entrar nos motivos dessa causalidade, nem criticar ou questionar a sabedoria ou a beleza da Lei Infinita que determinou as taxas de força vibratória e os planos da consciência humana, cumprimos o nosso dever ao declarar que a Lei existe, e é infalível nas suas operações e efeitos sobre a humanidade.

O homem é o epítome de tudo o que o universo contém. É o auge de todas as expressões da vida, evoluído ao longo das eras, passo a passo, grau a grau. A partir das formas mais rudes, simples e mentalmente passivas da Natureza, alcançou a qualidade inata de força da alma que o marca como ser imortal, com poderes mentais de discriminação, comparação, reflexão, contemplação e concentração de pensamento, que constituem as faculdades da razão.

Quaisquer que sejam as forças — físicas, psicológicas ou planetárias — que se tenham combinado na sua herança e constituição para deformar o seu juízo ou criar-lhe condições de tentação, levando-o a agir em vibração descendente ou terrena, o facto permanece: a gravidade mantém-no no seu próprio nível e, se pertence às camadas inferiores, não poderá elevar-se acima delas simplesmente por sair da forma mortal, mais do que uma pedra poderá, por si só, subir ao ar.

A força motriz, contudo, para a elevação do homem espiritual está no seu interior, e pode ser posta a trabalhar na libertação do indivíduo dos elementos de barro e matéria animal. O impulso para essa atividade é mental, e, quando iniciado, não cessará, mas pulsará e irradiará até que se opere a tremenda transformação de converter a criatura perigosa em ministro radiante e benevolente de esperança e ânimo; e, uma vez que o indivíduo, outrora espírito obscurecido, se torne o trabalhador humanitário e glorificado das esferas superiores, nunca mais poderá ser rebaixado na sua personalidade nem descer a experiências de pecado e vergonha. A sua única descida será, no espírito, para ministrar a outros.

Os infernos da vida espiritual são muitos; variam no grau de consciência. As suas condições de tormento são aquelas que cada indivíduo criou para si próprio; são realidades efetivas. O religioso não precisa de desprezar o Espiritualismo por este afirmar que não existe um lugar literal de fogo e enxofre presidido por uma majestade de pés fendidos; o Espiritualismo substituiu esse único inferno por muitos, e sustenta que o génio maligno da vida, em vez de ser um ser de aspeto e poder satânicos gerais, é a força individual interior que arrasta homens e mulheres para baixo pelas seduções da carne, e que deve ser vencida pela ativação da força superior — a força espiritual da conquista — que está latente em toda a alma.

Os céus da vida espiritual são muitos; variam nos seus graus de atividade energética nas Esferas da Bondade e da Luz; são habitados pelos aspirantes, ternos, amorosos e verdadeiros da inteligência

humana. São lugares e condições de realização, dessa realização que é fruto do crescimento moral e do desejo profundo da alma. Pertencem à humanidade ascendente. São estados de felicidade, de harmonia, de poder pessoal na linha da conquista. Estes céus são reais; não são apenas estados de experiência e sensação, mas também localidades belas, cuja glória e esplendor não podem ser descritos à conceção mortal. Assim como os infernos são lugares onde as emanações de trevas cobrem tudo de penumbra, assim os céus são lugares onde as emanações de luz glorificam e vivificam todo o ser, conduzindo-o a maior exaltação e poder.

Tudo ali reflete luz. Não pode haver escuridão em tais moradas divinas; não pode haver frio nem penumbra; tudo é elétrico na sua potência e no seu poder de força criativa nas almas dos anjos, e os anjos são simplesmente mensageiros da luz, trabalhadores do bem para a humanidade. Tudo é magnético na vida dos habitantes das alturas celestiais, e esses seres magnéticos, pela sua geração de luz e emanação de glória dourada, vitalizam todas as suas paisagens e arredores com o esplendor e a beleza de uma alegria nunca desvanecida.

Assim, nos estados e lugares espirituais que constituem a harmonia e felicidade do Céu, tudo é alegria, atividade e elevação sublime; tudo é Amor, Paz e Luz. Que glória é estar revestido como aqueles que andam na luz, habitar com os doces companheiros de harmonia e afeto, reclamar como nossos os entes queridos que têm progredido em aspiração, labor e poder ao longo dos anos de crescimento nas alturas, encontrar entre eles os nossos, e saber que os alcançámos pelos nossos próprios esforços, pelos nossos desejos de fazer e ser o bem, pelas nossas lutas, lágrimas, vitórias e pelas nossas influências espirituais e mentais benéficas.

O Céu não é destinado a alguns poucos, aos “eleitos” — é para todos. Alguns chegarão por caminhos sinuosos e graus lentos. Muitos terão de percorrer as sendas mais baixas antes de atingir as alturas, mas como o progresso é para todos, e como a lei interior decreta que toda a alma deve, em última instância, regressar ao reino de luz de onde, como princípio de potente inteligência, proveio, regressar como entidade de força consciente, de experiência e de inteligência, capaz de expansão infinita, compreendemos que todos serão atraídos para cima pelo poder gravitacional do Espírito e que nenhum se perderá.

OITAVO CAPÍTULO

“ESPÍRITOS NÃO DESENVOLVIDOS”

OS INFELIZES E DESAFORTUNADOS

OUTROS QUE SÃO MALICIOSOS E PERTURBADORES

O Espiritualismo ensinou muito ao mundo que investiga acerca dos espíritos presos à Terra ou “espíritos não desenvolvidos”. Aprendemos que nem todos os que deixam a forma mortal se libertam imediatamente das condições de ignorância, egoísmo ou hábito; que o homem é retido pela taxa e estado de vibração e gravitação a que pessoalmente pertence.

Os anjos são seres de crescimento ou desenvolvimento, e não apenas de mera translação do reino visível para o invisível. Energia é vida. Tal como as forças potenciais do universo trabalham para expressão energética em todas as formas de ser, mesmo nos processos da chamada dissolução ou desintegração não pode haver senão vida em todo o lado — mas a vida em si varia no grau de desenvolvimento, e, embora uma entidade humana se torne imortal ao entrar no reino “Além do Véu”, não se segue que seja de imediato elevada a um estado de felicidade, cultura e conhecimento.

Os espíritos retêm as suas inclinações pessoais; os gostos e hábitos adquiridos ao longo de anos de atividades terrenas não se transformam de imediato. O mortal que, no seu caminho, se vê num pântano ou areia movediça pode ser capaz de se libertar sozinho, com esforço cuidadoso e deliberado; mas, se perde a coragem e se desanima, ou se luta demasiado violentamente, afundar-se-á ainda mais. Contudo, se tiver a ajuda de uma boa criatura na margem, e ao mesmo tempo conservar sangue-frio e poder de raciocínio para cooperar nos planos para a sua libertação, será rapidamente salvo da sua situação perigosa.

Os chamados espíritos não desenvolvidos estão no pântano ou nas areias movediças da depravação moral ou da impureza psíquica; os seus atos retorcidos, os seus desvios errantes, as dissipações de poder mental e espiritual e de força de vontade conduziram-nos a esta situação. Alguns poucos conseguem libertar-se, não tendo afundado muito, e, no momento da mudança chamada morte, conseguem reconhecer a sua condição, compreender a causa e o caminho para subir. Outros, tendo compreensão intuitiva das relações e condições

psíquicas, aceitam de bom grado a ajuda e a influência que lhes é trazida por auxiliares ministrantes, e rapidamente se colocam no caminho para coisas mais limpas e melhores; outros ainda demoram muito a chegar a uma perceção da verdade, a reconhecer a sua necessidade de ajuda e a aceitá-la.

O egoísmo, profundo e denso, existe em muitas pessoas das chamadas altas posições terrenas. Manifesta-se de várias formas e qualidades. Num caso, exprime-se numa ânsia desmedida pelas riquezas de mina, terra ou posição, levando-as a serem injustas para com outros, a tornarem-se capatazes, opressores e tiranos de todos os que caem no seu poder. Noutro, revela-se na indulgência carnal dos apetites e gostos físicos à custa do desenvolvimento moral ou espiritual; noutro, mostra-se no exercício da arrogância, da autoridade ditatorial e de outras formas de perseguição.

Estas pessoas pertencem todas à classe dos “espíritos não desenvolvidos”; algumas são mais grosseiramente ignorantes e rudes no estado psíquico do que outras, dependendo isso do grau de obtusidade espiritual e voluntária. As necessidades e exigências do corpo físico são naturais e devem ser devidamente supridas. É justo que cada pessoa trabalhe para esse sustento e use os seus melhores poderes, mentais e manuais, para cuidar da vida pessoal e para treinar, confortar e proteger todos os que dependem desse cuidado.

Não criticamos o esforço de alguém para obter meios que lhe garantam a si e aos seus conforto, ou até luxos, até ao fim dos seus dias mortais; isto é legítimo e conforme ao direito e liberdade pessoais, e não tem de deformar o espírito, atrofiar o seu crescimento ou relegá-lo para antros e lugares de trevas e inquietude. O mal está no abuso, não no uso correto desses poderes, capacidades e oportunidades.

O espírito de ganância que se torna tão desenfreado ao ponto de levar alguém a oprimir os seus semelhantes, fazer deles escravos, aproveitar-se das suas necessidades para aumentar os próprios cofres e autoridade, é o espírito que se desenvolve em sentido descendente, atrofiando o crescimento superior. As atividades mentais tão rigidamente orientadas para a via do engrandecimento pessoal, sem qualquer cuidado pelos direitos alheios, e que, de forma oculta ou aberta, se empenham em defraudar alguém, são atividades que tecem uma rede de condições psíquicas miasmáticas que levarão o Ego ao pântano e às areias movediças da aflição e dificuldade. A mente que, de forma

calculada, planeia qualquer dano contra outrem está a trabalhar na própria degradação mental de que inevitavelmente sofrerá. A indulgência das paixões de forma maligna trará a sua própria retribuição. Não há escapatória. Os espíritos não desenvolvidos pertencem a castas ou classes.

Eles não estão todos no mesmo grau ou plano. Quanto mais cedo alguém tomar consciência da sua condição e estiver verdadeiramente ansioso por expiar, por trabalhar para a sua redenção, mais depressa crescerá e sairá do estado infeliz. Muitos iniciam este trabalho de redenção pessoal antes de deixarem a Terra. Aprendem o mal dos seus caminhos e descobrem que a simples atração pelos prazeres carnais ou a satisfação de desejos egoístas não traz verdadeira paz e satisfação interior.

Começam a sentir simpatia pelos seus semelhantes e a conceder-lhes os direitos que antes negavam. Estes seres em processo de reforma estão a libertar-se, aqui e agora, da teia de autodestruição e a estabelecer as forças de desenvolvimento psíquico no seu íntimo. Outros, que não atingem este estado antes de a morte fechar os olhos mortais, podem rapidamente ver-se tal como são e iniciar o processo de reforma; mas este não estará concluído de imediato. O crescimento deve ser lento e completo antes que a transformação seja suficientemente assegurada para que possam gravitar para mundos mais elevados.

Existem espíritos que, devido a condições herdadas ou pela força de circunstâncias cruéis na Terra, foram arrastados para as fileiras dos seres degradados, contra a sua vontade e inclinação; o seu íntimo revoltava-se contra as associações e condições do ambiente; espiritualmente, eram superiores ao que os rodeava e até às suas próprias ações; alguns mataram o corpo para se libertarem da degradação; outros viveram em angústia mental por não terem fuga ao cativeiro.

Estes sofredores não estão profundamente enredados no jugo do pântano e do lodo. As suas naturezas espirituais não se deformaram tanto como as dos voluntariamente falsos, hipócritas e opressores. As suas naturezas morais, embora mais ou menos pervertidas na ação, não estavam estagnadas, e daí a sua tortura mental e rebelião. Estes seres desorientados e infelizes vibraram mentalmente para o bem e o verdadeiro, mesmo enquanto fisicamente estavam presos a coisas carnais. Tais espíritos estão recetivos ao ensino e à influência espiritual

quando libertos da existência material e nunca se afundam nos estados mais baixos de aflição e consciência psíquicas. Rapidamente criam para si, “do Outro Lado”, condições que os elevam, de forma segura e suave, a estados mais finos e a cenários mais belos do que jamais sonharam na Terra.

Vamos agora limitar as nossas observações e exemplos de espíritos não desenvolvidos a duas classes: os infelizes e desafortunados, e os maliciosos e perturbadores. Os infelizes são aqueles que foram vítimas e presas de condições e circunstâncias sobre as quais tinham pouco controlo; muitos tipos diferentes de caráter, hábito e circunstância pertencem a esta categoria. Alguns viveram vidas de dissipação e pecado; alguns foram filhos da necessidade, da ignorância e da miséria humana; outros tiveram melhores condições de meio e circunstância, mas eram demasiado fracos mental ou espiritualmente para se elevarem acima da tentação e do desejo.

Por uma razão ou outra, estes seres não geraram — provavelmente não podiam gerar — as forças e elementos de vital poder espiritual, as linhas magnéticas e a substância etérea que criam uma alta vibração e que pertencem aos estados mais finos da vida e elevação espirituais; por isso, não tinham poder para se elevar muito acima das condições terrenas.

As suas emanações pessoais eram mais ou menos turvas e carregadas de elementos terrenos, e, portanto, não podiam ver belas paisagens, ouvir sons suaves, sentir a carícia de um ar morno, ou obter uma visão gloriosa das coisas espirituais ao deixarem a matéria. Alguns são atraídos durante muito tempo para antigos lugares e associações, e não conhecem outra forma de vida senão a mortal; são inquietos e infelizes, pois não conseguem satisfazer os antigos apetites da mesma forma; não podem ser uma expressão individualizada para os antigos companheiros; não podem manter as mesmas relações com a vida carnal que antes tinham e, no entanto, pertencem à Terra e são parte dela.

Podem, ou não, ter consciência de que deixaram o corpo mortal; muitos são indiferentes a esse facto. O seu único desejo parece ser viver como antes, sem mudança; mas são infelizes e sentem as névoas e a escuridão. Conhecem as suas limitações; percebem a pobreza das suas condições. Não estão satisfeitos com o ambiente nem consigo próprios, mas podem demorar muito até chegarem à conclusão, profunda e sincera, de que podem e querem elevar-se a coisas mais altas. São

infelizes porque são vítimas das próprias perversões e não têm força ou vontade para melhorar as suas condições. São infelizes porque são inquietos, insatisfeitos e psicologicamente deformados e miseráveis. Vivem entre emanações terrenas, e são “da Terra, terrenos” ao ponto de não conseguirem, sozinhos, libertar-se da teia dos seus atrativos e desejos.

Pessoas desta classe podem vir dos bairros de miséria, das casas de jogo, das tabernas; outras podem vir dos salões da moda e da frivolidade social, e ainda outras podem ser oriundas dos mercados financeiros, das Bolsas ou dos meios de especulação; pois, em qualquer direção e vibração em que a “paixão dominante” tenha predominado, é aí que reside o poder da sujeição.

Muitas vezes, estas pessoas ligam-se a mortais suficientemente sensíveis à influência psíquica e capazes de responder, em vibração, a essa linha particular de atração ou expressão, e assim estes invisíveis obtêm alguma forma de satisfação para os seus apetites, desejos ou inclinações mentais. Esta é uma forma de “obsessão” e, se prolongada, torna-se perigosa e incómoda para o sujeito inconsciente e enfraquecido.

Estes espíritos infelizes e desafortunados não estão desenvolvidos, pois os seus corpos espirituais são disformes, as suas faculdades morais estão distorcidas, as suas possibilidades psíquicas estão tolhidas. São ignorantes e necessitam de instrutor e cuidador. Mas não são maliciosos; não desejam prejudicar ninguém; podem, por vezes, prejudicar conscientemente um sensitivo a quem se ligam, mas raramente percebem que estão assim a infringir os direitos de outrem.

Não enviam nenhuma força de malícia para a Terra; apenas continuam no velho caminho por força do hábito e da teia em que estão enredados. Tais seres são cuidados especiais de grupos de espíritos ministrantes que trabalham de várias formas, segundo o caso e condição, para exercer uma influência psicológica estimulante sobre eles. Muitas vezes, isso é conseguido com a cooperação e magnetismo de mortais; noutras, pela ação exclusiva do invisível.

Em qualquer dos casos, o trabalho acaba por ser assumido por guias e missionários benevolentes, e os infelizes são finalmente colocados na estrada ascendente que conduz à felicidade, ao refinamento, à luz e ao poder espiritual.

E quanto aos mortais que foram “presas” desses espíritos não desenvolvidos e que, em maior ou menor grau, passaram a vibrar em

uníssono com os seus desejos e indulgências? Também estes terão de sair dos “bairros de miséria” espirituais por alguma força inerente da sua natureza que, embora oculta, contém algo do mesmo tipo de fraqueza e corrupção moral do parasita, caso contrário, não poderiam ter respondido à influência. Foram “cúmplices no pecado”, mesmo sem saber da existência da entidade obsessora, e, por isso, terão de trabalhar para a sua própria salvação, embora, se se reformarem ou tentarem melhorar aqui, não sofram as dores de um penoso renascimento no outro lado.

Apesar de ridicularizados e desprezados por muitos espiritualistas proeminentes, bem como pelo mundo exterior que nada sabe das leis psíquicas, é um facto que muitos médiuns sensíveis, puros e verdadeiros, são instrumentos de redenção para espíritos não desenvolvidos.

Estes médiuns, no recato e harmonia dos seus lares, são levados a realizar sessões para este trabalho instrutivo e reformador; os seus próprios guias e auxiliares espirituais, pertencentes às fileiras de missionários e educadores dos planos superiores, iniciam este trabalho por motivos sábios e benevolentes. A sua necessidade e utilidade são fáceis de explicar.

Tais médiuns, escolhidos para este tipo de labor, são gradualmente preparados para isso pelos seus guias missionários; as forças magnéticas destes são cuidadosamente combinadas com as forças douradas daqueles. As vibrações dos guias ligam-se às do sensitivo, criando-se uma atmosfera de poder graduado e luz, que os infelizes podem absorver e pela qual se sentem atraídos, sendo então introduzidos nesse ambiente.

Muitos desses seres, embora recetivos à influência do bem quando a podem absorver e apreciar, são tão ligados à Terra que os elementos espirituais do missionário invisível não teriam efeito apreciável sobre eles se não fossem combinados com o magnetismo de um mortal, cuja vida física, por necessidade, mantém nele algo do estado terreno, mas que é misturado com as suas emanações espirituais, vindas do outro lado; com esta fusão cuidadosa, o trabalho prático pode ser realizado.

O espírito a ser despertado e regenerado é magneticamente conduzido ou guiado até à atmosfera do médium. Se este for um médium de transe, o espírito é atraído para a sua aura mais completamente e, antes que o infeliz se aperceba, está na posse do instrumento. Talvez tenha coragem ou força para contar a sua história e mostrar desejo de ser libertado do

sofrimento, ou talvez não. Assistentes inteligentes, junto do médium escolhido e instruído pelos guias, compreenderão a situação e tratarão o visitante com bondade, dando-lhe boas-vindas e assegurando-lhe ajuda e simpatia.

Muitas vezes, uma única visita é suficiente para despertar as faculdades morais para uma aspiração e atividade mais saudáveis e, quando é afastado do contacto com o médium, pode receber a atenção e influência dos guias e ser levado por eles a algum plano espiritual de estudo e treino, onde iniciará um ciclo de lições e trabalhos que desenvolverão o seu caráter e melhorarão a sua natureza.

Durante vários anos, o nosso próprio lar foi palco de uma sessão semanal deste género, estabelecida a pedido do nosso estimado e amado mestre e ajudante, Espírito Pierpont. Ficámos surpreendidos com tal pedido, pois até então tínhamos tido pouco interesse no assunto e não dávamos importância às afirmações de alguns médiuns de que eram usados por poderes espirituais para regenerar caracteres não desenvolvidos. Depois da nossa mudança para a Califórnia, este trabalho aprofundou-se connosco, tornando-se estudo e labor sérios.

A partir das experiências aí vividas, aprendemos muitas coisas acerca das forças e inteligências psíquicas; adquirimos também conhecimento da magnitude e da necessidade de esforços especiais em favor dos espíritos submersos, e uma das lições que nos foi ensinada foi a beleza de reservar opinião ou crítica sobre quaisquer alegações de mediunidade e Espiritualismo até termos vivenciado algo nessa linha ou o termos investigado por nós próprios.

Pois, sem possibilidade de dúvida ou negação, viemos a saber da presença de espíritos não desenvolvidos, da necessidade que têm da influência, magnetismo e conselho de mortais espiritualmente inclinados e compassivos, bem como da ajuda de mestres espirituais nos seus esforços de ascensão; da verdade de que as forças e poderes psicológicos podem abençoar ou amaldiçoar entidades humanas e de que os nossos próprios pensamentos podem elevar ou rebaixar (deprimir) os nossos semelhantes.

No outono e inverno de 1893-94, enquanto servíamos a Progressive Society de São Francisco durante a temporada, realizámos um círculo semanal de desenvolvimento para um número limitado de pessoas naquela cidade, do qual fazia parte a Sra. Julia Schlesinger, então editora do *The Pacific Coast Spiritualist* e anteriormente proprietária e

diretora da excelente revista *The Carrier Dove*. Em muitas dessas sessões, esta senhora encontrava-se em transe profundo, transmitindo mensagens de beleza e interesse de vários espíritos que a utilizavam como porta-voz nessas ocasiões.

Uma das ilustrações mais vívidas e instrutivas do domínio que uma inteligência espiritual pode manter sobre assuntos e posses mundanas — psicologicamente falando — foi-nos dada através da mediunidade da Sra. Schlesinger, numa das nossas reuniões. O transe foi, nessa ocasião, provocado por um homem cujos hábitos e natureza avarentos se manifestaram claramente. Sob essa influência, a voz, a expressão facial e a personalidade da médium transformaram-se completamente.

O gesto ansioso de agarrar e arfar pelo seu ouro, a intensidade do seu modo de se exprimir, o movimento das mãos como se segurasse o tesouro em moedas que reivindicava como seu, tudo era indicativo da ânsia pela riqueza e da ganância que tinham dominado a sua vida terrena. Todo o episódio foi tal que prendeu os presentes num feitiço de profundo interesse e expressou eloquentemente a terrível condição de um ser humano que se deixou deformar e enlouquecer por qualquer apetite, desejo ou hábito carnal.

Outro membro desses círculos era um jovem, também médium de transe, com mais do que o poder comum, que alguns anos mais tarde foi residente na nossa casa, no sul da Califórnia, durante os seus anos de estudo e trabalho numa faculdade de medicina; refiro-me ao Dr. Max A. Becher, que durante seis anos foi médico nas Filipinas e que atualmente se encontra em Mindanau. Este senhor também entrava frequentemente em transe nas nossas sessões de São Francisco, e nessas ocasiões personificava os vários espíritos que utilizavam o seu organismo, reproduzindo todas as peculiaridades e características das suas naturezas.

Mais tarde, quando o nosso círculo semanal foi estabelecido por Espírito Pierpont para o aperfeiçoamento de espíritos não desenvolvidos, o Dr. Becher tornou-se o principal instrumento de serviço nessa área. Os nossos participantes eram poucos — o Dr. Becher, então a exercer trabalhos de cura magnética no nosso consultório; o Sr. E. K. Hurlburt, conhecido poeta de Pasadena; a sua gentil mãe, espiritualmente inclinada; e o Sr. e a Sra. Longley. Mas, nessas reuniões, parecia que multidões estavam presentes, como de facto estavam, em espírito, tal era a força da influência e a manifestação de presenças humanas.

Nessas sessões, o Pai Pierpont, Lotela, Nannie e outros espíritos amados e respeitados manifestavam-se geralmente através da Sra. L., trazendo discursos espirituais, mensagens, poemas e instruções para a nossa orientação; mas a grande obra consistia no transe do doutor, por espíritos que eram atraídos ou trazidos até nós com o objetivo de os encaminhar para uma estrada mais elevada rumo à felicidade e ao conhecimento.

Das cenas que presenciámos por meio dessa mediunidade, das exibições de dor e angústia humanas, das histórias de fraqueza e desespero, não podemos falar com suficiente eloquência. Nenhum presente poderia duvidar da genuinidade do transe nem da realidade do trabalho realizado. Nenhum dos espíritos contava a mesma história de vida terrena.

Todos mostravam características profundamente interessantes, evidenciando honestidade e apresentando “marcas” de sinceridade e veracidade. Cada espírito dava pormenores completos da sua vida na Terra — nomes, locais e relatos das suas experiências antes e depois da morte — que traziam o selo da verdade. O médium assim utilizado era alemão, prático, positivo, naturalmente estudioso e nada dado a imaginações ou invenções.

Alguns dos espíritos que chegavam eram de maneiras suaves, patéticos e gentis; a estes o nosso coração ia ao encontro, enquanto contavam as suas simples histórias de sofrimento e pecado; eram facilmente guiados pelo bom caminho e retirados da névoa em que tinham estado, mais ou menos, imersos. Outros eram alegres, ousados, vivos, mas interessantes; embora não pudéssemos aprovar o seu modo de ser, simpatizávamos com as suas personalidades.

Com estes conversávamos, aconselhando e mostrando-lhes um caminho melhor. Alguns eram desafiadores, quase ofensivos na maneira de se exprimirem, exibindo um espírito de bravata; mas eram tratados com bondade e, geralmente, mostravam alguma vergonha e desejo de alcançar condições mais luminosas antes de se retirarem ou de serem afastados da aura do médium.

Entre os “capturados” e trazidos ao médium, alguns eram extremamente malignos nas expressões de ódio por todos nós, especialmente pelos médiuns; estes eram os mais difíceis de lidar e nunca conseguimos fazer muito por essa classe com as nossas palavras e influência. Mas os guias informaram-nos que tais espíritos eram trazidos não para receberem

impressões nossas, mas para ficarem psicologicamente presos à aura da sessão e ao magnetismo do médium-doutor, permitindo assim que os missionários espirituais obtivessem melhor domínio sobre eles e os colocassem sob influências mais positivas de contenção e força magnética.

Esses últimos não pertenciam necessariamente à classe de pecadores que o mundo chama de ladrões, bandidos ou assassinos; apenas poucos de caráter tão vicioso vinham até nós, e, quando vinham, eram geralmente dóceis e prontos para ajuda e reforma. Os que mostravam feições diabólicas de ferocidade, ódio maligno, crueldade e astúcia perigosa eram, sobretudo, aqueles que tinham sido interrompidos no seu trabalho consciente e voluntário de subjugar outros seres humanos à sua vontade indomável.

Espíritos obsessores que se ligavam a mortais para os manter em servidão mental, ignorância ou nos ambientes do crime, ou ainda para arrastá-los à degradação e à infâmia. Estes são os espíritos não desenvolvidos que fomentam a discórdia e se mostram inimigos maliciosos do progresso, da verdade e do conhecimento espiritual, e muitos deles ocuparam lugares de destaque na Terra.

Muitos desses seres eram conhecidos como forças dominantes, mantendo ignorância e servilismo na vida dos seus dependentes; indivíduos que, através de artifícios engenhosos, práticas desonestas, hábitos secretos e autoridade dominadora, teciam para si vestes terrenas que não poderiam ter lugar no reino espiritual, mas que os prendiam por fios de força psicológica aos ambientes mais baixos, onde a sua personalidade dominante se espalhava como teias de influência obsessora para apanhar os incautos e fracos que não desejam pensar por si próprios, mas se contentam em ser guiados, em religião ou ciência, por prelados ou sacerdotes.

Na nossa experiência com tais entidades, aprendemos que eram inteligências verdadeiras, que não hesitariam em causar mal a quem pudessem atingir e que questionasse as suas motivações ou se opusesse ao seu trabalho. Em nossa casa, muitas vezes tivemos provas físicas da presença de uma força opositora que, contudo, nunca conseguiu causar-nos dano real, pois o nosso Grupo Espiritual mantinha todas as nossas condições psíquicas bem estabelecidas para nossa proteção e bênção.

Seria de interesse geral relatar em detalhe muitos desses casos de manifestação e poder espiritual, mas não podemos aqui alongar-nos. Basta dizer que continuámos nesse trabalho até que os nossos instrutores deram o sinal para o seu encerramento, e temos todas as razões para acreditar que muito se fez tanto pelos espíritos como pelos mortais, graças ao que nos foi permitido realizar em cooperação com os verdadeiros e fiéis mestres dos planos superiores.

Ainda a este propósito, podemos referir que, embora por vezes espíritos mais malignos tentassem ferir ou até tirar a vida ao jovem que servia de instrumento para o nosso trabalho, nunca conseguiram causar-lhe mal permanente — apenas algumas horas de sofrimento físico e mental nessas ocasiões — até pouco antes de encerrarmos essa fase dos nossos labores psíquicos. Isso aconteceu numa noite, em nossa casa em Los Angeles.

A sessão decorreu normalmente; apenas estavam presentes o Sr. e a Sra. Longley e o médium. Os espíritos manifestaram-se e partiram. Um deles, de incomum força positiva e mentalidade, deu-nos meia hora de experiência interessante, mas também se retirou, depois de ameaçar "acabar" com o jovem. Estávamos calmamente a conversar antes de encerrar quando percebemos que o Dr. Becher estava em grande sofrimento e incapaz de se mover.

Estando plenamente consciente e ciente da sua situação, pediu-nos que o colocássemos no sofá e aplicássemos a bateria elétrica nos membros, o que fizemos, trabalhando nele até alta noite. Lotela veio e disse-nos o que fazer, explicando que o espírito maligno lançara uma influência sobre o médium, paralisando temporariamente os centros motores, e advertiu-nos para termos extremo cuidado com o doente nos dias seguintes — e assim foi.

Durante cerca de dez dias, o doutor esteve muito fraco, passando três dias praticamente paralisado. Sempre tivera excelente saúde, era vegetariano, homem de bons hábitos e, segundo o seu próprio conhecimento e diagnóstico, não havia causa física para tal ataque e seus efeitos. Cremos firmemente que veio dessa fonte maligna que descarregou uma influência nefasta sobre o médium que fora instrumento da sua derrota. Em menos de duas semanas, o doutor recuperou totalmente e nunca mais teve experiência semelhante.

Os seres infelizes e desafortunados referidos no início deste capítulo, que são recetivos à razão, ao conselho e à influência suavizadora, não

têm desejo de prejudicar ninguém; estão sobretudo absorvidos na sua própria situação e assuntos e, mesmo que tenham sido atraídos para a atmosfera de um mortal, fixando-se de algum modo num sensitivo, não têm má intenção contra essa pessoa. Recebemos muitos destes nas nossas sessões e tornaram-se nossos amigos.

Alguns, dessa classe, controlavam ocasionalmente a Sra. L., transmitindo as suas mensagens através dela, embora a maioria preferisse o doutor como instrumento. Raramente algum espírito mostrava sinais de violência através da médium, mas numa noite ela foi controlada por uma jovem que falecera em Boston em estado de violenta insanidade. Esta entidade tomou posse da médium e, num salto rápido, subiu à mesa para agarrar o candeeiro pesado, que estava tenuemente aceso, com a clara intenção de o arremessar ao chão.

Se os homens não a tivessem agarrado a tempo, certamente teria havido destroços, mas os guias disseram-nos mais tarde que sabiam que ela não poderia causar mal, e que, sendo ela — o espírito sofredor — mantida nesse estado de demência desde os poucos meses decorridos desde que partira da Terra, devido a condições psicológicas ligadas a um caso amoroso, a tinham atraído ao nosso lar e à nossa atmosfera mediúnica com o objetivo de quebrar o feitiço e com a intenção de a magnetizar para um sono que a curasse e abençoasse. Soubemos que este espírito era de uma tal Srta. Emma —, que partira da Terra em 1895, em tristes e peculiares circunstâncias de loucura.

Todos os espíritos não desenvolvidos que são ignorantes, supersticiosos ou fanáticos em assuntos religiosos, ou sobre qualquer outro tema, não são de modo algum maliciosos no íntimo, mesmo que pareçam querer causar dano a outros. Muitos destes foram redimidos para vidas de útil ajuda a médiuns e a outras pessoas; por exemplo, tínhamos vindo a receber sinais de alguma presença perturbadora durante algum tempo na nossa casa de Pasadena — ruídos que soavam como se a cabeceira da cama, uma peça muito grande e sólida de nogueira preta, fosse ser reduzida a achas, e outros sinais de violência soavam frequentemente, geralmente depois de nos deitarmos.

Os nossos guias não pareciam explicar muito, além de dizer que eram os espíritos que os produziam, e já nos estávamos a habituar, quando numa noite, por volta das 2 da manhã, a Sra. Longley entrou em transe por influência de um espírito, foi levada a sentar-se na cama e a acordar o marido. Seguiu-se a conversa:

— “O que se passa?”, perguntou o Professor.
— “Passa-se muito”, disse o espírito. “Vim cá para partir tudo.”
— “Quem és tu?”
— “Sou um espírito decente e tenho de pôr as coisas em ordem.”
— “Porque queres partir tudo?”
— “Porque vocês andam a fazer estas reuniões e não têm direito a isso.”
— “Porquê?”
— “O padre disse-me; disse que é preciso acabar com isso; que estão a fazer mal. Tenho de magoar esta senhora para ela não poder trabalhar, e tenho de destruir aquele rapaz lá (referindo-se ao doutor que dormia noutro quarto). Ele é perigoso, disse o padre, e tem de ir. Nós não fazemos perguntas; quando o padre diz para fazer, é isso que fazemos.”

Assim continuou a conversa. O espírito deu o nome de “Pat Murphey”, disse ter vivido em Boston, ter sido carregador de tijolos e que não era muito dado a ir à igreja — deixava isso para a mulher, Ellen —, mas que achava mais seguro fazer o que o padre dizia, sem perguntar nada.

Durante uma hora falaram, e o espírito foi-se acalmando com a maneira tranquila e persuasiva do Sr. Longley, acabando por concordar em adiar o “momento de partir tudo” e voltar para mais conversa. Admitiu ter visto o Espírito Pierpont por perto e que “Sua Reverência” — como sempre passou a chamar a esse guia — o vigiava, mas que ele, Pat, não tinha grande apreço por isso. Falava sempre com sotaque irlandês marcado, revelando a personalidade de um irlandês corpulento, desafiador e ainda assim bem-humorado.

Este espírito voltou muitas vezes e tornou-se um verdadeiro convertido ao nosso trabalho, passando a interessar-se vivamente por ele. Muitos dos nossos amigos vieram a conhecê-lo e a estimá-lo. A sua originalidade, as observações espirituosas e a lealdade firme àquilo que reconheceu como verdade conquistaram-lhe muitas amizades, e tornou-se muito útil a todos.

Não era realmente maligno; as suas ideias estavam deturpadas, mas quando encontrou a verdade, aceitou-a com gosto. Não era, de facto, um seguidor assíduo da Igreja, mas, por não saber ao certo o que a imortalidade lhe reservaria, achava mais seguro seguir as instruções do padre. Mais tarde disse-nos que não era tanto o que fazíamos para ajudar os espíritos não desenvolvidos que o tinha levado até nós, mas sim as outras sessões que realizávamos semanalmente para receber mensagens espirituais destinadas a serem publicadas num jornal

espiritualista. Tinha sido o “autocrata” a enviá-lo, e que havia muitas inteligências semelhantes a fazer tudo para incomodar e perturbar médiuns usados na divulgação da verdade espiritual e no estabelecimento do facto da comunicação com os espíritos.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO PRIMEIRO
A VIDA DA ALMA

O tema escolhido para o nosso discurso desta vez foi selecionado com o intuito de vos ensinar algo sobre a alma e, por isso, formulámo-lo como “A Vida da Alma”.

Muitas definições foram dadas para a palavra “alma” por diferentes escolas de pensamento e vários professores nas nossas próprias fileiras da filosofia espiritual, e a interpretação que vamos dar pode diferir um pouco daquela com que estais familiarizados, porque muitos dos nossos professores públicos — e talvez muitos dos que são invisíveis ao olho mortal mas inspiram esses professores de tempos a tempos — têm interpretado a palavra “alma” como significando a entidade humana no estado de inteligência, atividade e consciência desenvolvidas. Pessoalmente, não aceitamos esta definição e explicaremos porquê.

O que estes professores consideram ser a alma, no desenvolvimento e perfeição dos princípios da vida tal como se manifestam através da inteligência, consciência e atividade, nós consideramos ser uma entidade espiritual; e interpretamos a alma como algo independente até certo ponto, mas que sempre permeia, infiltra e anima este corpo ou forma de vida espiritual. Para nós, a alma é o princípio essencial, a essência de toda a vida que anima este conjunto de elementos, forças e atividades a que chamais ser humano.

Tal como aprendemos nos nossos estudos no lado espiritual da vida, e como agora entendemos, a alma pode ser comparada a uma Chama de Luz, brilhante e bela na aparência — se a pudésseis ver —, poderosa no seu potencial, e o princípio que, ao entrar em contacto com o universo da atividade, atrai para si os elementos, forças, partículas e átomos necessários para a construção da forma. A Chama da Alma atrai para si estas forças e elementos magnéticos, sendo a força eletrificante que permeia toda a vida. Esta é a nossa conclusão, após muitos anos de estudo atento sobre o assunto.

Aprendemos que a grande fonte de toda a vida e ser é, em si mesma, luz — luz que glorifica e vivifica — que permeia todo o ser, todo o universo, e faz sentir o seu poder.

A alma da humanidade é descendente dessa fonte central e suprema de toda a luz; esse grande sol central — se assim o podemos chamar — contém a potência de toda a inteligência e atividade e de todos os princípios que compreendemos pelos termos amor, verdade, sabedoria e poder; e essa força luminosa central produziu o que chamamos a vida da alma do ser consciente e sensível, manifestado não só na forma humana, mas em várias formas e graus nesta vida que conheceis. Emerson, belamente, referiu-se à vida infinita como a “Alma Suprema” — grandiosa, gloriosa e glorificante — pairando sobre as águas do grande abismo, e acima de tudo o que o universo contém, permeando-o com a sua força vivificante.

Na antiguidade, era costume o homem primitivo adorar o sol como o grande luminar da própria vida, como a força vivificante de todo o ser e, não conhecendo as qualidades interiores da vida espiritual, este homem, percebendo a potência do sol na sua trajetória, curvava-se diante dele e fazia sacrifícios a esse grandioso poder central de luz. Havia aqui um fundo de verdade, pois mesmo o homem primitivo, na sua busca por compreender a natureza e a própria vida, era intuitivo em muitos aspetos. Sentia a força da vida, mas não a sabia interpretar. Sentia as qualidades místicas do seu poder vivificante, mas não sabia de onde provinham.

A alma, afirmamos, é uma Chama de Luz; ou, na sua fase inicial — antes de se ter expandido pela expressão e experiência humanas — é um ponto de luz, uma centelha de brilho tão gloriosa que deslumbraria os vossos olhos mortais se a pudésseis ver. Mesmo o mais pequeno ponto de luz, que é um princípio da alma, um elemento de poder investido no mais baixo ser humano que possais imaginar, se fosse retirado e revelado à vossa visão mortal, pareceria tão brilhante e ofuscante que não o poderíeis encarar claramente, nem compreender o seu potencial.

De onde vêm estes pontos de luz a que chamamos almas humanas? Quem poderá dizer? Que mente finita pode interpretar e explicar a fonte do ser? Quando a mente puder estender-se e entrar em contacto com a fonte central de todo o poder e inteligência e explicar as maravilhas infinitas da própria vida, e de onde vêm estes germes de alma — esses pontos de brilho destinados a flamejar incessantemente através de várias formas de expressão, vivificando e revivificando entidades humanas até

que também se tornem semelhantes a Deus em poder e expressão —, então essa mente será infinita e não poderá entrar em contacto com a vida finita para dar um entendimento inteligível destas obras maravilhosas.

Não pretendemos, portanto, explicar de onde vêm esses germes de alma, mas acreditamos que vêm da fonte infinita de todo o ser — a Alma Suprema — a luz central que chamamos Deus.

Não importa pelo nome pelo qual reverenciamos ou chamamos aquilo que é infinito; não importa se, por um lado, preferes chamá-lo Natureza e dizer: “Adoro a Natureza, e a minha religião é a Religião do Naturalismo”; ou se, por outro lado, dizes: “Creio em Deus. Adoro o Ser Supremo – o meu ideal. A minha ideia de infinitude é a de uma grandiosa Inteligência Suprema, majestosa, magnífica em expressão e poder.” Não importa pelo termo que se designe essa grande fonte central de luz. Cremos que todos reconhecem intuitivamente que existe um Poder Supremo que permeia este nosso universo e que o desígnio, a ordem e a grandeza de expressão se manifestam por toda a parte.

Não se pode olhar para a noite estrelada e contemplar o magnífico espetáculo dos céus, percebendo como essas estrelas e mundos ultrapassam qualquer conceção humana de número, e acreditar que tudo isto é obra do acaso, que não existe mão que o conceba, nem mente infinita a espalhar estas glórias diante dos nossos olhos e a marcar cada mundo, cada estrela e cada sistema com o seu próprio poder para a grandeza da expressão e do ser eternos.

Não se pode caminhar pelos campos da natureza, quando a primavera estende as suas vestes de verdura e as águas murmurantes falam de vida, beleza e harmonia por toda a parte; quando o verão, com o seu fulgor rubro, apresenta as suas belezas à nossa contemplação e nos dá a cor, a riqueza, a glória de uma perfeição que o homem não pode retratar; ou quando o outono revela o seu fruto nos ramos, o seu esplendor e a sua abundância no cimo das colinas e nos vales.

Ou mesmo quando a neve e o gelo do inverno estão por toda a parte, prendendo os regatos e cobrindo as bermas de neve leve – não se pode assistir a este panorama das estações e acreditar que nele não se manifesta desígnio. As estações que passam mostram, além de qualquer sombra de dúvida, que o desígnio, a ordem, a utilidade e tudo o que constitui manifestação de inteligência estão ali retratados pela obra da natureza; e, por isso, não importa se dizes que é “Lei”, ou “Força Infinita”,

ou “Inteligência Divina”, ou “Natureza a agir através das diversas formas de expressão”, ou “Deus”; é tudo uma e a mesma coisa – o Espírito, grandioso, belo, majestoso, manifestando poder através de cada átomo e por todos os modos de manifestação.

A vida da alma é aquilo que este ponto de luz – este esplendor supremo de que falamos – conquista para si nos processos de desdobramento, através das diferentes formas e manifestações de ser a que chamamos humanas, e que pertencem aos vários planos de existência. Vamos dizer-vos como o germe da alma aparece ao olhar do espírito. Existem espíritos, seres humanos que já partiram da vida mortal. Todos vós sois espíritos encerrados em carne mortal, mas referimo-nos àqueles que já saíram do corpo e que estão apartados das condições e ambientes da vida material.

Há muitos espíritos que nunca viram um germe de alma; nada sabem a seu respeito e, se interrogados sobre ele, poderiam legitimamente afirmar que tal coisa não existe, pois não a veem nem com ela contactaram. Um dia, sem dúvida, esses mesmos indivíduos terão progredido ao ponto de ver e reconhecer esses elementos e formas que chamamos “germes de alma”. Outros – muitos deles grandes mestres – estão familiarizados com eles; são guias, por assim dizer, e alguns têm ao seu cuidado vários germes de alma, conduzindo-os aqui e ali pela força magnética da vontade e levando-os depois a contactar com vidas humanas na Terra, através das quais obterão expressão no plano mortal.

Agora, descreveremos, tanto quanto possível, como um germe de alma se apresenta a uma inteligência espiritual que o contemple. Mas é preciso recordar que, ao descrever algo pertencente aos estados espirituais fora da matéria, somos obrigados a recorrer aos vossos termos e expressões, à vossa linguagem, às vossas comparações e a tudo o que possais entender, porque, se assim não fosse, aquilo que tentaríamos transmitir-vos seria tão estranho como se fosse dito numa língua morta, impossível de compreenderdes; por isso, ao usar a vossa linguagem, compreende-se que não é possível ao espírito dar uma descrição plena daquilo que é percebido deste lado da vida, onde não estamos limitados pela fraseologia mortal nem obrigados a empregar termos terrenos.

Assim, diremos que um germe de alma parece um ponto de luz brilhante, cintilante, faiscante, envolvido por uma substância vaporosa branca, muito límpida e bela, de cor branco-leite. Quando surge pela primeira vez

à visão de um espírito, tem a forma de um pequeno figo e, no centro dessa substância, encontra-se o ponto de luz que é, na realidade, a Chama da Alma, ou a essência-princípio da vida. Quando chamamos a algo essência ou qualidade essencial, referimo-nos ao que é mais vitalizador, mais poderoso, o tudo em tudo, e aquilo que gera a substância ou objeto em questão. A essência de uma flor é o seu perfume – o seu espírito – e, graças a essa essência, a flor é odorífera para vós e algo de agradável.

O princípio da alma, portanto, ou este ponto de luz – que é o poder vivificante envolto nessa substância vaporosa e brilhando intensamente através dela – tem associado a si elementos e forças magnéticas do ambiente e das condições de vida ao seu redor, formando essa envoltura para sua nutrição e proteção. Esta substância de carácter magnético pode ser comparada à que envolve o germe de uma bolota.

A obra da Natureza é verdadeira e exata nos seus processos de construção e desdobramento, e tão exata ao formar uma entidade humana e trazê-la à expressão – que conhecemos como a coordenação de forças e elementos, ou espírito e mente, inteligência, consciência e expressão – como é ao fazer crescer um carvalho a partir do minúsculo germe contido na bolota. Tratamos de problemas científicos quando falamos da vida da alma, do ser espiritual, tal como quando tratamos da forma externa e das suas manifestações aqui na vida material.

Assim, a natureza prossegue na sua bela obra – Natureza, Deus, Inteligência, Força – como lhe queiras chamar – realizando esta tarefa. A Chama da Alma, enviada para o universo a partir da sua fonte central de luz, reúne a si – pois tem o poder de atrair – os elementos e forças magnéticas para formar esta cobertura de que falamos.

Ao abrir a bolota que tens na mão, percebes o pequeno germe no seu interior; sabes que esse germe é a vida da planta, que irá desenvolver-se, crescer, vir à expressão; e a substância ao seu redor, que reconheces como a noz, é aquilo de que o germe se alimentará durante os processos e o tempo de espera da natureza, quando está coberto pela terra, antes de reunir força e poder para se manifestar acima da superfície como expressão.

Ao abrires um grão de milho, encontras o germe rodeado por uma substância leitosa de que se alimentará até ter força para lançar as suas primeiras raízes e tornar-se um caule que dará espigas para teu alimento

e prazer. Assim é com a vida da alma; segue processos igualmente exatos até reunir forças e vir à expressão.

Como dissemos, este germe de alma parece um ponto de luz brilhante no meio dessa substância magnética que o sustenta; tem forma algo semelhante a um pequeno figo e, com o tempo, essa substância aumenta; em vez de diminuir, agrega novos elementos do ambiente, aumentando de tamanho, mas mantendo a mesma forma, até parecer, por fim, uma bela pera, ainda com aparência e substância vaporosa branca.

O ponto de luz alimenta-se, por assim dizer, dessa envoltura magnética; também a absorve; assim, a luz cresce em tamanho e poder, desenvolvendo novas possibilidades – ou, melhor, manifestando o seu potencial, pois, vindo do grande princípio de toda a luz e de todo o ser, tem de estar carregada de qualidades potentes, de força eletrizante; e, ao alimentar-se dessa provisão magnética que é sua, desenvolve-se e irradia maior beleza e poder, até que, seguindo a lei da atração – como todas as coisas na vida devem seguir essa mesma lei omnipotente –, este germe de alma é conduzido pelas correntes de expressão até à atmosfera de algum ser humano no plano mortal; nesse ambiente ou aura magnética, é absorvido e começam então os processos de gestação e crescimento material.

A alma é absorvida nesta coordenação de forças que cria uma forma mortal e, quando os princípios vitais – os elementos positivo e negativo – se fundem, este germe de alma, buscando expressão através dessas formas exteriores, entra na vida consciente ativa na Terra.

Esta é a vida da alma, na medida em que a podemos seguir até ao estado mortal; mas, diríamos, a vida da alma está apenas a começar – isto, se o germe de alma vier diretamente da vida infinita para o estado mortal terrestre. Pode ter passado por várias formas de expressão noutros mundos, noutros planetas. Há os que assim o fizeram e não chegam a este plano no estado de germe de alma de que falamos; mas restringimos a nossa descrição ao germe que supomos não ter tido expressão anterior em nenhuma forma de atividade e consciência que possamos conhecer.

Assim, veio agora à manifestação exterior da vida na Terra. Tem o poder de vivificar e animar esta coordenação de elementos e átomos, impulsos espirituais e forças magnéticas, a que chamamos entidade humana. Todo este agregado de forças formou um corpo mortal, dotando-o de

várias qualidades e poderes, parcialmente extraídos do espiritual, mas em grande parte do material.

À medida que a alma entra em contacto com esta vida magnética da parentalidade, sendo sensível e sujeita a várias forças vibratórias, fica também sob a influência que pertence à vida parental e, consequentemente, ao absorver estas condições materiais, assume também, em parte, qualidades que pertencem à vida dos progenitores e até à dos antepassados – essas forças vibratórias, atuando sobre a criança em crescimento, criam condições que chamamos de hereditariedade, e assim encontramos crianças que exibem traços e características que não se manifestaram nem no pai nem na mãe, mas em ascendência mais remota. Mas, durante todo este tempo, a alma mantém o seu brilho, o seu próprio poder subjetivo e criador.

As condições terrenas e hereditárias, através dos processos materiais da vida, podem ser tais que obscureçam este poder da alma, que, de certo modo, a envolvam numa concha; pode parecer, por um tempo, cristalizada, incapaz de emitir o seu poder cintilante e radiante que promove o bem; mas, durante todo o tempo, a alma está lá – não pode ser destruída; não conhece medo. A alma é do Infinito; não pode perder-se, seja qual for a sua condição ou falta de crescimento.

A vida da alma começa então a expandir-se – se assim o podemos dizer – quando esta chama vital, que é apenas um ponto de luz envolto pela substância de força magnética que mencionámos, permeia pela primeira vez todas as partes da criança em crescimento. Se a vida da alma se retirar, ou se algo cortar a ligação entre este germe de alma e o corpo físico durante a gestação, verificar-se-á que, ao nascer, a criança estará morta, sem vida ou animação – apenas um pequeno pedaço de barro.

Mas, se o germe de alma tomar posse através da aura magnética da mãe, e este princípio de vida produzido pela coordenação de forças através das condições parentais, então a criança viverá, e este germe de alma iniciará o seu trabalho.

Começa, a partir desse pequeno ponto de luz, a enviar linhas radiantes, tal como a raiz da árvore envia as suas ramificações até poder lançar as grandiosas e belas condições de folhagem e fruto e utilidade para a Terra. Estas pequenas linhas radiantes, partindo do centro brilhante, percorrem cada fibra, nervo e condição do corpo humano; é esta vida da alma que não só é a força radiante e o poder animador, mas que permite

a um ser humano compreender e relacionar-se com as condições da vida.

Como já dissemos, a vida da alma pode ser comprimida, recuada, impedida de alcançar o desenvolvimento que lhe pertence, e assim a pessoa pode seguir pela vida mortal como mera sombra do que um ser humano deveria ser; mas, mesmo assim, a alma existe, e é por isso que o funcionamento do corpo e a ação mental do cérebro podem prosseguir, em maior ou menor grau, conforme o caso.

Mas a alma tem uma tarefa – está sempre ocupada. Este corpo humano precisa de alimento. Não nos referimos apenas ao sustento físico, mas aos elementos espirituais, às forças e qualidades extraídas do ambiente mental e espiritual. Este corpo humano requer mais do que pão, carne e vestuário; precisa de algo retirado da própria vida, da natureza, que lhe dê força para seguir o seu caminho no mundo. A Chama da Alma encarrega-se disso.

Continua a ter a sua força de atração, tal como quando, sendo apenas um ponto de luz emitido para o espaço infinito, reuniu qualidades magnéticas à sua volta e formou a envoltura que lhe permitiu contactar com esta vida exterior. Do mesmo modo, agora, ao permear-vos como seres humanos, tem a força de atrair para si elementos, átomos e forças que lhe permitem não só beneficiar estes corpos externos, mas também edificar a forma espiritual que, mais tarde, reclamará em mundos mais grandiosos do que este.

Esta luz ou força flamejante, a que chamamos alma, como já insinuámos, permeia cada nervo e tecido, e não há átomo no vosso corpo que não seja vitalizado por ela; não há elemento nos vossos corpos espirituais – que estão a ser construídos agora – que não seja animado por esta chama vital do ser, e, à medida que avançais no vosso dia a dia, esta maravilhosa força criadora e edificante trabalha constantemente. Não pode morrer, nunca dorme.

A alma pode levar-vos a um estado que vos permita alcançar o descanso necessário ao corpo externo e, quando os vossos olhos estão fechados pelo sono, a vida da alma prossegue incessantemente e, sob a sua influência, podeis projetar-vos para fora da forma externa e entrar em contacto com outras vidas e outros reinos, adquirindo conhecimento e consciência de ser que, embora não consigais trazer de volta à vossa mente consciente quotidiana, permanecem registados na vida da alma e, mais tarde, vos serão úteis para compreender a existência nos planos

espirituais. Esta vida da alma continuará a animar a consciência e a permitir-vos expressar aquilo que está no vosso interior.

Compreendemos e reconhecemos que as condições da vida mortal têm muito a ver com o auxílio neste processo de edificação. Sabemos que a educação, as oportunidades e todas as várias condições que ajudam um ser humano a progredir aqui na vida mortal contribuem muito para o desdobramento e a expressão da mente humana. Mas a própria Chama da Alma é aquilo que põe a mente em movimento, que lhe permite atrair para si forças do além, desenvolver outras a partir de si própria e, assim, dar à mentalidade o poder de se manifestar em formas admiráveis de realização por todo o universo.

A vida da alma, portanto, enquanto está dentro de nós, enquanto é a grande força motriz do nosso ser, é aquilo que vedes ao vosso redor, pois esta Chama da Alma ou luz – este princípio de ser, com o seu poder atrativo que reúne tudo o que é necessário para a sua expressão na Terra – existe nos reinos do espaço muito antes de vir a esta forma externa para dar manifestação de vida.

Há quem afirme que a alma é produto da matéria. Nós fazemos distinção entre “alma” e “espírito” e afirmamos que nenhum deles é produto da matéria, mas que a matéria, ou a coordenação de átomos e forças em substância ou vida objetiva, que chamamos matéria, é em si produto do espírito, e que o próprio espírito não poderia existir sem a chama vital que chamamos alma, que o anima, atrai, congrega, dando-lhe forma e substância, em conjunto com a formação do corpo material que vemos na Terra.

Escolhemos este tema para vos dar alguma ideia, breve e imperfeita embora, dos vários e maravilhosos processos que vemos no espírito e que dizem respeito à vida e consciência humanas. A Chama da Alma virá, com o tempo, a ter tido a sua experiência com esta forma mortal, ou, melhor dizendo, vós tereis tido a vossa experiência como entidades humanas coordenadas sob a animação da Chama da Alma.

Depois, como seres humanos, deixareis a casca exterior e sereis conduzidos para diante, ainda vivificados por esta Chama de luz, e ainda capazes, por ela, de avançar para reinos de utilidade e poder, para alcançar o vosso progresso e crescimento espiritual. Sem ela, não haveria coesão; sem ela, não haveria ligação; a afinidade química seria desconhecida; a própria lei da atração não existiria; mas com ela, tudo é possível, pois é o ramo dessa grande vida suprema que é o “tudo em

tudo". Assim afirmamos que somos parte do supremo; assim afirmamos que somos chamados a viver na presença viva do poder omnipotente; assim afirmamos que temos o direito de nos chamar filhos do Deus vivo, pois é verdade que dessa grande fonte central provém cada chama de luz – cada alma que encontra expressão aqui ou noutro lugar do vasto universo.

Foi-nos dito que existem inteligências nos reinos do espaço tão embelezadas, tão aperfeiçoadas, que, se se aproximassem de vós na sua majestade e esplendor, não poderíeis vê-las senão como esferas de luz, e, no entanto, têm as qualidades divinas plenamente desenvolvidas, evoluídas até ao divino – tão magníficas que não podemos compará-las a nada além das qualidades de um Deus.

Estas são entidades humanas – se nos é permitido usar o termo – e apresentam-se como esferas de luz para aqueles que não estão no mesmo plano de vibração e progresso que elas; e isto prova-nos que a vida da alma é de chama, que é a luz da infinidade que floresce e desabrocha em grandeza na sua expressão, como a que vos é mostrada nas estrelas brilhantes sobre as vossas cabeças, que seguem na sua beleza incomparável através das eras, cada qual fiel ao seu rumo e à sua função.

São estes os pensamentos que nos vêm ao espírito quando procuramos estudar a majestade do ser, a grandeza da existência, a glória da vida. Pensai nisto: acalentados aqui nos braços da Mãe Natureza, embalados pelos seus abalos e pelo que vos pode parecer serem as suas condições espasmódicas de vida, provavelmente, como a maioria dos mortais, no meio das escuras e húmidas condições da materialidade, a tatear, tentando atravessar a escuridão da ignorância e procurando a luz; buscando sempre, aqui e ali, algum tesouro que vos eleve; avançando sempre com fardos às costas e cabeças curvadas porque as tempestades da vida se abatem sobre vós, podeis ser desculpados se sentirdes que, afinal, a vida é dura – que a vida não é desejável; mas, quando percebeis que sois filhos do Deus vivo.

Quando percebeis que não é esta forma externa de barro, ainda que os seus elementos, átomos e partículas, os seus tecidos e forças, sejam retirados do infinito armazém da natureza e dados pela sua generosidade e bondade, mas que é a Chama da Alma que brotou diretamente do poder infinito de todo o ser, e que sois criaturas que podem avançar, magníficas em poder, esplêndidas em realização, grandiosas para além

das palavras na aspiração, lançando-se sempre para diante e para cima em direção a campos mais elevados de conquista e realização – então podeis compreender que é realmente grandioso estar vivo.

Sim, meus amigos, é glorioso além de toda a expressão compreender que não somos da lama comum; não somos uma bola de terra moldada numa forma qualquer e batida aqui e ali pelas condições da vida que vemos à nossa volta, mas que somos a luz, a glória, o poder do amor infinito; que somos parte integrante da beleza, esplendor, santidade, sabedoria, verdade, inteligência e de tudo o que compõe a omnipotência; que somos almas vivas, que avançamos e podemos atrair para nós, do universo, da atmosfera, de toda a vida, aquilo que eleva, que favorece o desdobramento, que ajuda a caminhar para coisas mais altas, porque a Chama da Alma dentro de nós é a força atrativa.

Quando percebemos isto – que a vida da alma é a verdadeira força atrativa – podemos reunir para nós, a partir do universo, as coisas de que precisamos, aquelas que devemos ter para o desenvolvimento da divindade dentro das nossas vidas; e podemos fazê-lo à medida que estudamos a nós próprios e às nossas condições, à medida que entramos em acordo com a vida e em harmonia com a humanidade.

Assim, subiremos cada vez mais, não contentes em permanecer aqui como crianças a tatear no escuro, mas aspirando a tornar-nos homens e mulheres no sentido mais nobre e grandioso; homens e mulheres de coragem e poder; homens e mulheres de confiança e fé nas coisas divinas; homens e mulheres que têm dentro de si o potencial e a possibilidade da realização, da conquista – não crianças a chorar porque há pequenos obstáculos no caminho e não conseguimos superá-los, mas homens e mulheres seguros na certeza da força que nos permitirá vencer, que nos fará ultrapassar os obstáculos, que removerá os impedimentos pela ação positiva da própria vida.

Assim, dia após dia, sem nos deixarmos abalar pelo que possa parecer um erro, um deslize ou um fracasso, mas apenas reforçando as forças interiores para novo esforço e nova conquista, marcharemos para diante, descobrindo que, passado algum tempo, os impedimentos são superados, os obstáculos ultrapassados, as alturas escaladas, a glória das estrelas ao nosso alcance, e que somos filhos do Deus vivo, plenos da Chama da Alma, de majestade, de amor, de sabedoria e inteligência – avançando, aproximando-nos cada vez mais do amor divino do Pai e da Mãe de todos nós.

CAPÍTULO SEGUNDO
OS GERMES DA ALMA PODEM SER ESPECIALMENTE PREPARADOS PARA UMA CARREIRA MORTAL

No capítulo anterior, sobre “A Vida da Alma”, o inspirador espiritual definiu as qualidades e propriedades do princípio vital ou Chama da Alma, e afirmou que, pela sua força atrativa e coesiva, se torna um germe de alma distinto, cuja finalidade é encarnar-se em substância espiritual e material como uma entidade viva e sensível.

A mesma inteligência inspiradora diz-nos agora que existem germes de alma, e germes de alma; que não é necessário que cada germe inicie a sua jornada de vida sob as mesmas condições e auspícios, e no mesmo plano de ação vibratória, tal como não é comum nem necessário que cada nascimento humano ocorra sob a mesma influência planetária, a mesma influência humana pré-natal, no mesmo ambiente ou nas mesmas circunstâncias mundanas.

O grau de vibração da alma, a sua intensidade de luz varia e, consequentemente, o seu poder potencial é maior ou menor nuns germes do que noutros; e os mestres espirituais dizem que é possível que inteligências elevadas e sábias – aquelas que passaram eras a treinar as suas mentes através do estudo, investigação e experimentação com as forças do universo, e a adquirir conhecimento das leis universais, e a desenvolver sabedoria para aplicar esse conhecimento pelo exercício da força de vontade – selecionem, magnetizem e preparem um germe de alma para desenvolvimentos e serviços especiais, através de um organismo mortal.

Tal como a atmosfera da Terra está cheia de poeira – cada átomo um grão de poeira luminosa, sem a qual não teríamos os efeitos do pôr do sol nem os esplendores do amanhecer – assim a atmosfera psíquica está repleta de germes de alma, pontos de luz que brilham tenuemente através da substância mais ou menos opaca que coordenaram em torno de si.

Sem vontade consciente individualizada, contêm já, contudo, a potência da personalidade e da vida sensível, sendo assim movidos pelo impulso inerente a seguir nos elementos magnéticos que tendem para as atmosferas humanas deste planeta, sendo apanhados nas forças vibratórias do estado físico, arrastados pela lei da gravitação, até que,

um por um, se fundam com as emanações magnéticas humanas dos mortais e nasçam de progenitura humana na Terra.

Estas multidões de germes de alma estão em toda a parte; como os átomos de poeira, enchem a atmosfera. Movidos pelo impulso inerente do poder propagador da Natureza, estão constantemente a incidir sobre a humanidade. Assim como a Natureza, nos seus propósitos e expressões físicas, trabalha sempre de forma mais ativa nas linhas reprodutivas e dirige as suas baterias de energia elétrica mais diretamente sobre o impulso e desejo sexuais da vida sensível, assim também ela, Natureza, no plano psíquico, com o objetivo e fim de propagar a vida da alma em expressões ativas que conduzam, em última instância, à imortalidade e à perpetuação da vida consciente e inteligente, trabalha constantemente para projetar estes princípios germinais da alma em tais condições de atração atómica que criem para eles uma substância espiritual suficiente para os trazer à realidade da vida consciente ativa, que, mais cedo ou mais tarde, desenvolverá o poder de funcionar no plano da imortalidade.

Agora, se a lei do impulso e da atração magnética atua mais plenamente no plano do desejo físico num mortal, e a natureza espiritual é mantida subjugada pela indulgência, ou mesmo pelas ondas de pensamento constantes do desejo físico, o movimento natural dos germes de alma que flutuam no ar tenderá para esse centro, pois a onda de pensamento do desejo sexual criará um vórtice de elementos magnéticos e força elétrica no qual o germe de alma é atraído, e os resultados veem-se em expressões mortais.

Uma força vertiginosa e arrebatadora proveniente destes germes flutuantes pode formar-se em torno de uma mulher humana pela intensidade do cortejo do seu amante, a menos que este seja controlado de forma inteligente pelo poder intelectual e pelo domínio espiritual da sua natureza. Quando liberado apenas pelo lado material, e o carnal está em ascendência, ele submete a sua companheira à corrente de uma força giratória que muito provavelmente a arrastará sob as tentações ardentes das suas persuasões e desejos.

Assim, devido a estas condições psíquicas, bem como físicas, muitas mulheres sensíveis tornaram-se vítimas do libertino, cedendo ao seu poder psicológico, mesmo quando os seus próprios desejos inatos eram de carácter mais elevado; mas podemos dizer, de passagem, que tais infelizes raramente são tão degradadas em espírito ao ponto de

permanecerem por muito tempo imersas nas brumas e trevas dos planos inferiores da vida espiritual, pois o seu desejo inerente de se elevarem torna-se de imediato a força vital que as ergue a um estado melhor, e nunca estão sem o auxílio e orientação de almas superiores. O devasso, o libertino, porém, que provocou voluntária e conscientemente a queda da sua vítima, acaba por ficar preso na sua própria rede, da qual não poderá escapar até ter sofrido plenamente as dores do remorso e da contrição.

Tanto quanto os nossos mestres espirituais sabem, o estado primordial de toda a vida inteligente individualizada é o germe de alma; na verdade, afirmam que a origem de toda a formação e expressão no universo é esse princípio vital, ou energia da alma, que eles comparam a uma Chama de Luz, e que, segundo aprenderam, brota da Fonte Central Omnipotente de toda a Luz, Força e Inteligência.

Este princípio vital é a nascente de toda a ação, o segredo de todo o movimento, estando, por isso, presente no átomo de poeira, no rochedo, na árvore da floresta, em todos os seres rastejantes, em todas as formas de vida animal, no homem, nos planetas, no universo. Mas o princípio vital varia em grau de força potencial e expressão, e, a menos que tenha coordenado para si as forças e elementos do universo etéreo que proporcionam vitalidade eterna, não energizará suficientemente as suas expressões de desenvolvimento para a imortalidade racial ou individual.

Por exemplo, um germe de alma, no seu estado primordial, pode ser fraco e de força potencial reduzida, sendo, assim, atraído para o feto humano, durante o período de gestação, que esteja rodeado e impregnado de vibrações, substâncias e condições puramente terrenas. Todas as condições e elementos, no momento do nascimento e antes, são contrários à vivificação da Chama da Alma, e esta fica praticamente apagada pela influência submersora da matéria física.

Seres assim nascem, ou como monstruosidades em forma mortal, sem qualquer capacidade de desenvolvimento cerebral, ou como monstruosidades morais, cujo corpo físico não tem defeito especial, cujo cérebro pode até desenvolver-se até certo ponto – mais nuns, menos noutros – alcançando expressões de inteligência, mas que não possuem absolutamente nenhuma faculdade espiritual, latente ou de outro tipo. Não têm natureza moral. Tal como a Natureza por vezes desperdiça muitas sementes que caem em rochedos estéreis e em lugares inférteis,

também é pródiga em elementos de germes de alma, pois há-os em abundância na sua generosidade e nos seus reservatórios no espaço.

Estas monstruosidades morais podem crescer e tornar-se homens e mulheres fisicamente completos, podendo até ser atraentes, sedutores, astutos, devido às correntes positivas de poder físico e a uma certa qualidade de força cerebral – sem a essência espiritual – que os anima; mas estão absolutamente desprovidos de consciência. Não existe neles qualquer vivificação da natureza moral.

Torturariam e matariam seres humanos com a mesma frieza e facilidade com que o homem comum destruiria um inseto venenoso, e contemplariam as suas vítimas com o mesmo deleite com que olham para o jantar que lhes sacia o apetite físico. Estes degenerados são apenas sensação física. Não possuem qualquer sentido espiritual, e, portanto, não são capazes de alcançar a imortalidade por crescimento desses sentidos no seu estado e capacidade atuais de existência.

O princípio vital – tal como pode impregnar qualquer forma de matéria física – desprovido de coordenações espirituais, pode ser arrastado para a atmosfera magnética de um casal humano, no momento do ato sexual, e prender-se ao elemento materno, entretecendo-se no feto em crescimento e à sua volta, tornando-se a sua força animadora e impulso vital; mas este princípio de vida não teve o crescimento e a preparação adequados antes de se tornar parte da forma humana.

Não reuniu, na sua atmosfera primitiva, os elementos de éter e de magnetismo espiritual que compõem o revestimento em forma de pera do qual se alimentaria até estar devidamente preparado para a ligação espiritual à vida humana na Terra, nem obteve atividades e energias espirituais que o tornassem uma entidade de alma vibrante e viva por toda a eternidade. É apenas uma amálgama de átomos materiais brutos, mantidos coesos por uma chama potente proveniente da fonte de toda a vida – que pode ser designada energia elétrica – e que, não possuindo dote espiritual, atua nas vibrações de elementos nocivos e de atividades malignas.

Afirmamos que estes degenerados não têm capacidade de funcionar no Plano da Imortalidade; pertencem às agregações de elementos nocivos, matéria bruta, às emanações de exalações terrestres, e a chama de vida que os anima é da mesma ordem e essência que a que energiza o réptil venenoso e o produto animal da ação planetária, que não têm ligação com o universo espiritual nos caminhos da imortalidade. Contudo, a sua

Chama da Alma ou princípio vital não é destruída. Essa força animadora solta-se da forma terrestre em decomposição e permanece na atmosfera como elemento absorvente; pode, ou não, ter reunido energia suficiente e de qualidade adequada, durante a sua expressão mortal, para conseguir atrair elementos e propriedades de substância espiritual e para se integrar nessas vibrações de atividade individual que contribuem para a construção de uma entidade imortal. Se assim for, renascerá, com o tempo, na Terra, em forma humana de grau mais elevado e influência superior, e, através de muitas experiências, dolorosas e agradáveis, trabalhará gradualmente em direção ao bem.

Se, na sua primeira descida à matéria, não se tiver energizado suficientemente pelas vias corretas, para, ao libertar-se desse estado carnal, formar o revestimento que proporciona sustento espiritual magnético, permanecerá ligado às linhas terrenas até ser reabsorvido como Chama de Vida por um ser humano pertencente às raças mais baixas deste plano mortal, e nessa forma iniciará a sua ascensão rumo aos planos espirituais.

O princípio da alma não se perde, mesmo que desça repetidamente a formas materiais e à sua expressão. A mudança de forma não destrói o elemento e o princípio essenciais; estes vivem para sempre e, quando suficientemente energizados, constroem a substância e criam a força da imortalidade consciente.

A declaração precedente toca no tema da “Reencarnação” ou “Reincorporação”? Sem dúvida que sim, mas teremos algo a dizer sobre isso mais adiante. Pode uma Chama da Alma ser reposta na matéria repetidas vezes? Por que não? A Natureza não deixará de ser fiel a si mesma se tal processo fizer parte das suas leis reprodutivas. Uma planta ou árvore pode ser produzida a partir de uma semente ou de uma estaca, embora a força ou germe primordial da planta cultivada diretamente a partir de estaca ou semente estivesse inicialmente contida numa semente; assim também uma imortalidade humana pode ser desenvolvida diretamente a partir de um germe de alma, nos seus processos de desenvolvimento na primeira implantação como semente, ou a partir de uma forma posterior de reprodução na matéria, chamada “Reencarnação”, que envolve o elemento ou germe primordial, mas num estado e fase diferentes de plantio e crescimento.

Tais monstruosidades mentais humanas, como as que mencionámos, que não têm consciência moral, nem fibra espiritual a partir da qual

construir um corpo espiritual, são degenerados; e, embora tenham aprendido o suficiente das condições terrenas e dos padrões humanos para compreender que serão punidos se os seus crimes forem descobertos, e tenham astúcia suficiente para ocultar os seus atos ferozes, possuem muito pouco, se algum, sentido de certo e errado; regozijam-se com o sofrimento das suas vítimas e acumulam atrocidades contra a humanidade com mão impiedosa.

Estes seres irresponsáveis são centros de força elétrica e de paixão maligna, e também absorvem as emanações das paixões e vícios secretos de humanos mais responsáveis – que, apesar de infestarem a vida em cidades, antros e ruas, e noutros lugares, têm uma natureza moral e constituição espiritual, embora pervertidas e defeituosas.

Podemos ainda incluir, na mesma linha, as monstruosidades físicas que nascem na Terra em famílias humanas; repulsivas no aspeto e de carácter grotesco, raramente sobrevivem por muito tempo. Médicos humanos, por vezes, deixaram-nas extinguir-se na hora do nascimento, antes que fossem vistas pela mãe que as gerou; pertencem à classe da vida de forma que resulta apenas de taxas físicas de vibração e que não tem lugar nos estados de consciência espiritual.

A Chama da Alma ou princípio vital destas expressões brutas, ao ser retirada de tais formas, permanece na atmosfera mental e física até ser reabsorvida num corpo humano; nesse momento, pode já estar suficientemente ativa para atrair potências e elementos espirituais e iniciar o caminho para a imortalidade. Todas as raças, épocas, climas e nações já geraram exemplos destas duas classes de monstruosidades; não pertencem exclusivamente às espécies do passado. De tempos a tempos, surgem em ambientes e experiências humanas, e são o enigma do médico, do cientista, do filósofo, do teólogo e do casuístico.

Os germes de alma, na sua essência e potência primordiais, são descendência da eterna fonte de Energia e Luz; mas só quando se rodearam, ou se revestiram, dos elementos das substâncias etéricas descritas no capítulo “A Vida da Alma” é que podem tornar-se entidades vivas capazes de gerar as vitalidades duradouras do progresso eterno.

É possível que os poderes positivos da monstruosidade mental sejam tão pronunciados e ativos que persistam algum tempo após a morte da forma exterior, e que tal entidade tenha até capacidade de se manifestar a um mortal sensitivo de modo a estabelecer identidade; pois o poder do pensamento é potencial e pode assumir várias formas na atmosfera, a

serem interpretadas segundo a conceção do sensitivo que as perceba; mas mesmo essa força e forma positivas desaparecerão com o tempo, à medida que a ação vibratória enfraquece, e o princípio essencial será absorvido.

Mostrámos que os germes de alma variam em força e carácter; que são numerosos e que flutuam na vida atmosférica deste planeta. Também afirmámos que, deste reservatório, inteligências sábias e avançadas, provenientes de planos de sabedoria, podem selecionar exemplares e colocá-los sob cuidados, treino ou influência especiais, dotando-os assim de forças magnéticas potentes para o desenvolvimento de grandes poderes de inteligência e expressão psíquica.

Por exemplo, um antigo conhecedor das operações da lei natural no campo da afinidade e coesão químicas, familiarizado com a lei da vibração e as suas taxas e modos de ação, pode selecionar um germe de alma no seu estado primordial, colocá-lo em contacto com essas leis nas suas formas mais elevadas, magnetizá-lo com a sua própria energia áurica e envolvê-lo completamente em condições que favoreçam o seu crescimento segundo as linhas especiais que deseja que ele siga.

Talvez planeie que esse germe se desenvolva numa entidade de grande coragem moral e capaz de total abnegação no desejo de abençoar a humanidade; a esse germe dará atenção especial em certas linhas de força de vontade e de impulso do pensamento. É como a futura mãe humana na Terra, que estuda arte durante a gravidez para que o seu filho revele talento artístico na sua vida mortal.

O Guia Espiritual, pelo seu cuidado e influência, está a fomentar energias nesse pequeno germe que irromperão na direção que projetou para ele; talvez todo um grupo de espíritos, ou um mundo de alta inteligência, esteja interessado no crescimento desse germe imortal, contribuindo cada um com alguma condição e elemento para a sua força potencial.

Observam a formação do seu revestimento protetor eterealizado; o armazenamento da substância magnética de que se alimentará até se ligar a uma matriz humana na Terra e começar a extrair poder da vida materna. São tão cuidadosos com ele como se fosse uma jóia de valor raríssimo – e assim é, para o seu sentido psíquico – e infundem princípios indomáveis de grandeza moral, mental ou ética no âmago da sua vida.

Quando está suficientemente desenvolvido para ser transportado para este mundo, não é deixado a flutuar ao acaso e a fixar-se em qualquer

forma ou tipo de progenitura que encontre; é cuidadosamente conduzido até ao único casal humano que, de todos os pares humanos, foi reunido pelo poder do espírito e escolhido para ser progenitor desta criança particular da humanidade. Muitos desses germes de alma foram especialmente preparados para o nascimento e a experiência mortais por inteligência espiritual.

Alguns tiveram uma preparação longa e cuidadosa para a sua chegada à Terra; outros recebem o seu treino com menos tempo e dispêndio de força. Mártires, sábios, grandes mestres, pessoas de génio extraordinário não são apenas o resultado de inclinações herdadas e das condições pré-natais da vida mortal, nem produto da “Reencarnação”. É possível que essas leis tenham tido alguma participação na criação das condições que os trouxeram ao mundo, mas a grande fonte do seu poder e sucesso inatos provém da força magnética especial e da preparação espiritual que receberam antes mesmo de entrarem na forma mortal e nos seus planos de consciência.

Todos esses germes de alma especialmente preparados são psíquicos; isto é, são recetivos a forças e influências inspiracionais nos reinos da inteligência espiritual, embora nem sempre se desenvolvam como médiuns ou sequer percebam que estão sob orientação e proteção espiritual. Alguns são médiuns conscientes, trabalhando nas fileiras do Espiritualismo e realizando boas obras, de forma altruísta, para a humanidade, tal como tais indivíduos o têm feito em todas as épocas, sob diferentes formas de consciência, propósito e trabalho humanos.

Quando tinha seis anos, pouco antes de deixarmos a Califórnia, Nannie veio com uma história maravilhosa sobre germes de alma. Tinha tido uma lição sobre o tema e o professor espiritual mostrara aos alunos um par de pontos de luz, explicando a sua função e destino, no que dizia respeito ao seu desenvolvimento para o nascimento e crescimento mortais.

Pouco depois, a criança contou-nos que Iberna, um espírito atlante que, como professor e guia, já nos era algo familiar – e de quem falaremos mais adiante – tinha selecionado e colocado um germe de alma no seu laboratório no planeta espiritual, e que este deveria ser magnetizado frequentemente e receber cuidados especiais, pois um dia iria nascer em forma humana e tornar-se líder num grande trabalho pela humanidade. De tempos a tempos, a criança falava-nos desse germe de alma. Dizia que algumas das forças eram recolhidas de médiuns altamente sensíveis

e outras de altas inteligências do mundo espiritual; que, por vezes, o via a flutuar na atmosfera, mas que estava sempre ligado por um fio elástico e brilhante ao centro de poder onde Iberna o colocara inicialmente.

Com o passar do tempo, deixámos de perguntar pelo germe de alma e poderão ter passado uns três anos até Nannie anunciar que ele se transformara numa forma luminosa como uma grande pêra e estava quase pronto para ser projetado em forma humana. Pouco depois, informou-nos que ele desaparecera, e que, ao perguntar pelo seu destino, o professor lhe dissera que o germe de alma tinha sido atraído para a Terra e que, dentro de alguns meses, nasceria como uma criança viva.

Prosseguiu dizendo que estaria sempre sob os cuidados de um grupo de boas e sábias inteligências e que cresceria para se tornar um ser ponderado e sábio, que seria uma força mortal no mundo e que conduziria multidões pelo seu entusiasmo, influência magnética, grande inteligência e amor pela humanidade, promovendo a cooperação fraterna para o bem comum.

Bem, se tudo isto era verdade – e não tínhamos motivo para duvidar – esse germe de alma devia, agora, ser uma criança de cinco ou seis anos, vivendo algures neste país, segundo outras informações sobre ele, e de origem humilde, mas de linhagem boa e saudável. Essa criança está destinada a passar por condições de solidão e sofrimento, mas a crescer em beleza de intelecto e consciência mortal, e a alcançar proeminência e renome como mestre de economia e de equidade humana.

Perguntámos à nossa pequena informante se todos os germes de alma especiais, preparados para grandes missões na Terra, nasciam como homens e se pertenciam a alguma nação ou país em particular. Respondeu negativamente a ambas as perguntas; eram homens e mulheres trabalhadores pela humanidade; pertenciam ao mundo e surgiam onde quer que se encontrassem as condições adequadas para o seu nascimento e crescimento.

Mas os professores espirituais dizem que tais almas, especialmente preparadas para uma estadia terrena repleta de obras importantes e grandiosas para a humanidade, não são as únicas que ficam sob tutela e magnetismo espirituais durante a formação da sua cobertura magnética e sustentadora, antes de entrarem nas condições de gestação e nascimento mortais. Somos informados de que milhões de germes de alma são cuidados, inspirados e, de uma forma ou de outra, guiados no

seu estado psíquico e, mais tarde, nas suas condições pré-natais, e que é exceção – e não regra – o surgimento de uma entidade humana que não tenha estado ao encargo de uma inteligência espiritual.

Seres espirituais avançados sentem prazer em se ocupar de tal trabalho, e sem a sua ajuda muitos mortais estariam menos aptos a resistir à maré de condições conflituosas e limitações pessoais; a sua tutela pré-natal avivou o impulso espiritual e permitiu-lhe sobreviver a todas as condições que tenderiam a apagar a sua luz.

Devido a diferentes taxas de vibração e estados de consciência, os germes de alma não são vistos ou reconhecidos como tal por todos os espíritos desencarnados. Alguns notam pontos de luz ou substâncias globulares a flutuar no ar, mas não lhes prestam atenção.

Outros percebem-nos como vapores nebulosos, mas sem caráter especial; contudo, para inteligências avançadas, ou para aqueles que conhecem as linhas científicas de investigação, que atingiram esferas de alta expressão e funcionam em planos de discernimento aguçado, os germes de alma não são uma visão rara.

O conteúdo deste capítulo provém de uma palestra sobre o mundo espiritual, as suas condições e ocupações, proferida pelo Espírito Pierpont em Washington, através da mediunidade da Sra. Longley. Como contém afirmações concretas acerca da vida nas esferas, reproduzimo-la neste ponto da nossa obra, para que o leitor possa obter uma ideia clara do “Outro Mundo” que os nossos inspiradores afirmam conhecer bem.

Ao rever esta palestra, que foi impressa em formato de folheto para circulação geral pela N.S.A., vemos que se faz breve referência a vários estados de consciência e de disciplina espiritual nas “esferas inferiores”, e que a sua inclusão pode parecer, em parte, uma repetição de declarações feitas em alguns dos capítulos anteriores; contudo, eliminar essa parte da palestra prejudicaria a sua harmonia como um todo, e decidimos apresentá-la tal como foi proferida, confiando na benevolência do leitor para aquilo que repetimos nesse sentido.

A palestra é a seguinte:

“O Mundo Espiritual: Onde Fica, as Suas Condições e Ocupações” é o tema que escolhemos para o nosso discurso desta manhã. Compreendereis, caros amigos, que seria tão impossível, numa hora, dar-vos uma descrição completa e detalhada do mundo espiritual, como seria dar-vos uma descrição completa das várias nações da Terra; mas

esperamos dar-vos alguma noção do mundo espiritual, não como uma condição abstrata, não como algo vago que possa existir algures sem qualquer forma tangível de expressão e localização, mas como um mundo distinto – ou mundos, pois existem muitos, tal como há muitos planetas físicos que seguem o seu curso incomparável em brilho e poder.

Os mundos espirituais de que trataremos esta manhã são aqueles que pertencem a este planeta Terra; isto é, aqueles para onde passam as entidades humanas que viveram neste planeta. Tal assunto é mais do que suficiente para um único discurso. Queremos dizer que cada planeta habitado por entidades humanas, neste vasto universo do espaço, possui o seu próprio ambiente espiritual – os seus próprios mundos espirituais – para onde passam os seres humanos que pertencem a esse planeta em particular.

Primeiro, diremos que a vida espiritual é uma realidade; a vida espiritual é vida real. A vida do espírito está em toda a parte; consequentemente, a vida espiritual está aqui mesmo, nesta sala, hoje, tanto quanto está nos vastos campos do espaço onde habitam muitas entidades espirituais desencarnadas. Vós sois espíritos e estais a criar as vossas próprias vidas dia após dia, criando as vossas próprias condições e ambientes, vivendo já na vida espiritual tanto, sob certo ponto de vista, como vivereis nas grandes eras por vir. O mundo espiritual é tão real, tão tangível, tão importante e útil como é o planeta Terra ou qualquer planeta físico pertencente ao vosso sistema solar.

Diremos “mundos espirituais”, porque realmente existem mundos. Podeis chamá-los esferas, podeis chamá-los zonas; podeis chamá-los como quiserdes, desde que signifique mundos tangíveis e palpáveis. Muito frequentemente, espíritos e pessoas que procuram informação através da mediunidade confundem os termos.

As esferas são condições. Cada um cria uma esfera para si próprio: podeis viver numa esfera de harmonia, podeis viver numa esfera de discórdia; podeis viver numa esfera de arte ou de ciência; e podeis criar para vós uma esfera distinta, tal como criais para vós uma aura ou ambiente magnético distintos, que vos pertencem e que tocarão os ambientes ou esferas de outros indivíduos.

Assim, se habitardes numa esfera de arte, ou música, ou ciência, ou mecânica, seja qual for, também podeis tocar outras vidas e as forças magnéticas de indivíduos que habitam uma esfera semelhante de arte, música, ciência ou mecânica. Por isso, queremos que retenhais

claramente esta ideia: as esferas são criações; podeis criar uma esfera para vós, habitar nela e contactar com outros que estejam na mesma taxa de vibração, que estejam numa esfera ou condição semelhante.

Depois, temos aquilo a que, pessoalmente, chamaríamos zonas ou cintos, mas que muitos espíritos regressados e muitos espiritualistas designam por esferas; por conveniência, usaremos o mesmo termo. Existem, em torno deste planeta Terra, grandes zonas ou cintos – esferas, se preferirdes – criados por forças espirituais, que, até certo ponto, estão envoltos e influenciados por forças elétricas, magnéticas e até materiais provenientes de seres humanos aqui no planeta, ou que habitam nessas várias zonas ou esferas.

Existe ainda outro mundo espiritual, sobre o qual falaremos dentro de momentos; mas, antes disso, diremos que o primeiro cinto ou zona que rodeia este planeta é formado, em grande parte, por elementos ou átomos materiais expulsos pelos espíritos nestas formas mortais, que se projetam para essa esfera de vibração do primeiro cinto ou zona. Para essa esfera gravitam os espíritos que não estão particularmente espiritualizados, que estão repletos de elementos pertencentes à condição terrena.

Não desenvolveram uma natureza espiritual e, por isso, não construíram um corpo espiritual composto de átomos ou forças mais etéreos; a forma ou cobertura espiritual é, em grande parte, formada por esses átomos e elementos materiais mais densos que pertencem à vida grosseira. Consequentemente, essa esfera ou mundo tem uma atmosfera densa e turva, em comparação com os de condição mais refinada, porque é composta desse material denso e turvo, e apenas nela habitam aqueles que são de carácter semelhante, cujos corpos espirituais são compostos, em grande medida, de material terreno, de elementos grosseiros, e que, devido à lei da gravitação, são incapazes de ascender a uma esfera mais alta ou mais ampla.

Emanando desta primeira esfera existe outra envolvência de caráter mais refinado — mais espiritual, embora não etérea — porque para ela foi enviado algo melhor do que o que formou a primeira, ou esfera inferior, como é chamada, e esta segunda — se assim a podemos designar — é composta por elementos e material mais refinados, e nela habitam aqueles que são um pouco mais espiritualizados, um pouco mais puros e mais aspiracionais do que os que estão presos à esfera terrena.

Há espíritos que, ao deixarem o corpo mortal, estão imediatamente aptos a entrar na segunda esfera, passando através e para além da primeira sem qualquer contaminação, sem nada saberem sobre a condição inferior; e há também aqueles que melhoram, que se purificam, depois de terem habitado por algum tempo na primeira esfera, e que são, por assim dizer, autorizados ou preparados para ascender à segunda condição ou localidade, que devemos designar agora como a segunda esfera.

E assim sucessivamente, através de várias gradações, cada uma afastando-se um pouco mais da Terra, até encontrarmos um número inumerável de esferas que se estendem cada vez mais para o espaço, aproximando-se cada vez mais dos círculos ou esferas exteriores e mais grandiosos de algum outro planeta.

Se pudéssemos ir até ao círculo mais externo deste maravilhoso sistema de mundos de vida progressiva, encontrar-nos-íamos, sem dúvida, em contacto com a condição, localidade ou esfera mais eterizada de alguns dos grandiosos e belos planetas que seguem o seu curso no espaço.

Mas temos outro mundo com que lidar, tal como temos estas inumeráveis forças de habitação espiritual, tangível ou humana, e a este chamamos o planeta espiritual. Atrevemo-nos a afirmar — e não é a senhora que vedes com os vossos olhos mortais que faz esta afirmação, pois ela nada sabe destas coisas, estando presa a um corpo mortal, tal como vós, com as vossas experiências e condições — mas sim o indivíduo espiritual que, durante muitos anos, habitou no Mundo Espiritual e estudou estas leis e condições, procurando ao mesmo tempo fazer algum bem aos seres humanos aqui e nas esferas inferiores.

Mas posso ser para vós apenas uma voz, uma voz que fala a partir da grande atmosfera espiritual do universo, afirmando estas coisas que hoje vos são transmitidas; uma voz vinda do mundo espiritual, servindo apenas de veículo para o conhecimento que esse indivíduo adquiriu no espírito, através de estudo persistente, pela observação e pela experiência, e pelo contacto com inumeráveis almas que percorrem o espaço por todos os lados.

Assim, ousamos afirmar que existe um planeta espiritual pertencente a este planeta Terra, e não só que a Terra tem o seu planeta espiritual, como também que cada planeta habitado neste vasto universo maravilhoso possui o seu planeta espiritual, que o acompanha através do espaço e que nunca pode ser separado dele em quaisquer circunstâncias.

Mais ainda: declaramos que isto será cientificamente comprovado antes do final do século XX. Cremos que a investigação científica, no âmbito do poder e progresso astronómicos, terá avançado o suficiente para conseguir discernir, com os seus instrumentos e com o seu olhar de longo alcance e busca dos céus, o planeta espiritual que acompanha cada um dos planetas do vosso sistema solar, e que um habitante de Marte, ou de algum outro planeta do sistema solar, será capaz — e quem sabe se já não o terá feito — de discernir claramente o planeta espiritual que acompanha este planeta Terra na sua marcha pelo espaço.

E então, onde está o planeta espiritual da Terra? É, como dissemos, tão palpável, tão real, importante e útil como é este planeta físico a que chamais Terra, e é o seu contraparte. Tudo o que conhecemos na criação tem o seu contraparte. Isto é verdade tanto na vida espiritual como na material. O planeta de que falamos tem o seu contraparte aqui no mundo mortal.

A contraparte espiritual é uma força mais refinada, mais etérea; percorre os grandes círculos da vida etérea e é composto por forças, gases e elementos etéreos que pertencem à condição atmosférica do éter, e não a este ar ambiente com que estais familiarizados e que respirais todos os dias.

O planeta espiritual não está aqui, junto à Terra, dentro, por assim dizer, e envolto por essa esfera inferior a que chamamos a mais baixa, nem pela segunda, nem pela terceira, mas no grande espaço de éter que existe entre elas. Podeis chamá-lo a sexta esfera e a sétima esfera; este grande planeta espiritual existe, e há um cordão magnético — se assim o podemos chamar — que se estende desde o planeta físico e que está em contacto com ambos, não havendo separação dos seus elementos nem da Terra nem do espiritual; este grande cordão magnético de luz e de elemento espiritual desce através dessas várias esferas, círculos ou cintos de vida e atividade espirituais que rodeiam este corpo físico em particular.

Mas vede o planeta espiritual lá fora no espaço. Move-se de forma próxima, clara e bela com este planeta Terra, ao qual está ligado, e é formado por elementos etéreos que foram libertados pelo planeta e pelos vários círculos que o rodeiam, sendo composto por elementos raros e belos que constituem o seu corpo e a sua vida. Nesse planeta habitam seres espirituais, e aqueles que lá vivem são capazes de habitar o que se pode chamar a sétima esfera — existe um elo de ligação entre a sexta

e a sétima esferas — podendo atravessar o espaço e todas as esferas espirituais até à sétima; alguns podem alcançar clarividentemente — não fisicamente — mundos ainda mais altos.

Recordai o que vos dizemos, porque isto é importante se quereis conhecer a vida espiritual, as suas condições e localidades. Não vos podemos dizer quantas milhas distam estes mundos espirituais da Terra; alguns estão a milhões de milhas; outros, especialmente o que designámos como esfera inferior, estão perto de vós. Os habitantes destes mundos próximos podem aproximar-se da vossa atmosfera e influenciar-vos, muitas vezes drenando as forças vitais de que necessitais para a vossa própria proteção.

Estes mundos existem. Nós conhecemo-los — podeis chamar-lhes esferas se quiserdes — fundem-se uns nos outros, a primeira na segunda, a segunda na terceira, e assim por diante, de modo que não existe realmente uma linha de demarcação; contudo, quem passa de uma para outra experimenta uma mudança de vida progressiva tão grande como vós experimentareis se, hoje, passásseis do vosso corpo físico para este outro mundo, pois o próprio corpo espiritual, a entidade espiritual, deve libertar-se dos seus elementos e condições mais grosseiros antes de poder alcançar outro planeta mais elevado e etéreo.

Lembrai-vos, caros amigos, que não existe “acima” nem “abaixo” na vida espiritual e no Mundo Espiritual. É verdade que dizemos que os nossos amigos vivem “acima”. É verdade que lhes pedimos para “descer” à nossa vida e ajudar-nos. É verdade que cantamos sobre a terra “acima” com a sua beleza e fragrância, e, no sentido de que está acima e além do material, podemos dizer que estas altas esferas espirituais e estes belos planetas espirituais estão “lá em cima”; mas, na realidade, não existe nem acima nem abaixo, pois estão no espaço e dentro da órbita do planeta espiritual e das esferas espirituais que se estendem sempre para fora a partir do planeta Terra; assim, não existe acima nem abaixo, nem alto nem baixo, apenas o Além; mas para fora, os círculos espirituais, e sempre adiante; isto é espírito, e isto é vida espiritual.

O planeta espiritual, que é o contraparte deste mundo, pode dizer-se que ocupa o seu lugar e órbita nos vastos espaços da vida etérea, entre o sexto e o sétimo círculos ou esferas de atividade espiritual, e é habitado por indivíduos que são prestáveis para com os seus semelhantes. Muitos, muitos deles gravitam para lá imediatamente após a morte do corpo físico, porque as suas aspirações, os seus ambientes, as suas

palavras, os seus pensamentos lhes deram o impulso necessário para formarem os corpos espirituais e o lar espiritual lá fora que lhes permitirá alcançar o planeta espiritual — a sexta ou sétima esfera — e viver nesses lugares belos e nas condições harmoniosas desses mundos.

Não é necessário passar pela primeira, segunda ou até terceira esfera ou mundo espiritual e, depois, trabalhar gradual e penosamente até chegar a uma mais alta e mais afastada, embora isso seja possível; se não estiverdes preparados para ascender mais alto, tereis de o fazer.

Muitos na Terra terão de passar por isso, pois depende dos seus ambientes e da sua vida ou crescimento, e daquilo que é emitido, diariamente, pelos seus corpos e mentes — se criam as condições duras das esferas inferiores, com que terão de lutar e que terão de superar antes de poderem avançar, ou se criam as condições e elementos mais etéreos e belos dos corpos espirituais que lhes permitem flutuar para fora e elevar-se a condições mais agradáveis, encontrando lares mais encantadores.

Compararemos agora o planeta espiritual à sexta e à sétima esfera, porque aqueles que estão na sexta esfera podem facilmente passar para o planeta espiritual, se assim o desejarem, ou encontrar lares tão belos na sexta esfera e passar com igual facilidade para a sétima; assim, podem misturar-se e conviver como uma bela família. Não há linha de separação entre eles; podem vir e ir à vontade.

Também podem vir e ir à Terra à vontade, diretamente para os espaços ou esferas exteriores da vida espiritual, e trabalhar com aqueles que precisam, conforme desejarem. Podem vir e partir para o seu trabalho, transmitir os seus pensamentos para estimular mentes a algo mais alto e melhor aqui e noutros lugares, tornando a vida mais feliz e mais doce.

Eu própria estive no planeta espiritual e conheço-o pessoalmente, e ele exemplifica condições mais elevadas nestas esferas superiores. Como dissemos, há esferas inumeráveis.

Não serve de nada um espírito vir dizer-vos que vive numa esfera particular ou tão alto quanto lhe é possível ir. Não há cessação no desdobramento ou na progressão, nem nunca poderá haver, pois isso significaria a morte da alma. Tem de haver um crescimento contínuo para que a entidade humana espiritual continue a avançar, adquirindo maiores poderes de realização e crescendo em glória, aproximando-se mais do Infinito. Se um espírito vier ter convosco e disser que vive numa determinada esfera ou num certo plano, e que está tão alto quanto pode

ir, ou que só lhe falta atingir mais uma ou duas no vasto universo do espaço, podeis concluir que sabe muito pouco do que afirma, e que não prestou suficiente atenção aos ensinamentos do mundo espiritual, e que não é o que afirma ser, ou, pelo menos, não atingiu a altura que diz ter atingido; pois, se tivesse crescido tanto quanto afirma, saberia bem que existem grandes esferas de atividade e conhecimento que foram alcançadas por entidades humanas que viveram milhares e milhares, até milhões de anos no espaço, e que continuam a avançar, e que nenhum ser que tenha estado neste planeta em forma mortal, e que tenha vivido estas condições de vida no último século, pode afirmar ter contactado com algumas dessas esferas exteriores ou ter atingido as mesmas.

Consequentemente, se ele vos disser que não sabe qual é a vastidão da vida no espírito, que não sabe e não vos pode dizer o que pode ser alcançado pela entidade humana em desdobramento, mas que existem mundos e mais mundos para além dele, algures no espaço, que, um dia, toda a criatura humana poderá alcançar, então sabereis que ele é um professor, e que vos dirá a verdade, e podereis ouvir as suas palavras.

Nunca ouvimos falar de uma entidade humana que tenha atingido a perfeição, que tenha aprendido tudo o que há para aprender no universo, que tenha alcançado o mais grandioso de todo o conhecimento e sabedoria, e até que alguém tenha atingido a perfeição e seja infinito em si mesmo, como o Todo-Supremo, Transbordante, Onipotente Poder, e, portanto, DEUS, poderá dizer com certeza que não há nada mais além dele para explorar e conquistar.

Questionai seriamente qualquer espírito que venha até vós afirmando saber tudo o que há para saber, tendo aprendido tudo o que há para aprender; porque isso é impossível — apenas o Infinito pode fazê-lo — e o Infinito não pode, ou não quer, comunicar-se através de entidades humanas ou de qualquer tipo de génio, mas o influxo do grande Espírito Infinito desce sempre, através das gradações da conceção e compreensão humanas, e nós temos de receber apenas conforme estivermos preparados para receber e compreender.

Não poderíamos compreendê-lo se viesse diretamente do Infinito. Só podemos compreender aquilo para que estamos adaptados e preparados para entender, e isso pode ser-nos transmitido através dos lábios de uma criança, ou pelas palavras inspiradas de um ser humilde que hoje se encontra diante de vós para falar das várias condições e graus de vida que vos podem tocar vindos do grande além.

O planeta espiritual é um mundo real, um mundo palpável, não uma coisa abstrata, não apenas uma condição sem lares, empregos ou atividades como aquelas que os seres humanos — tu e eu — desejamos criar, realizar e fazer valer como influência sobre a vida humana. Existem espíritos humanos que vivem tanto no subjetivo que dificilmente se tornam conscientes dos seus ambientes e condições — no objetivo.

Mas há gradações de vida objetiva que são tão reais para os seres que nelas vivem como o são estas condições objetivas à nossa volta — como esta planta, ou a mesa, ou as cadeiras, ou a própria sala — para vós, seres humanos, nos vossos corpos físicos, lidando com coisas objetivas, e aquelas na vida espiritual são tão reais e substanciais para eles como estas o são para vós.

O planeta espiritual, então, é constituído por muitos elementos rarefeitos, etéreos, belos e, comparados com os deste planeta, intensamente espirituais; mas, mesmo assim, compõem a vida objetiva nesse planeta, e os seres humanos que lá estão são os verdadeiros trabalhadores. Há muitos seres humanos, em algumas das esferas inferiores, que são ociosos, que não sentem necessidade de trabalhar.

Não podem morrer; não podem morrer de fome ou perecer por falta de alimento e abrigo, mas podem sofrer de fome magnética e podem ser privados daquilo que constitui a verdadeira vida. Muitos são ociosos até despertarem para a sua condição e se disporem a fazer algo, a serem ativos, e começarem a libertar-se das condições e elementos que os sobrecarregam — e fazem-no desejando e tentando tornar-se melhores.

Mas no planeta espiritual, nessas esferas mais altas, todos são trabalhadores, até as crianças; e há belas crianças lá, muitas delas retiradas dos bairros degradados da vida terrena, de lares de pobreza e degradação, levadas para esse planeta espiritual e treinadas para o trabalho. Mesmo elas se tornam trabalhadoras, e muitos dos vossos mensageiros, que controlam os médiuns e vos trazem mensagens de amor dos vossos amigos espirituais, são habitantes do planeta espiritual.

Deixai-me dizer-vos algo que é facto: em todas as condições e ambientes, em toda a vida dos seres da esfera inferior — essa esfera formada por condições densas e terrenas — não há sinal de infância; não existem crianças lá. Não importa quais sejam as condições, quão degradada seja a vida de onde venham, quão terríveis sejam os seus ambientes e a educação recebida em casa, mesmo que vagueiem pelas ruas com roupas sujas e esfarrapadas, com palavrões nos lábios, essas

pobres crianças que crescem nos bairros miseráveis das vossas cidades, e a quem a sociedade na Terra deveria dar abrigo, proteção e educação, não são órfãos perdidos na esfera inferior do Mundo Espiritual.

Quando deixam o corpo enquanto crianças — desde os primeiros dias da infância até aos anos de discernimento responsável — esmagadas pelas condições da vida terrena, são acolhidas por almas ternas e amorosas da terceira esfera ou de esferas mais elevadas, ou do planeta espiritual, e levadas para lá, para lares ou sanatórios onde são educadas. Ali, a influência e o amor dados a essas crianças fazem-nas crescer como belas trabalhadoras, mensageiras úteis para a Terra e para o seu povo.

Podereis perguntar: “E os seus corpos espirituais, não são constituídos por elementos físicos que as prendem para baixo?” Não, esses pequenos corpos espirituais são formados principalmente pelas forças magnéticas enviadas através da influência vibratória dos professores e missionários das esferas mais altas do Mundo Espiritual, e todo o material terreno que entra nesses corpos espirituais é simplesmente a ação vibratória das forças terrestres, que não têm o mesmo ímpeto e poder sobre as crianças como têm sobre aqueles que viveram durante anos em condições carnais e viciosas; por isso, é rapidamente eliminado sob os cuidados e treino dos professores espirituais da vida superior.

Podereis compreender algo das condições terríveis que a esfera inferior pode ter trazido a seres humanos — que podem acordar para um sentido de responsabilidade e para a perceção da condição em que se encontram — quando vos digo que não existem flores lá. Nenhuma flor cresce nessa esfera inferior. Não existem crianças, não existem belas pequenas flores humanas para dar ânimo e coragem ou para despertar um sorriso nos rostos daqueles que vivem nessa condição.

Os que vivem lá estão nos seus lugares, pois construíram o próprio mundo em que vivem, eles e os seus semelhantes, e não podem evitar ir para lá, tal como uma pedra deixada cair de uma plataforma não pode evitar cair ao chão. Não merecem as crianças nem as flores. Quando despertam para a perceção da sua condição, estão dispostos a estender a mão e pedir ajuda, a trabalhar e eliminar as forças que os prendem e impedem de chegar aonde as flores crescem.

No planeta espiritual há crianças, milhares delas, belas crianças. Algumas das mais belas são aquelas que foram pequenos proscritos ou órfãos na Terra. São tocadas pelos elementos do amor, e isso desperta o elemento do amor dentro delas, e crescem tão doces e belas como lírios-

do-vale, espalhando o seu perfume por todo o mundo. São educadas como trabalhadoras; desejam trabalhar. Alguns dos nossos amigos índios, que vos vêm como mensageiros através dos vossos médiuns, habitam nesse planeta espiritual ou numa esfera próxima dele, e encontram a sua felicidade em fazer o bem. Vêm até vós, e vão às esferas inferiores, e ajudam com uma doçura e simplicidade que traz bênçãos a todos.

Professores e trabalhadores, as vossas mães — doces e altruístas mães — estão lá, e em lugares elevados, como lhes chamamos, enviando a sua influência. Algumas são professoras, outras cuidadoras de crianças, outras trabalham nos belos jardins onde não é preciso arrancar ervas daninhas, porque não existem. O magnetismo humano faz as flores crescer, e se as negligenciardes elas morrerão — isto é, dissipar-se-ão na atmosfera; não tereis folhas mortas para cobrir o chão, mas tudo se dissipará e perder-se-á quanto ao sentido exterior, embora não perdido, pois será novamente recolhido e nele será insuflado novo alento de vida.

Alguns habitantes são jardineiros que cuidam das flores soprando sobre elas e, assim, magnetizando-as. O magnetismo humano é vivificante. Alguns cuidam dos terrenos; alguns erguem edifícios. Sim, temos edifícios, e há quem possa erigir os mais belos edifícios, mas não é preciso usar os materiais do mundo físico, nem as ferramentas grosseiras da Terra, pois têm o conhecimento químico que lhes permite reunir os átomos existentes no universo e criar as substâncias que entram na construção das habitações do povo espiritual.

Há ocupações belas, sem a rotina e a dura, feroz e terrível competição que os seres humanos enfrentam quando têm de trabalhar diariamente, talvez dez ou doze horas seguidas; mas ocupações doces e afins, com todo o material à mão para fazer o trabalho e fazê-lo bem. Há artistas que pintam os quadros mais gloriosos para contemplação e inspiração do povo, e podem fazê-lo sem pincel ou tinta, pois das rosas e lírios ao redor extraem a cor de toda a vida que os rodeia; podem extrair essa cor e, misturando-a com a atmosfera, produzir os pigmentos e as várias substâncias e ferramentas de que necessitam, podendo pintar até o retrato ou a paisagem na vossa parede.

Há quem possa fazer ainda mais do que isso. São tão altamente desenvolvidos e conseguem concentrar tão bem os seus poderes e dirigir os elementos das formas materiais que, ao acenar com as mãos e concentrar a sua vontade, conseguem fazer surgir a imagem para a

vossa contemplação. Pode parecer-vos muito estranho, mas é tudo verdadeiro e científico, e sabemos que é facto, pois já o vimos repetidas vezes. Em algumas destas coisas já participámos, e sabemos que é uma verdade divina que o homem não é apenas imortal, mas é infinito no seu poder de expressão e realização à medida que se desenvolve, avança e ascende, passo a passo, através do esforço próprio, da autoeducação e do crescimento, até aos limites máximos do poder e da possibilidade.

Estas coisas, digo-vos, estão ali, mesmo um pouco além do lugar de onde vos falo, no planeta espiritual, naqueles círculos exteriores da vida. E o que está além? O que está para além de tudo isto, em grandiosidade, em infinitude, em poder?

Aqui, onde estas coisas belas existem, todos gravitam para os seus próprios lugares. Gravitarás para o teu, com tanta certeza como a de estares aqui hoje, se estiveres espiritualmente desenvolvido e procurares aquilo que é puro, bom e verdadeiro no teu dia a dia.

Escultores há ali que nunca sonharam, na vida terrena, fazer sequer uma imagem ou estátua, mas que agora o conseguem. Alguns de vós sois escultores natos, mas talvez nunca tenhais tido a oportunidade de fazer sequer um pequeno modelo em barro, e, se tentásseis fazê-lo, o resultado pareceria uma figura muito rudimentar, e teríeis de a identificar com uma etiqueta para que se percebesse o que é; mas tendes isso dentro de vós, e, tão certo como tendes o talento e a aspiração sem limites, tão certo é que, com o tempo — talvez não de imediato, mas em breve, quando estiverdes prontos para isso e tiverdes estudado o suficiente — gravitarás para esse plano, essa condição que dará impulso ao poder interior.

No início, podereis fazer apenas pequenos modelos de barro, o que podeis fazer na vida espiritual; podeis criar esse barro a partir dos elementos de lá e moldá-lo em forma, e começareis assim, e, pouco a pouco, sereis capazes de atrair a substância da atmosfera e de lhe insuflar a vossa vida magnética, pois tudo lá é vivificado pelo sopro da vida magnética das inteligências humanas que avançam em direção a Deus, e isso dá vida a cada criação existente; e podereis soprar sobre essa substância e moldá-la na forma que quiserdes e, quando tiverdes adquirido suficiente talento e habilidade, podereis então criar uma bela imagem, uma estátua que desafiará a admiração do mundo. O mesmo acontece com os músicos, o mesmo com os cantores.

Há músicos que encantam a multidão, que derramam canções vindas do coração e da vida interior, e que atraem inspiração das esferas mais altas ou de planetas espirituais mais grandiosos, e a derramam sobre o mundo para elevar e inspirar os seus semelhantes; e os músicos, com o grandioso desenvolvimento e inspiração vindos do além, vertem a música das esferas, gloriosa para além da descrição, mais grandiosa do que a língua humana pode exprimir, e, à medida que ecoa em doce volume, as suas reverberações atravessam as esferas circundantes até alcançarem a Terra, trazendo alguma harmonia, alguma bênção, alguma glória e beleza para as vidas humanas que lutam aqui, no mundo mortal.

Não temos tempo para vos falar de todos os ambientes e das várias ocupações, pois são inúmeras. Todo o indivíduo na Terra que tenha o desejo de criar, de realizar algo numa determinada área, ou que tenha gosto por uma ocupação especial, se estivesse num desses planetas espirituais teria a oportunidade de desenvolver isso, ou pelo menos de o alcançar e dar-lhe expressão, moldando em forma e expressão externa essa linha particular de pensamento e de trabalho; assim, as ocupações ou profissões ali são múltiplas.

Há ocupações na Terra que não têm equivalente nas esferas espirituais. O homem que tem de escavar a rua com uma pá e atirar a lama para fora não terá de o fazer no espírito, pois isso não será necessário e não há lama. Temos ruas belas e todas em excelente estado, mantidas assim pelo magnetismo humano de almas harmoniosas.

Mas, na esfera terrena, formada de grosseria, sensualidade, ganância e imundície, estão aqueles que têm de escavar o seu caminho para fora das condições que criaram para si próprios, e podem até ter ocupado uma posição muito elevada na vida terrena, podem ter sido considerados grandes magnatas, mas a grosseria saía deles, e toda a forma dessas emanações criava a sujidade à sua volta no mundo espiritual, e eles têm de se escavar para sair, com grande esforço, e, embora seres belos venham até eles das esferas mais elevadas para os ajudar, têm de fazer o trabalho sozinhos. Todos terão de fazer o seu próprio trabalho, embora haja ajudantes e mestres em todo o caminho.

Podemos sempre mudar de ocupação, de modo que não se torne aborrecida. O artista não precisa de ser sempre artista, pode ser um trabalhador polivalente. Não precisa de se preocupar ou de se ver debilitado por doença ou por qualquer coisa que deprima, pois há harmonia e adequação das coisas. Espíritos harmoniosos são atraídos

para essas esferas e criam harmonia à sua volta, e assim acontece em cada esfera. O que há na esfera mais exterior não vos posso dizer, exceto o que nos é trazido pelas entidades espirituais que lá vivem, assim como eu hoje venho para vos dizer o que há aqui. Seja qual for a vida nessas esferas exteriores, há nela realizações gloriosas, influências grandiosas e elevadoras.

Ao entrar em contacto com aqueles que têm clarividência, podemos aprender sobre essas esferas espirituais. Todos nós somos dotados dessa capacidade em maior ou menor grau, todos nós somos desenvolvidos até certo ponto, pois todos temos poderes psíquicos, todos temos perceção espiritual.

Sois espíritos e não podeis ser espíritos sem perceção espiritual; podeis estar parcialmente cegos, podeis não estar desenvolvidos, mas tendes essa faculdade. Assim, nos nossos reinos espirituais, somos dotados e desenvolvidos psiquicamente a ponto de podermos receber uma força inspiradora grandiosa e poderosa a partir dos ensinamentos transmitidos dessas esferas por aqueles que são médiuns.

Deixem-me dizer-vos, especialmente aos espiritualistas antigos, que nunca temos motivo para desconfiar dos nossos médiuns. Não criamos condições difíceis aqui. Damos-lhes o melhor que podemos: o nosso amor e simpatia; eles têm os seus doces lares, belos ambientes, os seus templos de arte nos quais obtêm inspiração e onde recolhem as forças e visões dos mundos mais altos e exteriores que transmitem aos outros; e assim obtemos conhecimento de outros mundos para nossa edificação, força espiritual e desenvolvimento. Sabemos que às vezes podemos ir a esses mundos exteriores.

Não ficaremos confinados ao planeta espiritual ou às poucas esferas que o rodeiam. Não ficaremos sempre presos às condições que nos cercam agora, porque aprenderemos, trabalharemos, não apenas para avançar e ir mais além, mas também para ajudar os nossos semelhantes que estão abaixo de nós, tornando-os mais fortes, dando-lhes luz e amor, e permitindo-lhes perceber que o bem está em todo o lado, está dentro da alma humana, mesmo naqueles que vivem nas esferas inferiores, nas condições desta vida terrena, dentro dos mais pobres, dos mais humildes, dos mais vis da Terra.

Mesmo nas esferas inferiores existe bem imortal. Quando os nossos amigos compreenderem isto, como um dia irão compreender, haverá um crescimento para fora, e a primeira esfera dissipar-se-á por completo,

perderá o seu poder, os elementos que a compõem espalhar-se-ão e serão absorvidos pela natureza, pelo planeta físico ou pelos grandes mundos do espaço, e transformados em propósitos melhores, mais altos e mais úteis, e os que lá vivem sairão, e, quando este planeta Terra se dissipar no espaço, como poderá acontecer nos éones do futuro, aqueles que vivem no Planeta Espiritual e em todas as esferas que o rodeiam terão avançado para planetas maiores e mais grandiosos, ainda mais gloriosos em esplendor, e para realizações ainda mais grandiosas, cada vez mais perto de Deus!

CAPÍTULO QUARTO
A MORTE E O ALÉM
NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS

A grande mudança chamada Morte tem sido um assunto de inquérito e de ansiedade das mentes humanas desde o amanhecer do pensamento inteligente. O camponês e o aristocrata, o ignorante e o instruído, o humilde e o altivo tremeram diante dos seus grandes enigmas; poucos foram tão serenos ou sábios a ponto de encarar calmamente a sua aproximação; no entanto, esta mudança é natural, bela e favorável à vida progressiva.

A natureza decretou que o nascimento, o crescimento, o desenvolvimento e a decadência sejam o processo de evolução no planeta. O homem foi dotado de uma constituição e de um organismo capazes de gerar força mental e impulso espiritual, de forma a prepará-lo para uma jornada contínua, avançando através das gradações da vida de plano em plano, e a Morte é apenas a mão amiga que abre uma nova porta para os seus passos ascendentes. Não há nada a temer deste visitante, a menos que se tenha vivido uma vida de pecado voluntário e vergonha e, mesmo assim, a Morte acabará por se revelar o melhor libertador que poderia encontrar para as suas condições de miséria.

Os moribundos não sofrem; dor e angústia, tristeza e miséria, sem dúvida já as conheceram antes da aproximação da última hora; mas tudo passou — o simples ato de morrer não é mais doloroso, para o espírito médio, do que o ato de adormecer. As mentes humanas imaginaram medos para os moribundos, imaginaram que se sente grande sofrimento quando o cordão se solta. Aqueles que foram reanimados depois de a respiração quase ter cessado, e os espíritos que podem relatar as suas

experiências ao passar realmente pela morte, dizem todos a mesma coisa: a Morte não é nada a temer.

Um espírito preso à Terra, ao deixar o corpo físico, pode, ou não, ter consciência da sua condição no momento, mas, regra geral, é-lhe indiferente, pois as forças mentais ficam entorpecidas nessa hora. O ser progressivo, no momento da transição, pode, ou não, estar atento ao facto de que o momento crucial chegou.

A sua natureza espiritual encontra-se num estado de exaltação, e está acima de qualquer sofrimento ou medo. Quando qualquer dos dois tipos se liberta do físico e atinge um estado normal de perceção e compreensão do ambiente e das condições, já iniciou a sua jornada espiritual e, esteja na luz ou na sombra, a ideia da Morte, como mera sensação ou processo de transporte, já não ocupa espaço na mente individual.

Eu, Espírito, uma personalidade consciente enquanto estive na Terra, alguém cujos dias foram preenchidos com pensamentos de importantes medidas a realizar para o melhoramento da humanidade, através das almas empenhadas que cooperariam, cada uma à sua maneira humilde, para o bem de todos — eu, John Pierpont, estudante, professor, ministro unitarista, pregador do abstencionismo em defesa da causa da temperança; alguém que trovejou contra a escravatura humana e em defesa do abolicionismo no púlpito e na imprensa; durante muitos anos, espiritualista declarado, feliz por ter o meu nome inscrito entre os pregadores desta nossa gloriosa filosofia — estou agora a transmitir estas declarações ao mundo sobre a Morte, como parte da grande autoridade da experiência humana do lado espiritual da vida.

Não menciono a minha carreira terrena num tom vaidoso. Quem esteve entre os trabalhadores da esfera espiritual durante quarenta anos não tem desejo de se vangloriar ou de se enaltecer pelo papel que desempenhou em eventos efémeros; tem, sim, consciência da sua pequenez à luz das grandes medidas e maravilhosas realizações de milhões de almas que avançaram ao longo dos tempos e que continuam sempre a trabalhar para o bem humano.

Mas esta referência ao facto de ter sido um dos muitos trabalhadores no mundo serve para dar um elemento de personalidade à minha afirmação sobre a experiência da morte, pois tal elemento é mais suscetível de remover a condição de vagueza do assunto do que qualquer referência genérica a uma sensação universal.

Eu, Espírito, permaneci no corpo físico de Pierpont durante mais de oitenta anos, mais de setenta dos quais foram dedicados a reflexões profundas, pois mesmo em criança a mente já se voltava para temas que, mais tarde, com maior maturidade, viriam a absorver a sua atenção.

Resumidamente, no passado já mencionei, através deste médium, a minha sensação ao deixar o corpo envelhecido e, neste livro, desejo reafirmar que a sensação foi de prazer e de infinita serenidade. Os entes queridos da minha casa encontraram o corpo frio na morte, como alguém que adormece, e assim tinha sido comigo.

Eu tinha passado para a atmosfera espiritual durante as minhas horas de sono, e o cordão magnético tornara-se tão ténue que já não se contraiu o suficiente para trazer o verdadeiro ser de volta à posse plena do corpo. Mas eu não estava inconsciente nem ausente; estava ali para sentir e para observar os belos processos da Morte. A vida fervilhava dentro de mim, sem intenção de se extinguir. Eu sabia que estava no meu agradável aposento, que o corpo repousava tranquilamente na cadeira favorita, que a hora da sua transformação tinha chegado.

Notei que o ar parecia maravilhosamente suave e perfumado, muito mais do que a atmosfera física poderia permitir; que estava impregnado de gloriosos matizes de cor perfeita; que ondas sobre ondas de luz bela me rodeavam, sustentando-me, por assim dizer, em vagas etéreas. Observei, com interesse, que as minhas mais elevadas conceções de beleza se realizavam nessas pulsações de cor e luz; que os meus sonhos mais caros de música se concretizavam nas subtis, delicadas e, no entanto, arrebatadoramente doces melodias que invadiam a minha consciência; que as minhas mais puras esperanças de reencontro com almas queridas e amorosas estavam prestes a ser confirmadas, ao ver os rostos radiantes de entes familiares a olharem para mim desde essas ondas de luz.

Por algum tempo — terá sido um momento, uma hora, ou mais? — quem poderá definir o tempo para um espírito consciente, que não se importa com a passagem dos minutos enquanto observa os maravilhosos processos da natureza no nascimento do espírito a partir do barro? — a minha atenção ficou fixa no cordão magnético que ainda me prendia ao outro corpo, pois agora possuía uma forma espiritual, semelhante, em certa medida, à que acabara de deixar, mas mais forte, mais leve na sensação de peso, mais jovem e mais confortável. O fino cordão já não tinha o poder de se contrair em direção ao mortal; parecia-me como um

fio de luz, e senti intuitivamente que tudo o que restava nele era o elemento etéreo que realmente pertencia ao meu invólucro espiritual. Esse fio, pouco depois, pareceu ganhar vida, pois começou a cintilar e a pulsar na minha direção, como com um poder vibrante, até que, com esta ação enérgica, se desprendeu da forma física, contraiu-se até se tornar apenas uma esfera de luz e foi absorvido pelo meu corpo recém-adquirido.

O processo da Morte estava então concluído, e eu ficara livre do estado mortal, no que dizia respeito a esse velho corpo, para sempre. Desde essa experiência tão interessante, estudei este processo de dissolução como um aluno atento e aprendi que o cordão magnético que liga o espírito ao corpo físico — e do qual o Espiritualismo tantas vezes falou — é um equivalente do cordão umbilical que une a mãe e a criança no útero, durante os processos de gestação. Quando a criança é retirada do ventre, o cordão é cortado pelo assistente e, com o tempo, tudo o que lhe pertence é descartado, pois já cumpriu a sua função no grande laboratório da natureza.

Assim também o cordão magnético une o espírito ao corpo durante os processos de formação de um corpo para uso da inteligência quando esta emerge do útero, ou moldura física. Na hora da morte, o cordão fica tão enfraquecido, no caso da velhice ou de doença prolongada, ou tão chocado na sua ação vibratória, no caso de uma rutura violenta, que fica praticamente cortado, e tudo o que é necessário é que as pulsações do espírito completem o trabalho.

As características, o ritmo de desenvolvimento e o grau de atividade espiritual do indivíduo afetam a densidade ou leveza do cordão, e também determinam o tempo necessário para o cortar da forma exterior e libertar o espírito; alguns, que são densos no pensamento, lentos na ação vibratória, embotados na sensibilidade moral ou indiferentes às necessidades e ao crescimento da natureza espiritual, demorarão muito a libertar-se, podendo mesmo necessitar da ajuda do magnetismo humano e da força de vontade para obter a libertação antes de o corpo se decompor.

À parte o seu valor sanitário — para a saúde das pessoas na Terra — o processo de incineração do corpo físico é de recomendar em benefício do espírito, pois este ficará preso, em maior ou menor grau, até que o cordão magnético seja consumido. Pode ser questão de apenas alguns momentos, ou, na maioria dos casos, de uma hora ou duas até que a

inteligência seja libertada, mas pode levar dias, ou ainda mais, antes de ocorrer a separação completa, e muitos casos de enterro prematuro aconteceram porque o espírito não estava ainda liberto do corpo antes da inumação. A cremação liberta o espírito ao libertar todos os elementos que pertencem ao corpo espiritual e ao consumir tudo o que é da Terra. A cremação não provoca sofrimento no espírito, pois este estará em estados psicológicos de consciência suficientemente elevados para superar a sensação física, mesmo que pertença à classe dos espíritos presos à Terra.

Convém aqui declarar que nenhum espírito preso à Terra experimentaria qualquer sensação de apetite físico, ou poderia satisfazer as suas paixões carnais prolongadas, se não fosse pelo seu poder psíquico positivo, que lhe permite aproximar-se de mortais fracos na mesma direção e, através dos canais de sensação destes, intensificados pelo seu intenso controlo ou influência, satisfazer os seus desejos e gostos.

Mas, no caso da cremação do corpo físico, o espírito não está preso a qualquer corpo sensível que esteja a passar pela chama, não havendo, assim, qualquer canal de sensação para ele nessa experiência, e, portanto, nenhum elemento de sofrimento; pelo contrário, se houver ainda algum resquício de vida na forma física, a primeira rajada de calor do forno expulsá-lo-á, e o espírito ficará imediatamente livre — destino muito mais feliz do que ficar preso a uma forma selada e enterrada debaixo de mais de dois metros de terra.

Como personalidade, não prosseguirei com um relato detalhado da minha experiência após a separação da forma terrena — basta dizer que fui imediatamente recebido num mundo mais grandioso, uma morada real e substancial de beleza e conforto, um lugar de hospitalidade e doce convivência, uma comunidade de companheirismo e harmonia, uma atmosfera de refinamento e paz, uma pátria de estudantes, filósofos, sábios, trabalhadores intelectuais, criadores de lares ideais, instrutores e, em todos os aspetos essenciais, uma terra de puro e prático deleite.

Este é o Planeta Espiritual, ligado pelo cordão magnético dos elementos planetários a este orbe físico chamado Terra. Nele, e nas zonas etéreas exteriores ou faixas de Vida sensível, existem casas, colégios, sanatórios, templos e toda a substância e forma de estrutura que a mente utilitária possa conceber ou utilizar.

Poderíamos descrever-vos a passagem de grandes almas, como a de Lincoln, por exemplo, embora ele tenha partido antes deste narrador; ou

como a de qualquer um dos verdadeiros trabalhadores ou líderes do mundo, mas, embora cada uma varie um pouco em grau de consciência e experiência pessoal, todas tais descrições não seriam senão repetições da glória de uma alegria indizível, da sensação exaltada de um privilégio alcançado, da consciência indescritível de uma promoção para graus mais altos e ilimitados de experiência, oportunidade e poder de realização.

Prefiramos antes retratar a partida de alguém desconhecido da fama ou de qualquer círculo além do da convivência pessoal e limitada, e declarar-vos que este é o tipo de incontáveis seres que passam da Terra ao Céu. Escolheremos uma mãe, uma entre milhões, cuja devoção ao dever e cujo sacrifício pessoal pelo conforto da família purificaram a sua natureza e aceleraram as suas atividades espirituais; alguém cujo instinto e afeto materno pelos seus próprios filhos ampliaram tanto as suas simpatias que a tornaram generosa em pensamento e ação para com outros fora do círculo doméstico.

Uma mãe que sofreu até à beira da morte nas dores do parto e noutras circunstâncias, que suportou mentalmente as preocupações do mundo no peso da ansiedade e do trabalho pelos seus e pelos outros. Há muitas assim, e conquistaram a vitória da vida e da felicidade espiritual e, quer na Terra tenham sido instruídas ou ignorantes, humildes ou de linhagem real, as mães fiéis encontram beleza de ambiente, tesouros de valor imperecível, alegria de convívio e de companhia, posse de realidade e esplendor no lado imortal.

Naturalmente, nem todas se encontram no mesmo grau ou com o mesmo aspeto, e, por vezes, as mais humildes da Terra estão à frente da antiga aristocrata, mas todas as mães que fizeram o melhor segundo os seus meios e a sua luz são honradas nos mundos espirituais. A mãe que abandona voluntariamente os seus filhos e se zanga com o seu nascimento não é digna nem está preparada para os doces ofícios da maternidade; os seus filhos nascem apenas sob as condições de gestação e expressão físicas; não lhe pertencem, nem ela ascende em poder e beleza espiritual ao deixar o corpo, pois permanece obscurecida e presa, durante muito tempo, aos ambientes de um estado não desenvolvido.

A mãe que agora escolhemos como exemplo é conhecida por nós. Testemunhámos a sua partida da forma terrena. Pertencia à classe média de trabalhadoras que têm de lutar consideravelmente para criar

devidamente os filhos nas condições de conforto físico e formação mental. Sofreu muitas doenças, padeceu muito, trabalhou constantemente, foi generosa, simpática e fiel em muitas coisas; na verdade, “fez o que pôde”.

A sua última doença foi de sofrimentos dolorosos, que duraram meses, mas, por fim, foi libertada do corpo. Nas suas últimas horas, tornou-se aparentemente alheia às condições terrenas e ficou num semi-estupor, durante o qual as suas perceções espirituais se abriram para as belezas do mundo imortal; sabia que estava a partir, mas não se sentia perturbada com o facto. Percebeu que os filhos ficariam órfãos de mãe, mas sentiu intuitivamente que não os perderia de vista; que poderia estar com eles onde quer que estivessem e que, um dia, se reuniriam a ela no grande Além.

As suas perceções eram, para ela, mais do que simples visão e audição, embora suaves e belas tonalidades de cor a rodeassem; embora doces melodias lhe chegassem ao ouvido interior; embora efeitos atmosféricos de maravilhosa suavidade e luz a envolvessem. Para ela, a perceção, nesse momento, constituía conhecimento; a intuição dava entendimento, e sentia já que as suas limitações anteriores se transformavam em liberdade e poder; que a ignorância contra a qual tantas vezes lutara, muitas delas em vão, se converteria gradualmente em esclarecimento; que se aproximava a oportunidade de expansão mental e de crescimento espiritual.

Assim, nesses momentos em que os assistentes pensavam que ela sofria e que morrer devia ser terrível para alguém que deixava tantos cuidados para trás, ela estava além das condições de ansiedade e miséria — destas tivera já grande parte no passado. Bebeu profundamente do cálice da amargura. Talvez, no futuro, quando, como espírito ascendido, pudesse observar os males e as falhas na Terra dos que lhe eram queridos, passasse sob a sombra de alguma ansiedade e tristeza espirituais, mas isto seria atenuado pela luz da compreensão e pelo pensamento de que, no fim, cada um tem de trabalhar para se libertar das condições que adquiriu e encontrar o seu próprio caminho.

Agora, na hora da transição, ela está confortável e feliz. Sabe mais, nesta nova luz, do que jamais sonhou. Está consciente das suas grandes possibilidades, das capacidades que nunca tiveram oportunidade de se expressar plenamente. Está a sair do corpo; o cordão de prata está a soltar-se; a forma terrena está a perder força; o corpo espiritual está a

formar-se para a mudança. Um vapor perolado está a desprender-se gradualmente do corpo; como uma névoa leve, acumula-se à sua volta e sobe para cima. Agora, a emanação aumenta em volume e força vibrante e começa a sair pela cabeça. Tudo se condensa acima do corpo, assumindo gradualmente a forma de um corpo humano, até que, por fim, a completa semelhança da mulher que jaz na cama flutua acima dela.

Agora há apenas uma ligeira ligação pelo cordão prateado, que se tornou muito fino e ténue. A respiração, para quem observa, parece ter cessado, mas o trabalho continua, e assim será até que o cordão esteja completamente solto e, nos seus elementos etéreos, seja absorvido pelo corpo espiritual.

Ela está consciente e feliz; nada a perturba por agora. Está a usufruir o tipo de descanso de que necessita e que nunca teve. Agora vê rostos amáveis, formas encantadoras à sua volta; sorriem e irradiam luz. Ela reconhece-os: os seus próprios pais, que passaram por vales de tribulação terrena; os seus dois filhos queridos que partiram ainda em tenra idade; uma irmã amada que a precedeu na terra dos imortais; queridos amigos e um professor que amou e respeitou quando era criança. Todos lhe dão as boas-vindas com alegria, mas isso não a fatiga; traz-lhe o descanso da paz, o repouso da valorização, a terna dádiva da expressão do amor.

Agora é conduzida a um lar luminoso e doce; é seu, pois foi moldado pelo trabalho do seu espírito, fornecendo o material a partir das emanações magnéticas e dos elementos etéreos dos seus bons pensamentos e atos. Outros estão lá, que fizeram a sua parte para completá-lo e embelezá-lo. Virão e irão quando quiserem, como queridos membros do seu lar. Nunca estará sozinha, a menos que assim o deseje.

A convivência é plena e bela nesse mundo de sensibilidade e atividade consciente. Quem poderá descrever esse lar maravilhoso e o seu cenário natural envolvente? Nenhuma frase mortal consegue fazer justiça ao seu conforto e beleza. Na Terra, ela amava o belo; as paisagens naturais, os efeitos das montanhas, o céu e os cenários aquáticos eram todos atrativos e reconfortantes para a sua alma; aqui estão espalhados diante dela para contemplação e deleite, mas muito mais belos do que as produções físicas de aspeto semelhante.

Tinha desejado, durante muito tempo, uma casa bonita, moldada ao seu gosto e ao seu sentido de conforto, e aqui está ela, mais atraente do que alguma vez pensara que se pudesse construir. Sempre desejou

frequentar escolas onde se ensinassem ramos elevados do saber, e aqui estão, grandiosas e convidativas, com instrutores sábios e de trato gentil — e isto é o lar.

Na Terra, amava as flores e a vida vegetal, chegou a cultivar algumas com dificuldade e cuidou delas com carinho, mas nunca conseguiu satisfazer plenamente o seu desejo por elas; aqui estão em todo o esplendor, com flores maravilhosas, cores de tonalidades únicas e perfumes que estufas e jardins terrestres jamais conheceram, e rapidamente aprende que pode cuidar delas e cultivá-las na riqueza de um prazer afetuoso, sem a fadiga da jardinagem mundana, pois são alimentadas pelo magnetismo humano e nutridas pelo amor humano.

E assim a deixamos, no início da sua carreira imortal, com todas as oportunidades e vantagens para progredir e alcançar a felicidade. Naturalmente, regressará em breve à sua família na Terra, para os vigiar, procurar ajudar cada um e dar-lhes força, mas isso será uma parte essencial do seu trabalho e missão, e, por si só, acrescentará ao seu crescimento e bênção espirituais.

Outra mãe, que conhecemos, viveu toda a sua vida mortal numa grande quinta, trabalhou de manhã cedo até tarde, sempre cansada, nunca em repouso; viu tanto da labuta da vida no campo, das suas dificuldades e privações, que desejou uma mudança, ansiando por um lugar entre gente na cidade, onde escolas, concertos e outras vantagens estivessem à mão. Também ela deixa a Terra, cansada da rotina incessante do trabalho. Parte serenamente, sai inesperadamente, sem dor. Encontra-se entre amigos que a saúdam.

A sensação é de satisfação, até de novidade. É conduzida a uma casa bonita numa cidade imaculada. Os edifícios são brancos e brilhantes; os parques, belos; não há sinal de pastagem nem de vida agrícola. Existem institutos de ensino, templos de música; está interessada e encantada. Uma parte da sua natureza mental, que estava a definhar, começa agora a ser alimentada. Adapta-se às novas condições e sente que está na sua própria esfera, entre os seus iguais, e começa a beneficiar das suas vantagens.

Não esquece os entes queridos que deixou na Terra e pode visitá-los. Dá-lhes a sua influência e inspira-lhes pensamentos com bons temas. Faz, com consciência e amor, o melhor que pode por eles, mas chegou à sua própria herança e deleita-se nela. Sempre teve um desejo de formação mental que a tornasse uma artesã competente num sentido

construtivo, e aqui tem todos os incentivos para desenvolver essa inclinação, bem como todas as oportunidades para aprender e praticar — e assim a deixamos, feliz nos seus planos e na sua carreira.

Outro espírito pode ter sido chamado, na Terra, a um campo de trabalho por necessidade ou por alguma força exterior a si; a sua inclinação era para o estudo da arquitetura, e as suas possibilidades e designs atraíam-no, mas não teve oportunidade para o seu estudo e prática. Após a morte, é atraído para um mundo de design maravilhoso, uma esfera de arquitetura mais bela do que a Terra pode oferecer.

Os mestres antigos dessa arte, que já partiram, estão lá. Deram expressão exterior aos seus ideais de construção nesta área. Edifícios de proporções nobres atraem-no; estruturas de harmonia grandiosa em cada detalhe encantam-no. Aqui pode trabalhar, desenvolver as inclinações e talentos interiores do seu ser, e atender à parte de si que foi atrofiada por falta de oportunidade — e está feliz e em casa.

Há médicos lá; aqueles que exerceram a medicina na Terra, se eram naturalmente vocacionados para esse chamamento e não meramente fruto de estudo livresco e prática experimental; personalidades magnéticas que levavam luz e ânimo ao doente e ao lar; outros que, embora não fossem médicos na Terra, pertenciam verdadeiramente à linha do trabalho de cura.

Têm muito que fazer nesses outros mundos. Há almas doentes pelo pecado a encorajar, a tratar com magnetismo e com a influência do cuidador. Precisam dos serviços simpáticos de um médico que compreenda os seus males e necessidades. Os métodos desses médicos pouco têm a ver com os da Terra, mas tratam cada caso conforme as suas exigências e condições. Corpos espirituais deformados podem iniciar o trabalho ativo de eliminação dos elementos mais grosseiros e absorção das forças mais subtis para a construção de condições mais benéficas e para o embelezamento da forma e das feições, com a ajuda do médico e do magnetismo.

Médicos nos mundos superiores também se ocupam em visitar hospitais na Terra e lugares onde a doença abunda, ministrando aos doentes e aflitos; igualmente, em retirar os irremediavelmente enfermos dos seus corpos emagrecidos e debilitados. Existem sanatórios de beleza, onde espíritos enfraquecidos podem ganhar o estímulo necessário ao desenvolvimento e ao alívio. Cirurgiões que, na Terra, eram naturalmente atraídos para essa área da profissão estão lá, mas não trabalham com

bisturi e escalpelo sobre espíritos; estão ocupados em contacto com praticantes progressistas, ajudando-os a encontrar os meios mais avançados de assistência cirúrgica a corpos feridos ou aflitos e, sobretudo, a estudar como criar condições para que, no futuro, a humanidade não precise dos serviços da cirurgia. Todos são seres benéficos e deliciam-se em ajudar almas necessitadas em qualquer esfera; estudam igualmente tudo o que a ciência pode revelar em prol do corpo e do espírito da humanidade.

Assim como, na Terra, certas doenças cerebrais impedem o funcionamento são da mente e levam o indivíduo a ser tratado por especialistas, também existem espíritos tão debilitados na força anímica que não conseguem expressar a sua individualidade. As suas funções mentais estão inoperantes. Não são fruto das condições de vida nas esferas, mas resultado de maus-tratos na Terra; estes são cuidados por médicos espirituais que sabem aplicar o tipo certo de cura mental, sugestão e magnetismo para os iniciar no caminho da verdadeira saúde espiritual.

E assim acontece com a maioria dos seres humanos; chegam ao início da subida em tudo o que os interessa e atrai, quando o cordão de prata se solta e a morte ocorre. Há trabalho para todos; o labor não é uma labuta penosa — tal como, para as crianças, as experiências escolares, para o adulto, o trabalho é um prazer — aprender a fazer coisas interessantes, concretizar belos projetos, resolver problemas fascinantes, estudar ciência nas suas várias áreas de conhecimento prodigioso, ensinar crianças, cultivar flores e plantas por métodos superiores aos da Terra, e realizar inúmeras tarefas agradáveis, atrativas e úteis.

Um Edison, e todos os que têm mentes que os conduzem por caminhos semelhantes aos dele, encontrará infinitas vias para experimentar com as forças da natureza. Um Burbank, e todos como ele, que se interessam profundamente pela hibridização, encontrarão oportunidades e meios maravilhosos para experiências com a vida vegetal “lá”. Um Crookes, e todos os que, como ele, seguem o estudo científico para elucidar grandes questões em benefício do conforto e prazer da humanidade, encontrarão aberturas extraordinárias para investigação na “Terra da Lealdade”.

Existem Congressos Espirituais, nos quais homens e mulheres, revestidos de esplendor mental e dotados das forças da sabedoria e da penetração espiritual, aconselham-se mutuamente para o bem do

homem, e não para o benefício de uma classe ou seita. Há formas de governo, mas das mais simples; apenas a aplicação das forças da harmonia e da paz para a bênção de todos. Os líderes são escolhidos pelo povo pela sua penetração espiritual e pela aptidão para guiar e planear. Claro que os habitantes dos planos de harmonia e amor não precisam de controlo especial.

Não são necessárias leis para garantir o seu bom comportamento, mas mesmo assim apreciam ter a sabedoria, o conselho e o ensino do Congresso Espiritual, e também nomeiam professores e guias para promover a educação e tudo o que diga respeito ao bem comum. Essas almas sábias estão também aptas a exercer influência psicológica benéfica sobre os mais necessitados nos mundos inferiores, a aplicar-lhes um sistema de contenção, a auxiliar cuidadores e guias que voluntariamente saem para servir tais almas aflitas ou desviadas, e a forma geral de governo na vida espiritual é sempre tal que mantém a paz universal, a educação e o progresso.

No Planeta Espiritual há um Congresso Espiritual que trata dos assuntos gerais do povo desse planeta, e a linguagem humana oferece tão pouca capacidade para descrever eficazmente as suas características e métodos que não tentaremos retratá-los. Lidam com outros mundos e com comunicações recebidas deles, para além desta esfera planetária, bem como com assuntos próprios do seu plano, e os mensageiros desse Congresso, para o nosso povo, trazem revelações e sugestões que dizem respeito à preparação para a promoção final a outros mundos, e que são importantes para todos.

Mas o Planeta Espiritual tem também outros órgãos que se podem chamar Congressos Espirituais; há um, formado por homens e mulheres bons e clarividentes em matéria legislativa e de interesse humanitário para o povo desta nação americana do planeta Terra. Este corpo de inteligências exerce influência sobre os assuntos nacionais deste país.

Interessa-se pelas questões de progresso humano, não apenas nos Estados Unidos, mas em todo o globo, e confere com Congressos sábios de inteligências espirituais que supervisionam outras nações, com o objetivo de utilizar o pensamento e a força magnética para o bem supremo de todos.

A projeção do pensamento humano em mentes recetivas na Terra, em lugares de destaque, é parte do trabalho destes encontros espirituais. A abolição da escravatura neste país surgiu como um impulso de força

mental vindo desse centro, tal como muitas outras medidas que se concretizaram na Terra para o avanço do humanitarismo. Com o tempo, o poder dessas congregações, aliado à força propulsora que exercem e à influência dos seus inúmeros aderentes, será suficiente para projetar o plano universal de paz nas nações da Terra, com tal organização e vigor que o objetivo será alcançado em harmonia por todos os “poderes instituídos”, no trono e nas assembleias legislativas, como um só povo unido.

Então, o planeta Terra tornar-se-á belo, desenvolver-se-á na sua mais rica força para sustentar uma humanidade emancipada; então a sociedade começará a reconhecer e a agir sobre o seu dever para com os seus tutelados e dependentes, procurando prepará-los para a escola e para a vida cívica, em vez de os deixar à solta para se tornarem, por fim, habitantes de celas e masmorras.

As grandes forças mentais e espirituais do universo estão a trabalhar de forma inteligente e planeada, através de uma humanidade ascendente, em grupos e centros, como indivíduos e como comunidades, para a construção de um estado feliz para toda a humanidade, e não irão parar o seu labor até que cada alma neste plano terreno esteja livre da escravidão da necessidade, do pecado, da miséria, da opressão e da perseguição sob qualquer forma, e elevada a um plano de harmonia e conforto que lhe permita funcionar num nível de consciência que conduza ao progresso eterno e à utilidade perpétua.

A morte destranca a porta da limitação e dá liberdade ao espírito ascendente. O pássaro que bate as asas contra as grades da sua estreita gaiola não é mais cativo do que o espírito humano preso no confinamento da privação e da dor, e o ser imortal não deveria temer a morte mais do que o pássaro teme a mão suave que abre a porta e o deixa voar para campos floridos e florestas ondulantes, para construir o seu próprio ninho e viver plenamente a natureza que pulsa no seu ser.

É verdade que eras de ensinamentos errados, de receio, de medo supersticioso, juntamente com o instinto de apego ao exterior que a Natureza implantou para preservar a raça no plano terreno, levam o homem a recuar perante a morte e a temer a sua aproximação; e, no estado natural, isso é prudente, caso contrário os seres humanos tenderiam talvez a apressar a sua própria partida de uma forma ou de outra.

Também o animal recua perante a morte; é a aproximação do Desconhecido. Os instintos animais apegam-se ao visível, ao familiar; é a Natureza física a pulsar e a exigir o que é seu, e isso é natural; mas, apesar disso, quando o homem se liberta da influência dos séculos e aprende que a morte tem funções bondosas, elevadoras, instrutivas e, em todos os sentidos, benéficas para o seu progresso, ela perderá o seu amargor e o seu aguilhão.

CAPÍTULO QUINTO
O SONO E AS SUAS RELAÇÕES COM O ESPÍRITO
O MISTERIOSO REINO DO ADORMECER

Poucos são os que dedicaram muita atenção às verdadeiras funções e significado do sono humano. A investigação científica, em geral, sempre se orientou para o domínio da lei física, mas, embora reconheça que as funções do sono operam segundo essa lei natural, não lhe atribui atividades especiais além de considerá-lo como o trabalho da Natureza em reparar o corpo e reabastecê-lo de forças para as exigências das tarefas do dia; contudo, o sono tem um lado psicológico, bem como um lado material.

As forças espirituais estão ativas quando o mortal dorme. Mais recentemente, alguns pensadores têm dedicado alguma atenção a este tema. O Dr. John Bigelow, de Boston, escreveu há alguns anos um livro intitulado *O Mistério do Sono*, no qual defendeu a ideia de que, enquanto os seres humanos estão naquilo a que o mundo chama sono normal, estão, na realidade, a funcionar noutros planos de atividade e a recolher força mental e experiência para uso futuro.

Há muito que os nossos amigos e mestres espirituais nos informaram de que o homem na Terra vive uma vida dupla, que grande parte do seu melhor crescimento é obtido e a sua mais ampla experiência formada enquanto, em espírito, explora outros mundos ou frequenta outras escolas e demonstrações de poder e utilidade, durante as horas do sono mortal.

Há dez anos, o Espírito Nannie recitava-nos frequentemente experiências interessantes que membros da nossa casa tinham vivido nas suas visitas “noturnas” a outros reinos; alguns fragmentos recordávamo-los claramente, embora muitas das recitações fossem novas para nós, mas nunca deixavam de lançar nova luz sobre as

nossas experiências mortais e sobre algumas das condições mediúnicas por que passáramos.

Os nossos mestres ensinaram-nos que muitos indivíduos são de tal forma constituídos que, quando o corpo diminui suficientemente a sua ação vibratória para entrar em sono, o sentido espiritual é intensificado e entra num estado de consciência ativa. Nessas ocasiões, o verdadeiro homem, mulher ou criança afasta-se do contacto direto com o corpo físico e entra em estados e ambientes do outro mundo.

Alguns reúnem-se com os seus amigos de lá e apreciam essa convivência; outros frequentam escolas onde recebem instrução em áreas que lhes serão úteis para prosseguirem as suas atividades diárias na Terra, ou que os prepararão espiritualmente para, quando forem definitivamente libertos do corpo terreno, se integrarem entre outras almas progressivas em planos mais elevados.

Alguns, especialmente os naturalmente intuitivos e os que dormem mediunicamente, ajudam os seus guias espirituais em trabalhos de melhoria da humanidade, e alguns chegam mesmo a ocupar um lugar noutros planos entre experimentadores e demonstradores científicos, tornando-se proficientes nesse trabalho e, assim, fortalecendo as suas próprias faculdades anímicas com a mesma força vibratória que, mais tarde, na Terra, lhes permitirá descobrir uma nova força da natureza, ou uma operação até então desconhecida de uma lei física grandiosa, ou demonstrar, de modo útil, as maravilhas da eletricidade, ou inventar alguma máquina prodigiosa, ou ainda desenvolver gradualmente um plano humanitário para benefício do mundo.

Todo o génio, quer no campo da música, quer noutros domínios da arte, da mecânica ou de qualquer área de realização notável, é alguém que, durante o sono, se desprende suficientemente do mortal para ficar ligado a ele apenas por um cordão tenuíssimo, e vagueia pelos vastos reinos da consciência e atividade espirituais, onde recolhe força e inspiração, pelo contacto direto com as grandes mentes de todas as eras, para o seu trabalho diário ou futuro de poder extraordinário.

Mas milhões de pessoas sem a centelha do génio, que se dedicam tranquilamente às suas tarefas comuns, partem da Terra à noite, quando o sono suave acalma o corpo cansado e embala os sentidos exteriores, e convivem com os cenários e companhias de tais planos e mundos quanto a sua capacidade lhes permite alcançar. Muitas erguem-se muito acima do que conseguem atingir em vida; isto é, as suas aspirações,

forças espirituais e vibrações transportam-nas psiquicamente para contactos com associações muito mais grandiosas, oportunidades de adquirir conhecimento e poder, e cenários mais nobres do que podem encontrar no lado mortal, devido às limitações materiais e circunstanciais deste plano inferior.

Outras, que têm aqui bens consideráveis e vasto conhecimento das coisas terrenas, podem não conseguir funcionar em planos espirituais elevados durante o sono normal; o cordão magnético é demasiado espesso para permitir grande afastamento e apenas se deslocam ligeiramente, entrando numa “terra de nevoeiro”, onde os seus sonhos são fantásticos e irreais.

A função e o propósito do sono são duplos: por um lado, dar descanso e, por assim dizer, silêncio às atividades físicas, ou suspender temporariamente as suas funções para que a maquinaria não seja mantida em tensão excessiva por períodos prolongados; por outro, proporcionar à natureza espiritual ou psíquica oportunidades de renovação e de trabalho adequado ao seu crescimento e expansão.

Durante o sono, dá-se uma mudança de função e de atividade: do essencialmente material para o psíquico. As operações do corpo não cessam, apenas reduzem a sua força vibratória; coração, pulmões e cérebro mantêm a sua ação normal, mas já não controlam o espírito. Este liberta-se, em parte, por um tempo, e ocupa-se de outros assuntos que não o de atuar como sentinela ou estímulo para o corpo.

Os sonhos são feitos de matéria curiosa; podem ser tão leves como o ar ou tão substanciais como o material mais denso. Alguns dos mais leves, aqueles que se dissipam no nosso pensamento desperto, são compostos de elementos espirituais e foram profundamente influentes nas nossas ações e impulsos em estado de vigília. Inspirações surgidas desses sonhos deram ao mundo alguns dos pensamentos mais elevados e das produções mais grandiosas.

Raramente conseguimos trazer para a Terra qualquer parte da experiência obtida durante o sono, porque a ação vibratória do plano onde funcionamos, libertos do corpo, é totalmente diferente da que operamos quando despertos; há um fosso entre as duas. A descida do mais alto para o mais baixo é tão brusca que nos faz largar aquilo que nos mantinha ligados ao estado interior, e não conseguimos registar no cérebro mortal as sensações e impressões mentais das nossas experiências noturnas.

No entanto, a memória não fica tão inativa que não possamos, como espíritos, ter consciência das experiências vividas e tirar partido das lições aprendidas nas nossas visitas e aprendizagens noutro país. Ao manifestarem-se, no trabalho dos anos, nas correntes de pensamento, experimentação, atividades morais e espirituais, essas experiências cumprem o seu papel e preparam-nos melhor para o plano e o lugar a que havemos de aceder quando a Morte reclamar a forma exterior, graças às funções e propriedades do sono que aproveitámos ao longo dos anos.

É desnecessário dizer que aqueles que pertencem inteiramente à Terra não podem, durante o sono, elevar-se acima do que serão capazes de alcançar por vontade própria quando totalmente libertos do corpo; mas deve notar-se que muitos que vivem mergulhados em condições penosas, até mesmo nas zonas mais degradadas, têm capacidade e aspiração por coisas melhores e, durante o sono, podem ser levados a cenários mais belos e a escolas mais elevadas, onde poderão adquirir o impulso para a sua redenção e libertação, a seu tempo.

A mãe amorosa, esteja onde estiver — num catre, numa choupana ou numa bela casa —, a mãe terna que perdeu os seus filhos para a morte pode ir ter com eles nos seus momentos de verdadeiro sono; pode acompanhar o seu progresso e crescimento, observar os seus lares e ambientes e inteirar-se do seu bem-estar, e, não fossem as velhas tradições, lendas e medos supersticiosos sobre a morte e a incerteza do destino dos que partiram, que ainda em parte se agarram à mãe enlutada, ela traria de volta ao sentido mortal a consciência das suas visitas aos amados e uma paz que nada na Terra lhe poderia tirar.

Tal como acontece com a mãe, assim também com o(a) companheiro(a) amoroso(a), o(a) amigo(a) que chora, todos os que perderam e amaram — o sono pode abrir para todos eles o portão da convivência e conduzi-los à presença real dos entes queridos que partiram, e chegará o tempo em que não será incomum para os mortais recordarem, pelo menos em parte, algumas das belas experiências, das informações profundas, das cenas gloriosas que viveram nos reinos espirituais; pois as forças vibratórias serão melhor compreendidas e, à medida que o organismo nervoso subtil se tornar mais sensível às mesmas, e os seres humanos aprenderem a controlar melhor o corpo e a manter a serenidade mental ou o autocontrolo, o espiritual ganhará ascendência e será capaz de transmitir impressões psíquicas ao cérebro mortal. Há já aqueles que conseguem fazê-lo, talvez não constantemente, mas pelo menos

ocasionalmente, e para eles o conhecimento seguro das suas “viagens e estudos noturnos” é fonte de poder e orientação maravilhosos.

Alguns sensitivos necessitam de muitas horas de sono; alguns ficam bastante “perturbados” durante o dia se forem interrompidos e acordados; outros conseguem visitar muito, aprender muitas coisas ou realizar muito trabalho em apenas três ou quatro horas de sono, sem grande incómodo por não dormirem mais que isso. Muitas grandes mentes — inventores, cientistas, estudantes e pensadores de vários campos — dormem pouco; não se queixam, e têm todo o descanso de que precisam, mas outros, também trabalhadores úteis, necessitam de mais tempo para reparar o desgaste do corpo e preparar-se psicologicamente para acontecimentos futuros.

Durante o sono, a parte consciente do homem está separada do corpo; o espírito, o verdadeiro Ego, mantém um controlo parcial sobre o corpo físico através do cordão magnético, mas, a menos que o indivíduo esteja profundamente apegado a tudo o que é físico, ao ponto de, mesmo no sono, relutar em deixar o que pertence apenas ao mortal, terá pouca preocupação com o estado do corpo enquanto vagueia pelo espaço, pois os interesses que o prendem ao exterior ficam temporariamente submersos por atrações maiores e mais grandiosas, que o ligam às maravilhosas demonstrações da vida da alma e às experiências psicológicas.

Se é verdade que a humanidade, enquanto atravessa as condições iniciais de experiência neste mundo material, tem também abertos à sua exploração e estudo outros planos ilimitados de consciência e de atividade, então estaremos bem equipados não só para a jornada terrena mas também para a marcha progressiva através de outros mundos além deste.

Se já vivemos uma vida dupla, tendo as disciplinas da Terra como estímulo para um crescimento mais elevado e as experiências e vantagens dos estados espirituais, estudos e convivências alcançáveis durante as horas de sono, deveríamos avançar para a perfeição com pouca preocupação pelos lugares ásperos por onde temos de subir neste mundo exterior.

Que importa se não conseguimos trazer para o mortal a consciência do que fazemos na “terra dos sonhos”? — se, dentro da nossa natureza espiritual, se estão a incorporar registos de trabalho, estudo, convivência, companheirismo e experiência que nos pertencem em momentos em que

supostamente estávamos insensíveis a tudo, e se, por fim, nos for mostrado que aproveitámos bem o tempo e estivemos com os nossos queridos nos reinos do espírito, em planos de consciência mais elevada, avançando com eles para graus mais nobres e poderes mais grandiosos, então descobriremos que somos príncipes de uma herança real, não confinados a masmorras e ao pó, mas livres para percorrer o universo pelo “poder de Deus” dentro de nós.

Fomos informados por alguns sábios e mestres que, enquanto estamos nessas escolas de treino no espírito, enquanto o corpo dorme, ou entre companhias reflexivas que aprenderam a utilidade da adversidade e as forças estimulantes que as qualidades de paciência, perseverança, autossacrifício e coragem proporcionam ao ser humano na sua busca pelo sucesso, qualquer um de nós que tenha adquirido pensamento profundo e aspiração durante a vida terrena pode até ter o privilégio de escolher o seu próprio caminho na vida, o seu caminho de experiência e disciplina; que, na luz mais clara do espírito, podemos vir a compreender que a prática da renúncia e a escolha de um caminho de dificuldades e dores podem ser a via para o mais alto desenvolvimento do poder consciente e individualizado do tipo mais grandioso, para o nosso progresso e as nossas realizações futuras na terra das almas.

Dizem que muitos seres humanos que, na experiência mortal, passam por duras disciplinas, privações e aparentes derrotas no confronto com as forças da materialidade, que talvez pratiquem o autossacrifício ou pareçam ser forçados pelas circunstâncias a sacrificar a paz mental e o conforto físico, não são joguetes do “Cego Destino” nem de condições adversas, mas estão simplesmente a agir e a viver racionalmente sob a lei superior do espírito, e a cumprir, na forma mortal, os decretos, decisões e planos do próprio ser, tal como foram traçados e delineados na Vida interior, enquanto o corpo dormia, sendo as aparentes contrariedades e adversidades do “Destino” apenas os meios terrenos para executar esses planos e propósitos para o desenvolvimento e expansão interiores do ser imortal.

Quão vasta é a Vida, quão gloriosa e grandiosa, quando aprendemos que nada acontece por “acaso” — nem mesmo as nossas dores e preocupações — mas que tudo tem uma razão e um propósito. Visões e sonhos pertencem, então, à categoria das demonstrações e experiências psíquicas; são do espírito e não apenas do corpo. É verdade que alguns sonhos são tão ligados ao sentido terreno, talvez devido a condições físicas doentias, que têm muito pouco de espiritual, mas,

frequentemente, aquilo que, na memória desperta, parece ser apenas um fragmento distorcido de um sonho assustador, pode, na realidade, ser apenas a forma fantástica que chegou à consciência mortal, desfigurada pela mudança de vibração quando o espírito retomou plena posse do corpo.

Por vezes, os sonhos são proféticos e prenunciam acontecimentos futuros; foram discernidos pelo espírito quando ausente do corpo, e registados no cérebro de modo suficiente para permitir alguma recordação; outros sonhos são simbólicos e assim apresentados pelo espírito à mente mortal para transmitir uma lição ou apontar uma moral para uso futuro. Algumas destas visões e sonhos são-nos dadas pelos nossos amigos e guias espirituais, mas frequentemente são produzidas no trabalho experimental e espiritual do nosso próprio ser, durante a nossa maior liberdade de pensamento e ação, enquanto o corpo dorme.

Numa parte anterior desta obra, mencionámos uma sensitiva que viveu connosco durante sete anos antes do seu casamento — então a Srta. Agnes O. Wink, hoje Sra. Fugitt. Enquanto esteve connosco, a Srta. Wink revelou maravilhosos poderes psíquicos; a sua clarividência abriu-se e ela deu-nos muitas descrições belas da presença e do trabalho espirituais.

A jovem desenvolveu a capacidade não só de viajar enquanto dormia, mas de reter a lembrança das suas viagens e relatá-las com detalhe quando acordava; algumas dessas experiências foram registadas e publicadas no *Banner*, outras não conseguimos preservar, o que muito lamentámos. Estas visitas noturnas da Srta. Wink tinham sempre uma lição e um propósito, como rapidamente percebemos; muitas delas levavam-na a locais de instrução no mundo espiritual, e eram-nos fielmente relatadas na hora do pequeno-almoço seguinte. Como exemplos das interessantes expedições desta modesta sensitiva, relatamos o seguinte:

Na manhã de 16 de agosto, a nossa Agnes contou-nos que, durante o sono, foi levada para fora do corpo mortal e que, pouco depois, eu, Sra. Longley, me juntei a ela; juntas entrámos num balão ou noutro tipo de veículo aéreo; eu sentia medo, mas ela encorajou-me a ficar, e em breve estávamos a ter experiências muito agradáveis, flutuando por longas distâncias. Finalmente, aterrámos e entrámos numa série de cavernas; eram muito espaçosas e belas, adornadas com substâncias cintilantes brancas e de cores encantadoras. Uma caverna abria para outra, embora

cada uma parecesse completa até chegarmos à parede do fundo, que então se afastava, revelando uma entrada para outra câmara além.

Todas as cavernas eram magnificamente iluminadas até chegarmos a uma passagem muito escura, que eu estava determinada a explorar. A Agnes tentou dissuadir-me de entrar, pois era muito escuro e não sabíamos que perigos poderiam estar além, mas eu mantive-me firme e, finalmente, entrámos na passagem sombria.

Ao fazê-lo, apercebemo-nos de que trazíamos connosco uma luz suficiente para ver. Na caverna escura e sombria, encontrámos uma criatura estranha e disforme; não parecia humana, mas mais parecida com o que imaginamos ser um gnomo: baixa estatura, corpo todo deformado, torcido e curvado. Ao aproximarmo-nos, a criatura horrenda cuspiu e rosnou para nós com sons assustadores, mas estendi-lhe a mão, fazendo sinal para que pusesse nela uma das suas patas torcidas; ao início recusou, mas, depois de algum encorajamento, fê-lo, e comecei a fazer-lhe passes magnéticos.

Pouco depois, começou a endireitar-se e a tomar melhor forma. Com isso, a criatura pareceu satisfeita e deu-me a outra pata para tratar, a qual também recuperou melhor forma, e todo o corpo começou a adquirir proporções mais harmoniosas. Assim melhorada na aparência, a criatura procurou mostrar prazer e gratidão, saltitando de forma brincalhona.

Aqui convém dizer que os nossos guias nos explicaram depois que tínhamos entrado em contacto com um espírito subdesenvolvido e disforme, e que os nossos tratamentos magnéticos lhe deram nova força e poder, colocando-o no caminho para condições mais elevadas; que a caverna interior de escuridão representava a sua esfera de trevas, e as exteriores, de luz e beleza, eram as esferas de avanço pelas quais passámos para chegar até ele e para onde ele poderia gradualmente passar à medida que se desenvolvesse e saísse do estado de ferocidade e obscuridade; e também que a luz que levámos connosco para a sua escuridão era a nossa própria luz e aura magnéticas.

Prosseguindo o relato da nossa psíquica: desta caverna, passámos a outra decorada com substâncias brilhantes, pedras e gemas; era muito bela, e soubemos que era o refúgio de um mestre e sábio. Lá encontrámos um simpático velhinho, que nos fez muitas reverências e mostrou muita cortesia e atenção, como se se sentisse honrado com a nossa visita. Este ser era o guardião ou mestre do local e, depois de nos permitir observar as suas belas instalações e posses, manifestou a

intenção de nos oferecer algo a cada uma, como símbolo e recordação da visita. À Agnes deu um objeto semelhante a um ovo brilhante, que disse ser o símbolo de “uma vida plena”.

Era composto por várias secções que se separavam, e ela teria de as recompor; as partes tinham diferentes formas e tamanhos, e todas apresentavam um conjunto tão confuso para montar corretamente como um quebra-cabeças complexo. O velhinho explicou que as partes representavam as condições e experiências de uma vida humana e que, quando estivessem todas corretamente ajustadas, formariam a existência perfeitamente plena de um ser humano.

Para mim, ele apresentou algo semelhante a uma ampulheta, exceto que tinha três compartimentos; a parte superior deixava cair lentamente os seus grãos, que pareciam pequenos pedaços de ouro precioso; disse-me que isto simbolizava o passado. A parte do meio, que estava então a receber os grãos, representava o presente, e a parte inferior, que viria a conter os grãos — já com alguns pequenos fragmentos semelhantes a gemas — significava o futuro; essas minúsculas gemas já no compartimento inferior simbolizavam as obras e condições do passado e do presente que teriam influência direta na carreira futura.

Todo o objeto era curioso e belo; cada compartimento podia ser aberto por uma chave, mas esta teria de ser desgastada pelo atrito com os grãos até caber na respetiva fechadura; o passado estava aberto, pois a sua chave já se tinha desgastado o suficiente; o presente poderia ser aberto em breve, pois a sua chave estava quase pronta; mas o futuro não poderia ser revelado até que a sua chave se tivesse desgastado até ficar muito pequena, momento em que estaria pronta a ser usada.

Muitas vezes, nas suas visitas noturnas às esferas espirituais, a nossa jovem amiga encontrava alguns dos seus próprios conhecidos que haviam partido antes dela, ou percebia-se na presença de alguns dos nossos guias e mestres, conscientes de que lhe estavam a dar ajuda especial para trazer de volta à Terra lembranças das suas experiências e estudos. Muitas vezes reconhecia pessoas que já tinha encontrado nessas expedições e visitava lugares que lhe eram familiares nos “sonhos”.

Nos últimos anos, podemos dizer, ela não recorda ter viajado durante o sono e, desde o casamento, não mostrou sinais de transe mediúnico. Muitas vezes, nas experiências de sono, esta sensitiva ia a belos templos de Música ou palácios de Arte, trazendo-nos, pela manhã, descrições

radiantes de tudo o que vira, ouvira e vivenciara. Numa ocasião, contou-nos sobre pinturas maravilhosas de mestres da arte que lhe foram mostradas e recitou-nos a seguinte inscrição, que lera numa obra intitulada *O Nascimento do Amor*:

> Quando o Amor nasceu, brilhou a aurora,
> E o mundo inteiro em luz se banhou;
> Mil rosas novas surgiram nessa hora,
> Pois o frio invernal enfim se apagou.
>
> O sofrimento, então, desapareceu,
> E o doce verão do Amor floresceu,
> Preenchendo de beleza toda a dor;
> Nem dor nem mágoa podem derrubar
> O coração que vive só para amar,
> E pulsa pelo doce Amor.

Outra visita ao Templo da Arte e a outros locais foi transcrita do *Banner of Light* e ilustra ainda mais o poder que esta jovem tinha de visitar a vida espiritual durante o sono. Os nossos inspiradores espirituais disseram-nos para incorporar estas descrições neste livro, para que o mundo saiba que o sono é uma porta de entrada para reinos espirituais de beleza e poder. Esta última ilustração foi publicada sob o título *Sonho — ou Experiência Psíquica — Qual?*

A Srta. Agnes era uma sensitiva notável, com gosto e temperamento poético, inspirador e literário, embora demasiado modesta para admitir dons especiais. Na manhã de 27 de julho, relatou as seguintes experiências vividas no “sono”, afirmando, no entanto, que não conseguia recordar tudo o que tinha visto e ouvido e que a linguagem não podia descrever o esplendor e a beleza de tudo o que experimentara nos seus “sonhos”.

Depois de alguma viagem, encontrou-se diante de um magnífico templo de arte. Já o visitara antes e descrevera muitas das suas belezas. Nesta ocasião, entrou no templo e lembra-se de ter contemplado várias pinturas magníficas, das quais recorda três em particular. Duas dessas obras eram peças complementares, criações de um mestre; cada uma estava belamente emoldurada e tinha, no topo, uma placa com título e inscrição em verso.

A primeira pintura tinha o título *O Trono do Destino* e o seguinte verso:

Quando o Destino, com mão certeira,
Toma nas rédeas o mando e o poder,
Nem ar, nem mar, nem terra inteira
Podem dois corações deter.

Esta obra mostrava uma figura masculina grandiosa e imponente, vestida com um manto real e com uma coroa na cabeça, sentada num trono e segurando rédeas douradas nas mãos. As rédeas estavam ligadas a duas figuras humanas, distantes entre si, separadas por montanhas e mares, mas, à medida que ele as manipulava, pareciam aproximar-se, inferindo-se que, eventualmente, estariam lado a lado. A perspetiva e a coloração desta obra, bem como da seguinte, foram descritas como soberbas.

A segunda pintura intitulava-se *A Inspiração do Amor* e tinha este verso:

Ainda que a natureza, em fúria e tormento,
Me castigue e puna sem piedade,
Escolho o caminho árduo e lento
E sigo, Amor, para a tua verdade.

Esta obra retratava uma enorme montanha varrida por tempestades, com trilhos acidentados, cobertos por rochas, árvores caídas e detritos. Tudo transmitia perigo, luta e sofrimento; mas, subindo firmemente o caminho, estava uma figura humana, com um cajado na mão e o olhar fixo na pequena figura do Amor, na forma de Cupido, que voava à sua frente, conduzindo-o para o cume da montanha, onde uma bela mulher — objeto da sua lealdade e busca — esperava e acenava.

Na base da montanha, de um lado, havia campos floridos e searas ondulantes, símbolos de fertilidade, abundância, fama e sucesso; do outro, uma floresta fresca e convidativa, com riachos cintilantes e clareiras sombreadas que convidavam ao descanso. O viajante, porém, afastava-se de tudo isso, preferindo enfrentar a tempestade na sua subida para, no fim, alcançar a sua amada, sua inspiração e guia.

A terceira pintura chamava-se *Companheirismo* e tinha um significado mais leve, mas representava de forma bela e sugestiva a verdadeira camaradagem: mostrava duas jovens num baloiço de rede, conversando; os livros tinham caído ao chão e elas estavam absortas no diálogo, enquanto pequenos espíritos entrelaçavam as suas figuras com grinaldas de flores.

Nesse momento, a Srta. Agnes regressou ao corpo e acordou, mas, poucos minutos depois, voltou a adormecer e foi transportada para uma sala de aula, onde um professor se preparava para iniciar uma palestra ilustrada sobre *Vibrações Humanas e o Poder do Magnetismo Pessoal*, mostrando como os indivíduos são afetados pela aura e magnetismo de outras pessoas.

Segurando uma esfera semelhante a um balão de criança, mas maior, e insuflando-a com o seu magnetismo, explicou que a tinha tornado extremamente sensível, capaz de reagir à mais leve vibração em contacto com ela. Depois, colocou a esfera num grande espetro luminoso, onde flutuou nas faixas vermelhas.

O professor convidou então, um a um, os membros da turma a aproximarem-se do espetro e, conforme cada um o fazia, a esfera subia ou descia até à cor correspondente à vibração e à aura dessa pessoa. Era considerado um experimento estritamente científico, mostrando de forma inequívoca a taxa de vibração e a aura de todos os que se aproximavam.

Para maior demonstração, o instrutor magnetizou uma jovem até ela entrar em estado hipnótico, suspendendo-a depois, deitada, no ar. À aproximação das pessoas, o corpo reagia assim que a aura de alguém a tocava, subindo ou descendo ligeiramente, mostrando o efeito dos magnetismos humanos sobre uma sensitiva.

Prosseguindo, o professor desenhou no quadro um diagrama, começando a falar sobre magnetismos humanos, forças vibratórias e a lei da atração e repulsão. Ao falar de pessoas que se repelem ou que frequentemente entram em choque, desenhou ondas com picos agudos que, ao aproximarem-se, pulsavam de forma angular, chocando e quebrando-se em faíscas e fragmentos, mostrando que pessoas cujas forças se repelem tornam-se angulosas quando juntas e que as suas vibrações e linhas magnéticas colidem em vez de se fundirem.

Ao ilustrar duas pessoas naturalmente harmoniosas, mas que, por vezes, parecem mais próximas do que o habitual, desenhou duas linhas onduladas e graciosas, paralelas, que ondulavam no seu curso mas, por vezes, se aproximavam e fluíam em harmonia, voltando depois a afastar-se para seguir cada uma o seu próprio rumo. Isto mostrava o efeito do magnetismo harmonioso entre ambas, sem necessariamente unir as duas vidas num só pensamento ou ação.

Noutra ilustração, mostrou duas linhas largas, onduladas e graciosas, sem ângulos, que começavam separadas mas iam-se aproximando até que as vibrações de cada uma, estimuladas pela aura da outra, pulsavam juntas, fundindo-se num só fluxo amplo que, ao unir-se em harmonia, aumentava a força de atração, criando unidade e acordo perfeitos. Nesta situação, a total sintonia vibratória e a fusão completa das auras intensificavam continuamente as forças magnéticas e, como não havia saídas separadas para as atividades, estas tornavam-se mais intensas na unificação perfeita de duas almas num mesmo plano de ação e pensamento.

CAPÍTULO SEXTO

ELEMENTAIS, REENCARNAÇÕES, OBSESSÕES

Ao seguir os cursos de instrução que os professores do mundo espiritual abrem aos seus estudantes, tanto no lado terreno como no etéreo da vida, muitos temas surgem para consideração. O estudante sério não se intimida com o facto de haver profundidades imensas de pensamento a explorar, nem com o saber que o universo vibra com a operação da lei em diversas direções e métodos de expressão.

Ele sabe que o tempo é ilimitado para o ego ascendente e que tem eras pela frente para se tornar mais sábio e expandir o seu poder de realização. É humilde porque compreende a vastidão da investigação que tem diante de si e não presume declarar os limites do que é possível quanto aos métodos que a Natureza utiliza para concretizar o esquema universal da vida.

Alguns dos assuntos com que o estudante lida na sua busca de informação podem ser considerados brevemente neste capítulo.

A questão dos “elementais” tem surgido na mente de muitos pensadores honestos. Trata-se de saber se existe ou não uma classe de criaturas potenciais, no meio das forças vibratórias deste planeta e das suas atmosferas, que não são nem animais nem humanas, invisíveis ao olho humano, mas capazes de exercer alguma influência sobre certos indivíduos.

Houve um tempo em que rejeitávamos a hipótese da existência de tais seres; hoje damos mais atenção ao tema, devido a declarações de uma inteligência espiritual que nos disseram ser uma entidade antiga e avançada, conhecida no nosso planeta espiritual pelo nome de Iberna.

Pelo que nos foi transmitido, esta inteligência foi professor e cientista na antiga Atlântida, figura de elevada autoridade em matérias de filosofia, incluindo o estudo dos astros e de vários ramos do saber científico.

As crianças espirituais relataram que Iberna assume uma forma semelhante à dos seus professores quando entra na sua esfera — uma forma humana, extremamente luminosa e etérea — mas que, por vezes, antes de chegar, é visto como um globo luminoso e só quando baixa a sua vibração, pela força da vontade, é que surge na forma humana.

Os ensinamentos deste personagem singular sobre “elementais” descrevem-nos como acumulações de forças ou elementos suficientemente vitalizados, com impulso e atividade vibratória, para se tornarem concretos e estabelecerem presença e poder na Terra e no seu ambiente, mas sem a taxa de vibração ou a solidez necessárias para se tornarem visíveis ou percecionáveis ao sentido físico humano.

Seriam fruto da lei da evolução, na formação de formas a partir do material planetário, compostos de substância vaporosa proveniente dos vários elementos e qualidades atómicas das formas inferiores de matéria, no seu processo de crescimento e decomposição.

Se pudéssemos vê-los, parecer-se-iam com formas animais rudimentares, grandes ou pequenas; seriam elos entre o reino “bruto” e o humano, e o seu princípio vital destinava-se a ser absorvido pelas raças humanas mais primitivas, passando gradualmente para condições mais elevadas, até alcançar, em estado refinado, o ponto de expansão em que se adquire o essencial vital da imortalidade humana.

Segundo Iberna, tais “elementais” habitam a terra e o ar, encontram-se em grutas e florestas, são informes para o olho humano, mas visíveis a certos espíritos e também a alguns sensitivos na Terra, cuja clarividência seja dirigida nesse sentido. Em alguns destes seres existe força maligna, capaz de prejudicar quem se aproxime, enquanto noutros a força é dócil e inofensiva.

Alguns parecem sentir o impulso de procurar ambientes humanos e absorver magnetismo humano — instinto natural de atração para ganhar forças que lhes permitam evoluir para o estado humano. Estes são auxiliados, tanto por espíritos encarnados como desencarnados, a crescer e desenvolver-se espiritualmente por meio da ajuda magnética.

Foi-nos dito que tanto animais selvagens como domésticos podem, por vezes, percecionar estas formas e serem afetados por elas. Alguns

humanos sensitivos sentem-se incomodados ou perturbados por essas influências, o que poderia ser considerado uma forma de “obsessão”. No entanto, acrescenta-se que ninguém precisa de se preocupar com forças elementais se for equilibrado e espiritual no comportamento e nas aspirações.

Tal como certas pessoas são afetadas negativamente por condições atmosféricas — especialmente antes e durante tempestades — também algumas se sentem desconfortáveis com a proximidade de forças ocultas que não sabem explicar. Estas podem provir da presença de espíritos humanos em desarmonia ou da proximidade de alguma força perturbadora no ambiente, ativa em maior ou menor grau de consciência.

O tema da “reencarnação” não será amplamente discutido neste volume, pois levanta demasiadas questões e vertentes de pensamento para serem devidamente tratadas aqui. É um assunto que atrai muitas mentes reflexivas e que não deve ser descartado com um sorriso cético apenas por falta de provas diretas da sua ação ou utilidade.

Dentro do tema deste capítulo, tocamos na “reencorporação” como aplicação das gradações da lei da evolução no seu processo de desdobramento, desde a forma primitiva da matéria até à construção gloriosa de uma matriz ou molde capaz de receber a coordenação preparada de elementos, forças e átomos que possam ser vivificados com o impulso espiritual e a consciência que conduzem à imortalidade.

Esse processo pode implicar uma ação chamada “reencarnação”, uma vez que o princípio vital — que, no homem em ascensão, é a semente da alma, e, na “matéria bruta”, apenas a vibração ou princípio de vida —, nos estados intermédios de crescimento, pode ser o impulso que instintivamente procura nova oportunidade de desenvolvimento. Afinal, em todos os domínios deste vasto plano da existência, trata-se de Força Potencial e Energia Divina.

Muitas das raças primitivas da Terra, que viveram por algum tempo em formas humanas grotescas ou exageradas, já se extinguiram; algumas não deixaram vestígios que contem a história do seu lugar no planeta. Cumpriram o seu destino e o princípio vital que as animava espalhou-se na atmosfera, para ser reabsorvido em formas posteriores e em melhores condições planetárias. Assim, ao longo de eras, raça após raça surgiu, cumpriu o seu papel e desapareceu — não necessariamente para ascender a uma existência espiritual consciente noutros mundos, nem para permanecer como entidades sensíveis neste plano terreno.

Por que não reutilizaria a Natureza, satisfeita com as suas primeiras experiências com essas forças, a matéria e a energia, moldando-as em novas formas e gradações de crescimento à medida que os séculos passavam?

Os antigos mestres dizem-nos que assim foi. No reino espiritual da consciência e atividade humanas, não há vestígios dessas raças humanas primitivas; entre a forma humana que conhecemos hoje e a puramente animal não existe elo de ligação nos mundos espirituais. Mas, na sua poderosa obra de preparar a Terra para o advento de raças mais elevadas, capazes de serem vivificadas pela chama eterna da energia consciente e inteligente, a Natureza reutilizou o seu material inúmeras vezes, até formar o corpo e as condições adequadas para a chegada do Ego imortal — o homem espiritual.

Obsessões

Das considerações sobre forças “elementais” que podem intensificar-se ao ponto de quase se materializarem, e sobre princípios e forças de energia “reencarnados” que, com o tempo, podem tornar-se entidades imortais, passamos naturalmente à influência sobre o pensamento e comportamento humanos a que chamamos “obsessão”.

Este é também um assunto que atrai a atenção de muitas mentes sérias e que todos os espiritualistas e estudantes do oculto fariam bem em ponderar. Milhares de sensitivos são afetados de uma forma ou de outra, e já não é tempo de o descartar com um sorriso.

Uma pessoa pode ser obsidiada por outras influências e condições que não sejam apenas o poder psicológico e a persistência de espíritos desencarnados. A auto-sugestão pode desempenhar um grande papel nas angústias e experiências de um indivíduo obsidiado. Os mortais estão constantemente a emitir as suas emanações — para o bem ou para o mal — no ambiente; a qualidade do seu pensamento pode exalar um perfume ou um miasma, e sensitivos em contacto com ele podem ser elevados ou deprimidos, podem ganhar saúde ou adoecer sob essa influência.

Uma vaga de crime pode ser desencadeada por uma mente positiva em estado de raiva intensa, permitindo que pensamentos perniciosos e desejos ocultos se agitem no seu íntimo; sensitivos que entrem no seu campo magnético poderão ser influenciados e, se estiverem recetivos, iniciados no mesmo caminho criminoso. Forças psicológicas estão em ação por toda a parte. Os espíritos desencarnados não são responsáveis

por todo o mal das chamadas “obsessões”. É um tema sério e vasto, que a ciência um dia estudará com atenção.

Neste contexto, apresentamos um discurso do Espírito John Pierpont sobre o tema da “obsessão” — pedido pelo editor do *The Progressive Thinker* há alguns anos — no qual ele começa por afirmar que a lei da vibração tem muito a ver com a condição, o estado e o ambiente da entidade espiritual após a sua passagem para fora do corpo físico.

Segundo Pierpont, as diversas taxas de vibração dos seres humanos na Terra determinam em grande medida a sua condição espiritual. Do outro lado, os estágios de desenvolvimento espiritual estão também relacionados com essa taxa vibratória.

Assim, um indivíduo ignorante, rude e bruto nos instintos, que não foi treinado nas qualidades mais elevadas de conduta e expressão, vibra em harmonia com as formas físicas da Terra — ou seja, é “da Terra, terreno”. Não conhece nem compreende muito das qualidades mais finas do ser; não aspira a nada elevado, não procura evolução espiritual, nem se preocupa particularmente com o bem e o benefício dos seus semelhantes.

O seu desejo e propósito são manter-se firme no plano físico e encontrar o que lhe traga conforto ou satisfaça as suas exigências materiais; consequentemente, a força vibratória que percorre toda a sua natureza é semelhante ao que se chama habitualmente “animal”, e esta ação vibratória liberta, a partir da combinação do físico e do mental, certos elementos, átomos e auras que, em grande parte, constituem o corpo espiritual.

Agora, devo aqui divergir para dizer que não concordo inteiramente com alguns dos meus bons amigos na Terra, que divulgam as suas opiniões e conclusões sobre este assunto, afirmando que o corpo espiritual é formado inteiramente por átomos e elementos etéricos refinados que compõem um corpo espiritual para a entidade humana.

Quanto mais elevada ou refinada for, em qualidade espiritual, aspiração, pensamento e atividade mental, a natureza de um ser humano, mais finos, etéreos e sublimados serão os elementos, átomos e auras que emanam do ego para formar o corpo espiritual; e estes atrairão para si outros elementos etéreos, na atmosfera espiritual, que se afinarão com eles e entrarão na composição desse corpo espiritual, de modo que tais indivíduos possuirão certamente um belo corpo espiritual etéreo,

composto dos átomos e éteres mais puros. Mas isto, de modo algum, acontece com todos os indivíduos.

Como disse, depende em grande parte da força e ação vibratória no plano do pensamento e da atividade moral e mental, e do estado geral do ser humano, a forma e o plano em que o corpo espiritual se manifestará. Assim, o homem que vive apenas no material, nos pensamentos, desejos e na expressão dos apetites — e infelizmente há muitos assim no mundo mortal — está a enviar a matéria para o seu corpo espiritual que está longe de ser de carácter refinado ou sublimado. Essa matéria é grosseira; é da própria Terra. Os elementos que a compõem são, em grande parte, físicos. Pertencem a este plano mortal e não às esferas etéreas e espirituais da existência superior.

As entidades espirituais assim moldadas, cujas vibrações estão em harmonia apenas com as forças vibratórias do físico, formam um corpo espiritual que não pode ascender às esferas mais altas ou aos planos superiores da existência humana nos reinos espirituais. Esses corpos espirituais pertencem essencialmente à vida física, e não conseguem libertar-se dela porque estão sobrecarregados com os átomos, partículas e elementos que absorveram deste plano material.

Pode dizer-se que tais espíritos “habitam a terra do nevoeiro” ou “o limiar da vida espiritual”. Não me oponho a nenhuma dessas expressões, pois de facto pertencem ainda a este mundo material, já que não geraram ainda um elemento, uma força espiritual e um poder de elevação que lhes permita atravessar para o além, onde a natureza espiritual etérea pode viver.

Indivíduos essencialmente egoístas, que procuram principalmente a satisfação pessoal — de qualquer forma que seja — estão a gerar uma matéria grosseira para os seus corpos espirituais. Isto pode acontecer de forma crua e animalesca, buscando apenas satisfazer apetites e desejos carnais, ou pode acontecer numa condição aparentemente mais elevada, mas igualmente centrada no egoísmo, através da ambição, da ânsia por posição e engrandecimento mundano, independentemente dos direitos dos outros.

Assim, pode haver uma grande distância entre a criatura ignorante e instintiva, mergulhada no plano animal, e o homem instruído, de vontade férrea, que não hesita em esmagar a carne, o sangue, o coração e a alma dos outros para atingir riqueza e posição — mas o corpo espiritual de um pode não ser melhor do que o do outro, pois o material que

enviaram para a formação desse corpo carece gravemente de elementos espirituais, de forças de refinamento, do que é necessário para criar um corpo humano apto a servir uma alma bem desenvolvida.

A minha posição é esta: o ser humano que constrói tal corpo para o espírito, ao deixar o plano mortal, se este corpo é grosseiro e amplamente composto de matéria terrena, permanecerá nos ambientes da esfera terrestre. E, mais ainda, não conseguirá adaptar-se nem encontrar satisfação nos planos de vida belos e espiritualmente elevados que pertencem aos indivíduos da Terra que já se desenvolveram espiritualmente e que são equilibrados em si mesmos. Permanecerá, na maioria dos casos, entre os locais e ambientes que o atraíam quando vivia no plano físico.

Não é verdade que todos os que permanecem presos a planos e condições terrenas sejam uma ameaça ou terror para os humanos; se assim fosse, ninguém poderia andar nas ruas ou entrar em edifícios com segurança. Mas é verdade que existem certos espíritos desencarnados que se podem fixar, como parasitas, em mortais que sejam sensíveis e recetivos à sua presença, podendo assim causar-lhes dano e, ao mesmo tempo, satisfazer, em parte, os seus próprios desejos através de meios materiais.

Este é um facto científico que apresento para consideração neste tema. Não devemos tratá-lo de forma fantasiosa, mas encarar os factos como se apresentam logicamente à nossa observação. E afirmo ser verdade que o estado mental e moral dos seres humanos na Terra tem grande influência sobre a forma do seu corpo espiritual e sobre o local e plano em que eles, como entidades, se encontrarão depois de abandonarem o corpo físico.

Cientificamente, podemos explicá-lo considerando que, se o corpo espiritual for composto em maior parte por elementos terrenos do que por forças e átomos etéreos, então, pela lei da gravidade específica e da atração, esses corpos espirituais terão de permanecer em contacto com o mundo de que fazem parte.

Os seres ou entidades obsessores são aqueles que vivem nesse ambiente específico, nesse plano particular da existência espiritual, composto de matéria grosseira e que, mantendo ainda fortes os desejos que tinham na vida terrena, procuram naturalmente satisfazê-los ou expressá-los por algum meio ou instrumento que encontrem. Na maioria dos casos, não há antagonismo contra o mortal que obsidiam, nem um

impulso de vingança; o que existe é simplesmente a busca pela satisfação de desejos e apetites que ainda os dominam, pois o seu corpo espiritual é feito de material que anseia precisamente por essas coisas.

Sensitivos na Terra podem, num momento de descuido, abrir-se a um ataque dessa natureza. Médiuns bem treinados raramente têm esse problema, pois foram preparados durante muito tempo por inteligências espirituais que os protegeram e trabalharam sobre o seu cérebro e forças magnéticas, estimulando neles as qualidades mais elevadas, fortalecendo a vontade e tornando-os resistentes ao ataque de espíritos realmente obsessores e maliciosos.

Nenhum sensitivo ou médium pode estar sujeito, por longo tempo, à influência e treino de professores e guias espirituais das esferas avançadas da vida imortal sem, de algum modo, responder mental e moralmente a essas condições, tornando-se assim mais forte e melhor na sua própria individualidade e inteligência do que seria sem essa proteção.

Mas há outros, talvez bem-intencionados e desejosos de fazer o bem, que não possuem ainda as qualidades de vontade, inteligência e perceção espiritual que lhes permitiriam resistir à aproximação de um ser parasita do mundo invisível. Nos primeiros estágios da sua sensibilidade às forças psíquicas, podem, num momento de falta de vigilância, tornar-se recetivos à aproximação de um espírito obsessor, que se fixa a eles sem que tenham consciência disso.

Este ser ignorante e pouco desenvolvido, procurando apenas conforto e satisfação, mantém-se junto da sua vítima, não possuindo nem o seu espírito nem a sua mente, mas permanecendo na sua aura, impregnando-a com o seu próprio veneno e mentalidade grosseira, e adquirindo assim poder hipnótico sobre o indivíduo — um poder puramente egoísta, para servir os seus próprios fins.

Quando alguém está sob tal controlo — pois é realmente um controlo —, as suas forças vitais tendem a enfraquecer; com o tempo, se a obsessão persiste, a força de vontade diminui e a inteligência já não é a mesma. O espírito, sem consciência ou cuidado pelo mal que está a causar, persiste através da energia positiva da sua própria vontade, mantendo o domínio até que seja expulso por algum tratamento ou condição proveniente de qualquer dos lados da vida, ou por ação combinada de ambos.

O auxílio magnético pode ser dado ao mortal obsidiado, seja por um indivíduo bem desenvolvido e equilibrado com poder mediúnico, auxiliado por inteligências espirituais do outro mundo, seja diretamente pelo plano espiritual.

Muitos que estiveram obsidiados libertaram-se dos seus atormentadores e desenvolveram fortes e belos dons mediúnicos, usados para beneficiar a humanidade. Outros, porém, enlouqueceram ou definharam sob alguma forma subtil de doença, até que a morte os libertou da influência que os cercava.

Este é um facto importante, que não prejudicará o mundo ao ser conhecido. A vida mortal envia constantemente para o além aqueles que não estão preparados para a existência espiritual — mergulhados no vício, no crime, na malícia ou na desonestidade, ou ainda na cobiça e na desonra. Estas pessoas não mudam num piscar de olhos, nem em semanas ou meses.

As suas vibrações estiveram quase totalmente voltadas para o material e para o plano físico e animal. Embora eu hesite em usar o termo “animal”, pois a vida animal, na sua função própria, faz parte do plano belo e verdadeiro da Natureza, e o plano material, no seu propósito e utilidade, também é belo e verdadeiro, não tenho melhores palavras para descrever esta condição.

Assim, estas entidades espirituais permanecem envolvidas numa rede densa de átomos e partículas terrenas que elas próprias criaram e atraíram. Não é de admirar que procurem formas de se expressar novamente, de gratificar, ainda que parcialmente, as forças, apetites e paixões que as consomem. É tolice dizer que todos os pecados pertencem à carne.

A própria ciência não aceitaria tal afirmação. É certo que, quando o corpo deixa de respirar e os órgãos cessam as suas funções, nenhum pecado pode ser cometido por essa forma física; mas a ciência também reconhece que foi a mente — desenvolvida ou não — que levou o indivíduo a cometer o pecado, seja ele qual for. E, quando o pensamento deixa de vibrar através do corpo mortal, nenhum ato pecaminoso pode ser realizado.

Aqueles que podem aceitar a ideia e adquirir a consciência de uma existência verdadeiramente espiritual — isto é, de uma vida consciente e inteligente para o ego humano após a dissolução do corpo mortal — devem ponderar esta questão: poderá o espírito, em alguma

circunstância, desejar cometer o que é errado? Poderá a entidade humana, despojada do corpo físico, sob certas condições, cometer um crime ou pecado?

Seguindo este pensamento até à sua conclusão lógica, se compreendermos que o indivíduo pode estar tão enredado na rede que ele próprio criou — formada de elementos e forças físicas originadas das atividades das paixões humanas, desejos carnais e propósitos egoístas — a ponto de não se conseguir libertar, ficando preso à Terra, vibrando, sendo agitado e atormentado por essas mesmas forças das quais faz parte e nas quais está submerso, então podemos claramente acreditar que, se lhe forem dadas oportunidade e condições, tal entidade poderá facilmente fazer o que sabemos ser errado ou cometer o que chamamos de crime.

É precisamente isto que sustento a partir das minhas observações sobre as diferentes vibrações dos seres humanos, pela geração das suas forças magnéticas, pelo estado e aparência da sua aura ou envoltório, que é formado pelas suas próprias emanações — tudo isto sendo claramente discernível para uma entidade espiritual atenta e observadora que deseje adquirir verdade e sabedoria, bem como conhecimento, nestes assuntos.

Chegando a essa conclusão, afirmo com certeza que a obsessão não é apenas uma possibilidade, mas um facto que pode ser explicado com base em princípios científicos e que pode ser reconhecido pela inspiração em muitos casos de vida e consciência humanas.

Muitos podem ser obsidiados por um tempo e depois libertar-se do incómodo, como já disse, entrando em condições mais felizes, enquanto o espírito obsessor, tendo cumprido os seus propósitos, também adquire uma experiência e é colocado sob a direção de uma lei superior, sendo conduzido a gerar uma aura magnética melhor, mais espiritual, refinada e etérea, que o beneficie e eleve espiritual, mental e moralmente.

À medida que as suas vibrações são postas a trabalhar em linhas mais elevadas, através do despertar do pensamento e do desejo puros no seu íntimo, haverá a eliminação dos elementos mais grosseiros do seu corpo espiritual e a absorção de forças e átomos mais refinados e etéreos, que lhe permitirão soltar o apego ao plano mortal e ascender gradualmente a estados mais altos e puros.

Se um espírito obsidia um mortal por um longo período, pode ser difícil para um mestre ou médico espiritual, de qualquer lado da vida, remover

imediatamente esse parasita. Porquê? Porque todas as forças e elementos, dirigidos pela vontade persistente da entidade espiritual, ficaram impregnados na aura magnética do médium — a aura está saturada deles — e arrancar bruscamente (por assim dizer) o espírito intruso poderia, muito provavelmente, ferir gravemente o sensitivo, talvez até destruir o corpo físico ou levá-lo à loucura.

Por isso, o trabalho deve ser feito de forma cuidadosa e ordenada. As emanações magnéticas do mestre ou médico devem fluir de tal modo, guiadas por uma força espiritual superior mas positiva, que ajudem a eliminar gradualmente os elementos grosseiros e nocivos da aura do médium, desligando, de forma calma, o espírito obsessor e afastando-o do sensitivo, deixando este fortalecido e conduzido a um estado de felicidade, saúde e paz.

Estes são os métodos geralmente usados por curadores e operadores espirituais inteligentes, e têm produzido grandes benefícios. É algo que acontece constantemente.

Afirmar que nenhum espírito pode obsidiar, incomodar ou prejudicar seriamente um mortal é falar de forma insensata. Quem insiste nisso está cego às forças da natureza, ao funcionamento dos elementos da vida humana e à condição dos seres humanos em todas as nações do globo. Estão cegos para factos que podem ser facilmente percebidos se deixarem de lado opiniões pré-concebidas e preconceitos e se dedicarem ao estudo sério do assunto.

Não é necessário prolongar este discurso até se tornar uma dissertação, pois creio ter dado razões suficientes para que tais condições possam existir, e a experiência da maioria dos médicos no seio do Espiritualismo, de milhares de sensitivos e de muitos médiuns conhecidos — com as observações e conhecimentos que certamente adquiriram — deve tê-los levado à conclusão de que existem parasitas humanos, invisíveis ao olho mortal, que em muitos casos se alimentam dos seres humanos neste próprio plano terrestre. Mas, como “o conhecimento é poder”, compreender este importante assunto e estudar a forma de aplicar um remédio será de grande valor para o mundo.

No futuro, encontraremos um número muito menor de pessoas afetadas desta forma, porque o estudo, a observação e a aplicação de métodos para combater o mal também levarão a um treino mais adequado dos sensitivos que procuram o desenvolvimento mediúnico, para que aprendam a compreender-se a si próprios, aos seus poderes e

possibilidades, bem como aos perigos, alegrias e belezas da mediunidade, reforçando-os com qualidades e atividades mentais que lhes permitam resistir a qualquer intrusão de seres nocivos, de qualquer lado da vida.

Parece-me que apenas o bem pode resultar desta discussão. Que o conhecimento será adquirido através da análise deste tema — e é por isso que me dispus a vir dar a minha opinião e as conclusões das minhas observações, a partir do ponto de vista de uma entidade espiritual.

De forma alguma acredito que todos os que são considerados ou declarados insanos sejam obsidiados por espíritos insanos. Não acredito que todos os que sofrem de epilepsia sejam obsidiados por tais espíritos; alguns podem sê-lo, provavelmente são; e estou convencido de que todos aqueles que chegam a um estado mental desequilibrado, ou que sofrem de epilepsia no corpo físico, podem estar abertos à intrusão de espíritos impuros, porque as suas forças vibratórias e o estado geral do seu desequilíbrio físico colocam-nos em sintonia com muitos seres invisíveis que pertencem ao plano terreno.

Contudo, não tenho dúvida de que muitos estão realmente insanos devido a doenças ou lesões no corpo físico, ou a distúrbios neurológicos e nervosos. Ainda assim, existem aqueles que são vítimas destes parasitas de que falei, e que precisam da simpatia, do serviço e da ajuda afetuosa do verdadeiro médico, tanto no plano espiritual como no terrestre, para os libertar do íncubo que os aprisiona.

Acrescento, por fim, que muito do sofrimento, da desesperança e da devassidão que existem na vida mortal, nas vibrações da Terra e das condições humanas, e nas emanações de certos lugares, não é diretamente causado por qualquer espírito individual.

Os seres humanos podem ser obsidiados, saturados e controlados por essas forças e influências, que são constantemente emanadas por pessoas que vivem em conflito e discórdia, que buscam satisfazer apetites carnais, que frequentam antros, bordéis e tabernas onde há rixas, e de onde emanam vibrações e condições subtis que se espalham pelas casas, ruas, campos e vielas, enchendo o ar com uma impureza indescritível. Um sensitivo que não esteja bem equilibrado, que não consiga elevar-se de forma firme e positiva acima dessa vileza, pode absorver parte dela a ponto de ficar impregnado dessa infâmia, e pode manifestar-se de maneira a parecer estar possuído por um espírito

maligno. Contudo, para além disso, existe, de facto, o que se pode chamar de obsessão por entidades humanas.

CAPÍTULO SÉTIMO
MEDIUNIDADE – A SUA FUNÇÃO E FONTE DE PODER

A nossa interpretação da palavra “Mediunidade”, no contexto deste volume, é aquela que o Espiritualismo lhe atribui ao lidar com a força humana e a qualidade que permite aos espíritos desencarnados comunicarem-se com os mortais de forma clara e inteligente, quer por mensagens diretas através de sensitivos em transe, quer por atividades clarividentes e clariaudientes, quer por operações geralmente chamadas de “manifestações físicas”.

Mediunidade, pois, é o poder ativo de um ser humano na Terra comunicar-se com outro ser humano não encarnado fisicamente. Alguns dos nossos amigos investigadores preferem usar o termo “Psiquismo”, ao que não fazemos objeção, já que trata da filosofia do espírito, mas mantemos aqui a palavra “Mediunidade” por ser mais claramente entendida devido à sua longa identificação com as afirmações e o trabalho do Espiritualismo.

A mediunidade é do espírito; pertence essencialmente às qualidades inatas dos seres humanos; não pode ser vertida numa pessoa, nem oferecida por outra. A mediunidade é a expressão ativa das perceções; podemos chamá-la de demonstração do sexto sentido no homem, um sentido que reúne o total de todos os cinco sentidos físicos, já que a sua função é perceber, não apenas com o olho, o ouvido ou a mão, mas de uma só vez com todas as vias da sensação vivas e ativas.

O homem é dotado dessa qualidade de perceção, uma faculdade de discernimento que por vezes é chamada de intuição; pode assumir diversas expressões, como a clarividência, a clariaudiência, as formas mediúnicas inspiracionais ou impressionais, que pertencem à ordem da telegrafia mental.

Por falta de capacidade para expressar ou interpretar corretamente esta conceção, a maioria das pessoas nunca percebe a sua existência e possibilidades inatas; percorrem o mundo inconscientes de que dentro de si possuem uma fonte de luz que, se fosse aberta ao seu entendimento, inundaria o seu caminho com discernimento claro. Mas há milhares de sensitivos cujas perceções estão despertas e que são influenciados por

elas: alguns estão conscientes da origem e função do seu poder psíquico; outros não sabem de onde vem ou para que serve; apenas sabem que têm “experiências estranhas, não explicáveis por razões físicas”. A mediunidade é do Espírito, e ninguém pode transmiti-la a outro, mas há sensitivos que, com a ajuda de sábias inteligências espirituais do outro lado, podem sentar-se para estimular forças psíquicas latentes em outros e ajudá-los a desenvolver-se até à sua expressão útil.

A função da mediunidade é abençoar a humanidade, permitir à raça superar as condições da matéria o suficiente para torná-la serva e não senhora dos seres inteligentes; fortalecer a intuição e permitir que esta guie o indivíduo para o seu próprio bem e o dos outros, nos casos em que a visão e o julgamento externos estejam cegos às condições reais e ao melhor caminho a seguir.

As funções da mediunidade, em todos os sentidos, são benéficas, e quando os resultados da ação mediúnica se mostram prejudiciais a qualquer causa de melhoria humana, o seu uso foi abusado por espíritos ou mortais, ou ambos, e o desígnio original foi pervertido e mal utilizado. O exercício verdadeiro e adequado desta qualidade percetiva nem sempre considera a felicidade ou vantagem individual.

Um sensitivo pode ser chamado a sofrer muitos males no exercício da sua função; negligência, incompreensão, ostracismo, perseguição, até agressão física e dor podem fazer parte da sua sorte ao serviço do mundo espiritual; muitos gentis ministros do evangelho do Espiritualismo, nas suas várias fases de demonstração e ensino, assim sofreram e não encontraram reparação no plano mortal. Todos os verdadeiros médiuns experimentaram, em maior ou menor grau, martírio e sofrimento, mental e físico, devido à sua fidelidade à verdade.

Muitos dos nossos sensitivos poderiam ter ganho fama e riqueza mundana se tivessem voltado os seus talentos psíquicos para fins externos de lucro e notoriedade, mas preferiram permanecer fiéis à Causa do Espiritualismo e trabalhar de forma humilde e leal pela verdade. As funções da mediunidade, sendo benéficas, demonstram ao mundo que o homem tem uma natureza espiritual a ser treinada para um alto grau de imortalidade; provam que a morte é um amigo que abre a porta do Progresso ao ego; que a consciência, as qualidades da memória, afeição, razão e inteligência geral sobrevivem à dissolução do corpo mortal e constituem o homem liberto dos estados espirituais; e que

fortalecem o mundo, através da influência e instrução, na sua marcha para condições morais, mentais e espirituais mais elevadas. Isso é calculado para beneficiar – não amaldiçoar – o indivíduo chamado a desempenhá-las.

Estas funções deveriam atrair naturezas elevadas para as exercer, mas como as taxas de vibração mental, e nalguns casos o magnetismo físico, têm muito a ver com o desenvolvimento da mediunidade, nem sempre são os mais refinados e elevados que entram na obra. Contudo, em todos os estados e esferas de desenvolvimento humano, podem encontrar-se médiuns capazes de ministrar aos que os rodeiam, mesmo àqueles que não compreenderiam os ensinamentos da mediunidade em qualquer outro plano de ação ou expressão inteligente que não fosse o seu próprio.

Há também muitos médiuns que, sob a influência de seres inteligentes, conseguem discursar sobre assuntos e com linguagem muito além das suas capacidades normais, enquanto outros, cultos e refinados, sob a influência de espíritos desencarnados, conseguem adaptar os seus ensinamentos à compreensão de mentes iletradas para as instruir.

A lei da vibração rege todas as expressões e atividades da mediunidade; é a mesma lei que se manifesta na vida de uma flor, no crescimento de uma árvore, no riso de uma criança, e que atua nas demonstrações do Espiritualismo através daquilo a que se chama “mediunidade”.

> Grandes carvalhos de pequenas bolotas nascem,
> E ribeiros tornam-se rios que correm,
> Assim mundos e planetas, no seu curso,
> São regidos pela grande força
> Que faz crescer o oceano, a árvore erguer-se,
> E molda a própria humanidade.

E esta é a força vibratória que desperta a mediunidade para uma expressão maravilhosa em prol da glória da vida progressiva.

O poder da mediunidade é profundo e de longo alcance; a sua fonte está nas energias potenciais do universo; no princípio de toda a vida consciente; é divino. A mediunidade é delicada, subtil, enraizada na estrutura espiritual; pode facilmente ser desafinada; pode até ser pervertida para fins vis e conduzida a propósitos indignos.

Os seus instrumentos são sensitivos, muitas vezes muito recetivos, frequentemente a sofrer de carência e falta de consideração adequada.

Têm necessidades corporais e sensibilidades mentais, e podem estar profundamente aflitos com as preocupações e fardos da vida diária. É possível, portanto, que alguns destes instrumentos delicadamente afinados sejam perturbados pelo desgaste das condições, influenciados indevidamente por espíritos ardilosos em corpo mortal, assim como por seres enganadores fora deste plano.

O espanto está em que, com as condições que lhes são impostas por visitantes descuidados e egoístas, curiosos – possivelmente de ambos os lados da vida – sem falar nos que se aproveitam das suas forças magnéticas e ambientes, tantos médiuns permaneçam fiéis à verdade e à probidade na sua conduta e trabalho.

Os antigos compreendiam as necessidades dos seus oráculos; sabiam que forças vibratórias subtis tinham de influenciar sensitivos capazes de receber e registar as forças dos mundos invisíveis de forma correta; por isso afastavam-nos do contacto com a multidão ignorante; construíam-lhes templos, proporcionavam-lhes belas envolventes, livravam-nos da preocupação com as necessidades corporais, traziam-nos para os Santuários do Silêncio e da Contemplação Espiritual, e, de facto, criavam as condições adequadas para que a mediunidade se exercesse da melhor e mais plena forma.

Os médiuns não devem, contudo, ser considerados seres humanos irresponsáveis; são dotados de qualidades sensíveis e, regra geral, têm plena consciência das normas de certo e errado, e dos seus deveres para com essas normas. Médiuns que descem a qualquer forma de fraude não devem ser elogiados nem apoiados. Espíritos que, de forma maliciosa ou gratuita, enganem e prejudiquem seres humanos através dos seus médiuns não devem ser acolhidos nem desculpados.

Descemos ao nível das criaturas a quem servimos; ascendemos às forças vibratórias dos seres elevados que aspiramos alcançar. A mediunidade pode tornar-se numa armadilha e fonte de tormento para aqueles que a degradam e abusam das suas funções; mas elevará e abençoará, sendo uma porta aberta para vastos campos de conhecimento e poder, aqueles que enaltecem os seus ensinamentos e revelações.

O seguinte excerto de uma palestra do Espírito Pierpont, através do nosso organismo, intitulada “Algumas Coisas Sobre a Mediunidade”, proferida em Washington, é adequado neste ponto. Referindo-se à mediunidade, o espírito disse: “Infelizmente, existem aqueles com

poderes de expressão que não são totalmente conscienciosos, e assim temos a mistura do vil e do puro, do falso e do verdadeiro; mas é lei da Natureza que todas as coisas busquem o seu nível. Os impuros, ímpios, egoístas em qualquer campo – incluindo os que exploram a mediunidade para fins materiais e egoístas – descerão ao nível do malfeitor, ao grau do que é indigno.

Encontrarão sofrimento, e não será aquele sofrimento mais puro dos sensitivos que assumem as condições das almas infelizes e deprimidas a quem ministram, pois estes são aliviados das suas dores pelas delicadas ministrações de anjos amorosos que os assistem com paz e vigilante cuidado.

As misérias que os transgressores acumulam para si são de um tipo que mergulha profundamente na vida da alma e queima o seu caminho com força corrosiva, até que aqueles que a contraíram pela sua própria cobiça, infidelidade à verdade e serviço desleal, clamem em agonia por causa do tormento causado pelos seus próprios atos e pelas consequentes condições.

Há esta diferença entre o que é alcançado pelo médium bom e puro e o que é obtido pelo falso e impuro: a doçura, pureza e beleza que vêm da consciência de ajudar, sustentar e abençoar outras vidas humanas criam no médium – ou em qualquer ministrante assim – uma felicidade e riqueza espiritual que pertencem ao Espírito e são eternas. O sofrimento e a dor que um médium deste tipo encontra ao sentir a miséria das vidas humanas com que é forçado a lidar permanecem por algum tempo, mas são rapidamente levantados por uma influência superior, e o crescimento é sempre para cima e para a frente.

O médium que não é digno da sua confiança, que usa egoisticamente os seus poderes apenas para ganho pessoal, riqueza e popularidade, sendo inescrupuloso no uso das suas qualidades psíquicas, pode alegrar-se com o que obtém em termos de riqueza e notoriedade, mas, por não ser riqueza do Espírito, tal satisfação e alegria não permanecem; oscilam. Essa felicidade mundana desaparece, e mais é exigido.

Procura então mais vítimas de quem se alimentar. Não há espiritualidade nesse caminho; não se acumula riqueza para a vida da alma nesse estado; não se criam joias para o espírito se adornar e iluminar quando liberto, no futuro. Ficam, no entanto, efeitos – mas, em vez de as ações e aspirações se transformarem numa rosa espiritual ou numa joia eterna para adornar a personalidade nos reinos superiores, os efeitos do erro

criam uma condição escura para a entidade, que forjará uma corrente para a prender e pesar sobre ela.”

A miséria que há de inevitavelmente chegar a um falso profeta e trabalhador ímpio, que prostituiu os poderes do Espírito para fins indignos, mantê-lo-á acorrentado até que, no despertar da sua natureza espiritual, através do sofrimento, clame por ajuda, procure diligentemente a luz, deseje instrução e se prepare para um trabalho árduo de emancipação do mal e de reparação para com os outros pelos erros que causou. Os dois lados da mediunidade estão tão distantes como os polos; tão afastados de contacto como o “céu e o inferno”; um pertence às belezas superiores e às mais celestiais condições da vida imortal, o outro aos estados mais baixos, sempre degradantes para a alma humana.

Estes são factos universais, e deles não podemos escapar. Ou crescemos e subimos, ou estagnamos e, por fim, descemos. Devemos aspirar ao bem e à verdade e alcançá-los pela ação, ou afundar-nos-emos na degradação. A mediunidade é uma bênção se for procurada e cultivada para o benefício da humanidade; é uma das mais pesadas maldições que a vida pode conter se for usada para prejudicar o homem. Tais poderes de ministração que possuis, sejam eles de psiquismo consciente ou não, podem ser usados para tornar o mundo melhor pela tua existência.

Podes não conseguir demonstrar a imortalidade como o teu vizinho médium o faz, mas podes ser um transmissor de doçura, beleza, honra e bondade para todos com quem te cruzas, ou podes ser um portador de desonra, infelicidade e corrupção para os outros, se assim o desejares. Cuidemos, pois, para que a nossa influência seja tão doce como a luz da aurora, tão perfumada como o lírio, tão nobre como as mais altas aspirações do espírito, tão gloriosa como as vestes e o semblante dos mais puros anjos no céu.

Médiuns na Terra e nos Mundos Espirituais

No exercício da mediunidade deve haver frequente mudança de vibrações. Um instrumento humano capaz de transmitir corretamente as impulsões de pensamento de entidades desencarnadas deve estar delicadamente ajustado a essas inteligências. Se os comunicadores invisíveis estão num estado inferior de volição e expressão consciente, o médium será anormalmente baixado para essa taxa vibratória, caso ainda não se encontre sob o seu domínio. Se a entidade inspiradora é de

ordem elevada, o seu instrumento será anormalmente elevado ao mesmo estado vibratório, caso não esteja espiritualmente sintonizado com ele na sua própria consciência desperta.

Uma inteligência avançada pode e irá utilizar um médium para a sua expressão que, independentemente do "controlo", não esteja totalmente à altura do padrão de desenvolvimento e aspiração do inspirador, se não houver um melhor disponível — tal como um cientista usará um recipiente sujo nas suas experiências se não tiver outro mais atraente à mão.

Porém, o espírito deverá elevar tal instrumento aos requisitos e condições necessários, não só magnetizando-o e despertando ao máximo as suas forças latentes, elevando assim um pouco as vibrações espirituais, mas também, pela força de vontade e concentração, baixando ligeiramente as suas próprias vibrações até que ambos, inspirador e médium, se encontrem num terreno intermédio.

Talvez isto coloque o espírito num estado algo anormal, mas não ao ponto de perder a consciência plena ou o domínio sobre o seu assunto, se for uma inteligência sábia e instruída; contudo, se ele se estiver a aventurar com forças que pouco conhece e a experimentar leis que lhe são estranhas, ele e o seu médium estarão longe de um "estado superior"; ambos ficarão anormais na ação, e surgirá confusão de intenção, pensamento e expressão.

No desenvolvimento e exercício da "mediunidade mental", as forças vibratórias do sensitivo são gradualmente aceleradas para taxas mais elevadas, criando forças superiores internas para uso do espírito manifestante. O médium pode começar com períodos de insensibilidade pessoal durante o "controlo" ou "transe" e, gradualmente, chegar a condições de plena consciência enquanto está sob a influência inspiradora do guia que se familiarizou com o seu instrumento.

Os processos de desenvolvimento mediúnico não se completam num dia nem num ano; prolongam-se ao longo de toda a vida desse sensitivo. Nenhum médium está "totalmente desenvolvido"; todos têm limitações e imperfeições no trabalho e os melhores — se é que existem — avançam constantemente para graus mais elevados de desdobramento e para taxas de vibração mais responsivas.

O médium mental, portanto, cujo cérebro é frequentemente influenciado por entidades espirituais, deve ser assistido por inspiradores sábios, que o protejam do mundo descuidado dos impulsos e vibrações psíquicas.

Sob a proteção e ao serviço de tais guias, pode ser educado em linhas mais elevadas e tornar-se recetivo a ensinamentos sensatos e à orientação inspiracional. O progresso de um sensitivo assim deve ser sempre ascendente e, se não for, algo está fundamentalmente errado — ou na conduta ou nas associações terrenas do médium, ou na qualidade e atividade da força e personalidade inspiradora ou controladora.

No desenvolvimento e exercício da “mediunidade física”, as vibrações e forças espirituais do sensitivo podem ser mantidas num bom e adequado grau de ação por espíritos sábios e médiuns sensatos, imunes à lisonja e às contaminações de tentações mundanas; tal mediunidade exige necessariamente a ação vibratória de forças materiais. Elementos da atmosfera terrestre, bem como de fontes etéreas, entram em uso nas demonstrações de poder físico através da mediunidade.

A potente força e impulso elétrico do universo estão em jogo nestas correntes de manifestação. Cumpre aos espíritos controladores mantê-los bem sob domínio e aos médiuns serem obedientes às altas leis da aspiração e intenção espirituais, para que estas fases da mediunidade realizem o seu trabalho mais nobre; são de suma importância para a humanidade.

Demonstram o poder do espírito sobre a matéria. As forças imensas do universo, sob controlo inteligente, são utilizadas no seu trabalho. Provam a imortalidade do ser consciente e sensível; mas, nestas atividades, as vibrações normais de sensitivo e operadores podem ser gradualmente reduzidas, a menos que se mantenha “eterna vigilância” de ambos os lados; pois há fricção constante, uma atividade que trabalha em direção à demonstração física tangível. É perfeitamente possível que tal manifestação desça gradualmente ao nível de espíritos enganadores e maliciosos que se apoderam tanto do instrumento como da obra.

A experiência de muitos mortais fidedignos que investigaram manifestações ocultas nas suas próprias casas, com tábuas de comunicação ou planchettes, e até com ação automática das próprias mãos, independente da ação cerebral, mostrou que o que inicialmente prometia demonstrações interessantes e fiáveis degenerou em afirmações falsas e manifestações indignas.

O problema é que nem espíritos nem mortais mantiveram firme controlo sobre o trabalho; permitiram que elementos de curiosidade mundana ou outro motivo e interesse rebaixados se infiltrassem, e as taxas de vibração desceram no trabalho até ao plano onde atuam seres travessos,

pouco fiáveis ou ignorantes. Claro que isto não acontece com toda a "mediunidade física". Muitos trabalhadores nobres nesse campo têm mantido alto o padrão de verdade e retidão, mas muitos outros depararam com as dificuldades aqui mencionadas, e alguns afastaram-se da obra com desalento ou repulsa.

Existem também "médiuns mentais" que tiveram provas semelhantes, mas pela mesma razão — eles e os seus "guias" não mantiveram o padrão mais elevado, seja por ignorância ou por algum objetivo indigno — e caíram nas malhas do enganador, ou estão auto-iludidos, senão conscientemente e de forma voluntária a fazer truques com fins lucrativos.

Qualquer pessoa que utilize uma fase de poder oculto acabará inevitavelmente por descer, em casta e capacidade funcional, ao nível dos "cidadãos indesejáveis" do submundo espiritual. Sensitivos neste estado tendem a tornar-se pessoalmente falsos, dissolutos em vários aspetos, viciados em morfina, consumidores de álcool ou a decair para hábitos e apetites anormais. Vaidade, egotismo, arrogância, ganância e egoísmo carnal são os elementos que arrastam tais sensitivos para se tornarem presas do mundo oculto inferior.

Não precisamos repetir aqui que há auto-redenção para o arrependido; que ele terá oportunidade espiritual de corrigir os seus caminhos. Estamos simplesmente a falar de factos reais no campo e no trabalho da mediunidade, e de alguns dos seus perigos. O que se chama "obsessão" volta a surgir aqui: muitos sensitivos, nas primeiras fases do seu desenvolvimento mediúnico, são sujeitos a essa força perturbadora; são extremamente sensíveis a condições e influências de ambos os mundos; estão expostos, por assim dizer, a estas forças conflitantes.

Os aspirantes a ajudantes, ignorantes dos melhores métodos de orientação e proteção, são inexperientes no conhecimento de como desenvolver a mediunidade em sensitivos e são como o condutor inábil que tenta guiar um automóvel por locais perigosos.

Assim, o médium torna-se "obsidiado". Entra em vibração, estando no estado sensibilizado, com as forças inferiores, ficando sujeito à sua influência ímpia. Pode ouvir inúmeras "vozes" a repetir incessantemente jargão, frases desconexas ou mesmo linguagem obscena. Por efeito desta condição anormal, se prolongada, pode até perder a saúde; as atividades mentais ficam confusas, as forças nervosas enfraquecem, o domínio sobre si próprio relaxa e, neste estado deplorável, cai sob o juízo

de pessoas ignorantes ou cruéis, que o chamam demente e o internam num asilo. A todos os que percebam que se aproximam, ainda que ligeiramente, de tais condições, damos o mesmo conselho, pois o rumo correto a seguir é criar condições positivas para a saúde mental e física; viver de acordo com a lei natural e em conformidade com as regras higiénicas quanto à alimentação, exercício, banho, sono e respiração profunda; em suma, trabalhar para mudar as vibrações da mente e do corpo, tornando-se imune ao assalto de qualquer influência maléfica — espiritual ou mortal.

Cultivar serenidade de espírito, esperança, confiança nos poderes superiores para ajudar e abençoar, harmonia interior e estados de ânimo alegres. Procurar a companhia daqueles que são naturalmente ativos em linhas de luz mental e sensibilidade moral. Cessar de fazer sessões para influência ou manifestação espiritual de qualquer tipo, por pelo menos um ano. Não dar mais atenção às “vozes” e outras vibrações ocultas do que aos sons e ruídos diários de uma rua movimentada.

Em resumo, viver racional e naturalmente, deixando que as forças do ser fluam nos seus canais próprios para a edificação de um caráter saudável, de uma mente equilibrada e de um corpo com partes e funções normais.

O que antecede refere-se principalmente a médiuns cujo desenvolvimento de faculdades psíquicas seguiu um rumo errado. Há ainda algo a dizer sobre — ou em favor de — médiuns que têm estado durante muito tempo no trabalho psíquico e sob a tensão das suas exigentes condições; talvez um excerto de uma comunicação de um dos meus próprios Espíritos da Falange, transmitida através da minha mediunidade psicográfica, em resposta a uma pergunta sobre a minha saúde, possa ajudar outros sensitivos com pontos que me foram benéficos; por isso, incorporo-o aqui.

“Minha filha, dar-te-ei um pouco de filosofia, juntamente com a minha opinião médica. És sensitiva; médium nata, cuja estrutura orgânica e poderes da alma têm sido instrumentos na distribuição de forças magnéticas e na disseminação das verdades espiritualistas desde a tua juventude; necessariamente, o teu organismo é uma máquina sensível que vibra às condições tanto do plano espiritual como do físico.

Sendo suscetível às condições de ambos os mundos — especialmente às atmosferas humanas — não te surpreendas se o corpo nem sempre consegue manter perfeito equilíbrio. O cuidado sensato do corpo, em geral, juntamente com as forças magnéticas e o conselho dos teus

auxiliares espirituais, têm-te mantido em estado razoavelmente bom, embora, ao longo dos muitos anos do teu trabalho ativo, tenhas experimentado sofrimentos físicos e mentais, mais ou menos frequentes, que são a sorte comum dos médiuns. Já te disse que nenhum médium pode estar livre dos efeitos da poderosa força vibratória; que, ao entrar em contacto com reinos e seres de diferentes taxas de vibração, o sensitivo precisa acelerar a sua própria ação vibratória para subir a estados mais elevados, se forem de ordem exaltada, ou reduzi-la para descer a taxas mais baixas, se a influência controladora estiver abaixo do seu plano normal.

Quanto maior a capacidade de subir a sublimes alturas de inspiração, estando no estado superior — ou mesmo quando o corpo dorme — mais rápida será a taxa de vibração mental e de exaltação; e até o corpo, em certa medida, responderá a estas mudanças de taxa, sendo afetado de acordo.

Onde houver um centro de força espiritual, ou uma pessoa mediúnica que extraia pensamento e força etérea de qualquer dos mundos, essa pessoa é um íman para atrair elementos e partículas de estados humanos e atmosféricos; mas tal sensitivo também deve ser uma fonte de distribuição das ondas de magnetismo com que os trabalhadores espirituais assistentes carregam o instrumento. Lembra-te de que o organismo humano é um dínamo; o seu reservatório de poder encontra-se no grande centro de ação ganglionar, o plexo solar.

O cérebro é a sede da atividade inteligente, mas não poderia coordenar as suas forças e gerar a sua mentalidade se não extraísse o seu material de fornecimento nervoso da fonte desse poder, o plexo solar; é por isso que os médiuns, como regra, se debilitam facilmente na região gástrica; e também porque alguns recorrem a estimulantes, não apenas para vencer a “sensação de vazio”, mas para aumentar as suas vibrações — por meio das quais sentem, de forma vaga, que se aproximam mais dos reinos invisíveis de poder psíquico ativo —; mas todo o estímulo desse tipo é antinatural e produz sempre estados anormais.

Talvez seja infeliz, para o sensitivo, que taxas de vibração muito elevadas, aplicadas aos médiuns-magnetos humanos, videntes e oráculos, durante longos e frequentes períodos de experiências e expressões psicológicas, causem sofrimento físico e mental; por vezes, baixam tanto o fornecimento de energia nervosa que provocam colapso do sistema. Em alguns casos, aceleram de tal forma a ação do coração

que criam estados de saúde anormais, e até a própria morte pode resultar de um esforço contínuo deste tipo.”

CAPÍTULO OITAVO
LUZ ETERNA; DE ZONA EM ZONA — DE HOMENS A DEUSES — CONSTRUTORES DE TEMPLOS — CRIADORES DE MUNDOS

A mesma concentração de energia mental e coordenação inteligente de elementos, pela ação da vontade humana, que forma substância em planetas espirituais; a mesma aplicação de sabedoria adquirida à operação da lei e à demonstração intelectual ou científica e distribuição de força elétrica, que constrói um templo maciço e magnífico sem labor penoso ou dispêndio apreciável de tempo e esforço; a mesma utilização do magnetismo inato e acumulado que permite a entidades avançadas e poderosas dar vida a flores e árvores, e dar forma e substância a criaturas animadas, terá a habilidade e energia, os meios e condições, para erguer uma montanha; sim, até para construir um mundo a partir da matéria nebulosa e dos elementos áuricos do universo, que formam o núcleo e a essência de orbes e sistemas.

A criança que, nos jardins de infância do planeta espiritual, estuda de forma simples a arte da Concentração e que, com o tempo e prática, consegue formar um cone de açúcar a partir dos doces das flores, ou criar um objeto de beleza e utilidade projetando o pensamento na atmosfera exterior — pensamento-forma desse objeto específico, seja uma flor magnética, um pedaço de renda delicada ou alguma substância mais importante — está a iniciar os estudos e a prática que, séculos depois, culminando em habilidade e sabedoria, lhe permitirão criar uma montanha a partir dos meios atómicos ao seu alcance, ou, pelos impulsos e energias elétricas da sua natureza desenvolvida e os vastos recursos do seu reservatório inesgotável, colocar em atividade os princípios inertes e as forças latentes das nebulosas para o desenvolvimento de um mundo; tendo conseguido tanto, a grande inteligência poderá realizar coisas ainda maiores.

Não seria sábio que ele colocasse um mundo em formação e o deixasse seguir o seu curso sem uma mão orientadora. Ao iniciar este trabalho gigantesco, assumiu uma tremenda responsabilidade; tornou-se agora um “Deus Tutelar”, um planeta em embrião é seu para desenvolver em forma e substância; tornar-se-á um corpo orgânico vivo, com partes e qualidades que devem ser adaptadas à lei da evolução e a desígnios

inteligentes e propósitos de fins utilitários. Assim, este engenheiro que pôs as forças em ação e que controla a maquinaria deve despender o seu ser magnético vivo em favor dessa criação; deve soprar-lhe parte de si mesmo, alimentá-la com a sua aura vital, protegê-la com os seus princípios e poder humanos.

Deve chamar em seu auxílio os seus Capitães e Generais, que assumirão o comando sobre partes e fases deste desenvolvimento mundial, e manterá sempre uma relação especial com a “Zona”, “Mundo” ou “Planeta” que ajudou a trazer à expressão orgânica e à atividade sensível.

“Agora, somos filhos de Deus!” “Ainda não se manifestou o que havemos de ser.” Embora o pensamento e a conceção modernos sobre a vida e as suas possibilidades ocupem uma posição e poder distintivos no caminho do progresso, não significa que os pensadores e filósofos da antiguidade não tenham colhido grandes sorvos de Verdade das suas meditações e estudos profundos da lei universal. O seu avanço fez-se no campo da contemplação e da experiência; recolheram conhecimento e adquiriram sabedoria como fundamento para maior progresso e para o desenvolvimento das eternas e poderosas faculdades dentro de si.

Eras e mais eras em transição nada são para entidades investigadoras e experimentadoras que não encontram fim no tempo e na oportunidade; dotadas da força vivificante da alma, intuitivas para captar informação e alcançar sabedoria, podem estender-se e conquistar infinitas oportunidades e estímulos para o desenvolvimento de atributos, forças e faculdades divinas.

Assim, um Ego que pode, pela sua força de vontade e capacidade de concentração, projetar na atmosfera um boletim de notícias inteligentes; que pode, por métodos elétricos sem fios, alcançar e ser compreendido por uma mente consciente a mil milhas de distância e imprimir nela o seu pensamento consciente; que pode, num momento, gravar uma imagem gloriosa sobre substâncias luminosas para toda a eternidade, se assim o quiser; ou que, noutros campos, pode construir um grande templo, aparentemente a partir do ar; cuja vontade e idealização podem produzir realidades e formas substanciais de beleza e utilidade para o prazer, instrução e conforto de seres humanos nos seus estados espirituais; que pode até criar, por taxas de vibração estimuladas, que atraem para a essência da forma e do ser os elementos e átomos eterizados sempre vivos no universo, a aparência de uma montanha e todas as obras e

efeitos que compõem belas paisagens e “materializações” atmosféricas; que pode, com o tempo, desenvolver esse intelecto gigantesco a tal ponto que compreenda a coordenação das forças, a arte de aumentar a ação vibratória e a demonstração da energia elétrica suficientemente para criar, na prática, um mundo — podemos estar certos de que tais interesses e atividades ocupam a atenção e aplicação de inteligências em regiões de ser consciente, muito além no espaço, e são essas revelações, e outras muito além da compreensão dos terráqueos, que são transmitidas a estudantes e trabalhadores científicos no nosso planeta espiritual, através dos seus sensitivos.

Personagens antigas, como o mencionado Iberna, estão profundamente envolvidos nesses estudos e experiências; ocupam-se sobretudo dos assuntos e progresso deste planeta Terra, da emancipação do seu povo da escravidão da ignorância, do egoísmo, da carência, da servidão da necessidade extrema, e sabem que, para que isso se realize, o próprio planeta físico deve avançar para um estado de ação harmónica; que chegará a era em que não será possível a existência de formações brutas, quando a selva e o pântano deixarão de existir, quando o animal selvagem e predador terá evoluído para uma expressão útil da vida animal, quando o ciclone e a avalanche serão desconhecidos, e quando todas as condições convulsas e hostis dos elementos se terão acalmado em estados harmónicos de expressão benevolente e geradora de vida. Então o homem também terá evoluído do estado passional para a condição serena; as erupções do crime serão desconhecidas, e a glória da paz e felicidade pulsará em cada vida.

Os sábios e adeptos dos mundos superiores não estão apenas a direcionar a sua influência e esforços para os mortais, com o objetivo de despertar ou inspirar as suas faculdades espirituais em linhas mais elevadas de pensamento, acelerando o estabelecimento de condições morais corretas na proteção e educação das gerações jovens, para que as forças regeneradoras tenham oportunidade de atuar deste lado da vida; estão também a magnetizar, de formas totalmente desconhecidas para qualquer habitante da Terra, o próprio planeta físico, ajudando-o assim a aperfeiçoar os seus poderes para o bem e a evoluir dos estágios de expressão bruta e força malévola para um estado de ação equilibrada e harmoniosa.

A eternidade não é demasiado longa para os estudos, o dispêndio de energias, o desenvolvimento de poder e as realizações experimentais das entidades humanas em progresso; a questão “o que é que podemos

encontrar para ocupar a mente no além?" não tem qualquer lugar no grande plano da vida nos maravilhosos espaços de esforço eterno; assim como o tempo é ilimitado, também a oportunidade o é, e o ser ativo pode avançar, de era em era, com interesse sempre renovado e energia exaltada, sem saturação nem fadiga.

Nos círculos mais elevados do espaço, nas regiões distantes do espírito, tudo é luz; não pode haver verdadeira escuridão, pois os seres são luminosos. As suas rápidas vibrações produzem luz. Transportam a sua glória consigo; infundem-na magneticamente em tudo o que criam. A substância das estruturas, das obras de arte, das paisagens, de tudo com que lidam, é iluminada e gloriosa.

Naturalmente, a visão destes seres corresponde proporcionalmente a essa rápida vibração e não sofre; ondas de cor, tão delicadas, refinadas e sublimes que a humanidade inferior não pode conceber, agitam-se ao seu redor e no seu interior; essências tão perfumadas e puras que só os avançados podem sentir emanam de tudo o que existe na sua consciência; música tão arrebatadora que criaturas de estados menos elevados desfaleceriam se, de alguma forma, conseguissem penetrar nas suas ondas de melodia — tudo isso pertence a tais esferas. Quem poderá dizer que não existem deuses ali, fruto e expressão evoluída da força mental e graça espiritual de uma humanidade exaltada e desencarnada?

Mesmo nas esferas espirituais diretamente ligadas à Terra, e no nosso próprio planeta espiritual, há luz; os seres caminham na luz. Tornam luminoso tudo com que conseguem vibrar conscientemente e tudo o que conseguem estimular a uma expressão mais elevada pela sua força magnética; e, no entanto, as suas qualidades e poderes são reduzidos quando comparados aos das esferas e mundos exteriores distantes, onde habitam e trabalham humanos tão avançados em conhecimento, consciência e poder de realização que bem podem ser considerados deuses.

Os nossos professores infantis dizem-nos que algumas das flores terrestres mais delicadas vibram tão rapidamente — aquelas de essência e qualidade etéreas — que, à visão espiritual, parecem compostas de minúsculos glóbulos de luz que cintilam e brilham com força e beleza maravilhosas; dizem também que as nossas relvas e outras formas de vida vegetal são brilhantes e belas na sua atividade vibrante e luminosa.

Quando for possível aos pensadores terrenos compreenderem que estão num plano de atividade consciente que contém belezas ocultas e possibilidades de revelação tão grandiosas, e que se encontram agora numa escola de preparação para estudos e realizações superiores, por que razão hão de viver numa atmosfera mental de desânimo e tristeza, mesmo que não adquiram riqueza material ou elevada posição mundana? Por que razão, de facto, haveria qualquer ser humano com um grau razoável de inteligência e aspiração de descer aos abismos e estados de pensamento e sombra que as apreensões e melancolias pessimistas criam?

O Evangelho do Bom Ânimo é o que eleva e fortalece; dá encorajamento e torna o espírito valente; capacita o homem para grandes realizações; mantém viva a Esperança e fortalece a coragem; estabelece bases firmes na atmosfera mental sobre as quais se podem erguer as estruturas duradouras das conquistas futuras; preserva as forças nervosas e promove a saúde física; revigora a fibra moral com mais energia para a prática do bem e até vitaliza as forças espirituais com qualidades de bênção espontânea, irradiando uma aura de luz e alegria.

O dia chegará em que esta faculdade de procurar a luminosidade da vida, de encontrar o Bem em tudo, de descobrir o motor das ações voltadas para a prosperidade, a paz e o sucesso, receberá tal atenção que será incentivada a crescer na mente jovem e a tornar-se uma expressão ativa na vida quotidiana.

Será o cultivo do Otimismo, o estudo de como gerar uma atmosfera de bênção, de como irradiar uma influência de beleza e ânimo, a prática de aquisições mentais na linha de uma força edificante para o bem individual e coletivo. O pessimismo estará então em descrédito; será um sinal de degradação que o “queixoso” preveja o mal ou que o “profeta da desgraça” expresse presságios de infortúnio; será contra as regras que alguém tema ou antecipe desastres, espere tristeza ou “se preocupe com coisas futuras”.

A boa saúde será então a condição comum, e a doença terá menos domínio sobre as pessoas, pois a atitude mental pessimista ou engendra doença ou é sintoma dela. Mentes saudáveis têm de ser otimistas; procuram o bem que está para vir; irradiam uma influência benéfica para os seus semelhantes; são bons anjos para a humanidade e ministram, de um modo ou de outro, ao bem comum. Estes crescem espiritualmente; estão a lançar bases seguras para as suas moradas celestiais; as suas

vibrações são de Luz; iluminam lugares escuros e dão força aos fracos; hão de ascender, sem dúvida, quando abandonarem a forma carnal pelo corpo etéreo mais fino do estado superior.

“Agora somos filhos de Deus” — Bem Infinito — filhos da Luz Viva. A escuridão deve ter pouco lugar nas almas em progresso. A escuridão é subdesenvolvimento; os seus graus e forças devem diminuir cada vez mais em nós. A Luz é do espiritual; demonstra crescimento, conhecimento.

Vibraremos na luz à medida que avançarmos. O pessimismo pertence a planos obscurecidos; o otimismo é da luz, pertence aos planos avançados de poder e consciência e é eterno na sua vitalidade geradora de alegria. A corrente do Novo Pensamento é útil e correta no seu ensino da filosofia do Ânimo; na inculcação da verdade de que o caminho para o Sucesso, em todas as linhas de esforço, é alcançado pela crença positiva no Sucesso, e de que a atitude mental de Vitória é uma ajuda para conquistas triunfantes.

O caminho do Progresso está entre as estrelas; é a estrada da Luz. O caminho superior da humanidade segue por essa via luminosa. À medida que avançamos na consciência do ambiente, do poder, da bondade essencial, a escuridão desaparece; simplesmente deixamos de a ver. As nossas taxas de vibração aumentam tanto que a escuridão se transforma em luz, e tudo se torna claro para nós.

O que antes nos confundia é agora compreendido; o que antes nos incomodava já não tem poder para nos prejudicar. Temos consciência das qualidades divinas inerentes e estamos empenhados no seu desenvolvimento e expressão. De zona em zona o espírito move-se, ampliando o eu na busca de sabedoria. O caminho luminoso do Ego nunca se apaga; é iluminado pelo esplendor da energia eterna; estende-se por campos ilimitados de glória, entre as estrelas, seguindo sempre em frente, para sempre, na grandeza da Progressão infinita.

E o homem não se perde neste universo. O curso que segue, mesmo que seja muito distante nas esferas do espaço e da consciência, é a verdadeira órbita da sua alma; não pode perder-se. A vida infinita está em toda a parte; ele está continuamente no seu seio e na sua presença. Os seus semelhantes estão com ele; ele pertence-lhes, e nunca será deixado sozinho nas grandes vias do Esforço e da Realização Humanos.

De zona em zona, ele avança, aprendendo, crescendo, vibrando com poderes mais grandiosos, abandonando os elementos de grosseria,

eliminando as forças da escuridão, fundindo as realidades do eu de um estado para outro mais belo, ganhando sabedoria, alcançando conhecimento e realizando para sempre; assim, do homem ao deus, do pigmeu ao gigante em tudo o que conduz à bem-aventurança. Tal é a nossa conceção do destino humano — não aniquilação, não esquecimento, não estagnação, mas sempre no crescimento do poder, no desenvolvimento da grandeza, no caminho do progresso elevado e elevador.

O universo está repleto de forças potenciais; contém elementos de magnitude infinita. Energia vitalizada está armazenada nos planetas e sóis; cabe ao homem descobrir por si próprio esses maravilhosos agentes da vida e utilizá-los na formação e execução de planos grandiosos para o avanço da causa comum da humanidade. Algo nessa direção é feito pelas mentes investigadoras da Terra; quanto mais, então, poderá ser realizado por sábios e filósofos, cientistas de mundos avançados, aqueles que viveram incontáveis séculos em esferas de consciência muito além, no espaço celestial.

Cabe ao homem crescer, aspirar, trabalhar e viajar rumo à perfeição, e só pela experiência, investigação, pesquisa e labor pode ele desenvolver as suas possibilidades de pensamento e ação. É seu destino desvendar os segredos do universo, resolver os mistérios do ser, esclarecer as questões da vida, a sua origem e propósitos; descobrir os princípios elementares da atmosfera e utilizar todas as forças e correntes de energia para benefícios universais.

De facto, de homens podem evoluir deuses, à medida que a mente aspira em direção a Deus. Existem Deuses Tutelares e, no seu cuidado e direção de planetas, revelam força mental e sabedoria espiritual. A inteligência é a energia eterna que pulsa através de vitalizações coordenadas de forma atómica.

A matéria existe em vários estados; não pertence apenas a este sistema planetário; é substância em toda a parte, embora tão eterizada, em alguns estágios, que até espíritos que passaram séculos a estudá-la não conseguem apreendê-la; ainda assim, há outras inteligências que a podem compreender e utilizar mesmo nesse estado e forma tão atenuados. A matéria, qualquer que seja o seu estado e grau de solidez, é simplesmente material para usos inteligentes, e é discernível e utilizável pelos seres que funcionam nos seus vários planos.

As perceções mortais não alcançam a matéria presente na atmosfera. É certo que têm consciência de partículas infinitesimais a que chamam "pó", mas nada de forma e poder ativo lhes é revelado nas maravilhosas propriedades do espaço; contudo, outras inteligências que funcionam noutro plano de vibração estão nesta mesma atmosfera; possuem corpos substanciais; discernem não apenas formas elementares à sua volta, mas veem paisagens reais, objetos substanciais, não visíveis à vista física.

Os seres espirituais, em todos os planos de desenvolvimento e ação, encontram matéria — material com que trabalhar — e dela formam o que quer que o seu gosto, habilidade ou capacidade sugira. Existe material essencial para a construção de mundos, e a inteligência que é avançada no crescimento do conhecimento, no exercício de força de vontade indomável e no poder espiritual de aplicar sabedoria benevolente, pode experimentar com o que encontra no universo até compreender a formação de um mundo — é certo que um mundo, tal como uma árvore, cresce, mas os seus princípios atómicos, as suas propriedades essenciais, podem ser correlacionados sob supervisão inteligente, insuflados pela ação magnética, inspirados por emanações humanas e vitalizados pelas energias elétricas da Vontade Inteligente, até que estas propriedades sejam moldadas em forma e substância e iniciem as operações evolutivas de um mundo vivo; então, este corpo ativo pode ser mantido sob o cuidado e tutela dos seus inspiradores — os seus progenitores, se assim quisermos — e, através dos séculos, trabalhará no cumprimento do seu destino como orbe vital, sob a vigilância do seu gestor tutelar.

Para o índio não instruído que, pela primeira vez, é levado a uma grande cidade, a visão das belas estruturas, igrejas, templos, catedrais e todas as várias formas de arquitetura com que o homem branco está familiarizado é uma revelação; deixa-o atónito; sente-se esmagado por ela. Não consegue conceber a magnitude da obra que vê, mas sente intuitivamente que é magnífica; para ele é divina; não entende como poderia ter sido projetada e criada por cérebro e labor humanos.

Assim também o pensamento de construir mundos surge à visão e ao entendimento dos habitantes desta Terra. É demasiado grandioso para contemplar. Está além da imaginação; ainda assim, se pudessem ser transportados com consciência para alguns dos planos avançados de consciência e poder humanos, e contemplar as maravilhas realizadas por Inteligências que aí operam — entidades humanas que são mestres na

arte de realizar — olhariam com reverência e êxtase, perguntando, como fez o eloquente chefe índio ao ver as glórias interiores da Biblioteca do Congresso em Washington: “Foi o homem que fez isto?”

A mesma inteligência, poder, habilidade e génio que, num plano e esfera limitada de ação, pode erguer uma imponente catedral com as suas belezas e simetrias arquitetónicas, pode, noutros planos de atividade e campos de sensibilidade — estando tudo igual em estudo, prática e oportunidade — criar um mundo e lançá-lo na sua órbita.

Não há limite para a possibilidade humana, nem fronteira para o progresso humano, e precisamente aqui e agora podemos tirar uma lição: aquele que compreende algo das possibilidades do espírito humano será o que olhará para a grandeza espiritual como meta da sua carreira. Não se lamentará nem chorará pelos contratempos e fracassos, nem será desencorajado por obstáculos e sombras.

Avançará e manterá o olhar voltado para a frente, em vez de procurar timidamente sinais de mal à sua volta. Esta é apenas a escola preparatória para estudos e labores mais grandiosos que virão, mas, se as primeiras lições não forem aprendidas, se os exercícios preliminares forem ignorados e o tempo desperdiçado em frívolas divagações mentais, o aluno terá de permanecer na turma inicial até se dedicar ao estudo e ao trabalho, mesmo que para isso desgaste o corpo e o tempo; poderá deixar a forma física e, mesmo assim, ter de continuar a funcionar no seu plano.

Portanto, é sensato que cada um aprenda a sua lição, cumpra o seu dever, expanda a mente e cultive o espírito; em suma, que faça o melhor enquanto aqui está, para que possa estar preparado, pela refinação espiritual, a entrar em campos mais elevados de pensamento e ação nas esferas espirituais.

Nenhum verdadeiro progressista é um queixoso; o seu caminho pode ser áspero, mas não desperdiça energia a resmungar sobre isso; é claro no pensamento e alegre na expressão. Não torna a vida mais difícil para os seus companheiros de jornada com atitudes carrancudas, rabugentas e críticas; está de pé e pronto todos os dias para as suas lições e trabalhos, e feliz à noite por ter percorrido o seu trecho de estrada. É aquele que irradia um doce magnetismo, cuja influência é salutar, cuja natureza espiritual está em ascensão, e aquele que alcançará as alturas pela sua dura escalada e labor paciente.

A RELIGIÃO DO FUTURO será a Religião Universal da Humanidade; poderá não ter nome nem título; não terá seitas nem credos; torres e cúpulas de igrejas não terão significado nos seus ensinamentos. A sua fé será o Progresso Humano; os seus ensinamentos serão o Evangelho da Alegria; a sua luz será a glória da fraternidade humana; a sua palavra de ordem será “Avante!”; o seu cântico será de ânimo e não de tristeza. Não tratará de morte ou decadência, mas sim de Vida, RENOVAÇÃO, do Eterno Agora.

O seu distintivo será o brilho do olhar, o sorriso nos lábios, o rosto sereno e a ausência de inquietação na personalidade das pessoas, e o seu esplendor interno será o princípio imortal de simpatia e amor humanos que irradiará de cada alma. Todas as crenças progressistas do presente tendem para essa culminação. O Espiritualismo é o líder entre os cultos do pensamento liberal: o Evangelho do Ânimo, a superação do medo, a glorificação da vida, o alargamento do pensamento humano, a liberalização da natureza humana. Ele canta o cântico da VIDA. Dá o sinal da IMORTALIDADE.

Mostra a promessa da aurora grandiosa, quando a noite do medo será coisa do passado e a luz da alegria estará por toda a parte. A sua influência vem dos Altos Mundos de Inteligências Celestiais que trabalham para a nossa redenção da escravidão do erro. Os seus ensinamentos são os arautos do Bem eterno para o homem; o seu poder nunca morrerá; as suas iluminações de Verdade e Conhecimento hão de glorificar o mundo para sempre!